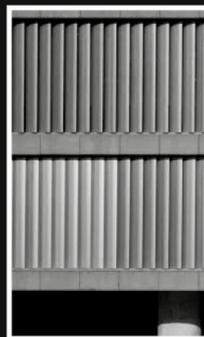


DOCUMENTOS DA ARQUITETURA
MODERNA NO BRASIL



ORG.
ALCÍLIA AFONSO | IVANILSON PEREIRA

Associação de Colaboradores do Docomomo Brasil, 2023
CNPJ 09.453.690./0001-09

Documentação e Conservação de Edifícios, Sítios e Bairros do Movimento Moderno

Programa de Pós-Graduação em História
Universidade Federal de Campina Grande PB

Endereço: Rua Aprígio Veloso, 882, Bairro Universitário, 58.429 – 900, Campina Grande, Paraíba,
Brasil. Fone: +55 83 2101-1742

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Documentos da arquitetura moderna no Brasil [livro eletrônico] / organização Alcília Afonso, Ivanilson Santos. -- 1. ed. -- São Paulo : Docomomo Brasil, 2023.
ePub

Vários colaboradores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-993024-2-8

1. Arquitetura - Brasil - História
2. Arquitetura moderna - Brasil 3. Documentos - Preservação I. Afonso, Alcília. II. Santos, Ivanilson.

23-180183

CDD-720.981

Índices para catálogo sistemático:

1. Arquitetura moderna : Brasil 720.981

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

DOCUMENTOS DA ARQUITETURA MODERNA NO BRASIL

ORGANIZAÇÃO Alcília Afonso de Albuquerque e Melo e Ivanilson Santos Pereira
PROJETO GRÁFICO Ivanilson Pereira
DIAGRAMAÇÃO Ivanilson Pereira, Lucas Jales, Matheus Simões
CRIAÇÃO DA CAPA Ivanilson Pereira
CORPO EDITORIAL Alcília Afonso, Ivanilson Pereira, Lucas Jales, Matheus Simões

CONSELHO EDITORIAL Alcília Afonso, Alda Azevedo, Alexandre dos Santos, Ceila Cardoso, Celma Chaves, Ivanilson Pereira, Ricardo Paiva, Rudivan Cattani

FOTOGRAFIAS CAPA Casa Severiano Mário Porto - Acervo Pesquisa Casas Brasileiras
Seminário Regional do Nordeste - Alcília Afonso
Museu Nacional da República - Ivanilson Pereira
Museu Brasileiro de Escultura e Ecologia/MuBE - Ivanilson Pereira
Palácio da Justiça de Porto Alegre - Divulgação

MAPAS Base de dados - corpos hídricos: Base Cartográfica Nacional IBGE, 2019.
Base de dados - vias: OpenStreetMap, 2023.
Elaborado por: Matheus Simões, 2023.

COLABORADORES Alcília Afonso, Aline Passos Scatolon, Ana Amélia Ribeiro, Ana Karina Rodrigues, André Alves, Andre Felipe Batistella Souza, Ângelo Arruda, Anneli Celis, Beatriz Diógenes, Bernardo Brasil, Carlos Teodoro Olivares, Carolina Chaves, Carolina Quintanilha Neves, Celma Chaves, Clara Miranda, Claudia Nascimento, Ceila Cardoso, Edja Trigueiro, Eline Caixeta, Eurípedes da Silva Neto, Fernando Diniz Moreira, Fernando Vázquez, Flávio Carsalade, George Dantas, Giovanni Barcelos, Graciete Costa, Grete Pflueger, Humberto Varum, Ivo Giroto, Jacinta Gislou, Jasmine Silva, João Magnus Pires, Letícia Brayner, Leonardo Inojosa, Luiza Rego Dias Coelho, Manoel Pupim Neto, Maria Heloísa Oliveira, Marcelo Aquino, Márcio Buzar, Marcos Cereto, Maria Cristina Cabral, Miguel Antônio Buzzar, Mônica Junqueira Camargo, Nikson Dias de Oliveira, Paulina Onofre Ramalho, Raysa Oliveira Spíndola, Rebeca Dias, Ricardo Silveira Castor, Ricardo Paiva, Rudivan Cattani, Sérgio Moacir Marques, Thiago Borges Mendes, Walfredo Antunes.

Os capítulos, aqui publicados, são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores.
Encarregados de suas revisões textuais e direito de uso de imagens.



DOCUMENTOS DA ARQUITETURA MODERNA NO BRASIL

ORG.
ALCÍLIA AFONSO | IVANILSON PEREIRA

ÍNDICE

PARTE 01 | NORTE

PÁG. 12 | AMAZONAS | AM

Marcos Cerezo

PÁG. 31 | RORAIMA | RR

Graciete Costa, Claudia Nascimento, Carlos Olivares, Nikson de Oliveira, Paulina Ramalho

PÁG. 47 | RONDÔNIA | RO

Giovani Barcelos

PARTE 02 | NORDESTE

PÁG. 110 | MARANHÃO | MA

Grete Pflueger

PÁG. 125 | PIAUÍ | PI

Alcília Afonso

PÁG. 143 | CEARÁ | CE

Ricardo Paiva, Beatriz Diógenes

PÁG. 161 | RIO GRANDE DO NORTE | RN

George Dantas, Edja Trigueiro, Maria Heloísa Oliveira

PÁG. 177 | PARAÍBA | PB

Alcília Afonso

PÁG. 63 | PARÁ | PA

Celma Chaves, Rebeca Dias

PÁG. 79 | AMAPÁ | AP

Ana Karina Rodrigues, Anneli Cárdenas Celis, Raysa Spíndola, João Magnus Pires

PÁG. 95 | TOCANTINS | TO

Walfredo Antunes

PÁG. 193 | PERNAMBUCO | PE

Alcília Afonso, Fernando Diniz

PÁG. 211 | ALAGOAS | AL

Letícia Brayner

PÁG. 227 | SERGIPE | SE

Carolina Chaves

PÁG. 243 | BAHIA | BA

Ceila Cardoso

PARTE 03 | CENTRO-OESTE

PÁG. 260 | DISTRITO FEDERAL | DF

Márcio Buzar, Humberto Varum, Leonardo Inojosa, Marcelo Aquino, Luiza Coelho

PÁG. 275 | GOIÁS | GO

Eline Caixeta, Ana Amélia Ribeiro, Eurípedes da Silva Neto

PARTE 04 | SUDESTE

PÁG. 324 | MINAS GERAIS | MG

Flávio Carsalade

PÁG. 340 | ESPÍRITO SANTO | ES

Clara Miranda

PARTE 05 | SUL

PÁG. 392 | PARANÁ | PR

André Alves, Aline Passos Scatalon, Andre Felipe Batistella Souza, Manoel Hermes Pupim Neto

PÁG. 411 | SANTA CATARINA | SC

Rudivan Cattani, Bernardo Brasil Bielschowsky, Jacinta Milanez Gislou, Thiago Capella Borges Mendes

PÁG. 291 | MATO GROSSO | MT

Ricardo Silveira Castor

PÁG. 306 | MATO GROSSO DO SUL | MS

Ângelo Arruda

PÁG. 357 | SÃO PAULO | SP

Fernando Vázquez Ramos, Ivo Giroto, Mônica Junqueira, Miguel Buzzar, Jasmine Silva

PÁG. 373 | RIO DE JANEIRO | RJ

Maria Cristina Cabral, Carolina Neves

PÁG. 431 | RIO GRANDE DO SUL | RS

Sérgio Moacir Marques

Entende-se que documentar é reunir e organizar informações para um determinado fim, e dessa forma, a finalidade desse livro é documentar a produção da arquitetura moderna existente nas distintas regiões do território brasileiro, contemplando todas elas, como forma de reconhecer o valor das obras ali existentes, dos profissionais envolvidos, das características específicas de cada lugar, observando-se as soluções projetuais e construtivas de cada exemplar, através de um resgate imagético, seja através de registros fotográficos, ou de material projetual, como plantas, cortes, fachadas, perspectivas e croquis.

Compreende-se que a documentação é a base para o trabalho de preservação cultural, sendo uma prática profissional multidisciplinar que requer formação específica, possuindo como objetivo, prolongar a vida útil do patrimônio, servindo de base para a interpretação e apresentação de um lugar, e para os projetos de conservação das obras.

Sabe-se que o DOCOMOMO possui como atribuição, resgatar e salvaguardar - com base na preservação - exemplares do Movimento Moderno dos mais distintos lugares, observando-se as conexões existentes entre as dimensões históricas, espaciais externas e internas, tectônicas (estruturas, coberturas, peles, detalhes, materiais etc.), funcionais, formais, de conservação dos acervos.

Os membros da entidade provêm das mais diversas áreas, unindo historiadores, arquitetos, urbanistas, paisagistas, preservacionistas, professores, estudantes e órgãos públicos. Essa multidisciplinaridade fortalece a nossa atuação no mundo e no Brasil, pois através de uma transversalidade e interdisciplinaridade, gera novos conhecimentos que demonstram cada vez mais a necessidade em se valorizar e preservar o acervo.

Dessa forma, organizamos nosso livro, convidando pesquisadores com olhares distintos para colaborar com esse documento bibliográfico que procurou unir, conectar e somar as produções estaduais, regionais que formam o acervo da modernidade brasileira, numa pequena e restrita amostragem, pois seria enciclopédico, tentamos contemplar às várias obras.

Assim, na metodologia para organizar o livro, optou-se para que cada Estado, representado por pesquisadores e ativistas patrimoniais daquele determinado lugar, conhecedores da produção local, escrevessem um texto que sintetizasse essa modernidade, seus autores e características. Em seguida, cada pesquisador, individualmente ou em grupo, selecionasse cinco obras simbólicas projetadas e construídas no Estado, que representassem a produção moderna.

Solicitamos aos colegas, que se possível, procurassem contemplar não apenas os nomes já (re) conhecidos nacionalmente, mas também, trouxessem à tona, outros profissionais, e cidades, que não fossem apenas capitais, mas de distintos lugares daqueles Estados. Pretende-se desse modo, explorar as lacunas existentes na historiografia da modernidade brasileira, e reconhecer o valor de tais produções ainda inéditas, e ausentes da bibliografia nacional.

A intenção é valorizar a cultura brasileira, nossa identidade, nossos profissionais, nossas obras, e soluções, pois somente após esse reconhecimento, e valorização interna, divulgada para todos os interessados envolvidos com o tema, através de um trabalho de sensibilização e educação patrimonial referente à modernidade, podemos avançar para outros passos de integração do acervo brasileiro dialogando e conectando com outros países.

Nossa proposta é expor para os leitores, pesquisadores, a riqueza da produção dos vários Brasis, expandindo, valorizando e reconhecendo a distinta produção de cada Estado. Assim, o livro está dividido em cinco partes, e cada uma delas voltada para uma região geográfica brasileira: Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul.

Sobre a modernidade produzida na região Norte, a maior em termos territoriais, contactamos com todos os sete Estados, e conseguimos contemplar as produções existentes no Amazonas, Roraima, Rondônia, Pará, Amapá e Tocantins. Infelizmente, o Acre não pôde participar, mas a boa representatividade nos mostra as soluções desse lugar que concentra a maior biodiversidade devido à existência da Floresta Amazônica, que tem metade de sua extensão em terras brasileiras.

O Nordeste está presente com os nove Estados que o compõem, expondo as soluções projetuais e construtivas, onde se pode observar conexões profissionais entre esses profissionais graduados grande parte, inicialmente no Rio de Janeiro, e posteriormente, em Recife, gerando um movimento interno profissional profícuo com obras de qualidade e muito voltadas às questões bioclimáticas.

Na região Centro-Oeste, também conseguimos uma documentação completa dos Estados e do Distrito Federal, registrando a produção moderna de Brasília, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul. E foi muito gratificante poder conhecer as obras presentes em lugares nos quais, ainda não há uma bibliografia temática e devidamente divulgada. Obras de qualidade, algumas inéditas e que muito contribuíram com o livro.

A produção da região Sudeste também está presente, sendo uma das mais divulgada nacionalmente, com a concentração de bibliografia resultante de pesquisas dos vários programas de pós-graduação existentes, que sem dúvida, produzem a maior parte dos livros sobre modernidade brasileira. Mas, aqui, conseguimos trazer à tona a produção do Espírito Santo, que entre os Estados, é o que menos tínhamos conhecimento de sua produção moderna. Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro participam do livro, e resgatam obras e muitos profissionais que atuaram também em demais Estados brasileiros.

A região Sul participa com os três Estados que a compõem: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Observa-se nessa região, a presença de muitos profissionais estrangeiros, devido ao processo de imigração europeia que foi muito forte nesses lugares, mas que adaptaram seus princípios projetuais à realidade brasileira, como fez magistralmente, Hans Broos. Assim, a nossa pretensão com esse registro documental é refletir o quanto ainda temos por pesquisar no Brasil, para podermos documentar e conservar a modernidade brasileira. É uma semente que a nossa gestão fez questão de plantar, para demonstrar a todos o respeito que sempre tivemos pelos temas de inclusão, e diversidade da produção moderna brasileira. Desejamos que os trabalhos continuem e os frutos se multipliquem. Boa leitura a todos e a todas!

APRE SEN TAÇÃO

Alcilia Afonso

Coordenadora geral do DOCOMOMO BRASIL
Gestão 2022-2023

PARTE 1 REGIÃO NORTE



AMAZONAS

MARCOS PAULO CERETO

Doutor em Arquitetura | UFRGS

Professor adjunto da Universidade Federal do Amazonas | UFAM

mcereto@ufam.edu.br

“A trajetória de Severiano Porto é reconhecida como um marco na modernização do Amazonas”

MARCOS CERETO

A trajetória de Severiano Porto (1930/2020) é reconhecida como um marco na modernização do Amazonas. A escolha de obras realizadas pelo seu escritório - Severiano Mario Porto Arquitetos Associados para representar o estado nesta publicação não pretende desestimar outros personagens na arquitetura local, mas representa uma homenagem ao Arquiteto da Amazônia.

Mesmo que Severiano Porto não tenha sido o pioneiro da modernidade no estado, o seu percurso materializa a profissão e deixa como legado a vitalidade da arquitetura moderna brasileira no Amazonas demonstrado em trabalhos recentes realizados por “Roberto Moita, Laurent Troost, Muna Hauache, AMZ Arquitetos, Vitor Pessoa, Marcelo Borborema, Diogo Lazari” entre outros (Cereto, 2021, p. 07).

As obras apresentadas neste capítulo estão inseridas no “período da consagração” (Cereto, 2020, p.18) de Severiano Porto e expressam a diversidade nas soluções formais e tecnológicas com um apreço a liberdade pela experimentação sem preconceitos em tempos de uma arquitetura brasileira associada - por alguns “mal-informados” (ZEIN, 1986, p. 45), a origem da sua localização e ao uso do concreto

armado. Outra característica dos exemplares arquitetônicos explicitados são uma relação logística entre o uso dos materiais adequados e das técnicas construtivas apropriadas.

Enquanto as obras realizadas na área urbana de Manaus estimulam a industrialização da construção civil com a modernização dos meios de produção, nas áreas remotas ou no interior do estado são valorizados os materiais disponíveis nas proximidades com a utilização de técnicas construtivas e saberes consagrados pelos ribeirinhos e povos indígenas. Transitar no desenvolvimentismo e no ambientalismo distingue a produção arquitetônica com premiações nacionais e internacionais.

Mesmo com o reconhecimento pela crítica da arquitetura sobre a qualidade destas obras, os edifícios encontram-se em risco. Em 2016 foram tombados pela Assembleia Legislativa do estado do Amazonas (Cereto, 2016), mas contestadas por uma Ação Direta de Inconstitucionalidade pelo Poder Executivo. Em 2021 este recurso jurídico foi derrubado pelo Supremo Tribunal Federal com a validação da proteção patrimonial (STF..., 2021). Independente do amparo legal, as obras permanecem em risco pela falta

de reconhecimento da sociedade local pela arquitetura moderna como parte do patrimônio histórico e artístico do estado. A sede do Banco do Amazônia (Basa) em Manaus apresenta elementos representativos na ornamentação da fachada com referência aos imigrantes asiáticos e do Oriente Médio, fundamentais na consolidação comercial em Manaus.

O beneficiamento artesanal da madeira realizado pelos ribeirinhos protege o “Palácio de Cristal” (Cereto; Santos; Espinosa, 2017, p.13) estruturado em concreto armado. Com a construção de uma nova sede do banco na cidade em 2016, o edifício permanece desocupado e em 2023 está cedido para a Prefeitura de Manaus para um novo uso.

A residência para finais de semana está afastada do perímetro urbano de Manaus e é uma encomenda do seu topógrafo, o suíço Robert Schuster. Neste trabalho, o escritório registra a importância do diálogo com o meio natural para o desenvolvimento do projeto arquitetônico com a consolidação da macrocobertura, da permanência do solo sagrado, a correta implantação no lote, a ventilação cruzada em todos os ambientes e a interdependência entre a estrutura portante com a estrutura vegetal.

Em 1992 o suíço vende a propriedade. O novo proprietário contrata o arquiteto Roberto Moita para uma ampliação do programa da residência. Os novos blocos são implantados com respeito em outras partes do lote sem comprometer a integridade do precedente. Após três décadas, o edifício é vendido e atualmente apresenta uma descaracterização significativa à edificação.

Na pousada em Silves no interior do estado, as experimentações avançam na construção formal do edifício com sofisticação geométrica e distintas formas de beneficiamento nas madeiras empregadas. O edifício é consagrado na Bienal de Buenos Aires em 1985. No final dos anos 1990, o proprietário altera o projeto com a troca da macrocobertura revestida com telhas em cavaco em madeira por perfis em aço e telha em PVC. Em 2017 realiza uma nova alteração com a “substituição de revestimentos dos forros em madeira por PVC” (Martins; Cereto, 2019, p. 26).

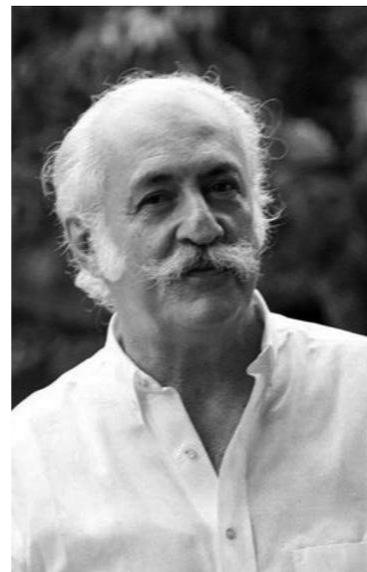
No setor Norte do campus da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), o escritório utiliza o crescimento contínuo como estratégia ao atendimento das demandas universitárias. A industrialização é alcan-

çada na implantação serial com o uso de painéis divisórios, na macrocobertura revestida com telhas em fibrocimento e perfis laminados em aço. O sucesso do projeto é a continuidade da construção das tipologias até a atualidade devido ao baixo custo da execução com reduzida manutenção anual. O possível engessamento do crescimento da universidade determina o “destombamento” (LEI..., 2019) do conjunto e permanecem mudanças de uso nas tipologias arquitetônicas e mutações determinadas pela verticalização.

“*Ce chef-d’œuvre*” (Cereto, 2022, p. 124) é o Centro de proteção ambiental em Balbina. A demanda pelo edifício surge de uma medida compensatória em razão do desastre ambiental e social provocado pela implantação da hidroelétrica inaugurada em 1985. O uso de madeiras em diversas formas é uma condição da medida judicial determinado pela necessidade da retirada dos troncos de árvores em apodrecimento no lago artificial. O escritório projeta o edifício em duas alas: laboratórios e alojamentos para os pesquisadores (não construído). A falta de uso e manutenção somados a uma gestão pela empresa geradora de energia determinam o arruamento do edifício.

SEVERIANO MARIO PORTO

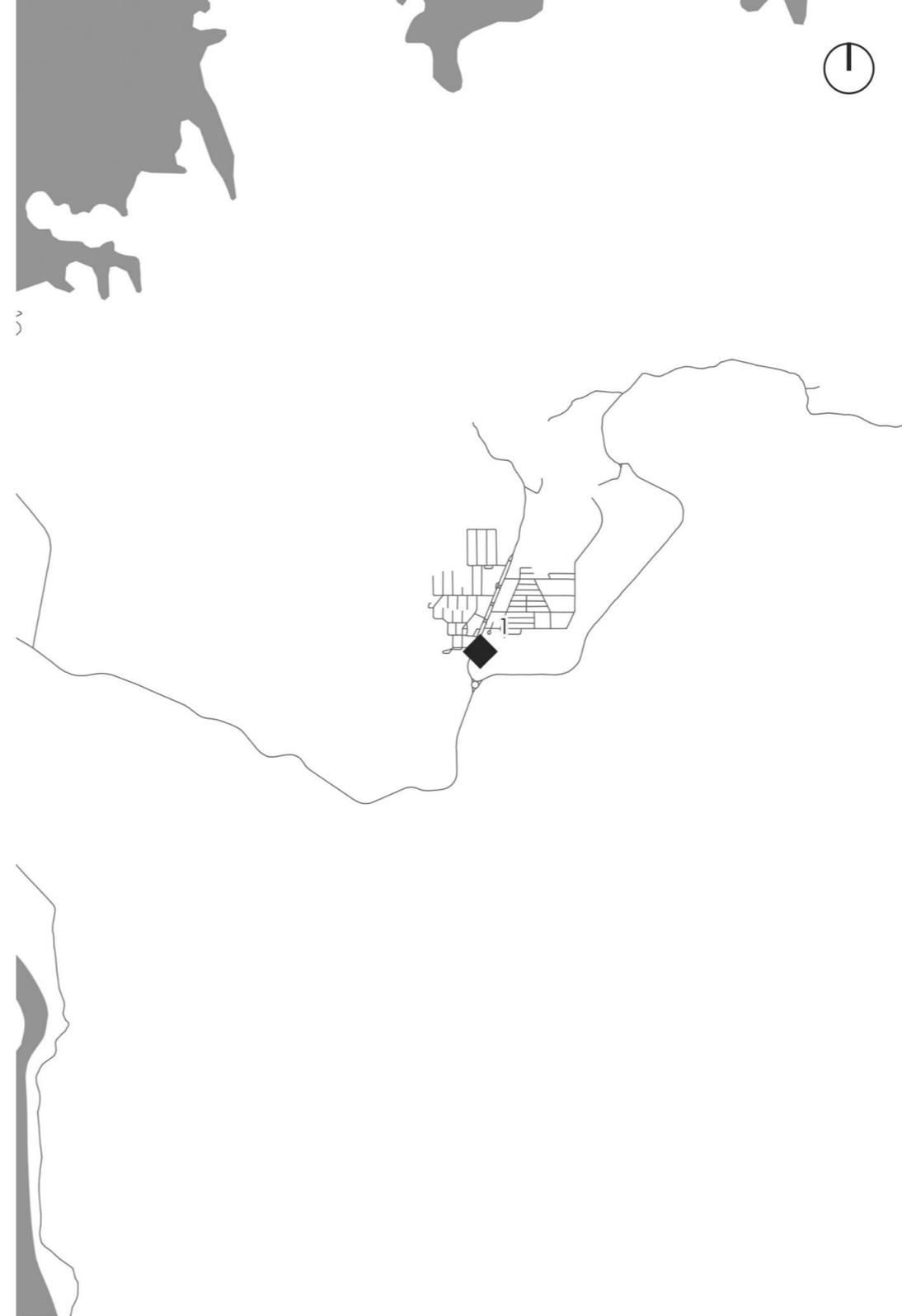
O ARQUITETO DA AMAZÔNIA



Fonte: Revista Projeto

Severiano Mario Porto (1930/2020) cursa entre 1950 e 1954 a Faculdade Nacional de Arquitetura na Universidade do Brasil. Realiza nos primeiros anos de atuação profissional edifícios na zona sul da capital carioca e em Niterói/RJ. Em 1964 é convidado para desenvolver projetos em Manaus e inicia uma imersão na Amazônia. Em 1967 com o início da construção do estádio Vivaldo Lima, migra para a capital amazonense e no ano seguinte firma com o arquiteto Mario Emilio Ribeiro (1930/2014) a empresa Severiano Mario Porto Arquitetos Associados - Smpaa. Em 36 anos atua no Amazonas com as premiações concedidas pelo Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB): Estádio Vivaldo Lima (1965), Restaurante Chapéu de Palha (1967), Residência do Arquiteto (1971), Reservatórios elevados da Cosama (1972), Sede da Suframa (1974), Residência Schus-

ter (1978), Residência João Luis Osório (1978), Pousada na ilha de Silves (1982), Personalidade do Ano (1986), Premiação Anual (1986), Centro de proteção ambiental em Balbina (1987), Setor Norte do campus da UFAM (1987), e o Colar de Ouro (2004). Severiano também é reconhecido com as condecorações: Medalha Tiradentes (1969) pela Polícia Militar do Amazonas; Cidadão benemérito do estado do AM (1973) pela Assembleia Legislativa do AM; Premio Universidad de Buenos Aires (1985) na Bienal de Arquitectura Buenos Aires; International Honorary Citizen (1985) pelo American Institute Architects (AIA); Professor Honoris Causa (2003) pela UFRJ; Professor Emérito (2011) pela UFAM; Medalha Rui Araújo (2016) pela Assembleia Legislativa do AM; e Global award for sustainable architecture (2022) pela Cité de L'Architecture & du Patrimoine.



PRESIDENTE FIGUEIREDO

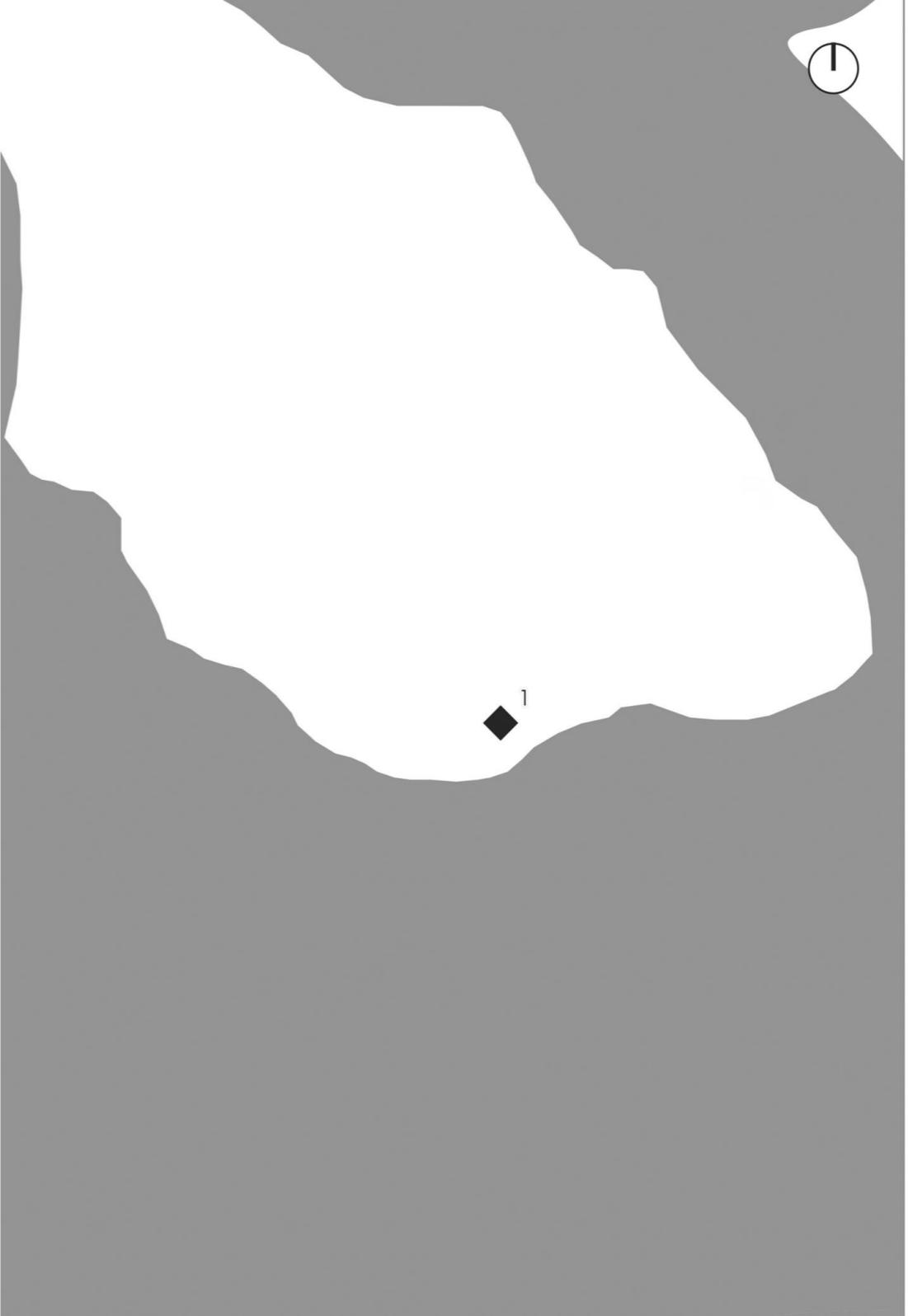
1. CENTRO DE PROTEÇÃO
AMBIENTAL

0 1 2 km



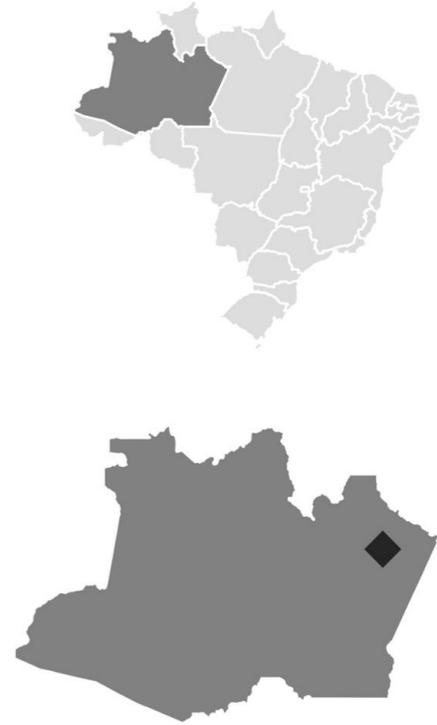
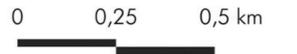
MANAUS

- 1. RESIDÊNCIA SCHUSTER
- 2. BASA
- 3. UFAM



SILVES

- 1. POUSADA



BASA

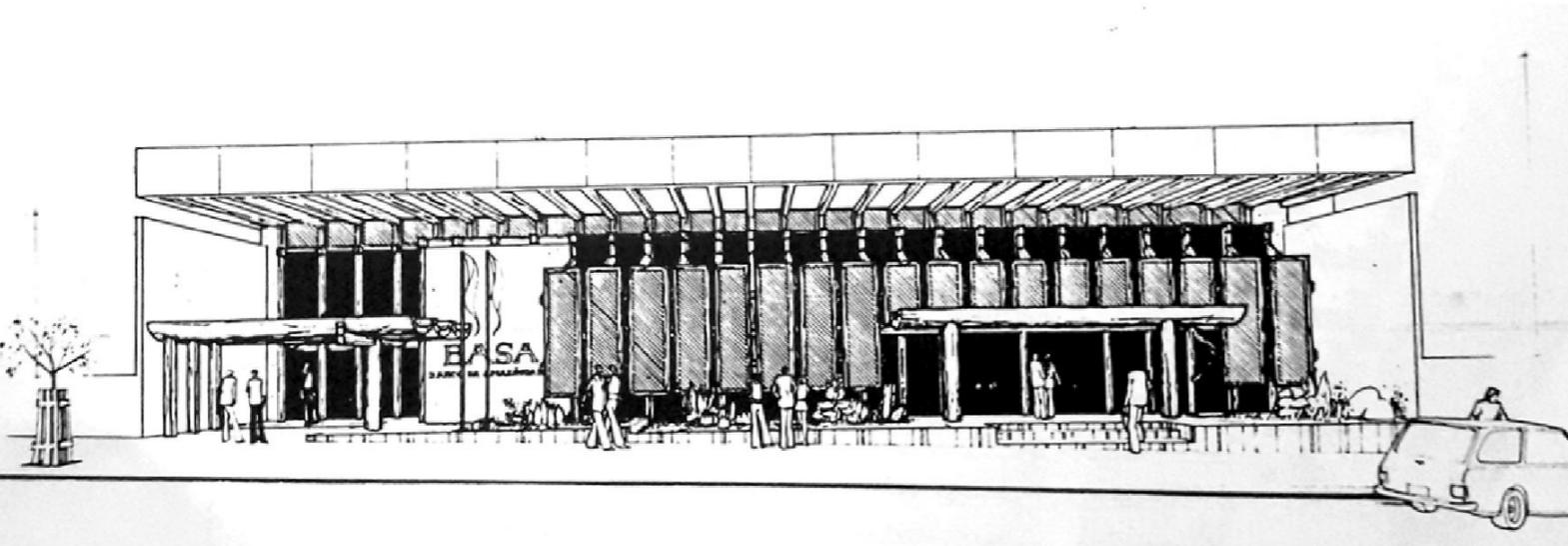
SEDE DO BANCO DA AMAZÔNIA

ANO	1974
PROJETO	Severiano Mario Porto Arquitetos Associados
LOCAL	Rua 7 de setembro, 390. Centro Manaus - AM
GESTÃO	Privado
TIPOLOGIA	Institucional
ESTADO	Inativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Protegido legalmente

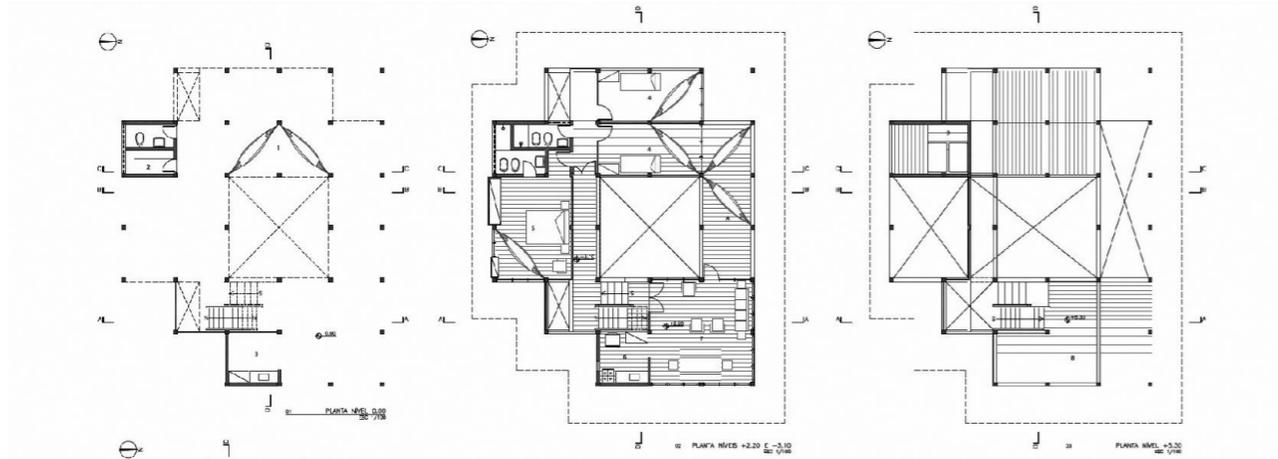
O contexto urbano do terreno na rua 7 de setembro em Manaus é formado com arquiteturas neoclássicas e ecléticas do final do século XIX e início do século XX. O terreno tem a poligonal irregular resultante das construções lindeiras com dimensão aproximada de 60,00 x 40,00 m, em esquina ao leste com a rua Epaminondas.

A dimensão maior do lote está ao sul junto a fachada principal. Ao oeste e ao norte estão construções homogêneas, com a característica vigente da época: casa com porão alto e platibanda com balaústre. A topografia do terreno é descendente em direção à esquina no sentido longitudinal, com o caimento de 1,50 m.

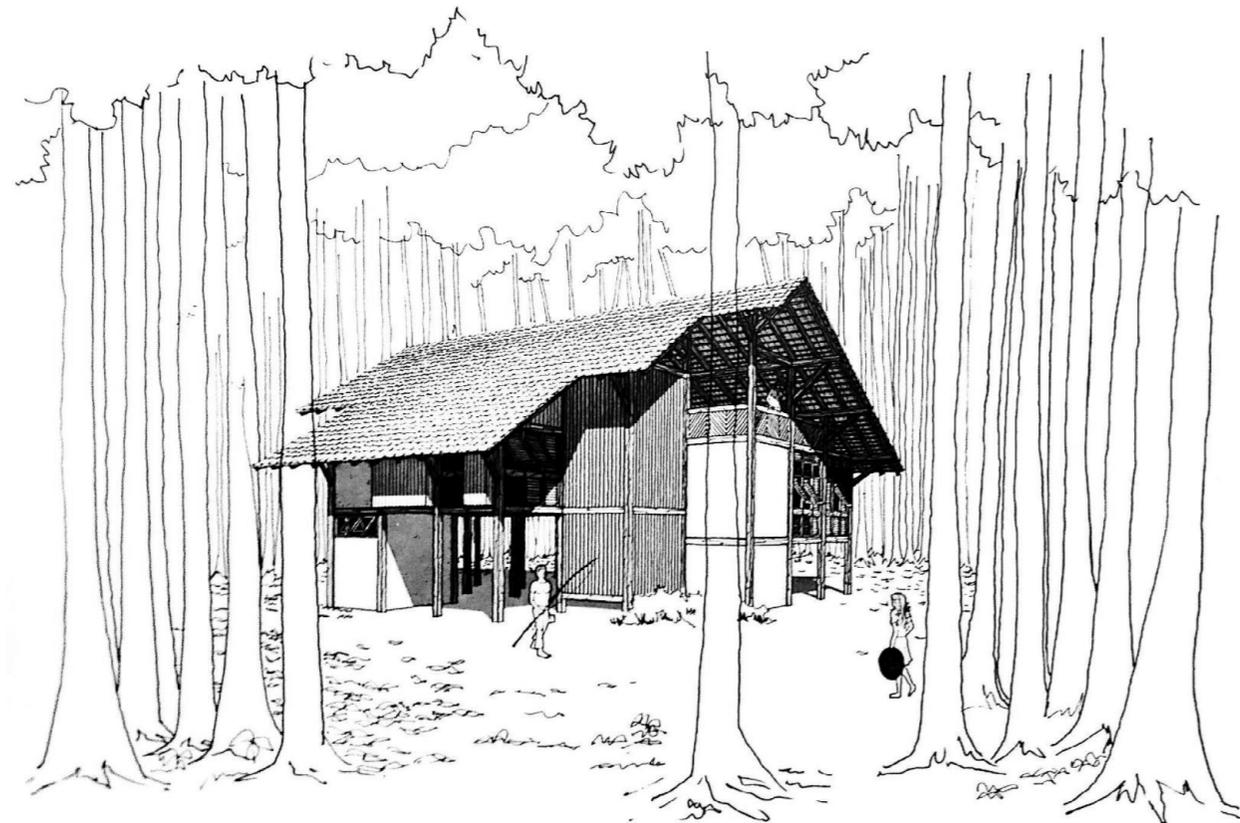
A solução da planta apresenta arranjos na organização e compartimentação das partes do programa conforme a geometria disponível do terreno no Centro Histórico de Manaus. O edifício é encaixado nas medianeiras (Cereto, 2020, p. 253) e apresenta como partido o diálogo com a morfologia urbana consolidada. A estrutura portante é em concreto armado, mas a fachada principal expressa variados beneficiamentos e espécies de madeira da Amazônia com uma referência plural, seja a cultura ribeirinha, aos comerciantes imigrantes oriundos do Oriente Médio e aos japoneses com a cultura da pimenta e da juta.



RESIDÊNCIA SCHUSTER



ANO	1977-1981
PROJETO	Severiano Mario Porto Arquitetos Associados
LOCAL	Via Quinque, sn, Tarumã-Açu Manaus - AM
GESTÃO	Privado
TIPOLOGIA	Residência Unifamiliar
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Protegido legalmente



O terreno está em um loteamento de sítios com as características peculiares desta localidade: vegetação de porte, areias brancas e “chão de folhas”. A topografia dos terrenos às margens dos igarapés na região de Manaus têm a característica de caimento descendente às águas com áreas inundadas no período das cheias - inverno amazônico, e praias nas vazantes - verão amazônico (Cereto, 2020, p. 267). O aproveitamento do terreno é garantido pela condição perene determinada pelas cotas de nível 29,00 e 41,00 m, com um aproveitamento máximo da área considerando a cota de referência de cheia (29.00m).

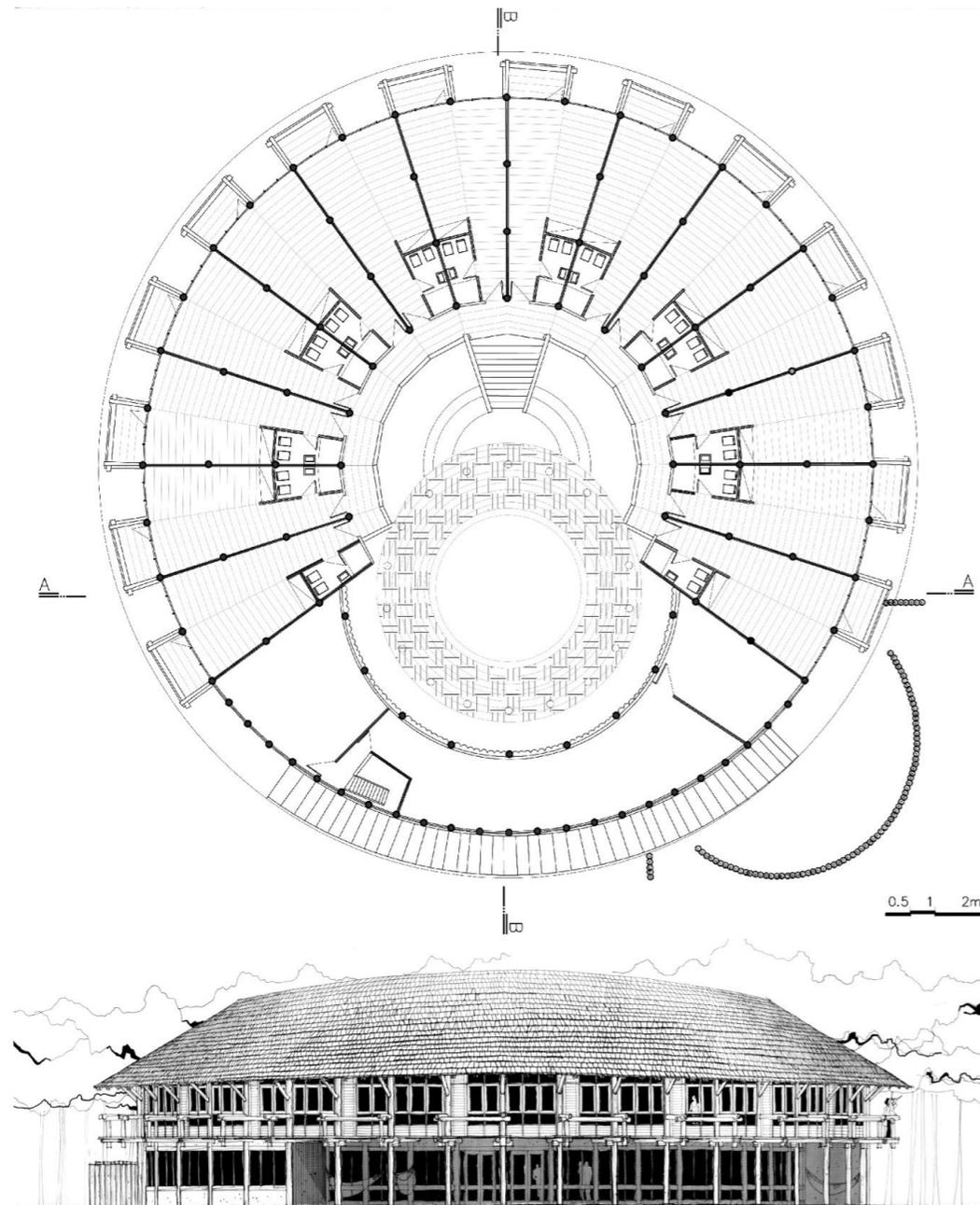
O terreno tem dois acessos: terrestre - ao sul e aquático ao norte. Ela está entre e sob as árvores com privacidade e sombreamento. Ou seja, não se enxerga

a casa da água, da terra ou do ar. Ela está integrada ao meio. O edifício é posicionado em uma espécie de “cumeeira” do terreno com uma modulação de 2,50 m x 2,50 m x 2,50 m orientada com a maior dimensão longitudinal no eixo leste-oeste, mais adequada as visuais da paisagem e à orientação solar.

A posição da casa palafítica no terreno evidencia o declive ao norte e configura as plantas em meio-níveis - ora ao sul (mais alto) , ora ao norte (mais baixo). Este recurso encaixa o edifício no “chão de folhas” com uma cobertura em duas águas assimétricas revestida com cavaco em madeira - de maneira a garantir a adequação do espaço gerado no seu interior à topografia (Cereto, 2020, p.272).

POUSADA EM SILVES

ANO	1978-1984
PROJETO	Severiano Mario Porto Arquitetos Associados
LOCAL	Rua Florindo Almeida, 1180, Castanheira Silves - AM
GESTÃO	Privado
TIPOLOGIA	Comércio/Serviços
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Protegido legalmente



O projeto para a Pousada em Silves/AM inicia em 1967 quando o então Governador do Amazonas Arthur Reis encomenda o projeto de uma pousada para incentivar o turismo de pesca no estado no atual município de Autazes/AM. O projeto é realizado sem um terreno e Severiano utiliza a planta circular e panóptica com um programa reduzido. O projeto não é construído. Em 1979 o arquiteto recebe uma nova demanda por uma pousada no município de Itacoatiara/AM e retoma o projeto circular com adequações programáticas de legislação (Cereto, 2020, p.285).

O programa da pousada é composto por: edifício com planta circular com 14 apartamentos, varandas, hall, estar, bar, restaurante, cozinha, portaria e serviços com 1.200,00 m²; um pavilhão em "L" com

salão de jogos e bar, em frente à piscina; bangalôs e torre de observação. Além das edificações, a pousada dispõe de quadra de tênis, pista de pouso, áreas dedicadas à horticultura, granja e cultivo de árvores frutíferas regionais - que são espaços de uso e contemplação dos hóspedes, para o abastecimento da pousada e também para a cidade de Silves (Cereto, 2020, p. 287).

CAMPUS UFAM

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS, SETOR NORTE

ANO	1973-1985
PROJETO	Severiano Mario Porto Arquitetos Associados
LOCAL	Av. Rodrigo Otávio, 6200, Coroado Manaus- AM
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Educacional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Protegido legalmente

O projeto para o setor norte da Universidade Federal do Amazonas consolida o perímetro do campus. A gleba tem uma vegetação abundante com 14 nascentes que configuram uma topografia típica na planície amazônica com variações da cota 50,00 m até 90,00 m. Nessa área se observam dois platôs que possibilitam um melhor aproveitamento do terreno: ao sul na cota 80,00 m - no qual estão as instalações do setor sul do campus; e ao norte na cota 90,00 m - o setor norte projetado por Severiano Porto (Cereto, 2020, p. 305). A preocupação viária é decisiva no projeto com vias acompanhando as curvas de nível do terreno de forma a evitar maiores movimentações de terra e o cruzamento com os cursos d'água.

O partido utilizado por Severiano Porto para o campus universitário é delimitado por um sistema viário projetado no perímetro da ocupação. Essa estratégia abrange um platô de 500,00 m x 500,00 m o platô ocupado com os edifícios e um sistema de circulações cobertas e axiais propostas sobre o eixo norte-sul. São dispostos 12 eixos a cada 60,00 m com 5,00 m de largura e configuram um grid que permite a conectividade entre os diversos setores do programa. Esses caminhos são cobertos e garantem a devida proteção aos usuários do sol e da chuva amazônica (Cereto, 2020, p. 312). São construídas 5 tipologias: Administrativo, Salas de aula, Laboratórios, Áreas de convivência e Auditórios.



CENTRO DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DE BALBINA

ANO	1985-1988
PROJETO	Severiano Mario Porto Arquitetos Associados
LOCAL	Av. Rodrigo Otávio, 1200, Coroado Manaus- AM
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Institucional
ESTADO	Inativo
CONSERV.	Descaracterização total
PROTEÇÃO	Protegido legalmente

O terreno é trapezoidal - 200,00 m ao norte, 270,00 m ao sul, 300,00 m ao oeste e 350,00 m ao leste - com uma área de 70.500,00 m². Os limites do terreno são determinados pela diretriz inclinada da avenida Um ao leste, pela mata densa ao oeste, por uma rotatória de acesso à vila ao sul e o loteamento institucional ao norte.

A terraplanagem é realizada para a construção da Vila de Balbina em 1981 e desmata as árvores em seu perímetro. Desta forma, não há preexistências de estrutura vegetal no lote. A topografia do terreno resulta em uma declividade regular e suave, mas perceptível com desnível de 9,00 m no sentido longitudinal do terreno (Cereto, 2020, p.349).

São concebidos dois setores conforme descrito na planta de situação de janeiro de 1986. O setor 1 (área: 2.450,00 m² - não construído) estão as seguintes partes do programa: residência do administrador; 36 espaços destinados a alojamentos com vestiário masculino e feminino - dispostos em 6 módulos independentes; apoio dos alojamentos (cozinha e lavanderia); espelho d'água com peixes; área de uso múltiplo (pequeno anfiteatro).

No setor 2 (área: 3.450,00 m²) são dispostos: recepção, estar, museu, estudos e almoxarifado; laboratório de limnologia; laboratório polivalente I; bloco de sanitários; laboratório polivalente II; laboratório de endemias polivalentes; alojamento de redes; incinerador; lavanderias, manutenção dos jardins, oficina de manutenção dos prédios e material de campo.

BIBLIOGRAFIA

CERETO, M. Amazônia moderna. A criação do Seminário de Arquitetura Moderna na Amazônia – SAMA. *Drops*, São Paulo, ano 16, n. 102.01, Vitruvius, mar. 2016 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/drops/16.102/5951>>. Acesso em 27 de agosto de 2023.

_____. *Resilient Amazonia Architecture*. Manaus: Edua, 2021.

_____. Severiano Porto. In: CONTAL; M.; REVEDIN, J. *Sustainable Design 9: Vers une nouvelle éthique pour l'architecture et la ville*. Cité de L'architecture & du Patrimoine. Paris: Éditions Alternatives, p.108-135, 2022.

_____. Severiano Mario Porto: [re]pensando a arquitetura [moderna] na Amazônia. Orientador Carlos Eduardo Dias Comas. Tese de doutorado. Porto Alegre, Propar UFRGS, 2020. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/216770/001120959.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 27 de agosto de 2023.

CERETO, M.; SANTOS, L.; ESPINOSA, V. Um “Palácio de Cristal” na Amazônia. In: AFONSO, A. (org.). *Modernidade no Norte Nordeste: o diálogo entre arquitetura, tectônica e lugar*. Teresina: EDUFPI/Editora Gráfica Cidade Verde, cap.1, p.13-36, 2017.

LEI n.4950 de 04 DE OUTUBRO DE 2019, disponível em <https://sapl.al.am.leg.br/media/sapl/public/normajuridica/2019/10590/lei_4950.pdf> Acesso em 16 de julho de 2020.

MARTINS, B.; CERETO, M. Pousada na ilha de Silves: a arte de construir na Amazônia. In: CERETO, M. (org). *Anais do caderno de resumos do II Seminário de Arquitetura Moderna na Amazônia*. Palmas: Editora da UFT, 2019. Disponível em: <https://nucleo-ama.weebly.com/uploads/7/0/0/2/70024539/cadernos_iisama_final.pdf>. Acesso em 27 de agosto de 2023.

OLIVEIRA, B. Casas brasileiras do século XX. 2017. Disponível em: <<http://www.casasbrasileiras.arq.br/index.html>>. Acesso em: 27 de agosto de 2023.

STF julga improcedente ação que questiona tombamento de imóveis no Amazonas pelo Legislativo. *Portal do Supremo Tribunal Federal*. Brasília, 15 de outubro de 2021. Disponível em: <<https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=474818&ori=1>>. Acesso em 27 de agosto de 2023.

ZEIN, R.V. Um Arquiteto Brasileiro: Severiano Mário Porto. *Projeto*. São Paulo, n. 83, p. 44–45, janeiro de 1986.

RORAIMA

GRACIETE GUERRA DA COSTA

Doutora em Arquitetura e Urbanismo | UnB
Diretora do Centro de Ciências e Tecnologia | CCT/UFRR
gracietegcosta@gmail.com

CLAUDIA HELENA CAMPOS NASCIMENTO

Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo | UFPA; UFRJ
Professora da Universidade Federal de Roraima | UFRR
claudia.nascimento@ufr.br

COLABORADORES

Carlos Teodoro Olivares, Nikson Dias de Oliveira,
Paulina Onofre Ramalho

“A arquitetura moderna em Roraima é recente: tanto a sua produção quanto o seu reconhecimento”

CLAUDIA NASCIMENTO

A arquitetura moderna em Roraima é recente: tanto a sua produção quanto o seu reconhecimento. A ocupação deste lugar, a porção da chamada guiana portuguesa, só vai ocorrer a partir do século XVIII, como estratégia de defesa e consolidação de fronteiras. Em ritmo lento, em meados do século XX, o que se tornará a capital do atual Estado de Roraima, possuía um núcleo ocupado que não somava dois mil habitantes.

A criação do Território Federal do Rio Branco – denominação dada em seu surgimento, com o desmembramento do Estado do Amazonas, em 1943, através do Decreto-Lei n. 5.812 – foi o primeiro lufar de atenção do governo federal no caminho de integrar Roraima às políticas desenvolvimentistas do país e discursos de modernidade mundiais. A economia da borracha não gerou riquezas no grande ambiente do lavrado roraimense, contudo o gado e o garimpo cumpriram esta função, embora de forma limitada. Porém, a partir da década de 1930, com a descoberta de diamantes na Serra do Tepequém, houve a preocupação de estabelecimento de bases administrativas e de controle dos diversos fluxos que passam a haver.

Primeiro marco de modernidade se estabelecerá com a implantação do Plano Urbanístico de Boa Vista, de autoria do engenheiro Darcy Aleixo Derenusson (Rio de Janeiro, 1916-2002). Sobre as linhas do traçado urbano, surgirão os primeiros edifícios de inspiração racionalista e utilização de materiais padronizados. Essa primeira fase introdutória não vai gerar grandes impactos estéticos, exceto pela opção de projetos com referências de um neocolonial de linhagem californiana.

A partir do fim da década de 1960 que uma produção de qualidades modernistas surgirá em Boa Vista. Em princípio, a Catedral Cristo Redentor, projeto de Mario Fiameni e Luigi Cappa Bava, italianos com alma-mater da Politécnica de Turim, que terá grande importância pela introdução da técnica do concreto armado em toda sua potencialidade e desafios.

Também nessa época, incentivado pelas políticas de desenvolvimento e integração nacional, uma série de edifícios institucionais vão surgir para dar lugar a equipamentos importantes na estratégia política e de gestão. Comunicação era prioridade e podemos observar a ação intensa de obras no campo da poli-

tica de integração. O edifício sede do Departamento de Correios e Telégrafos, de autoria de Severiano Porto, vai marcar esse influxo de modernidade onde este arquiteto vai assumir grande protagonismo. Não apenas por seu histórico amazônico, mas pelo expressivo número de projetos que saíram de seu escritório com Mario Emílio Ribeiro.

Estradas vão ser abertas, com o aporte do 6º Batalhão de Engenharia de Construção (6º BEC), assim como edifícios públicos serão edificados a partir de projetos exógenos, institucionais e de arquitetos que, ainda hoje, não foram identificados. Os edifícios e obras públicas vão assumir a função de marcar de obras modernas a capital roraimense.

Roraima, até então com apenas dois municípios – Boa Vista e Caracará – vai passar a dar atenção a outras localidades, por sua função estratégica de defesa de limites de fronteiras, ou por seu potencial para o desenvolvimento econômico através da instalação de polos agrominerais, conforme apontavam os Planos de Desenvolvimento da Amazônia (PDAs) e projetos decorrentes.

Nesse sentido, a sede municipal de Caracará vai se estruturar a partir de sua vocação portuária, com a implantação do Plano de Desenvolvimento Urbano de Caracará, desenvolvido através da Fundação João Pinheiro. Dois pontos importantes para a vida civilizada terão assinaturas de arquitetos modernos: a sede municipal, autoria de Sergio Bernardes, e o abastecimento de água potável, cuja caixa d'água é um marco com assinatura de Severiano Porto.

O fim da década de 1970 incorporará outras demandas e políticas públicas em Roraima: telefonia e

habitação popular. Também nessas, o escritório de Severiano Porto se fará protagonista, introduzindo obras até o início da década seguinte. O período é marcado também pela chegada dos primeiros arquitetos para atuação nos órgãos públicos na capital, tanto na prefeitura quanto naqueles de gestão do território federal.

A década de 1980 aponta forte processo de crescimento urbano, pela atração que a atividade garimpeira, associada ao incentivo à ocupação e migração nordestina para a capital, Boa Vista. Além do surgimento de loteamentos e conjuntos habitacionais, pela presença de funcionários públicos atuantes na área de projetos, equipamentos como mercado público, equipamentos hospitalares, de educação e lazer passam a ser desenvolvidos por esses arquitetos chamados pioneiros.

Um grande parque público será objeto de concurso nacional de projetos em 1980, tendo como vencedor o cearense Otacílio Teixeira Lima Neto, que propõe o Parque Anauá, como espaço de lazer e cultura. A presença dos arquitetos locais proporcionará nesse período a incorporação de uma arquitetura diversificada que, mesmo quando trabalharam em conjunto, produziram obras com identidade clara e expressiva. A partir de 2015 iniciaram-se as pesquisas em torno da arquitetura moderna em Roraima, podendo-se afirmar que ainda há muito para se re-conhecer e difundir, contudo os espaços de difusão são fundamentais, tanto para ampliar os diálogos externos quanto para gerar discussões internas que produzam reflexões pela defesa do patrimônio moderno.

Claudia Helena Campos Nascimento



BOA VISTA

1. HEMOCENTRO DE RORAIMA
2. CATEDRAL CRISTO REDENTOR
3. PLANO URBANÍSTICO
4. EE GONÇALVES DIAS



CARACARAÍ

1. PREFEITURA E CÂMARA MUNICIPAL



PLANO URBANÍSTICO DE BOA VISTA

ANO	1946
PROJETO	Engenheiro civil Darcy Aleixo Derenusson
LOCAL	Boa Vista - Roraima
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Projeto Urbano
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Sem descaracterizações
PROTEÇÃO	Sem proteção legal



Fonte: Acervo Darcy Romero Derenusson



Darcy Aleixo Derenusson nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 1º de agosto de 1916, graduando-se em 1939 na Escola Nacional de Engenharia. Em sua prática profissional destacam-se algumas atividades, como a criação de seu próprio escritório técnico, em 1943, denominado Darcy A. Derenusson Ltda. Além disso, em 13 de outubro de 1944, sua firma venceu uma concorrência pública para a elaboração e implantação do projeto de urbanização da cidade de Boa Vista, capital do Território Federal do Rio Branco, atual estado de Roraima. Para tanto, formou-se uma equipe multidisciplinar e criou-se a empreiteira e construtora Riobras Industrial Ltda.

O novo projeto preservou o traçado anterior, adicionando um traçado parcialmente radioconcêntrico, com doze vias que irradiam de uma ampla praça

cívica. Ao retornar ao Rio de Janeiro, dentre seu processo de atuação podemos citar seu ingresso, em 1959, na 4ª Divisão de Obras de Saneamento do Governo do Estado da Guanabara, e, posteriormente, sua chefia no Serviço de Topografia da Divisão Técnica do Departamento de Urbanização da Superintendência de Urbanização e Saneamento – SURSAN.

A partir de 1963, também se dedicou à docência na então Universidade do Estado da Guanabara (1963-1986); na Universidade Gama Filho (1971-1983) e na Universidade Santa Úrsula (1971-2002). Permaneceu como chefe da Comissão Especial da Carta Cadastral – Cecad/Sursan de 1964 até sua aposentadoria em 1986. Faleceu na cidade do Rio de Janeiro em 17 de maio de 2002.



CATEDRAL CRISTO REDENTOR

ANO	1967-1972
PROJETO	Eng. Mário Fiameni e Eng. Luigi Cappa Bava
LOCAL	Praça do Centro Cívico, 133 – Centro, Boa Vista - Roraima
GESTÃO	Privada
TIPOLOGIA	Religioso
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Sem descaracterizações
PROTEÇÃO	Protegido legalmente

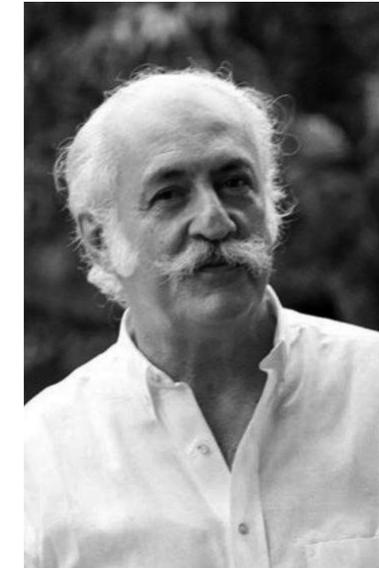
O projeto da Catedral Cristo Redentor é de autoria dos engenheiros italianos Padre Mário Fiameni com especialização em Técnica Arquitetônica e desenho construtivo e Luigi Cappa Bava com especialização em Arquitetura e composição Arquitetônica, ambos egressos da politécnica de Turim na Itália em 1964. Luigi Cappa Bava nasceu em Turim, em 1929, de uma família tradicional de engenheiros em diferentes especialidades. Depois de formado trabalhou no ateliê do arquiteto Levi Montalcini, onde adquiriu considerável experiência. Na década de 1960 criou seu próprio escritório em Turim e paralelamente trabalhou no politécnico como assistente do professor Augusto Cavallari Murat, especializado em arquitetura. Sua atividade profissional é destacada por notáveis conceitos construtivos, como a Igreja dos Italianos em Nairobi, o Museu de Arte Sacra de Fátima

e a Catedral Cristo Redentor de Boa Vista-Roraima, obras de caráter religioso encomendadas pela Congregação dos Missionários da Consolata de Turim. Destaca-se em suas obras os conceitos pós-modernistas com soluções técnicas vanguardistas no seu conjunto, um aspecto sólido e não maciço que sublinha um requinte na estética integrando-se a seu entorno além de cumprir as mudanças implementadas pelo Concílio Vaticano II. O encargo do projeto da Catedral foi encomendado pelo Bispo de Roraima Dom Servilio Conti, que foi professor no politécnico de Turim, onde conheceu os dois projetistas. A Catedral é o cartão postal da cidade de Boa Vista e está localizada na Praça do Centro Cívico, local que comporta os principais edifícios públicos da capital como: Palácio do Governo, Tribunal de Justiça, Palácio Legislativo e o Fórum.



ESCOLA ESTADUAL COLÉGIO GONÇALVES DIAS

ANO	1974
PROJETO	Severiano Mário Vieira de Magalhães Porto
LOCAL	Av. Getúlio Vargas, 1256, Canarinho Boa Vista - RR
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Educacional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Sem proteção legal



Fonte: Revista Projeto



Severiano Porto graduou-se na Faculdade Nacional de Arquitetura, da Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro) em 1954. Em 1963 conhece Manaus, capital do Estado do Amazonas e, dois anos depois, é convidado para o desenvolvimento de projetos institucionais na capital amazonense pelo governador Arthur Cezar Ferreira Reis. Muda-se para Manaus em 1966, mantendo também escritório no Rio de Janeiro, em sociedade com o arquiteto Mário Emílio Ribeiro (1930-2014).

O cenário desenvolvimentista fará surgir muitas oportunidades, tais como os projetos do Estádio Vivaldo Lima (1965-1971), Assembleia Legislativa do Amazonas (1965), escolas pré-fabricadas (1965), o Restaurante Chapéu de Palha (1967-1968), residências icônicas como a da rua Recife 1762 (1966-1967),

edifício-sede da Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA), em 1973, entre outros.

As incursões projetuais no, então denominado, Território Federal de Roraima iniciará em 1968, com o projeto da sede do Departamento de Correios e Telégrafos, na capital, Boa Vista, onde se concentraram grande número de obras: Colégio Gonçalves Dias e Colégio Oswaldo Cruz (1974), Praça da Bandeira e Rádio Difusora (1975), Palácio da Justiça, Escola Modulada de 1º grau, Conjunto Residencial do Governo (1976), Banco de Roraima, Conjuntos residenciais do São Vicente e Mecejana, Mercado e Prefeitura de Boa Vista, Rodoviária Internacional (1977). Em Roraima, a única obra registrada do escritório Severiano Mário Porto fora da capital é a Caixa d'água de Caracará.



PREFEITURA E CÂMARA MUNICIPAL DE CARACARÁ

ANO	1976
PROJETO LOCAL	Sergio Wladimir Bernardes Praça do Centro Cívico, s/n, Centro Caracará - RR
GESTÃO TIPOLOGIA	Pública Institucional
ESTADO	Ativo
CONSERV. PROTEÇÃO	Descaracterização parcial Sem proteção legal



Fonte: Projeto Memória Bernardes

Bernardes constitui-se como grande nome da arquitetura moderna brasileira da denominada Segunda Geração Modernista. Graduado em 1948 pela Escola Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil (hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro), com quinze anos de idade já havia projetado uma residência para um amigo dos pais, Eduardo Bahout. Filho do jornalista Wladimir Bernardes, aos treze anos abre oficina de maquetes e inicia suas experimentações que caracterizarão seu espírito e mentalidade projetual.

Na década de 1970 cria o Laboratório de Investigações Conceituais (LIC) associado ao seu escritório Sergio Bernardes Arquitetura (SBA) no bairro da Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro. Nesta época, arquiteto consolidado e premiado, passa a incorporar concei-

tos da contra-cultura norte-americana, com forte apelo ecológico. Também nesse período desenvolverá várias obras para o poder federal vigente, o que será mote para a crítica política de ocasião da sua produção. Através do LIC construirá macro-planos.

Através do SBA desenvolverá projetos em várias escalas. Destacam-se o Conjunto Sanatorial de Curicica (Rio de Janeiro/RJ), Residência Lota Macedo Soares (Petrópolis/RJ), Pavilhões da CSN (São Paulo/SP), da Feira Internacional da Indústria e Comércio do Rio de Janeiro (São Cristóvão, Rio de Janeiro/RJ) e do Brasil na Exposição Universal (Bruxelas-Bélgica, 1958), Palácio da Abolição (Fortaleza/CE), Hotel Tropical Tambaú (João Pessoa/PB), Espaço Cultural da Paraíba (João Pessoa/PB, 1980), Parc de La Villette (Paris-França), entre outros.

HEMOCENTRO DE RORAIMA

ANO	1981-1982
PROJETO	Perpétua Barbosa, Peta
LOCAL	Av Brig Eduardo Gomes, Bairro Aeroporto Boa Vista - RR
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Institucional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Sem proteção legal



Fonte: Perpétua Brabosa, Peta, 2021.



Maria do Perpétuo Socorro Barbosa, conhecida como Peta, nasceu na Cidade de Joáima/Minas Gerais, no dia 31 de agosto de 1953. Graduiu-se na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Silva e Sousa em 1979, no Rio de Janeiro. Veio para Boa Vista-RR em 1981, e era a única arquiteta contratada do Estado de Roraima, produzindo autonomamente, para órgãos públicos. Foi importante projetista desse período e possui vasto acervo de projetos de residências, além de memória desse processo desenvolvimentista local.

Em 1991, projetou o Hemocentro de Roraima e o Hemolabe, que para ela foi o projeto mais importante de sua carreira, pois teve a oportunidade de conhecer a Legislação do Ministério da Saúde referente a essa área.

Pela primeira vez pode especificar materiais de acabamento um pouco mais sofisticados para Boa Vista, como pastilhas, e até trabalhar com o artista plástico (Eliezer Rufino), que fez dois painéis de temas regionais para o Hemocentro, o mesmo que elaborou o painel do Palácio da Cultura Nenê Macaggi.

Em 1993, elaborou o projeto do prédio do SEBRAE, a casa Paulo VI para a Igreja Católica, Hospital para os Yanomamis, a Casa de Cura, o Edifício original do IFRR e centenas de residências. Fundadora do IAB/RR, já atuou no CREA, no CONFEA. Peta acredita que todas as obras daquela época (1991) continuam até hoje inspirando os novos arquitetos. Para ela, a maior lição foi a liberdade criativa sem as amarras impostas anteriormente.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CAMPOS NASCIMENTO, C. H. .; DA SILVA ALMEIDA, S. C. .; CAMPOS ARAGÃO DA PAZ, C.; SANDER, R. C. .; DA SILVA ALMEIDA, S. C. .; RAYRESSON, R. . Projetos para o Parque Anauá, Boa Vista. *Revista Amazônia Moderna*, [S. l.], v. 2, n. 2, p. p.102–119, 2019.

CAÚLA, A.; BERRNARDES, K. *Sérgio Bernardes 100 anos*. Rio de Janeiro: MNBA, 2019.

Entrevista Perpétua Barbosa, concedida à Graciete Guerra da Costa, Boa Vista-RR, em fevereiro, 2021. Maria do Perpétuo Socorro Barbosa, Peta [31/08/1953]

Entrevista Claudio Brandão Nina, concedida à Graciete Guerra da Costa, em Manaus, no dia 08/09/2023. Claudio Brandão Nina, [30/03/1953].

LIMA, E. T. Bisão: blog dedicado à memória da obra do arquiteto e urbanista cearense Otacílio Teixeira Lima Neto, o Bisão. Disponível em: <<https://bisao-arquiteto.wordpress.com>>. Acesso em dez. 2016

NASCIMENTO, C.H.C.; FURO, A.F.P. Roraima: território de modernidades. In: Anais do XV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Rio de Janeiro/RJ: UFRJ, 2018.

NASCIMENTO, C. H. C.; RAMALHO, P. O.; FURO, A. F. P.; OLIVEIRA, L. R. Caracará e o olhar de Sergio Bernardes sobre Roraima. *Revista Amazônia Moderna*, [S. l.], v. 2, n. 1, p. p.84–105, 2018.

PROJETO. n° 120, São Paulo: Projeto Editores Associados, abril 1989.

RAMALHO, P. O. *Lugar de memória: o plano urbanístico de Boa Vista*. 2012. 99 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural), Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, 2012.

SILVA DA ROCHA, R. S. da R.; CAMPOS NASCIMENTO, C. H. .; NEUBERT DE MELO, N. B. . *Arquitetura Moderna em Roraima: Obras de Severiano Mário Porto*. *Revista Amazônia Moderna*, [S. l.], v. 2, n. 2, p. p.78–101, 2019. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/amazoniamoderna/article/view/8513>. Acesso em: 3 set. 2023.

SERRA E NEVES, N.; PONCE DE LEON, D.; LIMA NETO, O. T. (orgs.). *Panorama da arquitetura cearense. Cadernos Brasileiros de Arquitetura*, São Paulo, v. 9-10, abr. 1982.

TREVISAN, R.; FICHER, S.; DERENUSSON, I.; DERENUSSON, D. R. Darcy Aleixo Derenusson. O engenheiro e urbanista que projetou Boa Vista – RR. *Arquitextos*, São Paulo, ano 18, n. 212.03, Vitruvius, jan. 2018 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/18.212/6864>>.

VERAS, A. *A produção do espaço urbano de Boa Vista- Roraima*. 2009. 235 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana), Universidade de São Paulo, 2009.

RONDÔNIA

GIOVANI BARCELOS

Doutorando em Arquitetura | PROPAR/UFRGS

Técnico I – Especialidade em Arquitetura e Urbanismo – IPHAN/PB
giovani.barcelos@ufrgs.br

“A arquitetura modernista produzida em Porto Velho abrange um período aproximado de noventa anos...”

GIOVANI BARCELOS

A arquitetura moderna está presente em Porto Velho desde o seu início. A construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (EFMM) iniciada em 1907 leva para a região a tecnologia construtiva da época, a estrutura metálica, que a partir da Revolução Industrial, modifica a forma de construir com elementos pré-moldados e industrializados que permitiram a execução da obra com peças importadas.

As pesquisas realizadas sobre a arquitetura moderna de Rondônia, destaca Porto Velho como o local de maior abrangência, pois nela estão concentradas as principais obras no Estado no século XX. Identifica-se principalmente, edificações construídas com objetivos institucionais, principalmente durante os períodos de transição de município do Amazonas para Território Federal do Guaporé (1943) e desse para o estado de Rondônia (1981).

Os exemplares aqui apresentados fazem parte da pesquisa de doutorado do autor, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Até o momento, não havia nenhuma pesquisa que apresentasse esses edifícios, então está sendo

organizado um inventário, mesmo com poucos elementos gráficos disponíveis, baseando-se basicamente em imagens antigas e atuais, reportagens em jornais e fontes orais.

Foram elencados cinco edifícios institucionais, sendo quatro localizados na área central e outro, no campus da universidade, afastado. A área central da cidade fica próxima ao Rio Madeira, implantada a partir da construção da ferrovia, caracterizada pela presença de edifícios de uso comercial e institucional.

Nas primeiras décadas, se destacaram na cidade edifícios em madeira que adaptaram a solução dos americanos à realizada amazônica, além dos galpões ferroviários. Os edifícios institucionais elencados, a Escola Carmela Dutra e a Sede Administrativa da EFMM, foram construídas na década de 1950, projetados respectivamente pelo Engenheiro Arquiteto José Otino de Freitas e pelo Arquiteto carioca Armando Costa, ambos construídos por José Otino.

As décadas posteriores à construção da ferrovia foram marcadas por investimento do Governo Fe-

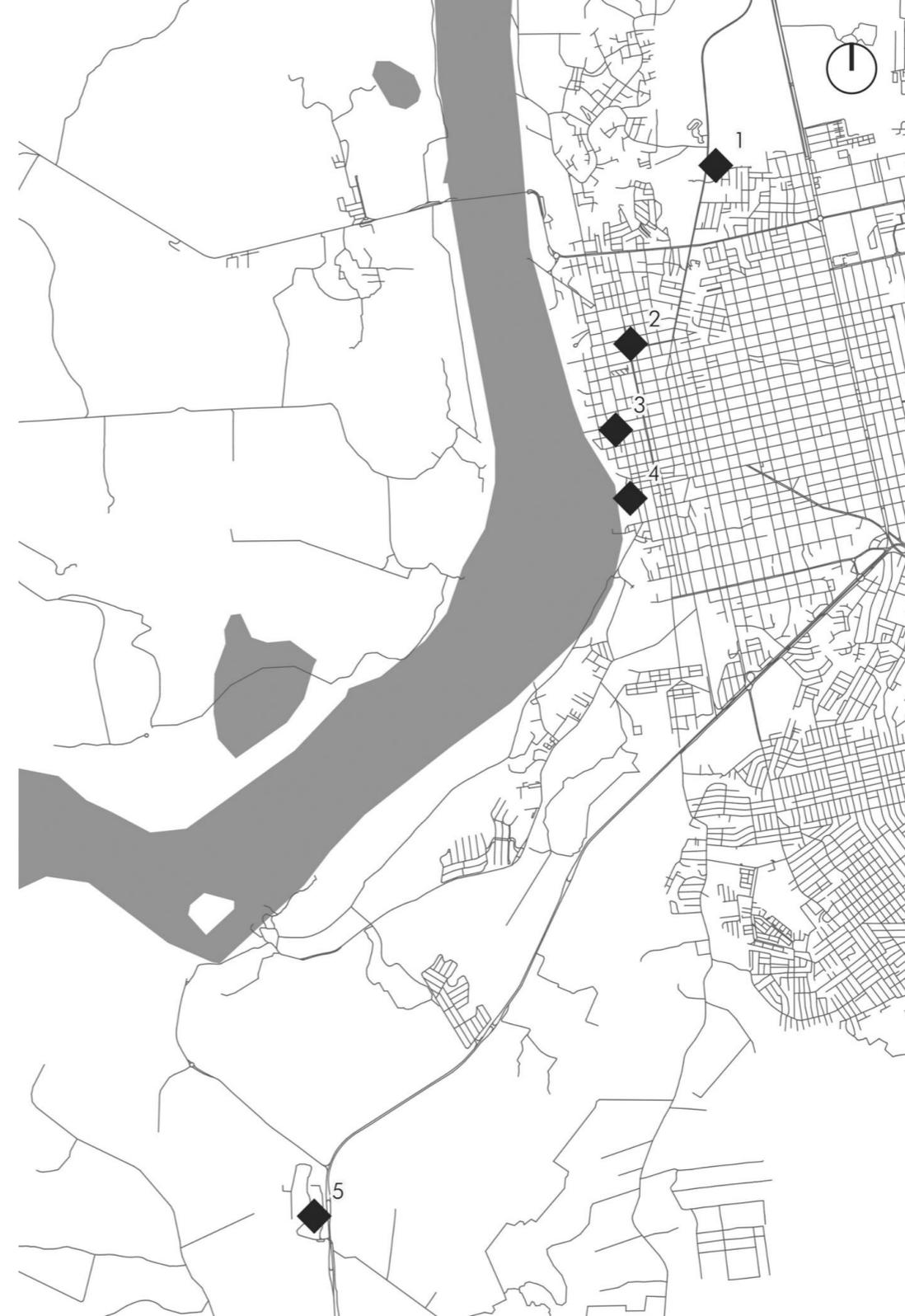
deral, em especial no governo de Getúlio Vargas, incluindo visitas do Presidente à Porto Velho para inaugurações, como a do Conjunto Habitacional do Caiari na década de 1940. A arquitetura do período é representada pelos tipos arquitetônicos institucionais que são levados para Rondônia como a agência de correios, a agências bancária, além de prédios que remontam a períodos anteriores que continuaram sendo construídos como o Palácio do Governo e o Porto Velho Hotel.

A início da década de 1980 marcou a criação do estado de Rondônia em 1981. A sede do Tribunal de Contas de Rondônia, órgão criado juntamente com o Estado, foi inaugurado em 1983, projeto pelo Arquiteto Uriel Moura Santiago, se destacando pela altura na época, tendo térreo, mezanino e oito pavimentos. Outro destaque é a Biblioteca da Universidade Federal de Rondônia projetado em 1986 pelo escritório Zimbres e Reis Arquitetos Associados, também responsáveis pelo Plano Viário de Porto Velho de 1978, fazendo parte dos primeiros edifícios projetados para o Campus da UNIR. Ambos se destacam pela presença do concreto armado aparente que definem elementos formais marcantes

nos edifícios. Complementando os projetos destacados, a antiga sede da Empresa de Telecomunicações de Rondônia, TELERON, construída no período de 1988 a 1990, destaca-se pela utilização de tijolo aparente no acabamento externo.

A arquitetura modernista produzida em Porto Velho abrange um período aproximado de noventa anos, com estilos que iniciaram em uma arquitetura do ferro e perpassa por protomodernismo, art déco e modernismo. As características deles permite identificar que foram prédios “importados”, mesmo os projetados após visita na cidade, pois não são observados elementos que permitem maior conforto térmico, com exceção do prédio da Teleron, que possui circulação externa coberta, cobogós e orientação solar que protegem melhor o interior.

Giovani Barcelos



PORTO VELHO

1. ANTIGA EMPRESA DE TELECOMUNICAÇÕES
2. TRIBUNAL DE CONTAS (RO)
3. ESCOLA CARME DUTRA
4. ANTIGA SEDE ADM. ESTRADA DE FERRO MADEIRA-MARMORÉ
5. BIBLIOTECA (UNIR)

0 1 2 km

ANTIGA SEDE ADMINISTRATIVA

ESTRADA DE FERRO MADEIRA-MARMORÉ

ANO	1950
PROJETO	Armando Costa
LOCAL	Av. Sete de Setembro esq. Av. Farquar, Centro, Porto Velho, Rondônia
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Institucional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Sem proteção legal

A antiga Sede Administrativa da EFMM foi construída em 1950 com investimento federal. O edifício possui característica protodomoderna como o despojamento de ornamentos externos, mantendo a compartimentação e demais características funcionais internas. Na volumetria destaca-se o volume de esquina que marca o acesso principal, juntamente com a escadaria, e o volume do relógio, ambos atravessados por um volume mais baixo em “L”, onde ficam distribuídas as salas.

Atualmente o edifício é a sede da Prefeitura de Porto Velho e a principal alteração na originalidade foi a inserção na fachada de equipamentos de ar condicionado. Embora fazendo parte da história da cidade e relacionando-se com um bem tombado em âmbito nacional (EFMM), o prédio não possui tombamento em nenhuma instância, fazendo parte da área de entorno da ferrovia.

ESCOLA CARME DUTRA

ANO	1952
PROJETO	José Otino de Freitas
LOCAL	Avenida Farquar n. 1913, Arigolândia, Porto Velho, Rondônia
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Educacional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Sem proteção legal



Fonte: CEDOC/MERO



Natural de Oeiras, Piauí, José Otino de Freitas, formase Engenheiro Arquiteto na Escola Nacional de Belas Artes da Universidade do Brasil em 1940. Em 1942 é convidado a ir trabalhar na Região Norte e em 1947 desembarca em Porto Velho. José Otino de Freitas projetou e executou várias obras na capital rondoniense.

O edifício está localizado na zona central de Porto Velho, teve sua obra iniciada em 1950 e concluída em 1952, com projeto e construção do Engenheiro Arquiteto José Otino de Freitas, recebendo esse nome em homenagem à esposa do Presidente Eurico Gaspar Dutra.

Com inspiração em uma embarcação, o edifício de linhas protomodernas foi solucionado em um volume que se desenvolve em torno de um pátio, onde um dos lados é prolongado, resultado na volumetria que aparece em destaque na fachada principal.

Fonte: Acervo do IBGE. Disponível em <https://11nk.dev/bVkJi> (superior)
Acervo de Anderson Leno (inferior)

O acesso principal se conecta a uma grande circulação que fica em um dos lados do pátio interno por onde é possível acessar uma pequena circulação em torno do vazio central.

O volume possui poucos adornos, com destaque ao pavimento superior com um pequeno prolongamento em relação ao térreo. Na fachada principal, uma parede curva apenas no pavimento superior cria um contraste com as demais linhas retas do prédio e do térreo, sob ela. No térreo existem marcações criadas pelos pilares que acompanham o ritmo das janelas do pavimento superior e coroando a platibanda, um elemento que funciona como pingadeira e se adequa ao conjunto. Originalmente, o lote não era fechado por muro, mas naturalmente isso ocorreu posteriormente, infelizmente escondendo o principal elemento volumétrico: o encerramento em curva do volume na fachada principal.

TRIBUNAL DE CONTAS RONDÔNIA



ANO	1986
PROJETO	Uriel Moura Santiago
LOCAL	Avenida Presidente Dutra n. 4229, Olaria, Porto Velho, Rondônia
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Institucional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Sem proteção legal

O Tribunal de Contas de Rondônia foi criado pelo primeiro governador de Rondônia, Jorge Teixeira, juntamente com a criação do Estado. O edifício possui dez pavimentos, sendo um subsolo, térreo e oito pavimentos-tipo, além de um mezanino no andar térreo.

Primeiro edifício em altura de Porto Velho, foi projetado pelo arquiteto Uriel Moura Santiago e se destaca pela estrutura com elementos em concreto armado e pela superfície envidraçada na fachada principal, além das empenas laterais cegas, recorrente em outros edifícios em altura modernistas. Além do volume principal, no prolongamento do andar térreo foi construído um auditório com acesso lateral independente, podendo ser acessado pela rua posterior.

A fachada principal é marcada por elementos verticais em concreto armado, sendo que alguns são pilares que compõe a estrutura do edifício, enquanto outros atuam apenas na composição do ritmo proposto, lembrando brises, mas sem efetiva proteção solar. O acesso principal aparece timidamente deslocado em relação ao eixo da fachada, marcado por uma pequena escadaria.

O edifício passou recentemente por uma intervenção que descaracterizou parcialmente a fachada principal com a inserção de um *brise soleil* em chapa metálica perfurada. Os vidros foram substituídos por outros reflexivos para diminuir os efeitos da insolação da orientação oeste no interior. Na lateral sul foi construída uma escada para adequações de segurança. Em 2004 já havia sido construído um anexo ao lado do prédio original.

ANTIGA TELERON

EMPRESA DE TELECOMUNICAÇÕES DE RONDÔNIA

ANO	1988-1990
PROJETO	Luiz Leite de Oliveira
LOCAL	Avenida Lauro Sodré, s/n, Costa e Silva, Porto Velho, Rondônia
GESTÃO	Privada
TIPOLOGIA	Institucional
ESTADO	Inativo
CONSERV.	Sem descaracterizações
PROTEÇÃO	Sem proteção legal



Fonte: Acervo do arquiteto

Nascido em Porto Velho em 1948, Luiz Leite de Oliveira, formou-se em Arquitetura e Urbanismo na Universidade de Brasília em 1976. Atua desde então na iniciativa privada em Porto Velho como arquiteto, escritor e cineasta e foi Superintendente do IPHAN/RO em 2005.

A antiga sede da TELERON foi construída no final da década de 1980 e além de preocupação com as características climáticas da região, também adotou elementos com referências locais. O prédio é o principal de um conjunto formado por outros menores, de apoio, sendo construído com estrutura de concreto armado e fechamento em alvenaria, com acabamento externo em tijolos aparentes.

A preocupação com o lugar é observada na utilização de acesso protegido através de uma subtração

no volume e a utilização de cobogós em madeira nas bandeiras das janelas, favorecendo a circulação de ar. Em outro acesso, uma cobertura protege a entrada, da mesma forma que o prolongamento da cobertura do edifício protege as esquadrias da insolação e da chuva. As portas externas possuem um desenho que remetem aos veios que marcam as seringueiras após a retirada da borracha e a cobertura se referem aos tapiris, tipo de habitação amazônica.

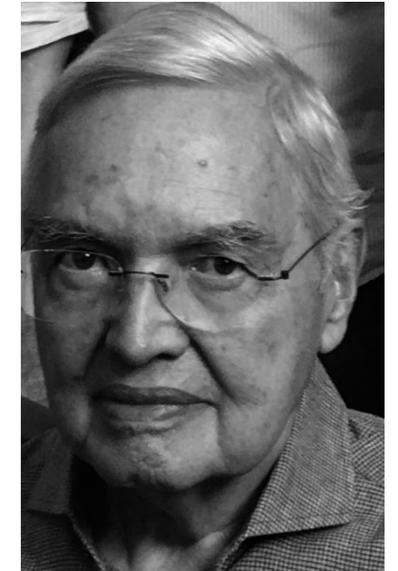
O edifício não está sendo utilizado atualmente, mas o projeto dos elementos de adequação do edifício ao clima e a execução, favoreceram a sua preservação. As esquadrias externas estão preservadas e não são observados problemas maiores com infiltrações, algo recorrente em prédios que se encontram sem uso.



BIBLIOTECA UNIR

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

ANO	1986
PROJETO	Zimbres e Reis Arquitetos Associados
LOCAL	Campus da UNIR, BR 364, Km 9,5, Porto Velho, RO
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Educacional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Sem descaracterizações
PROTEÇÃO	Sem proteção legal



Fonte: arquivo.arq.br

Paulo Zimbres nasceu em Ouro Preto em 1933, formou-se na FAUUSP em 1960, atuando principalmente no Distrito Federal com diversos projetos arquitetônicos e urbanísticos. Projetou vários edifícios no Campus da Universidade Federal de Rondônia. Faleceu em Brasília em 2019.

A biblioteca da Universidade Federal de Rondônia foi um dos primeiros edifícios construídos no Campus da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). O prédio foi construído com estrutura de concreto armado e fechamento em alvenaria. Funcionalmente, o principal ambiente é o dedicado aos livros e com apoio de salas de estudos e setor administrativo.

A laje plissada utilizada como cobertura lembra um conjunto de tapiris amazônicos colocados lado a lado, referência formal também presentes em outros

edifícios da universidade. Ela está apoiada em vigas inclinadas que acompanham a inclinação e essas em pilares simples retangulares. A iluminação interna utiliza da luz que entra pelas esquadrias metálicas altas que acompanham a cobertura. Na fachada principal destaca-se o cobogó de elementos em concreto que regulam a iluminação no andar térreo.

BIBLIOGRAFIA

Acervo do Tribunal de Contas de Rondônia

BARCELOS, G. *Cidade imaginária e cidade real: um estudo urbanístico sobre Porto Velho a partir do Plano de Ação Imediata de 1972*. Porto Velho: Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Geografia da Universidade Federal de Rondônia, 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/3hExTDm>>. Acesso em: 26 ago 2020

CARVALHO, J. *Um olhar sobre o urbanismo e arquitetura de Porto Velho*. Porto Velho: Fundação Iaripuna de Cultura, 2009.

CATANHEDE, A. *Achegas para a história de Porto Velho*. Manaus: Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, 1950.

FONSECA, D. R. D.; TEIXEIRA, M. A. D. *História Regional de Rondônia*. 4ª. ed. Porto Velho: Rondoniana, 2003.

PALITOT, A. *Getúlio Vargas em Porto Velho: uma visita que mudou a nossa história*. Jornal Rondoniagora, Porto Velho, 09 mar 2015. Disponível em < <https://bit.ly/3Kpp1SJ>> Acesso em 15 dez 2020.

SEGAWA, H. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. São Paulo: EDUSP, 2014.

PARÁ

CELMA CHAVES

Doutora em Teoria e História da Arquitetura | ETSAB/UPC
Professora Titular da Universidade Federal do Pará | UFPA
celma_chaves@hotmail.com; celma@ufpa.br

COLABORADORA

Rebeca Dias
Arquiteta. Mestre em Arquitetura e Urbanismo | PPGAU/UFPA

“...exemplares modernos que visibilizam processos de modernização dessa parte da Amazônia”

CELMA CHAVES

A produção da arquitetura moderna no Pará, e especificamente em Belém, insere-se em um campo de transformações que se observam desde a década de 1930 na região e em suas principais cidades, e que promoveu um novo ciclo de modernidade especialmente a partir do final da década de 1940 com as primeiras residências modernas e os edifícios em altura da Avenida Presidente Vargas.

As pesquisas sobre essa arquitetura têm demonstrado que a abrangência de suas expressões se dá em uma diversidade de usos e se concentra na capital do estado, embora muito ainda esteja por ser feito quanto à ampliação do seu recorte espacial para que contemple outros municípios com obras que embora algumas delas já tenham sido mapeadas, ainda não apresentam dados suficientes para constar em um panorama como o aqui apresentado.

As obras elencadas nesse breve mostra, fazem parte de um conjunto de arquiteturas que vêm sendo pesquisadas pelo grupo de pesquisadores do Laboratório de Historiografia da Arquitetura e Cultura Arquitetônica (Lahca/UFPa), que concentra um acervo relevante de documentos sobre essa arquitetura,

que abrange projetos originais levantamentos realizados em obras sem documentação projetual, que vem sendo registradas, redesenhadas, estudadas e divulgadas em publicações científicas nessas últimas décadas, como artigos, trabalhos de conclusão de graduação e dissertações de mestrado.

Duas das obras aqui apresentadas – a Casa Belisário Dias e a sede da Setran - fazem parte do acervo de projetos originais que o Lahca guarda como valiosos documentos da memória e da história da arquitetura moderna em Belém, e que esperamos colocar à disposição do público quando suas condições de manipulação assim o permitirem.

Na presente coletânea, apresentam-se cinco exemplares representativos de um processo modernizador que tem a arquitetura como uma de suas formas expressivas, e que alcança o período da década de 1950 a 1980.

Perpassam iniciativas estatais e privadas, abrangendo distintas etapas da história política, cultura e econômica dessa parte da região amazônica, desde o período da modernização desenvolvimentista

às últimas décadas do período da ditadura militar, identificando concepções de modernização e modernidade que deixaram suas marcas no espaço da cidade atual.

Apresentam-se esses exemplares modernos como documentos históricos, bem como na sua materialidade arquitetônica, entendendo-os como fonte e tradução da modernidade local, que, em que pese situarem-se em momentos cronológicos diversos, trazem em sua diversidade a “unidade cultural” (Marina Waisman, 1997;2013) que visibiliza processos de modernização dessa parte da Amazônia, nos quais políticas estatais como o rodoviarismo se alinharam aos desejos de atualização dos espaços residenciais, manifestando nessas décadas, propostas de modernidade em suas dimensões material e ideológica.

Localizadas em áreas centrais da cidade e em áreas de expansão, as cinco obras aqui apresentadas, de autoria de engenheiros e arquitetos, são igualmente representativas da diversidade de profissionais que aqui trabalharam nas décadas em foco.

O engenheiro e arquiteto Camillo Porto de Oliveira é o autor de duas obras, a Casa Belisário Dias e a Sede da SETRAN, cuja relevância deve-se não apenas à sua produção arquitetônica, mas também por ter sido um dos impulsionadores da criação do curso de Arquitetura em 1964, embora antes da sua instalação, ainda no final da década de 1940, já projetava obras modernas em Belém.

Laurindo Amorim, engenheiro português graduado na Escola de Engenharia do Pará, autor do projeto do complexo da Tuna Lusa Brasileira desenvolveu em Belém sua trajetória desde a década de 1950, e também tem obras significativas no período como a Casa Gabbay, dos anos cinquenta.

O engenheiro e arquiteto Alcyr Bóris de Souza Meira, autor da sede do SERPRO-PA e de inúmeras outras obras, como os edifícios Felícia (1960) e Banna (1961), construiu também em outros estados e no interior, atuando até hoje, desenvolvendo projetos em seu escritório.

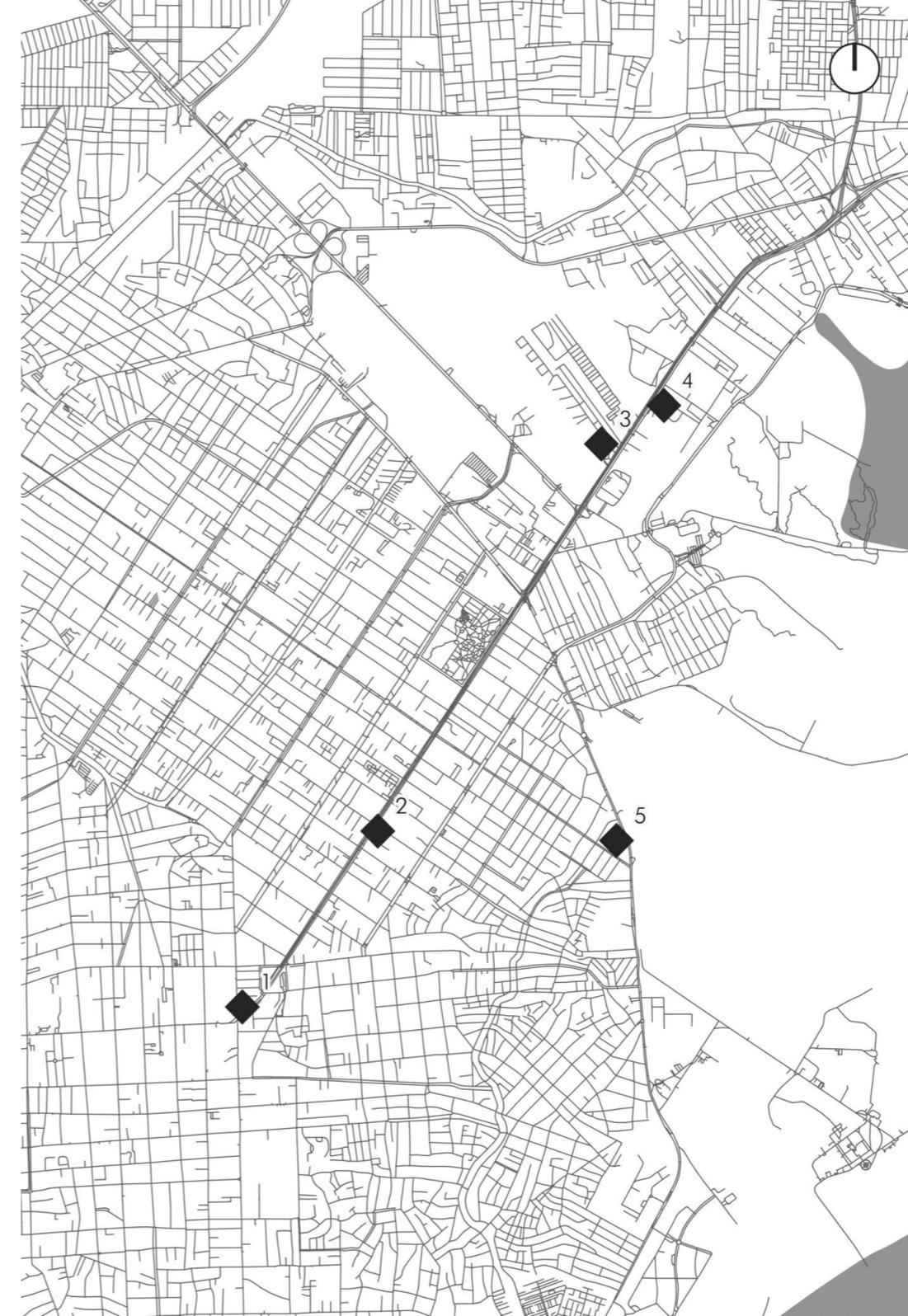
O arquiteto Edmar Penna de Carvalho, titulado pela Escola de Belas Artes era funcionário da Pre- feitura

do Distrito Federal (RJ) e autor do projeto do conjunto do IAPI em Belém, em cujo complexo insere-se a Escola Benvida de França Messias, presente no conjunto aqui apresentado.

Se por um lado a diversidade das obras elencadas apresenta a riqueza de suas formas, da sua importância histórica, cultural e arquitetônica, por outro lado, ainda são poucos os exemplares contemplados com medidas de proteção que possam contribuir para sua salvaguarda, como demonstram as recorrentes alterações observadas em muitas deles.

Desse conjunto, dois edifícios são tombados: o edifício sede da SETRAN em nível estadual e a escola Benvida Messias na esfera municipal, as demais, como o restante do conjunto de várias obras modernas ainda existentes na cidade aguardam decisões quanto a pedidos de tombamentos solicitados, enquanto o tempo e as ações humanas continuam provocando desapareções e alterações constantes.

Celma Chaves



BELÉM

1. EM BENVINDA DE F. MESSIAS
2. CASA BELISÁRIO DIAS
3. SETRAN
4. SEDE CAMPESTRE
5. SERPRO

0 0,5 1 km



ESCOLA MUNICIPAL

BENVINDA DE FRANÇA MESSIAS

ANO	1951
PROJETO LOCAL	Edmar Penna de Carvalho Al. Duzentos e Quarenta e Um, São Brás Belém - PA
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Educacional
ESTADO	Ativo
CONSERV. PROTEÇÃO	Descaracterização parcial Protegido legalmente



Fonte: Celma Chaves.

Nascido em 1913, Edmar Penna de Carvalho mudou-se para o Rio de Janeiro em 1933 para cursar Arquitetura na Escola Nacional de Belas Artes, graduando-se em 1939. Ainda residindo no Rio de Janeiro, foi responsável pelo projeto do Conjunto IAPI (1951-1952) como funcionário do Instituto.

A construção ficou a cargo de seu irmão Angenor Penna de Carvalho, e o projeto estrutural é de autoria do engenheiro Osmar Pinheiro. Como parte do equipamento público do conjunto, a Escola Benvenida de França Messias atendia apenas às crianças que moravam nas imediações, por isso, sua dimensão compacta, como a rampa de acesso. Hoje a escola atende alunos do ensino público fundamental de vários bairros da cidade.

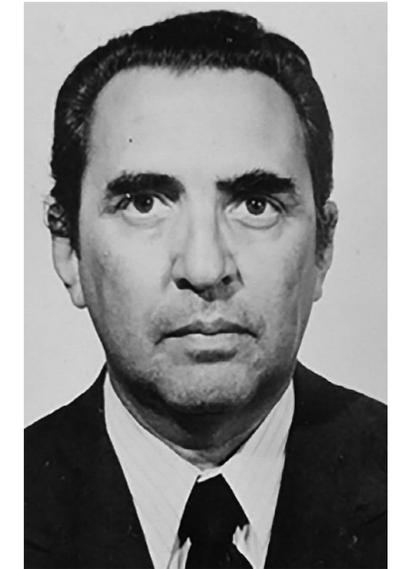
Suas linhas modernas remetem, certamente, à formação de Edmar Penna na capital federal, apresentando as referências da “escola carioca”, como a marquise de entrada em formas livres, pilotis que conformam um espaço livre de convivência e a cobertura estilo “mariposa”. Edmar afirmava que a arquitetura moderna não era “regional” e por isso passou a estudar adaptações ao clima local.

Isso é observado nos cobogós e elementos vazados do edifício que buscavam manter uma temperatura amena na escola. O edifício é tombado pelo município (FUMBEL) desde 1994. Edmar projetou também o prédio-sede do IAPI (década de 1950) e a sede da Secretaria de Estado da Fazenda, todos em Belém. O arquiteto retornou a Belém somente em 1964. Aposentou-se com 64 anos em 1989 e faleceu em 2016.

CASA BELISÁRIO DIAS



ANO	1954
PROJETO	Camillo Porto de Oliveira
LOCAL	Av. Almirante Barroso, 986, Marco Belém - PA
GESTÃO	Privada
TIPOLOGIA	Comércio/Serviços
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Em processo de registro



Fonte: CCBEU.

Camillo Sá e Souza Porto de Oliveira (1923-2005) formou-se pela Escola de Engenharia do Pará (1956) e graduou-se arquiteto em 1966, após um curso de adaptação de dois anos para engenheiros que almejavam a titulação em Arquitetura. Camillo foi responsável por articular a criação do primeiro curso de Arquitetura do Pará (1964), atendendo à necessidade de engenheiros que ambicionavam expandir sua atuação na área da construção civil.

Mesmo antes do título de Arquiteto, Camillo projetou obras emblemáticas, como a Casa Belisário Dias, uma de suas obras que reúne mais elementos e soluções da arquitetura moderna, como arcos, marquises, *brise-soleil*, *cobogós*, transparências, “telhado borboleta”, planta livre. Esta residência encontra-se em processo de tombamento em nível

estadual. Camillo projetou centenas de obras, com destaque para os numerosos projetos residenciais como a Casa Moura Ribeiro (1949) considerada pelo próprio como a primeira casa moderna “autêntica” de Belém. Suas obras tiveram grande aceitação dentre a elite e revelavam variadas tendências da linguagem moderna da arquitetura, lidas de maneira inventiva e de acordo com as especificidades da nossa região e clima.

Camillo empreendia viagens nacionais e internacionais que contribuíram para seu repertório arquitetural. O arquiteto e engenheiro também assinava projetos institucionais e privados como bancos, clubes, casas noturnas - seu último projeto foi a Boate Gemini, administrada por ele e seu irmão.

SETRAN

SECRETARIA DE ESTADO DE TRANSPORTES

ANO	1957
PROJETO	Camillo Porto de Oliveira
LOCAL	Av. Almirante Barroso, 3639, Souza Belém - PA
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Institucional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Protegido legalmente

Enquanto renomado profissional de referências modernas, Camillo Porto foi incumbido de um projeto que expressasse a renovação estética disseminada no período e representasse a funcionalidade e eficiência dos órgãos públicos, de modo a concentrar todas as atividades como concebeu no programa para o edifício Affonso Freire.

Destacam-se nesta obra a escultórica rampa externa e o mural pastilhado de autoria do arquiteto Alcyr Meira, que revelava a integração entre artistas e arquitetos naquele período. O conjunto arquitetônico e paisagístico do Setran é tombado em nível estadual (SECUT-DPHAC).

Esse edifício traduz as relações entre a necessidade de um espaço para sediar as políticas da nova concepção rodoviarista no país, bem como é a marca

das conexões sociais de Camillo, em que amizades e autoridades locais se entrelaçam na pessoa do encomendante, como é o caso do engenheiro Belisário Dias, diretor do DER à época e também cliente de outro projeto seu: a Casa Belisário Dias.



SEDE CAMPESTRE

TUNA LUSO BRASILEIRA

ANO	1957
PROJETO	Laurindo Amorim
LOCAL	Av. Almirante Barroso, 4110, Souza Belém - PA
GESTÃO	Privada
TIPOLOGIA	Lazer/Equipamentos públicos
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Sem proteção legal

O engenheiro português Laurindo Antônio Gonçalves Amorim veio para Belém em meados do século XX. Embora provavelmente já tivesse atuado como empreiteiro em Portugal, não possuía uma formação oficial. Neste sentido, em 1954 iniciou o curso de Engenharia Civil na Escola de Engenharia do Pará (EEP), tendo sido contemporâneo de grandes nomes da arquitetura moderna como Camillo Porto, do qual, inclusive, foi aluno durante a graduação.

Era comum que os engenheiros formados àquela altura realizassem um curso de adaptação no então recém-criado curso de Arquitetura da Universidade Federal do Pará, para a obtenção do título de Engenheiros-Arquitetos. No entanto, Laurindo optou por manter apenas o título de engenheiro. Apesar disso, suas obras também eram dotadas de um arrojado

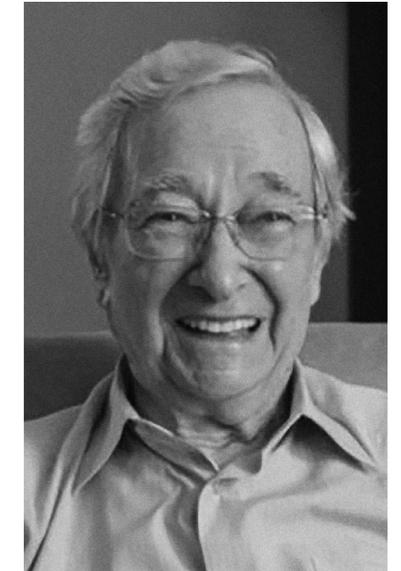
sistema formal e estrutural singular. É o caso da Sede Campestre da Tuna Luso Brasileira (1957), clube do qual Laurindo era sócio. Tal obra se impõe escultoricamente na paisagem do Bairro do Souza. O projeto segue a linguagem da arquitetura moderna até então produzida no Brasil, expondo estruturas em concreto armado, tais como o telhado mariposa, a rampa de acesso, os pilares em V, além das marquises de entrada, trampolins e o estandarte do clube.

Ademais, um dos grandes marcos visuais da sede é o volume circular envidraçado, sustentado por pilotis, onde funcionava a boate do clube. Dentre outras obras significativas na trajetória de Laurindo Amorim está o Edifício Importadora (1954), sua primeira incorporação, à época, considerado um dos mais altos e requintados prédios da cidade de Belém.

SERPRO

SERVIÇO FEDERAL DE PROCESSAMENTO DE DADOS

ANO	1982
PROJETO	Alcyr Meira
LOCAL	Av. Perimetral, 2010, Terra Firme Belém - PA
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Institucional
ESTADO	Inativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Sem proteção legal



Fonte: CAU/PA.



Alcyr Boris de Souza Meira é um Engenheiro-Arquiteto belenense nascido em 1934. Graduou-se pela Escola de Engenharia do Estado do Pará (1956) e, em 1964 iniciou sua formação em Arquitetura na primeira turma do curso especial de adaptação para engenheiros, na Universidade Federal do Pará, obtendo seu diploma de arquiteto em 1966.

Com sua experiência como engenheiro e arquiteto, foi responsável por um vasto número de obras na cidade de Belém, no âmbito público e privado, e certamente contribuiu para seu alcance de seu trabalho, o círculo social em que se movia, que permitia que dialogasse tanto com os profissionais liberais – que foram os impulsionadores pioneiros da arquitetura moderna em Belém – como com o Estado como instituição.

Destaca-se, dentre seus projetos institucionais, a Cidade Universitária José da Silveira Netto (campus pioneiro da UFPA) de 1968. Ainda no âmbito institucional, projetou a Sede do Serviço Federal de Processamento de Dados (SERPRO - Regional Belém) no início da década de 1980. Nesta obra, Alcyr utilizou o concreto armado como sistema estrutural, de elementos nítidos na fachada.

O concreto aparente, a cobertura robusta, as fachadas envidraçadas e os elementos estruturais ritmados e marcados, traduzem a modernização aspirada na arquitetura institucional. O projeto conta com aberturas no vão entre a laje e o forro que viabilizam conforto térmico e isolamento acústico, além de proteção contra a umidade.

BIBLIOGRAFIA

CARVALHO, B. M. de. *Arquitetura Pública Moderna: Uma Caracterização entre Tipologia e Lugar na Cidade de Belém*. 121 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.

CHAVES, C. *Arquitetura moderna e Estado na capital do Pará: contribuições para a construção do campo historiográfico*. In: TOSTES, J. A. (Org.). *Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo na Amazônia*. Macapá: Unifap Editora, p. 133-153, 2019.

CHAVES, C.; BELTRÃO, B.; DIAS, R. *Dossiê Docomomo-PA [Documentação para criação do Núcleo Docomomo Pará]*. Laboratório de Historiografia da Arquitetura e Cultura Arquitetônica – Universidade Federal do Pará. Belém, PA, Brasil. Recuperado de: https://docomomo.org.br/wpcontent/uploads/2019/11/dossie%CC%82-completo-Docomomo_PA.pdf

CHAVES, Celma *et al.* O público e o privado: obras de referências modernas de Camilo Porto de Oliveira e Alcyr Meira. In: 7º DOCOMOMO N-NE, 7., 2018, Manaus. *Anais... do 7º Docomomo N-NE*. Manaus: UFAM, 2018. p. 1 - 19

CHAVES, C. *Arquitectura en Belém entre 1930 - 1960: Modernización com lenguajes cambiantes*. 287 f. Tese (Doutorado) - Departamento de Composición Arquitectónica, Universidad Politécnica de Cataluña. Barcelona, 2004.

CHAVES, C. Modernização, inventividade e mimetismo na arquitetura residencial em Belém entre as décadas de 1930 e 1960. *Risco - Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo*, [S. l.], n. 8, p. 145-163, 2008. DOI: 10.11606/issn.1984-4506.v0i8p145-163. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/risco/article/view/44757>. Acesso em: 22 ago. 2023.

CHAVES, C.; DIAS, Rebeca. *Solicitação de tombamento do conjunto edificado da arquitetura moderna em Belém*. Belém: Lahca-UFPA, Documento encaminhado ao IPHAN-PA, 17 p., 2018.

GRIBEL, Renata *et al.* *Arquitetura moderna na sede campestre da Tuna Luso Brasileira em Belém do Pará*. In: SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL, 9., 2011, Brasília. *Artigo*. Recife: Edufpe, p. 01-12, 2011.

TAVARES, J. B. *Os tempos da arquitetura moderna: Permanência, obsolescência e conservação. Duas casas de Camillo Porto em Belém*. 2022. 276 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Pará, Belém, 2022

AMAPÁ

ANA KARINA RODRIGUES

Doutoranda em Arquitetura | FA-ULisboa
Professora da Universidade Federal do Amapá | UNIFAP
ana.karina.rodrigues.ap@gmail.com

ANNELI MARICIELO CÁRDENAS CELIS

Doutoranda em Arquitetura | FA-ULisboa
Professora da Universidade Federal do Amapá | UNIFAP

RAYSA OLIVEIRA SPÍNDOLA

Mestre em Urbanismo | PROURB UFRJ
Professora da Universidade Federal do Amapá | UNIFAP

JOÃO MAGNUS BARBOSA LEITE PEREIRA PIRES

Mestre em Urbanismo | PROURB UFRJ
Professor da Universidade Federal do Amapá | UNIFAP

“Como marco deste moderno no extremo norte da Amazônia Setentrional, é construído o maior objeto de referência da arquitetura moderna na Amazônia Brasileira...”

A. RODRIGUES; A. CELIS; R. SPÍNDOLA; J. PIRES

O Amapá está situado no extremo norte do Brasil, na fronteira francesa com a Guiana Francesa, e tem como capital a cidade de Macapá, situada na latitude 0°, 4' e 0", e de clima equatorial úmido, possuindo como características de sua paisagem natural, a orla do Rio Amazonas que banha os municípios de Macapá e Santana, tendo os indicadores de preservação ambiental mais expressivos do país. De sua localização extrai-se imaginariamente a Linha do Equador, marcada pela obra do Monumento que leva seu nome, Monumento do Marco Zero do Equador, construído entre os anos de 1979 e 1985.

Como referência à arquitetura do início da cidade de Macapá, podemos citar a Fortaleza de São José de Macapá (1764-1782), de autoria do engenheiro Antonio Henrique Galúcio, maior fortificação de projeto português na América Latina do século XVIII. É neste contexto de paisagem natural que durante o século XX, muitos arquitetos nascidos na própria Amazônia ou de outras partes do Brasil e do mundo, desenvolveram projetos, que após construídos transformaram o lugar, ainda definido por uma arquitetura colonial.

A história da arquitetura e urbanismo moderno no estado do Amapá, se inicia ainda no período em que politicamente era o Território Federal do Amapá (1943-1988), e avança até a criação do estado do Amapá, em 05 de outubro de 1988, com a promulgação da atual Constituição Federal. Como marco deste moderno no extremo norte da Amazônia Setentrional, é construído o maior objeto de referência da arquitetura moderna na Amazônia Brasileira, as Vila Serra do Navio e Vila Amazonas (1961-62), Obra 01, no município de Santana. São dois núcleos urbanos distantes 200 Km, um na mina e outro no porto, de autoria do arquiteto Oswaldo Arthur Bratke, projeto desenvolvido da escala da mão, passando pela escala do edifício, indo até a escala da cidade, para servir a exploração mineral do manganês.

Para esta publicação traremos a arquitetura nas cidades de Macapá, capital do estado do Amapá e Santana, segundo maior município em população do estado, que teve seu crescimento e sua existência motivados pela arquitetura de Oswaldo Arthur Bratke, pertencente ao projeto de exploração mineral da mineradora ICOMI na década de 1960. Os projetos apresentados aqui, possuem características

do período modernista ou tardo modernista ou moderno tardio, pois o Movimento Moderno entendido classicamente nasce na Europa no pós-I Guerra, no início do século XX, se manifestando no Brasil primeiro na cidade do Rio de Janeiro através do arquiteto Lúcio Costa, que leva fortes influências a gerações de arquitetos por todo o Brasil nas décadas seguintes.

Essa onda tardia trouxe para o Amapá além de Oswaldo Arthur Bratke, arquitetos como Vilanova Artigas, cuja produção exuberante, encontrou grande destaque em uma cidade pequena do extremo norte do Brasil, e com a modernidade praticada na Escola Paulista de arquitetura. Os edifícios escolhidos na produção de Artigas, são marcados pela estética Brutalista, que surge no contexto do pós-II Guerra, entre as décadas de 1950 a 1970, tendo características pelo uso marcante de materiais construtivos.

Vilanova Artigas vem em 03 momentos, na Obra 02 - Secretaria de Estado de Infraestrutura do estado do Amapá-SEINF/GEA, anteriormente chamada de Secretaria de Obras e Serviços-SOSP, que conserva o mesmo uso, porém com inúmeras intervenções no

projeto original, que vão desde alterações no espaço interno, no acabamento e nas cores originais.

Na Obra 03 - Batalhão da Polícia Militar do Amapá, antigo Quartel da Guarda Territorial do Governo Federal do Amapá, verifica-se a exemplo da obra anterior, a manutenção do uso, salientando-se a alteração nas cores que recobrem a superfície de concreto, mudando significativamente o aspecto estético.

É na Obra 4 - Escola Estadual Tiradentes, que as alterações foram mais radicais, ao ser inserido um grande telhado em telha cerâmica sobre a estrutura brutalista de concreto, motivada pelos efeitos do clima local sobre a estrutura puramente em concreto, necessitando de intervenção para adequação ao clima.

E finalmente trazemos a Obra 5 - Estádio Milton de Souza Corrêa, popularmente chamado de estádio Zerão, pela escolha na utilização da linha imaginária do equador como divisão do campo de jogo, caracterizando o partido arquitetônico, com a autoria de arquitetos amazônidas Oscarito Antunes do Nascimento, Chikahito Fujishima e Ubiratan Homobono.



SANTANA

1. VILA AMAZONAS



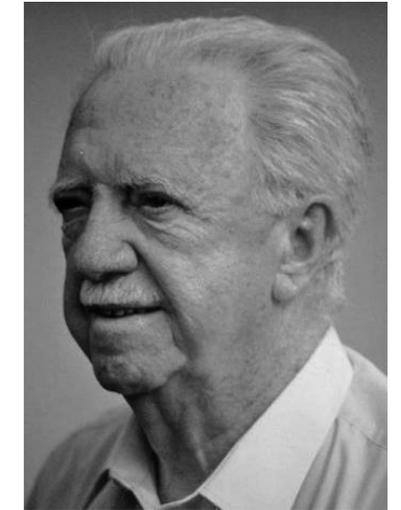
MACAPÁ

- 1. SECRETARIA DE ESTADO DA INFRAESTRUTURA DO AMAPÁ
- 2. ESCOLA ESTADUAL
- 3. BATALHÃO DA POLÍCIA MILITAR
- 4. ESTÁDIO ZERÃO



VILA AMAZONAS

ANO	1961
PROJETO	Oswaldo Arthur Bratke
LOCAL	Santana - AP
GESTÃO	-
TIPOLOGIA	Resid. Unifamiliar
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Sem proteção legal



Fonte: Reprodução

A urbanização de Serra do Navio foi concebida pelo arquiteto paulista Oswaldo Arthur Bratke, uma das figuras proeminentes do Movimento Modernista no Brasil. Conforme observado por Segawa, Bratke destacou-se como um fervoroso defensor da autonomia e da dedicação exclusiva ao projeto, já em 1940, sendo apenas superado por Rino Levi como o primeiro arquiteto brasileiro a adotar essa abordagem. Bratke se distinguiu da corrente funcionalista predominante no urbanismo da época, embora não tenha renegado completamente as premissas racionalizantes desse modelo. Ele demonstrou grande cuidado ao incorporar núcleos urbanos e ao projetar edifícios que se harmonizassem com o ambiente amazônico e estabelecesse uma conexão autêntica com a cultura local.



SECRETARIA DE ESTADO INFRAESTRUTURA DO AMAPÁ



Fonte: Acervo Vilanova Artigas

ANO	1970
PROJETO	João Batista Vilanova Artigas
LOCAL	Avenida FAB, 1276 - Bairro Central, Macapá - AP
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Institucional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Sem proteção legal

Conforme citado por Tostes e Tavares (2015), na década de 1960, um dos marcos notáveis da expressão da arquitetura moderna em Macapá é a construção de três impressionantes obras projetadas pelo renomado arquiteto João Batista Vilanova Artigas. Pertencente à Escola Paulista, Vilanova Artigas teve um papel de destaque no panorama arquitetônico nacional, caracterizado por uma abordagem que enfatizava a estrutura e fazia uso do concreto armado aparente em suas criações.

A oportunidade para Vilanova Artigas conceber projetos no Amapá surgiu durante o período em que os governos militares assumiram o controle do estado. Curiosamente, esse foi o mesmo momento em que ele se afastou de suas atividades acadêmicas na Universidade de São Paulo (USP). Esse período

representa, de acordo com especialistas, a terceira fase de sua carreira, caracterizada pela elaboração de edifícios públicos de maior escala e pela influência substancial na configuração dos espaços. A obra de Artigas foi profundamente moldada pelo contexto histórico e político em que viveu, em meio a transformações e uma busca pela identidade nacional, refletindo um perfil engajado e idealista que se traduzia de forma prática em seus projetos.

BATALHÃO DA POLÍCIA MILITAR

ANO	1971
PROJETO	João Batista Vilanova Artigas
LOCAL	Rua Jovino Dinoá, 3671. Bairro Beírol, Macapá - AP
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Institucional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Sem proteção legal

Conforme citado por Tostes e Tavares (2015), na década de 1960, um dos marcos notáveis da expressão da arquitetura moderna em Macapá é a construção de três impressionantes obras projetadas pelo renomado arquiteto João Batista Vilanova Artigas. Pertencente à Escola Paulista, Vilanova Artigas teve um papel de destaque no panorama arquitetônico nacional, caracterizado por uma abordagem que enfatizava a estrutura e fazia uso do concreto armado aparente em suas criações.

A oportunidade para Vilanova Artigas conceber projetos no Amapá surgiu durante o período em que os governos militares assumiram o controle do estado. Curiosamente, esse foi o mesmo momento em que ele se afastou de suas atividades acadêmicas na Universidade de São Paulo (USP). Esse período

representa, de acordo com especialistas, a terceira fase de sua carreira, caracterizada pela elaboração de edifícios públicos de maior escala e pela influência substancial na configuração dos espaços. A obra de Artigas foi profundamente moldada pelo contexto histórico e político em que viveu, em meio a transformações e uma busca pela identidade nacional, refletindo um perfil engajado e idealista que se traduzia de forma prática em seus projetos.



ESCOLA ESTADUAL

TIRADENTES

ANO	S/D
PROJETO	João Batista Vilanova Artigas
LOCAL	Avenida FAB, 128 - Bairro Santa Rita, Macapá - AP
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Educacional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Sem proteção legal

Conforme citado por Tostes e Tavares (2015), na década de 1960, um dos marcos notáveis da expressão da arquitetura moderna em Macapá é a construção de três impressionantes obras projetadas pelo renomado arquiteto João Batista Vilanova Artigas. Pertencente à Escola Paulista, Vilanova Artigas teve um papel de destaque no panorama arquitetônico nacional, caracterizado por uma abordagem que enfatizava a estrutura e fazia uso do concreto armado aparente em suas criações.

A oportunidade para Vilanova Artigas conceber projetos no Amapá surgiu durante o período em que os governos militares assumiram o controle do estado. Curiosamente, esse foi o mesmo momento em que ele se afastou de suas atividades acadêmicas na Universidade de São Paulo (USP). Esse período

representa, de acordo com especialistas, a terceira fase de sua carreira, caracterizada pela elaboração de edifícios públicos de maior escala e pela influência substancial na configuração dos espaços. A obra de Artigas foi profundamente moldada pelo contexto histórico e político em que viveu, em meio a transformações e uma busca pela identidade nacional, refletindo um perfil engajado e idealista que se traduzia de forma prática em seus projetos.



ESTÁDIO ZERÃO

ESTÁDIO ESTADUAL MILTON DE SOUZA CORRÊA

ANO	1989
PROJETO	Oscarito Antunes do Nascimento, Chikahito Fujishima, Manoel Ubiratan Homobono
LOCAL	Rua do Estádio Zerão - Jardim Marco Zero, Macapá - AP
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Lazer/Equipamentos públicos
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Sem descaracterizações
PROTEÇÃO	Sem proteção legal



Foto: Oscarito Antunes do Nascimento



Conforme Barros (2023), Oscarito Antunes do Nascimento nasceu em 12 de janeiro de 1949 na cidade de São Paulo de Olivença no interior do Amazonas. Passou parte de sua infância na cidade de Forte Príncipe da Beira em Rondônia e iniciou a graduação em Arquitetura pela Universidade Federal do Pará (UFPA) em 1970, concluindo em 1975.

Segundo Teles (2011) Chikahito Fujishima, cujo nascimento ocorreu em 10 de janeiro de 1947 na cidade de Kumamoto-Kem, no Japão, é filho do oficial do exército japonês Matao Fujishima e da professora Sueko Fujishima. Em 6 de setembro de 1953, chegaram juntos a Macapá. Ele ingressou na Universidade Federal do Pará - UFPA no ano de 1971, matriculando-se no curso de Arquitetura, e concluiu sua graduação em 1975.

Manoel Ubiratan Homobono possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Pará (1977). Tem experiência na área de Engenharia Civil, com ênfase em Arquitetura e Urbanismo e Paisagismo.

BIBLIOGRAFIA

BARROS, D. *A Produção Projetual do arquiteto Oscarito Antunes do Nascimento na Amazônia Amapaense: Proposta do Núcleo de Acervo e Documentação da Arquitetura para a nova biblioteca do Campus Marco Zero da UNIFAP*. Curso de Arquitetura e Urbanismo da UNIFAP (Trabalho de Conclusão de Curso). Macapá, 2023.

CANTUÁRIA, E; SILVA, J; CANTUÁRIA, E. *Memórias Devastadas: O Recente Processo de Transformação Urbana e a Dilapidação do Patrimônio Arquitetônico Moderno de Macapá - AP*. 5º Seminário DOCCOMOMO Norte/Nordeste - Projeto, Obra, Uso e Memória. Fortaleza, 2014.

GALIANO, L; CARVALHO, B. *O Patrimônio Modernista na Amazônia: Macapá, Santana e Serra do Navio*. IV Enanparq, 2016.

TELES, A. *Vida e Obras do Arquiteto Chikahito Fujishima, 2011*. Disponível em: <https://aluizoteles1.blogspot.com/2011/06/vida-e-obras-do-arquiteto-chikahito.html>

TOSTES, J; TAVARES, A; *Macapá, cidade modernista na Amazônia - A memória edificada nas obras de Vilanova Artigas, 2015*. Disponível em: <https://josealbertostes.blogspot.com/2015/01/macapa-cidade-modernista-na-amazonia.html>.

TOCANTINS

WALFREDO ANTUNES DE OLIVEIRA FILHO

Doutorando em Urbanismo | FA.Ulisboa

Professor aposentado da Universidade Federal do Tocantins | UFT

walfredo_arq@hotmail.com

“O projeto de Palmas deriva das disposições constitucionais de 1988, que, ao criar o Estado do Tocantins, dispôs sobre a existência de uma Capital...”

WALFREDO ANTUNES

O projeto de Palmas deriva das disposições constitucionais de 1988, que, ao criar o Estado do Tocantins, dispôs sobre a existência de uma Capital para a nova unidade federativa. O Governo Provisório então instalado, recorreu ao GrupoQuatro, empresa goiana com experiência nesta escala de projetos urbanos, para os trabalhos necessários, que iniciaram com a escolha do local da Capital no território estadual, resolvendo edificar uma nova cidade ao invés de escolher uma das existentes. Foi realizado um estudo sobre isto, com dados derivados e atualizados de um trabalho anterior sobre a rede urbana de Goiás, na parte que coube ao novo Estado. Apresentado à Assembleia Constituinte estadual, tais trabalhos resultaram na seleção de uma, dentre quatro áreas apresentadas, para localização da construção.

A partir daí, foi elaborado um projeto de desenho urbano, que tem como marca principal uma malha ortogonal, adaptada à topografia, resultando em largas avenidas, e áreas a serem desenvolvidas uma a uma. Conforme as prescrições originais, estas grandes quadras deveriam ter, sendo possível, lados de 700 m, isto partindo do pressuposto de que um

transeunte pudesse caminhar a metade desta distância em boas condições, até as vias de maior circulação. Houve determinação de uma hierarquia de equipamentos, segundo raios de atendimento pertinentes, dos equipamentos de saúde e educação, incluindo aí outros casos a exemplo das estações de serviço automotivo. O comércio foi dividido em Local, servindo à cada quadra, Vicinal, nas vias mais importantes para o comércio de porta a porta, e de Serviços Urbanos, para toda a cidade, localizados no eixo principal Norte – Sul, sendo os Serviços Regionais prescritos para localizarem-se às margens da rodovia que margeia a malha urbana a leste.

De mesmo modo, a faixa de terras às margens do lago então previsto, da Usina Luiz Eduardo de Magalhães, já existente, foram destinadas ao Lazer e Recreação de toda a população. Palmas conta hoje com cerca de 300 mil habitantes, seguindo em termos satisfatórios o plano original, que resultou em robusta quantidade de áreas verdes, pois tendo considerado na primeira divisão geral os 35% de áreas livres exigidas pela Legislação, cada quadra, em seu desenho, deve prever igual quantidade em seu parcelamento.



PALMAS

1. TRIBUNAL DE CONTAS
2. ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
3. PLANO DIRETOR
4. ORLA DE PALMAS
5. PLANO DE OCUPAÇÃO URBANA

0 1,5 3 km

PLANO DIRETOR

PALMAS

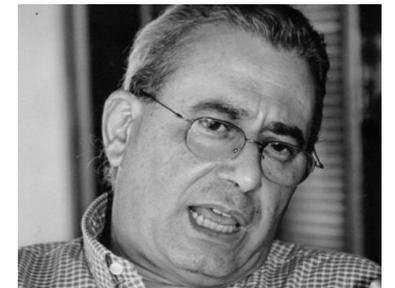
ANO	1988
PROJETO	Luiz Fernando Cruvinel Teixeira, Walfredo Antunes de Oliveira Filho
LOCAL	Palmas-TO
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Plano Urbano
ESTADO	Ativo
CONSERV.	-
PROTEÇÃO	Sem proteção legal

Luiz Fernando Cruvinel Teixeira é arquiteto, Urbanista e professor, nascido em Goiânia-GO em 1943, graduado em 1968 pela Universidade de Brasília, pós-graduado em Estudos Tropicais e em Planejamento e Desenho Urbano pela Architectural Association School of Architectural – AA, Londres, Inglaterra.

Durante os 55 anos de profissão trabalhou nos Estados Unidos e na Inglaterra com os arquitetos Tasso Katselas e Timothy Rendle, respectivamente. Em Goiânia, elaborou projetos de arquitetura, desenho urbano e planos diretores, destacando-se a coautoria do projeto urbanístico da cidade de Palmas, Capital do Estado do Tocantins.

Fez parcerias em diversos projetos com os arquitetos Jaime Lerner, Lubomir Ficinski, Paulo Mendes da Rocha e com os arquitetos paisagistas Rosa Kliass,

Fonte: <https://grupoquatro.com.br/portfolio/plano-diretor-palmas/>



Luiz Fernando e Walfredo Antunes

Ciça e Michel Gorski. Em 1989, foi-lhe outorgado pelo Conselho Superior do Instituto de Arquitetos do Instituto de Arquitetos do Brasil, o Diploma de Mérito do IAB 80 Anos em reconhecimento aos relevantes serviços prestados à Arquitetura e ao Urbanismo.

Walfredo Antunes de Oliveira Filho é arquiteto, graduado pela Universidade Católica de Goiás, após parte do curso na Faculdade de Arquitetura da Universidade Mackenzie. Especializações em Paisagismo e Transporte Urbano. Tem Mestrado em Planejamento Urbano e Regional pela London School of Economics. Trabalhou em diversos projetos no GrupoQuatro, Goiânia vários em escala urbana. Professor por 20 anos do Curso de Arquitetura da Universidade Federal do Tocantins. Aposentado, continua suas atividades como profissional liberal.

ORLA DE PALMAS

ANO	1988
PROJETO	GrupoQuatro
LOCAL	Plano Diretor Sul, Palmas - TO
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Plano Urbano
ESTADO	Ativo
CONSERV.	-
PROTEÇÃO	Sem proteção legal

O Projeto Orla de Palmas é a urbanização de uma área lindeira da Orla e de uma faixa de terra de aproximadamente 1.968ha para atender às necessidades urbanísticas complementares.

O Projeto tem por objetivo ocupar essas áreas integrando a cidade ao lago, criando espaços de uso misto dedicados à habitação, turismo, lazer, entretenimentos, comércio e serviços. Ele prevê o assentamento de uma população de 60.000 habitantes e vários equipamentos urbanos, tais como *shopping*, marina, parques lineares, equipamentos de esportes, praias, etc. Será reservada também uma área denominada Esplanada do Lago, com características especiais, própria para instalação de equipamentos de apoio aos usuários da orla.

PLANO DE OCUPAÇÃO URBANA

REGIÃO SUL DE PALMAS

ANO	1988
PROJETO	GrupoQuatro
LOCAL	Avenida Joaquim Teotônio Segurado, s/n Plano Diretor Expansão Sul, Palmas - TO,
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Plano Urbano
ESTADO	Não construído
CONSERV.	-
PROTEÇÃO	-



ASSEMBLEIA LEGISLATIVA

PALÁCIO DEPUTADO JOÃO D'ABREU

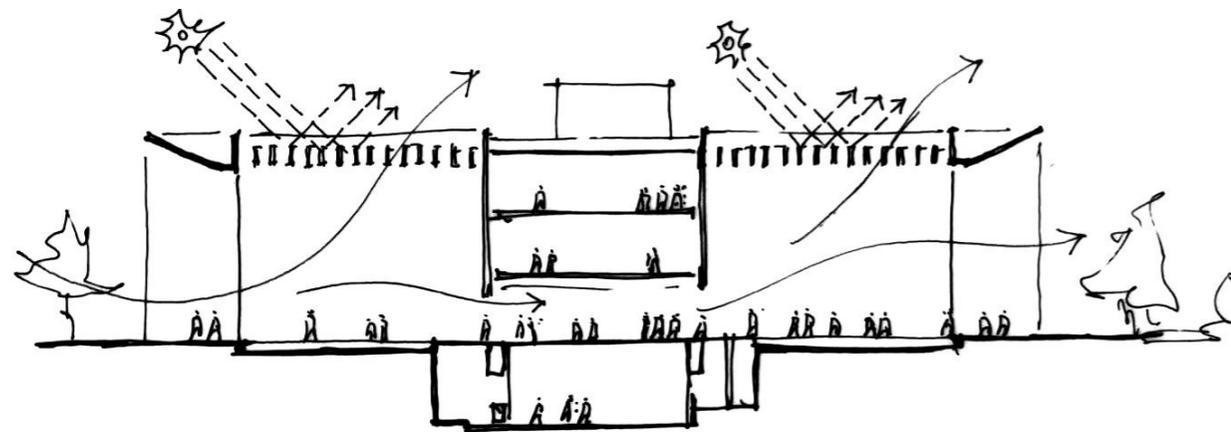
ANO	1995
PROJETO	GrupoQuatro
LOCAL	Palácio Deputado João D'Abreu-Praça dos Girassóis Plano Diretor Norte, Palmas - TO,
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Institucional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Sem descaracterizações
PROTEÇÃO	Sem proteção legal

A solução arquitetônica da Assembleia Legislativa explora elementos de natureza bioclimática como planos verticais de sombreamento, pérgulas e estruturas que filtram o sol, abas e quebra-sóis de proteção para os panos de vidros e pátios associados à espelhos d'água.

A própria organização da planta espelha a ideia de resguardar o interior do edifício do severo clima da cidade. A volumetria prismática de linhas horizontais se articula internamente como o conjunto de três

pavimentos sobrepostos em forma de "H", gerando dois pátios simétricos.

Para essas áreas protegidas por pérgulas, interligadas no nível do térreo e orientadas de modo a captar ventos dominantes, voltam-se grande parte dos interiores. São espaços de acolhida, de transição entre a vida urbana e as atividades legislativas, articulando-se francamente com a praça ao redor, promovendo certas ideias de continuidade e urbanidade nem sempre consideradas no Brasil.

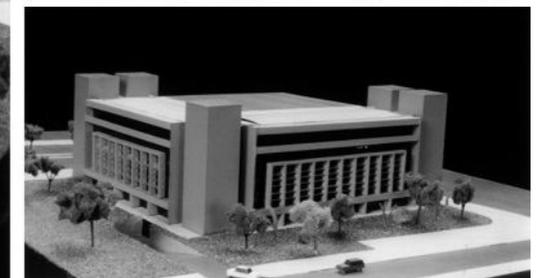
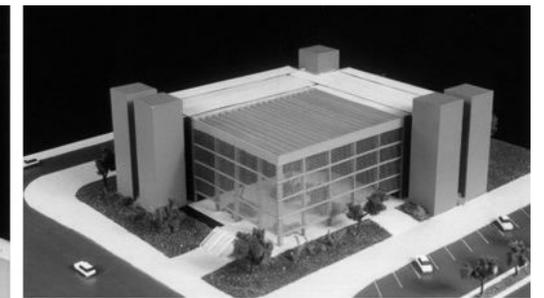
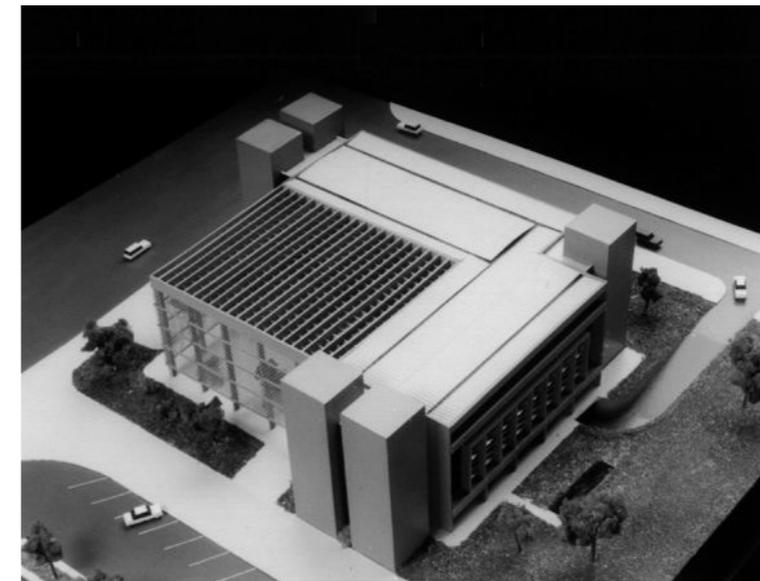




TRIBUNAL DE CONTAS DO ESTADO

ANO	1999
PROJETO	GrupoQuatro
LOCAL	Plano Diretor Norte, Palmas
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Institucional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	-
PROTEÇÃO	Sem proteção legal

Situado na Avenida Teotônio Segurado, o edifício segue os princípios da sobriedade formal e austeridade construtiva, associados aos princípios bioclimáticos. A forma prismática deriva da associação entre a configuração em “L” das funções administrativas e a praça de acolhimento, protegida da insolação por pérgulas e painos de alvenarias vazadas, a fim de filtrar a luz e permitir a ventilação, amenizando o clima local.





PARTE 2 REGIÃO NORDESTE



Seminário Regional do Nordeste, Pernambuco
Foto: Alcília Afonso

MARANHÃO

GRETE PFLUEGER

Doutora em Urbanismo | PROURB UFRJ

Professora associada I da Universidade Estadual do Maranhão | UEMA
gretepfl@gmail.com

“Em São Luís, as modernidades surgiram de fora para dentro, no contexto da cidade colonial...”

GRETE PFLUEGER

As modernidades chegaram no Nordeste do Brasil e na Amazônia legal de diferentes formas e com certas particularidades. Em São Luís, capital do estado do Maranhão, destacamos que elas surgiram de fora para dentro, no contexto de um Estado que ficou economicamente isolado e obsolecente, na virada do XIX para o início do século XX, depois da queda do algodão e da falência das fábricas, na expectativa de que o babaçu alavancaria a economia em busca de novas oportunidades econômicas.

Neste contexto, a arquitetura moderna surgiu na capital do estado, São Luís, incentivada por alguns fatores externos e nacionais como: a construção das sedes dos edifícios públicos institucionais federais como a Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima/RFFSA, Correios, Departamento Nacional de Estradas de Rodagem/DNER e o Instituto Nacional do Seguro Social/INSS; as renovações urbanas do Rio de Janeiro, no âmbito da Era Vargas (1937-45), pela elaboração de três importantes planos urbanos como o plano de embelezamento do urbanista Otacílio Saboya Ribeiro de 1936, o plano de expansão de 1958 do engenheiro Ruy Mesquita e o plano de prefeito Haroldo Tavares e do arquiteto Wit-Olaf Pro-

chnik (1977) que planejou a expansão urbana com as pontes, novas avenidas e a criação do anel viário para proteção e preservação do centro histórico.

Os planos idealizaram a cidade e a arquitetura consolidou a mudança com os novos projetos gerados pela circulação de ideias dos arquitetos, arquitetas e consultores migrantes e peregrinos, que de acordo com Segawa (2014) difundiram a arquitetura moderna pelo país. Os peregrinos trouxeram seus projetos para São Luís incentivando os poucos arquitetos do Maranhão, que formados fora da capital, voltaram para projetar uma nova arquitetura na cidade, e o último fator de difusão foi a criação do curso de arquitetura em 1994 na Universidade Estadual do Maranhão/UEMA.

A maioria destas obras institucionais foi inserida no perímetro do núcleo fundacional e nas áreas de expansão urbana do centro histórico da capital São Luís, que foi reconhecida e inscrita pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura/UNESCO em 1997, como patrimônio da humanidade pela homogeneidade do acervo da arquitetura luso brasileira do século XVIII e XIX.

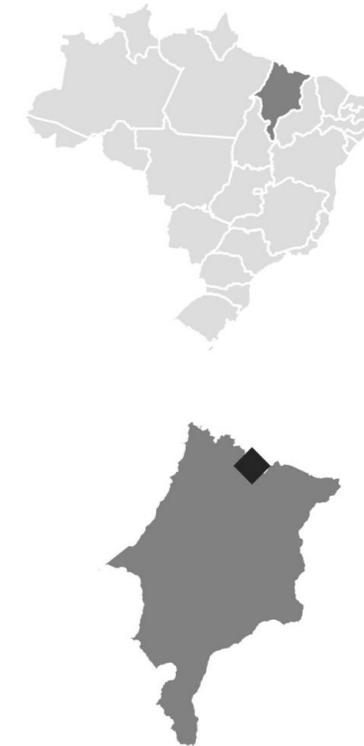
As modernidades dialogaram em harmonias e rupturas com o *skyline* da cidade colonial, transformando e verticalizando o panorama da cidade. As cinco obras escolhidas neste recorte, refletem essa cronologia e iniciam com a construção de edifícios institucionais, como a sede dos Correios (1935), projeto do arquiteto carioca Raphael Galvão, prédio de concreto, implantado na esquina com influências das linhas *art déco*.

Seguido do ímpeto de renovação urbana da “Era Vargas”, com abertura das novas avenidas como a Avenida Getúlio Vargas e a expansão urbana para o bairro do João Paulo com novas linguagens arquitetônicas de 1940 a 1950, onde se instalou o arquitetura do poder com a sede do 24º Batalhão de caçadores (1937-1941).

Culminando na construção do primeiro arranha-céu de estrutura metálica que foi o edifício sede do Banco do estado/BEM (1960-70) que acrescentou em sua fachada a arte do mural do artista maranhense Antônio Almeida destacamos também a produção local do arquiteto maranhense Cleonfurtado (1970-1980) com a residência do arquiteto e sede do Banco da Amazônia.

Finalizamos com a produção institucional do arquiteto peregrino carioca Acácio Gil Borsoi da década de 1980-90 que foi a sede do Hospital do servidor do Estado do Maranhão, edifício em concreto com brises soleis, trazendo as influências do moderno e do brutalismo para a área de expansão urbana do centro de São Luís. Os cinco edifícios traduzem a chegada das modernidades na capital do estado do Maranhão.

Grete Pflueger



SÃO LUÍS

1. HOSPITAL DO SERVIDOR
2. SEDE BANCO DA AMAZÔNIA
3. SEDE DO BEM
4. SEDE DOS CORREIOS
5. 24º BATALHÃO DE CAÇADORES

0 0,75 1,5 km

SEDE DOS CORREIOS

ANO	1933-35
PROJETO	Raphael Galvão
LOCAL	Praça João Lisboa, Centro, São Luís
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Institucional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Sem proteção legal

De acordo com Segawa (2014) foram construídos entre as décadas de 1930-40 mais de 141 agências da empresa Brasileira de Correios e telégrafos em todo o Brasil com edifícios estrategicamente localizados na malha urbana com linhas geometrizadas e influências do art déco. A agência de São Luís foi construída nesta iniciativa no coração do centro histórico, na Praça Joao Lisboa, esquina com a Rua do sol, ao lado do Teatro Arthur Azevedo, com a demolição de um casario colonial para implantação do edifício em concreto com linhas horizontais e verticais com destaque a tipografia das letras da fachada. O autor do projeto foi o arquiteto Carioca Raphael Galvão (1894-1964), autor do cine Roxy de Copacabana.



SEDE DO 24º BATALHÃO DE CAÇADORES

ANO	1937-41
PROJETO	Autoria desconhecida
LOCAL	Avenida São Marçal, s/n, bairro do João Paulo São Luís-MA
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Institucional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Sem descaracterizações
PROTEÇÃO	Sem proteção legal

De acordo com o Guia de São Luís (2008), a obra da sede atual do quartel do 24º BC foi iniciada em 25 de dezembro de 1937, e sua inauguração foi em 19 de abril de 1941, na intendência do Governador Paulo Ramos. O prédio é um uma edificação de grande porte, inserido dentro do complexo que inclui a praça Duque de Caxias, de 1942, e que se situa em frente e uma vila militar na lateral com um conjunto residencial de casas modernistas. O 24º BC situa-se no eixo de expansão urbana que parte do centro histórico de São Luís através da avenida Getúlio Vargas e culmina na avenida Guaxenduba. O quartel do 24º BC é um importante exemplar do Art Déco, edifício emblemático da Arquitetura do Poder na cidade de São Luís, e foi de grande influência para construções posteriores, como a própria Vila Militar e vários outros edifícios públicos. A obra foi inspecionada pelo engenheiro general Manoel Rabelo e chefiadas pelo engenheiro Raimundo Sampaio, a autoria do projeto é desconhecida.

No Maranhão, a Era Vargas, representou um período autoritário de renovações urbanas para capital, mesmo com a economia do Estado decadente. Em 1936, o urbanista José Octacílio de Saboia Ribeiro foi Prefeito de São Luís, capital do Estado, atendendo ao convite do interventor Paulo Ramos e sua gestão tinha por objetivo promover a renovação do Maranhão transformando a velha capital maranhense de perfil colonial em uma cidade moderna. O plano urbano causou muitas polêmicas e resistências, e as ideias de renovação só foram executadas pelo sucessor do prefeito, Pedro Neiva de Santana, que promoveu a demolição do casario colonial para abertura de novas avenidas e construção de novos prédios institucionais. Essas obras, marcos do modernismo na capital, culminaram com a abertura da avenida Getúlio Vargas e a construção do prédio do 24º batalhão caçadores, obras representativas da arquitetura do poder do Maranhão.



Foto: Márcio Vasconcelos, 2017.

SEDE DO BEM

BANCO DO ESTADO DO MARANHÃO

ANO	1963
PROJETO	Lucídio Guimarães Paineis - Antônio Almeida
LOCAL	Praça João Lisboa, Centro, São Luís-MA
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Institucional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Sem proteção legal

Um dos primeiros edifícios em estrutura metálica do Maranhão. A obra da sede do BEM, de autoria de Lucídio Guimarães, foi acompanhada pelo arquiteto Cleon Furtado, maranhense, que foi o chefe do setor de engenharia do Banco do Estado do Maranhão, e foi responsável também pelos projetos de mais de sessenta agências do BEM em todo o Estado do Maranhão.

Lucídio Guimarães Albuquerque, arquiteto formado em 1948 na Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, foi contemporâneo de Sérgio Bernardes e foi um dos arquitetos pioneiros de Brasília. Foi também professor da Universidade de Brasília/UnB. Falecido em 26 de dezembro de 2009.

Antônio Almeida, nascido em Lagoa do Jacaré, próximo ao município de Barra do Corda, no interior do

Maranhão, em 27 de maio de 1922, era um artista plástico autodidata e semianalfabeto. Veio para São Luís em 1948 e em 1950 participou do seleto grupo de artistas frequentadores da Movelaria de Guana- bara, que era um ponto de encontro para os jovens intelectuais.

Foi um dos pioneiros na xilogravura, fez ilustrações para alguns livros, elaborou esculturas e murais pela cidade com técnicas de azulejaria e alto e baixo relevo, tornou-se o primeiro muralista da cidade de São Luís a acrescentar uma arte com a contextualização da cultura e do cotidiano. Uma das obras mais reconhecidas do artista foi o mural "Trabalho, crença e festa", de 340m², elaborado para a fachada sul do edifício sede do BEM.



SEDE DO BANCO DA AMAZÔNIA

ANO	-
PROJETO	Cleon Furtado
LOCAL	Praça Pedro II, Centro, São Luís-MA
GESTÃO	Privada
TIPOLOGIA	Institucional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Proteção legal de conjunto - IPHAN



Fonte: Acervo CAU/MA

Nascido no Maranhão em 1929, Cleon Furtado cursou a faculdade de arquitetura no Mackenzie de São Paulo entre 1950 e 1955, foi contemporâneo de Paulo Mendes da Rocha e influenciado pela Escola Paulista e pela Escola Carioca de Niemeyer e Lúcio Costa.

Cleon Furtado inovou e ousou, divulgando a arquitetura moderna em São Luís através de seus inúmeros projetos de residências modernistas construídas em vários bairros da cidade. Motivado pelas ideias do arquiteto alemão Mies Van der Rohe e sua máxima "less is more", retirando os excessos e valorizando a forma pura. A residência do arquiteto, na Av. Beira Mar, possui influências do projeto da Villa Savoye de Le Corbusier, dentro dos princípios da "Carta de Atenas", com inusitada forma geométrica de um pa-

ralelepípedo de base quadrada sobre pilotis. Nos interiores uma bela escada de concreto se destaca na planta, armários com estruturas de madeiras. Esse padrão geométrico pode ser observado na sede do banco da Amazônia construído no centro de São Luís no núcleo fundacional da cidade, próximo ao Palácio dos Leões, na praça Pedro II. O Imóvel encontra-se em uso.



Foto: Márcio Vasconcelos, 2017.

HOSPITAL DO SERVIDOR DO ESTADO DO MARANHÃO

ANO	1979-82
PROJETO	Acácio Gil Borsoi
LOCAL	Av. Jerônimo de Albuquerque, sn - C 1 Calhau, São Luís
GESTÃO	Público-privada
TIPOLOGIA	Institucional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Sem proteção legal

O Arquiteto Acácio Gil Borsoi (1924-2009), carioca, com grande atuação no nordeste, especialmente em Pernambuco e Piauí, foi autor de vários projetos em São Luís incluindo residências, obra de restauro do Palácio do Leões e o teatro Arthur Azevedo, junto a arquiteta Janete Costa. O projeto do hospital, de 1979, apresenta dois blocos de concreto interligados, horizontais, com planta livre, e na fachada principal um marcante brise soliel de concreto, elemento de vedação e ventilação e destaque para a caixa d'água.



Borsoi em São Luís em 1997.
Fonte: Acervo UEMA.



BIBLIOGRAFIA

COSTA, R. G. R. *Salas de cinema art déco no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ed Apicuri, 2011.

ECOS DA MODERNIDADE: no norte e nordeste brasileiro/AFONSO, A.; LOPES, J. A. V. (Orgs). São Luís: Centro Universitário UNDB, 2023.

GUIA DE SÃO LUIS: São Luís Ilha do Maranhão e Alcântara: guia de arquitetura e paisagem. LOPES, José Antônio Viana (Org.). Sevilla: Consejería de Obras Públicas y Transportes, Dirección General de Arquitectura y Vivienda, 2008.

PFLUEGER, G. Arquitetos peregrinos & Modernidades em São Luís e Alcântara-MA. *Revista Jatobá*, Goiânia, v.2, e- 66347, 2020.

PFLUEGER, G. Detalhes da arquitetura Art déco em São Luís do Maranhão. In: Dossiê de documentação. *Revista Mnemosine/Programa de Pós-Graduação em História*. CH Universidade Federal de Campina Grande. V. 11 n. 2, 2020.

PFLUEGER, G. Arquitetura do poder no Maranhão: O Prédio do 24º Batalhão de caçadores, ícone do Art déco na Era Vargas no Maranhão. *Revista Antíteses*. v. 13, n. 26, 2020.

PFLUEGER, G. *Arquitetura do Século XX: Ideários Urbanos e Linguagens Arquitetônicas. Art déco, moderno e brutalismo em São Luís – MA*. Livro Digital: 978-65-89821-00-7. Eduema. São Luís, 2021.

PFLUEGER, G.; SANTOS, A. K. Modernidades Industriais no Maranhão. *Revista Labor & Engenho*, Campinas, SP, v.13, 1-19, e019021, 2019.

PFLUEGER, G.; LOPES, J. A. *Arquitetura do século XX in São Luís – Ilha do Maranhão e Alcântara: Guia de Arquitetura e Paisagem*. 1 ed. (bilíngue). Sevilla: Dirección General de Arquitectura y Vivienda, 448p., 2008.

SEGAWA, H. *Arquiteturas no Brasil. 1900-1990*. São Paulo: Edusp, 2014.

PIAUI

ALCÍLIA AFONSO

Doutora em projetos arquitetônicos | ETSAB/UPC

Professora adjunta da Universidade Federal de Campina Grande | UFCG

kakiafonso@hotmail.com

“Foi na Escola Carioca, que os arquitetos modernos em Teresina, buscaram suas influências”

ALCÍLIA AFONSO

A linguagem arquitetônica moderna é reconhecida pela adoção de critérios projetuais que adotaram o uso de plantas livres, moduladas, emprego de janelas horizontais em fita, emprego de pilotis, terraços jardins, volumetrias puras, dialogando com espaços transparentes, abstratos, atenção aos detalhes construtivos dos encontros de materiais e soluções estruturais, o diálogo entre arte e arquitetura, entre arquitetura e estrutura.

Tem no pensamento do mestre franco suíço Le Corbusier, nos arquitetos e professores da Bauhaus, como Gropius, Mies Van der Rohe, Marcel Breuer, a sua base teórica e seus projetos precursores. Através do estilo internacional, assim chamado, nas Américas, se expandiu em países norte americanos, latinos, e por outros continentes, tornando-se a forma de expressão arquitetônica mais marcante entre os anos de 1920 e 1970.

A presença dos arquitetos europeus nos Estados Unidos após a explosão da Segunda Guerra Mundial, tais como Richard Neutra, Marcel Breuer, Schindler, Mies Van der Rohe, será fundamental na implanta-

ção dessa linguagem, produzindo um conjunto de obras que influenciou vários outros países.

No Brasil, pode-se afirmar que o paradigma foi Le Corbusier, que através de seus livros, projetos arquitetônicos e as três visitas realizadas em São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília- em momentos distintos- pode ser considerado o personagem que mais influenciou a arquitetura moderna brasileira. A relação dos arquitetos cariocas, como a do mestre Lúcio Costa, e seus discípulos como Oscar Niemeyer, com

Le Corbusier, na década de 30 e 40 do século XX, gerou uma produção que adotou os princípios de modernidade universal, propondo adaptações climáticas, culturais, e construtivas que fizeram com que a arquitetura brasileira moderna se sobressaísse no mundo.

A chamada Escola Carioca, encabeçada por Lúcio Costa, e composta por nomes como Affonso Reidy, Jorge Moreira, Carlos Leão, Sérgio Bernardes, Oscar Niemeyer, os irmãos MM Roberto, entre outros, teve importância fundamental na propagação da linguagem moderna em várias cidades brasileiras.

Sabe-se que em São Paulo, a modernidade arquitetônica também produzia obras exemplares, e despertava interesse o trabalho de Rino Levi, Vilanova Artigas, Oswaldo Bratke, Lina Bo Bardi. A escola paulista divulgava seus trabalhos na revista Acrópole, que era bastante consultada por profissionais brasileiros.

Mas, sem dúvida, foi na Escola Carioca, que os arquitetos que atuaram em Teresina na época da Modernidade precursora, buscaram as suas influências. O Rio de Janeiro era a capital brasileira e sediava a Faculdade Nacional de Arquitetura, e foi nesta escola onde estudaram os arquitetos piauienses Anísio Medeiros, Miguel Caddah e o mineiro que se erradicou em Teresina, em 1967, Antônio Luiz Dutra.

O arquiteto Anísio Medeiros, de família do interior do Piauí, da cidade de Piri-piri, foi para o Rio de Janeiro, onde estudou arquitetura, convivendo com os arquitetos da Escola Carioca, participando do cenário artístico e arquitetônico do Rio de Janeiro, produzindo também painéis artísticos para obras como o Monumento aos Pracinhas, no Aterro do Flamengo; para edifícios do conjunto habitacional de Pedregu-

lho, e em edificações de Cataguazes, tornando-se posteriormente, um grande cenógrafo premiado em nível nacional.

No Piauí, projetou alguns edifícios, como o Igara Clube de Parnaíba, e em Teresina, projetou as casas dos médicos David Cortelazzi e Zenon Rocha, que se tornaram referência de modernidade no cenário local. Infelizmente, a primeira foi demolida para dar lugar a um supermercado, mas a Casa do Dr. Zenon Rocha, conseguiu sobreviver até os nossos dias, encontrando-se tombada em nível estadual, conservando suas características originais.

Pela Escola Carioca também passou o arquiteto piauiense Miguel Caddah, mas diferentemente de Anísio Medeiros, que se instalou definitivamente na capital carioca, Caddah regressou para Teresina e pode desenvolver junto ao Governo Estadual uma profícua produção de arquitetura escolar, pois como arquiteto da Secretaria de Educação do Governo Estadual, projetou edifícios educacionais marcantes e bem solucionados em planta, em volume, e principalmente, do ponto de vista do conforto ambiental,

ao propor grandes panos de cobogós, de esquadrias em venezianas, entre outras soluções.

A obra de Caddah também produziu edifícios religiosos, como Igrejas, não somente em Teresina, mas em várias cidades piauienses. Sua atuação como professor da antiga Escola Técnica Federal, também foi importante, pois esta sua vivência em sala de aula, o proporcionou soluções projetuais coerentes com os usos e necessidades para a criação de espaços educacionais.

Sem dúvida, um dos mais importantes arquitetos desse momento precursor foi o mineiro de Juiz de Fora, erradicado em Teresina, desde 1967, Antônio Luiz Dutra. Estudou também na Faculdade Nacional de Arquitetura do Rio de Janeiro, e levou para a cidade de Teresina, os critérios de modernidade apreendidos na sua formação carioca e os aplicou de forma contundente em sua vasta produção.

Ao debruçar-se sobre o conjunto de obras de Antônio Luiz, pode-se constatar que este profissional era proprietário do escritório particular que mais recebia encomendas e possuía uma clientela grande, desen-

volvendo projetos residenciais, institucionais, e para concursos, que o transformaram em uma referência quando se fala sobre modernidade arquitetônica piauiense, e obras que se tornaram símbolos do acervo moderno teresinense, como os edifícios do Ministério da Fazenda, as sedes bancárias do Antigo Banco do Estado do Piauí/BEP, Instituto Antonino Freire, entre outros.

Alguns arquitetos que moravam em outros Estados, atuaram no Piauí, deixando um legado importante, tais como o carioca erradicado em Recife, Acácio Gil Borsoi, e o mineiro Raul de Lagos Cime. As obras produzidas por Borsoi em Teresina, tais como o prédio sede do Tribunal de Justiça do Piauí, a Assembleia Legislativa, são algumas de seus trabalhos marcantes no Estado. O arquiteto Raul Cime atuou em parceria com a Construtora Seebler, projetando no Estado, obras como o Monumento dos Heróis do Jenipapo, para o Exército brasileiro, no município de Campo Maior, e o Estádio de Futebol Governador Alberto Tavares Silva, em Teresina.

Alcília Afonso



PARNAÍBA

1. IGARA CLUBE

0 0,5 1 km



TERESINA

- 1. TRIBUNAL DE JUSTIÇA
- 2. PARÓQUIA S. TRINDADE
- 3. EQUATORIAL ENERGIA



CAMPO MAIOR

- 1. MONUMENTO DA BATALHA DO JENIPAPO



IGARA CLUBE DE PARNAÍBA

ANO	1951-1953
PROJETO	Anísio Araújo de Medeiros
LOCAL	R. Paraíba, 429-519 - Nossa Sra. do Carmo, Parnaíba-PI
GESTÃO	Privada
TIPOLOGIA	Lazer
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Protegido legalmente



Fonte: Reprodução

O arquiteto Anísio Araújo de Medeiros nasceu em Teresina em 1922, e faleceu no Rio de Janeiro em 2003, aos 80 anos. Graduiu-se em Arquitetura pela Faculdade Nacional de Arquitetura, em 1948. Desenvolveu na região sudeste do país, uma série de trabalhos como arquiteto e panelista, sendo autor de diversos painéis nas cidades do Rio de Janeiro (Monumento aos pracinhas da Segunda Guerra, e no conjunto habitacional de Pedregulho), de Cataquazes (Educandário Dom Silvério), entre outros.

Seguiu carreira como professor universitário e como cenógrafo, área na qual foi bastante atuante. Mas, foi em sua terra natal, o Piauí, que projetou suas primeiras obras arquitetônicas, havendo produzido aqui, poucos, mas significativos exemplares de uma arquitetura moderna. Estas obras estão loca-

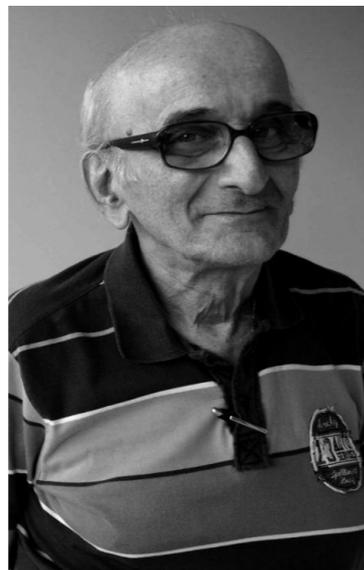
lizadas nas cidades de Teresina e Parnaíba, sendo algumas ainda preservadas, como a Casa Zenon Rocha; outras demolidas, como a Casa David Cortelazzi; outras, descaracterizadas, como o Iate Clube de Teresina, e o Igará Clube de Parnaíba. No Rio de Janeiro, construiu uma sólida carreira docente e artística, desenvolvendo projetos cenográficos para o Teatro e Cinema, trabalhando com os principais grupos teatrais da época, tais como o Teatro Oficina, Teatro Jovem, Grupo Decisão e Teatro do Rio, posteriormente renomeado Teatro Ipanema.



Foto: Alcília Afonso, 2010.

PARÓQUIA SANTÍSSIMA TRINDADE

ANO	1968
PROJETO	Miguel Dib Caddah Filho
LOCAL	Av. Duque de Caxias, Primavera, Teresina-PI.
GESTÃO	Privada
TIPOLOGIA	Religioso
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Sem descaracterizações
PROTEÇÃO	Sem proteção legal



Fonte: Ana Negreiros, 2015

Nascido em 13 de maio de 1936, o arquiteto teresinense Miguel Caddah é descendente de sírios, e estudou arquitetura no Rio de Janeiro, na Faculdade Nacional de Arquitetura, graduando-se em 1959. Após sua formatura, trabalhou com construção civil durante três anos e seis meses numa pequena construtora do Rio de Janeiro (Construtora Jayme Kritz), e em um escritório de arquitetura do colega Mauro Müller. Em 1963, retornou à Teresina, pois foi aprovado em primeiro lugar no Concurso Estadual para arquiteto. Trabalhou na Secretaria de Educação com construções escolares, de 1963 a 1995, sendo chefe da Equipe de Arquitetura e Engenharia Escolar de 1972 a 1980, e chefe do Setor de Projetos Escolares da Empresa de Obras Públicas do Piauí (EMOPPI), entre 1980 e 1987.

Durante esses anos produziu muitas escolas no Piauí, mas, uma de suas obras que merece destaque é a Igreja da Santíssima Trindade em Teresina, considerada um marco da arquitetura moderna do Estado. Foi feita sob encomenda dos padres redentoristas da paróquia de São José Operário, e adotou uma composição de triângulos de forma a lembrar o chapéu das freiras irlandesas que catequizavam na região. O projeto foi elaborado em 1968, e executado em 1969, pela Construtora Itapoã, da Bahia, que trouxe as telhas e a estrutura metálica daquele Estado, pois no Piauí, ainda não se produzia tais materiais. A vedação é feita por panos de combogós desenhados pelo próprio arquiteto. Os materiais utilizados na construção da igreja foram, segundo o arquiteto, aço, alumínio e concreto e, expressa princípios modernos de forma e estrutura pré-fabricada.



EQUATORIAL ENERGIA

ANTIGA CEPISA

ANO	1972
PROJETO	Antônio Luiz Dutra
LOCAL	Av. Maranhão, 759, Centro, Teresina-PI.
GESTÃO	Privada
TIPOLOGIA	Institucional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Sem proteção legal



Fonte: Reprodução

Antônio Luiz Dutra nasceu em Juiz de Fora, Minas Gerais, e aos sete anos foi morar no Rio de Janeiro. Em 1956, aos 21 anos, ingressou na Faculdade Nacional de Arquitetura, no Rio de Janeiro, onde sofreu influências, principalmente do arquiteto Sergio Bernardes, que muito admirava. Após sua graduação em 1961, iniciou uma carreira como arquiteto no Banco Nacional de Minas Gerais S/A, desenvolvendo projetos para agências para várias cidades brasileiras.

A partir de 1964, iniciou trabalhos no Piauí, onde conheceu o engenheiro Lourival Parente, dando início a uma sólida e profícua amizade e parceria profissional. A partir de 1968, se muda definitivamente para Teresina, tornando-se parceiro de Lourival Parente em muitas obras e instalando ali, seu

escritório de arquitetura denominado “Maloca”, que se tornou um dos mais importantes do Estado, projetando obras em todos os segmentos tipológicos. Sempre atencioso e dedicado ao mercado imobiliário e construtivo, produziu excelentes obras, como sedes bancárias, Ministério da Fazenda do Piauí, Palácio do Comércio, a antiga Cepisa/Companhia energética do Piauí e dezenas de residências de alto padrão na cidade de Teresina.



MONUMENTO DA BATALHA DO JENIPAPO

ANO	1972-1974
PROJETO	Raul de Lagos Cirne
LOCAL	Às margens da BR- 343 e do rio Jenipapo. Campo Maior - PI.
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Institucional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Sem descaracterizações
PROTEÇÃO	Protegida legalmente



Fonte: Alcília Afonso, 2013

Raul de Lagos Cirne nasceu no dia 04 de agosto de 1928, em Belo Horizonte. Graduiu-se Engenheiro Arquiteto pela Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, em 1951, quando iniciou suas atividades como arquiteto e uma brilhante carreira profissional, prestando consultoria para diversas instituições, tais como, a CEMIG-Centrals Elétricas de Minas Gerais, para a elaboração de projeto do edifício da sede situado na Av. Barbacena, bairro Santo Agostinho, Belo Horizonte; para a SEEBLA/ Serviços de Engenharia Emilio Baumgart Ltda; para a Engevix-Estudos e Projetos de Engenharia, filial de Belo Horizonte; e para a SUDECAP para estudos de soluções dos sistemas viários da Praça Sete e Praça Raul Soares. Além disso, sempre foi um profissional engajado às associações profissionais, estando vinculado ao IAB/Instituto de Arquitetos do Brasil, no

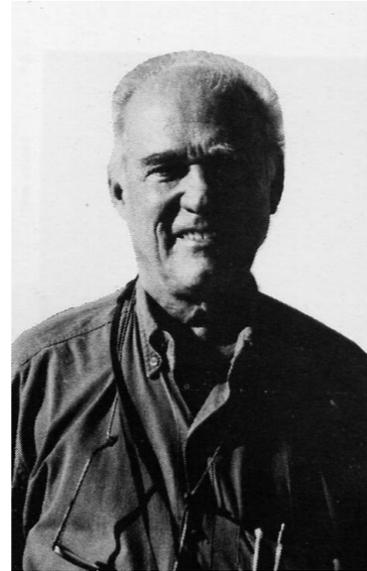
qual foi diretor; à S. M. E. - Sociedade Mineira de Engenheiros, na qual também atuou como diretor e, ao CREA-Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia. Participou de diversos concursos públicos, tendo sido vencedor nos realizados para a sede do Banco do Comércio e Indústria, em 1952 e para a sede do CREA de Minas Gerais, em 1978.

Durante os anos setenta, quando trabalhou em parceria com a SEEBLA, desenvolveu projetos para várias cidades do nordeste brasileiro, inclusive, para o Piauí (Estádio Albertão/Teresina, e o Monumento do Jenipapo/Campo Maior); e na Paraíba (Estádio Ernani Sátiro-Amigão/Campina Grande, e o Estádio Almeidão, em João Pessoa).



TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO PIAUÍ

ANO	1972-1975
PROJETO	Acácio Gil Borsoi e equipe
LOCAL	Praça Desembargador Edgar Nogueira Cabral, Teresina-PI.
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Institucional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Protegido legalmente



Fonte: Reprodução

Borsoi nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 1924. Hesitou em estudar arquitetura ou aviação, mas decidiu-se pela arquitetura, formando-se em 1949, pela Faculdade Nacional de Arquitetura. No final de 1951, após dois anos que se formara, e que estava realizando alguns projetos pequenos na cidade do Rio de Janeiro, resolveu aceitar o convite de seu ex-professor Lucas Mayerhofer para trabalhar como docente na cidade de Recife, na disciplina de Pequenas Composições do curso de Arquitetura da Escola de Belas Artes.

Em Recife, atuou como professor durante vinte e oito anos, e como profissional liberal, possuindo um escritório que juntamente com uma equipe de profissionais, desenvolveu obras por várias cidades não apenas nordestinas, mas também, em outras regiões

brasileiras. Borsoi sempre esteve atento à questão tecnológica relacionada ao trabalho dos arquitetos, afirmando que a racionalização, a coordenação modular e o conhecimento dos processos de construção em maneira geral, são fundamentais nesse processo.

Sua trajetória profissional é traçada em três fases ascendentes e complementares: uma primeira fase, que abrange sua formação no Rio de Janeiro até a década de 1960, quando inicia o momento marcado por um processo de reflexão ou releitura ou revisão dos princípios oficiais; a segunda, quando inaugurou o escritório em 1968, trabalhando com trinta profissionais, projetando prédios comerciais, residenciais e administrativos, e a terceira, quando retomou as atividades no Rio de Janeiro, em 1989.



Foto: Alcília Afonso, 2013.

BIBLIOGRAFIA

AFONSO, A.; NEGREIROS, A. R. *Documentos da Arquitetura Moderna no Piauí*. Teresina: Edufpi, Gráfica Halley, 2010.

AFONSO, A. *Antônio Luiz: Arquiteto*. Teresina: Edufpi, Gráfica Halley, 2012.

AFONSO, A.; MARQUES, R. *Teresina em aquarelas*. Teresina: Edufpi. Gráfica Cidade Verde, 2014.

AFONSO, A. *Arquitetura brutalista no Piauí nos anos 1970*. *Arquitextos*, São Paulo, ano 15, n. 174.02, Vitruvius, dez. 2014. Disponível em: <<http://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/15.174/5367>>. Acesso em: 04.mar.2016.

AFONSO, A.; GUIMARAES, V. *Arquitetura Moderna em Teresina. Guia*. Teresina: Edufpi. Cidade Verde, 2015.

AFONSO, A. *Arquitetura e estrutura: a obra de Raul Cirne em estádios de futebol do Piauí e da Paraíba nos anos 70*. Manaus: 7º Docomomo Norte Nordeste. 2018.

AFONSO, A. *Arquiteturas do sol: resgate da modernidade no nordeste brasileiro*. Teresina: Edufpi, 2020.

AFONSO, A.; SOBREIRA, C. *A presença da arquitetura mineira na construção da paisagem moderna na Paraíba. Estádio Emani Sátyro*. Campina Grande. 1974-1975. In: *Anais,...* do 4º Colóquio Ibero Americano. Paisagem cultural, paisagem e patrimônio. Belo Horizonte. 2016.

COSTA, N. A. S. *O moderno no urbano: reflexos de uma arquitetura escolar no patrimônio cultural de Teresina. (1970-1985)*. Teresina: PPGH UFPI, 2017.

DANIEL, L. S. *Arquitetura moderna institucional em Teresina: reflexos de um arquiteto migrante*. 2014. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.

LIRA, A. V. B. *Difusão da arquitetura moderna: a obra do arquiteto Antônio Luiz Dutra de Araújo em Teresina*. São Carlos: IAU USP, 2018.

NEGREIROS, A.; MARQUES, R. *Acácio Gil Borsoi: produção arquitetura moderna em Teresina*. Teresina: Edufpi, 2017.

CEARÁ

RICARDO PAIVA

Doutor em Arquitetura e Urbanismo | USP
Professor Associado da Universidade Federal do Ceará | UFC
ricardopaiva@ufc.br

BEATRIZ DIÓGENES

Doutora em Arquitetura e Urbanismo | USP
Professora Associada da Universidade Federal do Ceará | UFC
bhdiogenes@yahoo.com.br

A produção da arquitetura moderna em Fortaleza pode ser dividida em três momentos, mediante a atuação de três gerações de arquitetos na cidade. A primeira era formada por jovens profissionais cearenses, recém-diplomados em outros estados, que retornam à terra natal no final da década de 1950, com o compromisso de aplicar novas práticas profissionais e métodos de trabalho.

Trazem para o Ceará o debate sobre a arquitetura e o urbanismo modernos então praticados naqueles centros (Rio de Janeiro e Recife), como José Liberal de Castro (1926-2022), José Neudson Braga (1935), José Armando Farias (1928-1974), Ivan Britto (1928-2022), entre outros. “A atuação desses profissionais, ao aderir ao vocabulário moderno, nacional e internacional, inseriu a cidade no cenário da produção da arquitetura moderna brasileira”¹

A segunda geração se constitui de arquitetos, como Roberto Martins Castelo (1935), José Nasser Hissa (1944), Marcílio Dias de Luna (1934-1999), José da Rocha Furtado (1943), Gerhard Bormann (1939-1980), Nícia Bormann (1942), entre outros, também graduados em outros centros (São Paulo, Rio

de Janeiro e Brasília) que se juntaram aos pioneiros nas décadas seguintes e passaram a lecionar na recém-fundada Escola de Arquitetura da Universidade Federal do Ceará – UFC, que iniciou suas atividades em 1965, sendo então reconhecida como o grande centro de referência cultural da Universidade e da Cidade².

Em conjunto, essas duas gerações de arquitetos foram responsáveis por introduzir na cidade uma nova concepção acerca dos princípios estéticos, espaciais e construtivos, característicos do ideário moderno, estabelecendo uma nova linguagem na arquitetura local, além de possibilitar, com sua postura profissional e ética, a valorização do papel do arquiteto.

E, a partir de 1969, o Ceará começa a conhecer anualmente novo contingente de profissionais, com 20 arquitetos diplomados a cada ano, sendo a terceira geração constituída pelos egressos do Curso de Arquitetura. As décadas de 1950 a 1980 testemunham, pois, uma produção arquitetônica de elevado padrão, com projetos que procuraram conciliar as premissas do modernismo com as condições locais, na tentativa de produzir uma arquitetura pe-

“...uma postura pautada na busca da intermediação dos valores universais com os valores locais”

R. PAIVA; B. DIÓGENES

culiar, de feição moderna, mas fortemente marcada pelos aspectos próprios do nosso clima e materiais, uma postura pautada na busca da intermediação dos valores universais com os valores locais.

Como refluxo das políticas implementadas pela Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – Sudene e pelo paradigma de desenvolvimento da industrialização, com efetiva intervenção do Estado no período, várias obras emblemáticas, de diversas tipologias foram edificadas, elevando a cultura arquitetônica local com suas novas formas e funções, além de constituírem, elas mesmas, símbolos da modernização pretendida.

São exemplos desta produção arquitetônica moderna, obras de grande significado para a Cidade, como o Estádio Castelão (1969), que reuniu um verdadeiro time de arquitetos na sua concepção; o Palácio Progresso (1964), emblema da racionalidade aplicada aos edifícios verticais; o Centro de Hemoterapia e Hematologia do Ceará (1967), a sede do Departamento Autônomo de Estradas e Rodagem – DAER (1962), o Centro de Exportadores do Ceará (1962), além de vários edifícios da recém-fundada

Universidade Federal do Ceará, como a Residência Universitária (1966).

Assistiu-se, na década de 1970, uma produção significativa de edifícios públicos – agências bancárias e edifícios-sede de órgãos públicos, como a sede do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – Incra/CE (1974), a Biblioteca Pública Menezes Pimentel (1975), o Terminal Rodoviário Engenheiro João Tomé (1969-1974), a Assembleia Legislativa do Ceará (1972), a sede do BEC – Banco do Estado do Ceará (1970), o Instituto Médico Legal (1982), o edifício da Teleceará – Centrais de Comutação e Escritórios (1982), o Centro de Convenções do Ceará (1973) e o edifício sede do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas - DNOCS (1973).

Vale salientar ainda a atuação de arquitetos oriundos de outros estados em Fortaleza, responsáveis por projetos relevantes, como as residências de José Macedo (1957) e Fernando Macedo (1962), ambas demolidas, a de Benedito Macedo (1968), a sede da Receita Federal, de 1975, todos de autoria de Acácio Gil Borsoi (1924-2009); o Palácio da Abolição e o Memorial Presidente Castelo Branco (1970), de

Sérgio Bernardes (1919-2002), o Ginásio Paulo Sarasate (1971) de Ícaro de Castro Mello (1913-1986) e o Hotel Esplanada (1972), projeto de Paulo Casé (1931), primeiro hotel cinco estrelas na orla marítima da capital, com características marcadamente modernas e que foi recentemente demolido. Somente a isto, a atuação de Roberto Burle Marx (1909-1994), em parceria com vários arquitetos locais e estrangeiros.

É bastante relevante, portanto, a produção da arquitetura moderna na capital cearense. Esses projetos manifestam, em sua maioria, valores de uma arquitetura peculiar fortemente marcada pelos aspectos próprios do nosso clima e materiais, expressos na criação de áreas sombreadas, no uso de varandas, pergolados e abas na cobertura, além do emprego de mecanismos que proporcionam o aproveitamento da ventilação abundante da região, como as esquadrias de madeira tipo venezianas e os cobogós, elementos historicamente recorrentes na arquitetura do Nordeste e do Ceará.

Grande parte da obra produzida nesse período, entretanto, tem sido alterada ou mesmo demolida,

fazendo desaparecer esse importante acervo, comprometendo a conservação deste legado, de relevante interesse e indiscutível importância histórica e cultural. A desvalorização da arquitetura moderna ocorre em função de vários aspectos, que incluem as dinâmicas urbanas contemporâneas, dentre elas a imobiliária, bem como o não entendimento do seu valor cultural e histórico, tornando-a ainda mais vulnerável.

Ricardo Paiva | Beatriz Diógenes



FORTALEZA

1. RES. UNIVERSITÁRIA UFC
2. RODOVIÁRIA ENG. SÃO TOMÉ
3. ED. PALÁCIO PROGRESSO
4. CENTRO DOS EXPORTADORES
5. ASSEMBLEIA LEGISLATIVA

0 0,75 1,5 km

CENTRO DOS EXPORTADORES DO CEARÁ

ANO	1962
PROJETO	José Neudson Bandeira Braga
LOCAL	Avenida Alberto Nepomuceno, 77, Centro, Fortaleza-CE
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Comércio/Serviços
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Sem proteção legal



Fonte: Autores

José Neudson Braga nasceu em Fortaleza-CE, em 1935. O arquiteto foi um dos protagonistas no processo de introdução e difusão do modernismo arquitetônico na Cidade, após sua formação (1955-59) na Escola Nacional de Arquitetura no Rio de Janeiro. No regresso a Fortaleza, atuou no planejamento físico do campus e no projeto de diversos edifícios da Universidade Federal do Ceará.

Desde a década de 1960, conciliou a atividade projetual com a prática docente, ingressando em 1962 como professor na Escola de Engenharia da UFC, e em 1965 compôs a comissão de criação da Escola de Arquitetura da UFC, onde lecionou até 1992. A contribuição de Neudson Braga é relevante, tanto em relação à sua atuação como docente, legado deixado a gerações e gerações de arquitetos cearenses,

como no que se refere à sua atuação profissional, com uma produção quantitativa e qualitativamente expressiva, com valores notadamente modernos.

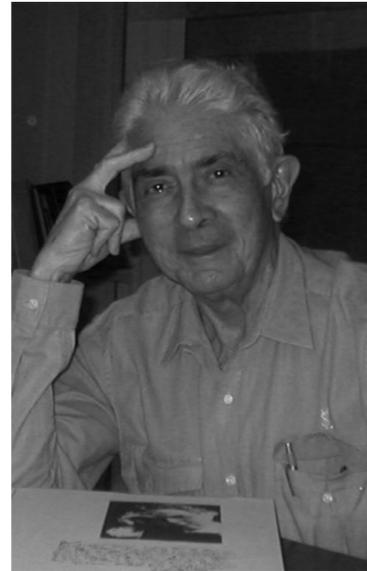
É autor de projetos emblemáticos na cidade, como o Centro de Exportadores do Ceará (1962), a Pró-Reitoria de Extensão da UFC (1961), o Imperial Palace Hotel (1964), os Blocos didáticos da Letras e da Educação da UFC, os Blocos didáticos Campus do Pici/UFC, o Edifício Palácio Coronado (1965), o Centro de Convenções do Ceará (1973), o Centro de Hemotarapia de Fortaleza (1972) e a Secretaria de Educação do Ceará (1980), entre outros.

Fonte: Ricardo Paiva



EDIFÍCIO PALÁCIO PROGRESSO

ANO	1964
PROJETO	José Liberal de Castro
LOCAL	Rua Pedro Borges, 33, Centro. Fortaleza-CE
GESTÃO	Privada
TIPOLOGIA	Comércio/Serviços
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Sem descaracterizações
PROTEÇÃO	Sem proteção legal

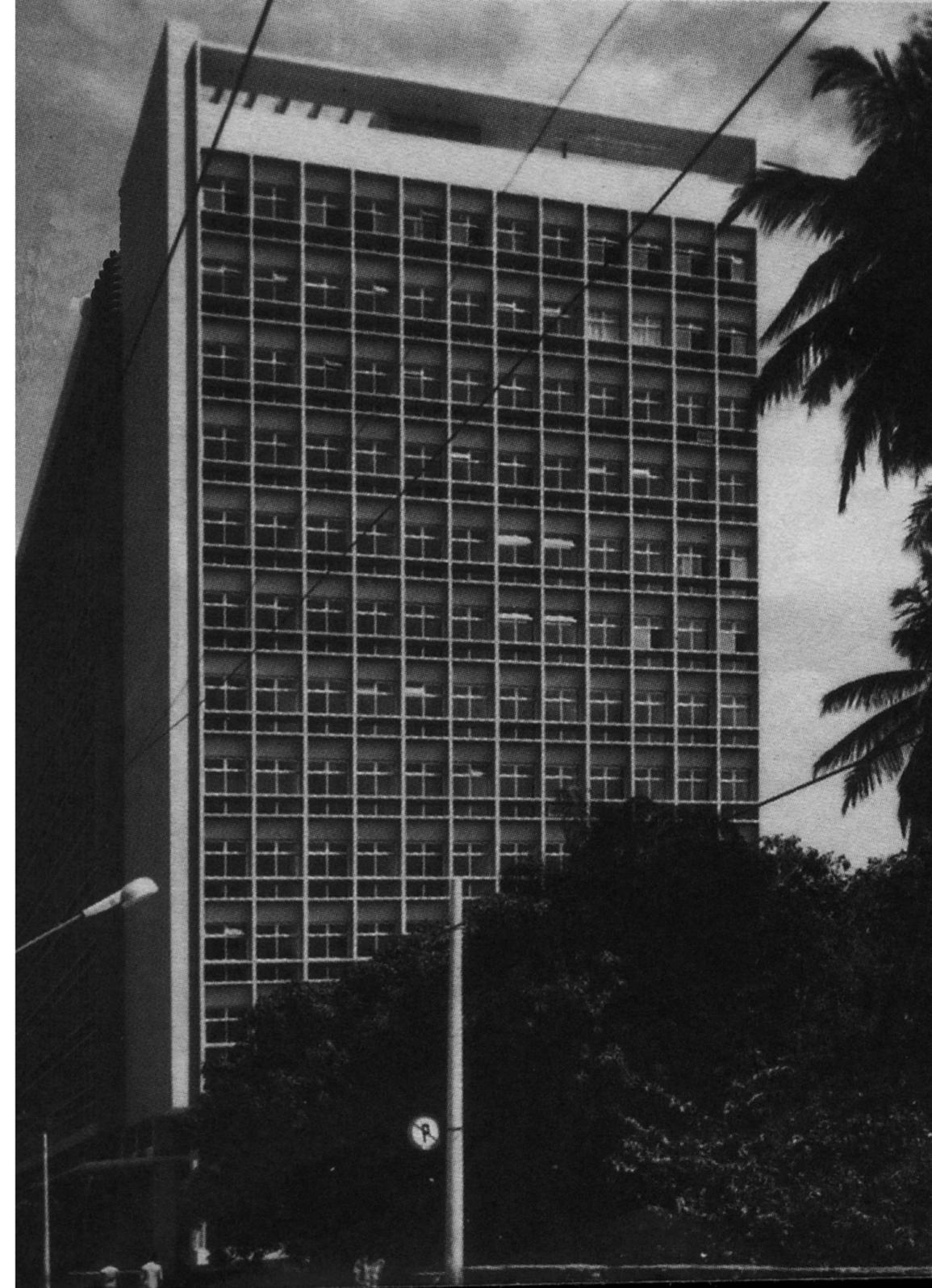


Fonte: Autores

Nascido em Fortaleza em 1926, o arquiteto José Liberal de Castro migrou para o Rio de Janeiro no ano de 1944, onde cursou Arquitetura e Urbanismo na Escola de Arquitetura do Rio de Janeiro, diplomando-se em 1955. De volta à terra natal em 1957, trabalhou na recém fundada Universidade Federal do Ceará, sendo responsável por diversos projetos ligados à estrutura física da universidade. Paralelamente à atividade projetual, iniciou sua carreira docente junto à Escola de Engenharia da UFC em 1959, e posteriormente se firmou como professor da Escola de Arquitetura da UFC, criada em 1965, e da qual é um dos fundadores. Foi ainda sócio fundador da Delegação do IAB-CE em Fortaleza, em 1957, depois transformado em Departamento e do qual foi Presidente no período 1966-67. A contribuição de Liberal de Castro à arquitetura

cearense transcende ao modernismo arquitetônico, pois sempre manteve forte comprometimento com as questões da preservação da arquitetura antiga cearense, aliado ao seu papel em relação à historiografia da arquitetura e urbanismo no Ceará. Fez parte da primeira geração de arquitetos que foi responsável por introduzir na capital cearense um novo fazer arquitetônico, todos empenhados no processo de recepção, difusão e consolidação da arquitetura moderna na cidade. Destacam-se, entre seus projetos, o Palácio Progresso (1964), a Escola Pe. José Nilson (1961), o Anexo do Colégio Cearense (1957), o Estádio Castelão (1969), o Hotel Colonial, (1974), agências bancárias do Banco do Nordeste (1969) o Instituto de Hemoterapia do Ceará, (1976), além de diversas residências unifamiliares. O arquiteto faleceu no ano de 2022.

Fonte: Acervo Profa. Margarida Andrade



RESIDÊNCIA UNIVERSITÁRIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

ANO	1966
PROJETO	Ivan da Silva Britto
LOCAL	Rua Paulino Nogueira, 125, Benfica, Fortaleza-CE
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Educacional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Sem proteção legal



Fonte: Autores

Ivan da Silva Britto nasceu em Clevelândia do Norte, município de Oiapoque, no estado do Amapá, em 1928. Mudou-se com a família para Fortaleza em 1942, quando decidiu cursar Arquitetura em Recife, em 1951, na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Pernambuco, graduando-se em 1955. No ano seguinte voltou a Fortaleza, onde estabeleceu-se e formou parcerias profissionais com colegas também recém-chegados de outros centros, como José Armando Farias, José Liberal de Castro e Neudson Braga.

Juntamente com esses parceiros, em 1964 fundou a Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará, integrando a primeira turma de docentes do curso. Integrou também a equipe técnica do Departamento de Obras e Projetos da

Universidade Federal do Ceará, juntamente com os arquitetos Liberal de Castro, Neudson Braga e Marcos Studart, responsáveis pelos projetos das primeiras obras da UFC, além do planejamento do novo Campus do Pici. Ivan Britto foi ainda sócio fundador da Delegação do Instituto dos Arquitetos do Brasil – IAB-CE em Fortaleza, em 1957, depois transformado em Departamento.

Foi responsável por projetos importantes na cidade, como o Clube Iracema (1956), a Sede social do Ceará Sporting Club (1962), o Clube de Regatas do Ceará (1962), a Residência Universitária da UFC (1966, além da participação no projeto do Estádio Plácido Castelo (1970), entre outros.

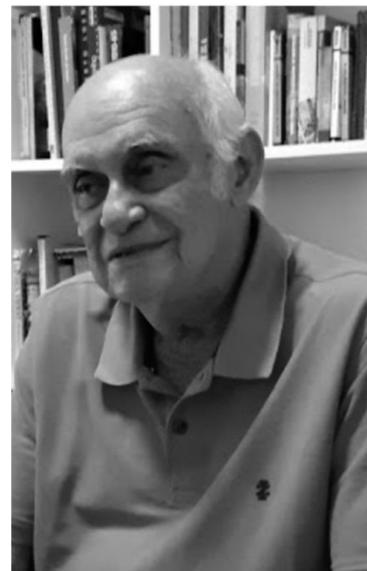


Fonte: Ricardo Paiva

TERMINAL RODOVIÁRIO

ENGENHEIRO JOÃO TOMÉ

ANO	1969-1974
PROJETO	Francisco Luciano Marrocos Aragão
LOCAL	Avenida Borges de Melo, 1630, Bairro de Fátima, Fortaleza-CE
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Serviços
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Sem descaracterizações
PROTEÇÃO	Sem proteção legal



Fonte: Autores

Francisco Luciano Marrocos Aragão nasceu em 1935, em Ipu-CE. Aos 22 anos, partiu para o Rio de Janeiro, onde se formou em 1962 na Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil.

Retorna para Fortaleza em 1963 e inicia sua atividade profissional. Marrocos se insere na chamada primeira geração de arquitetos de formação moderna, os chamados pioneiros, que começaram a atuar na cidade desde o final da década de 1950, dando início à prática profissional do arquiteto na Cidade, introduzindo uma nova concepção acerca dos princípios estéticos, espaciais e construtivos, característicos do ideário moderno.

É autor de obras de grande significado para a cidade, como o Terminal Rodoviário Engº João Tomé (1969), o Quartel do Comando da Polícia Militar

(década de 1970), o Restaurante dos Comerciários (SESC) (1975) e o Edifício Magna Santos Dumont (1979), além de várias residências unifamiliares. O arquiteto faleceu em 2023.



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO CEARÁ

ANO	1972
PROJETO	Roberto Martins Castelo e José da Rocha Furtado Filho
LOCAL	Avenida Desembargador Moreira, 2807, Dionísio torres, Fortaleza-CE
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Institucional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Sem descaracterizações
PROTEÇÃO	Sem proteção legal



Roberto Castelo. Fonte: Autores.

Roberto Martins Castelo, nasceu em Fortaleza em 1939 e diplomou-se na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Brasília em 1969. Retornando à cidade no ano seguinte, teve atuação bastante significativa, tanto no que se refere à sua produção arquitetônica, como à sua atividade docente como professor de Projeto Arquitetônico do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFC, exercendo influência em várias gerações de arquitetos. Com seus projetos, contribuiu de forma relevante para a difusão e consolidação da arquitetura moderna em nosso meio. Entre suas obras, destacam-se inúmeras residências unifamiliares, a maioria da década de 1970, a Assembleia Legislativa do Ceará (1972), concebida em parceria com José da Rocha Furtado Filho e que constitui um marco moderno na paisagem urbana de Fortaleza, o Pavilhão do Ins-

tituto de Educação do Ceará (1973), Fábrica de sorvetes Bembom (1975), o Instituto Médico Legal (1982) e a Secretaria da Fazenda do estado do Ceará (1982).

José da Rocha Furtado Filho é cearense, nascido em 1943. Diplomou-se em Arquitetura e Urbanismo na FAUUSP, em 1968. De volta a Fortaleza, começou a lecionar no Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFC e, paralelamente, iniciou sua prática projetual em escritório próprio, quando realizou diversos projetos, de início sozinho, associando-se posteriormente ao arquiteto Roberto Castelo, parceria que duraria até 1975. Juntos, elaboraram projetos significativos, como várias residências unifamiliares, além da Assembleia Legislativa do Ceará (1972) e da Fábrica de Sorvetes Bembom (1975).



Fonte: Nelson Bezerra

NOTAS

¹ DIÓGENES, B.; ANDRADE, M. O modernismo arquitetônico em Fortaleza. In: JUCÁ NETO, C.; PEREIRA, A. (Org.). *Arquitetura Moderna Campus do Benfica*. Fortaleza, Edições UFC, p.107, 2014.

² CASTRO, J. L. de. Ceará, suas arquiteturas e seus arquitetos. In: PONCE DE LEON, D.; NEVES, N. S. e; LIMA NETO, O. (Org.). *Panorama da Arquitetura Cearense. Cadernos Brasileiros de Arquitetura*. Volume 1. São Paulo, Projeto Editores Associados Ltda., 1982.

BIBLIOGRAFIA

CENTRO DOS EXPORTADORES DO CEARÁ

PAIVA, R. A.; DIOGENES, B. H. *Arquitetura Silenciosa - José Neudson Braga (Seção Documento)*. AU. *Arquitetura e Urbanismo*, v. 1, p. 65-69, 2012.

PAIVA, R. A.; DIOGENES, B. H. . Caminhos da arquitetura moderna em Fortaleza: a contribuição do professor arquiteto José Neudson Braga. In: Rubenilson Brazão Teixeira; George Alexandre Ferreira Dantas. (Org.). *Arquitetura em cidades 'sempre novas'. modernismo, projeto e patrimônio*. 1ed. Natal: Editora UFRN, v. 1, p. 53-76, 2016.

BRAGA, B. M.; OLIVEIRA, B. P. ; RIBEIRO, I. L. Além da Arquitetura: Pioneirismo e Legado na Atuação Profissional do Arquiteto Neudson Braga. In: Clóvis Ramiro Jucá Neto; Ricardo Alexandre Paiva. (Org.). *Projeto, obra, uso e memória: a intervenção no patrimônio modernista no Norte e Nordeste*. 1ed. Fortaleza: Edições UFC, p.435-455, 2018.

SIQUEIRA, C. A. A.. *Neudson Braga e o Modernismo Arquitetônico em Fortaleza*. 1. ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 235p., 2019.

EDIFÍCIO PALÁCIO PROGRESSO

JUCÁ NETO, C. R.; ANDRADE, M. Construção, tradição e modernismo: notas sobre a atividade profissional do arquiteto José Liberal de Castro. In: TEIXEIRA, R. B.; DANTAS, G. (Org.). *Arquitetura em cidades "sempre novas": modernismo, projeto e patrimônio..* 1ed. Natal: EDUFRN, v. 1, 2016.

PAIVA, R. A.; DIOGENES, B. H. A Contribuição do arquiteto José Liberal de Castro à escrita da História da Arquitetura e do Urbanismo no Ceará. In: Seminário Iberoamericano de Arquitetura e Documentação, 2011, Belo Horizonte. *Anais do Seminário Iberoamericano de Arquitetura e Documentação*, 2011.

PAIVA, R. A.; DIOGENES, B. H. A contribuição de José Liberal de Castro à arquitetura no Ceará. *Arquitextos* (São Paulo), v. 1, p. 13.154, 2013.

PAIVA, R. A.; ROCHA, C. B. O. ; DIAS, S. M. S. Memória e Documentação Digital em Fortaleza: O Palácio Progresso (1964-1969). *RCT: Revista de Ciência e Tecnologia*, p. 1-15, 2021.

RESIDÊNCIA UNIVERSITÁRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

JUCÁ NETO, C. R.; GONCALVES, A.; BRASIL, A. C. (Org.). *Arquitetura Moderna Campus do Benfica - Universidade Federal do Ceará*. 1. ed. Fortaleza: UFC, v. 1, 299 p., 2014.

JUCÁ NETO, C. R.; ANDRADE, M.; GONCALVES, A. . Inventário da arquitetura moderna da Universidade Federal do Ceará (UFC) - Brasil: o Campus do Benfica e do Pici. In: PATRIMA - Congresso Ibero Americano. Patrimônio, suas matérias e imatérias., 2016, Lisboa. Patrimônio, suas materiais e imatérias. Lisboa-Portugal: LNEC-ISCTE-IUL (Instituto Universitário de Lisboa. Laboratório Nacional de Engenharia Civil, v. 1, p. 1-250, 2016.

LIMA, M. V. P. de. *A arquitetura moderna em Fortaleza na trajetória de Ivan Britto entre 1955 e 1973*. 232 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, Fortaleza, 2015.

TERMINAL RODOVIÁRIO ENGENHEIRO JOÃO TOMÉ

DIÓGENES, B. H. N. *Arquitetura e estrutura: o uso do concreto armado em Fortaleza*. Fortaleza: Secult, 2010.

DUARTE JUNIOR, R. *Uma breve história da arquitetura cearense*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2018.

FRACALLOSSI, I. Clássicos da Arquitetura: Rodoviária de Fortaleza/Marrocos Aragão. *Archdaily*. 2015. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/763847/classicos-da-arquitetura-rodoviaria-de-fortaleza-marrocos-aragao?ad_medium=office_landing&ad_name=article. Acesso em: 09. mai. 2019.

JUCÁ NETO, C. R.; ANDRADE, M. J. de S.; DUARTE JUNIOR, R. Reflexões sobre o brutalismo cearense. In: *Anais do 10º Seminário Docomomo Brasil*, Curitiba, 2013.

LINS, D. M. de O. *Terminal Rodoviário Eng João Thomé: Uma Avaliação Técnico-Funcional da Rodoviária de Fortaleza*. 2010. Monografia (Aperfeiçoamento/Especialização em Tecnologia do Ambiente

Construído) - Instituto Centro de Ensino Tecnológico, Fortaleza, 2010.

SAMPAIO NETO, P. C. *Ressonâncias e inflexões do modernismo arquitetônico no Ceará: a contribuição de Gerhard Bormann*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) FAUUSP, São Paulo, 2012.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO CEARÁ

JUCÁ NETO, C. R.; ANDRADE, M. 'CONSTRUIR O ABERTO'. Notas sobre pensamento e obra do arquiteto Roberto Martins Castelo. *In: V ENANPARQ*, 2018, Salvador. V Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo - ANAIS. Salvador - Bahia: UFBA, 2018.

PAIVA, R. A.; DIOGENES, B. H. Caminhos da Arquitetura Moderna em Fortaleza: A contribuição do arquiteto Roberto Martins Castelo. *In: 1 DOCOMOMO N/NE - Arquitetura e Urbanismo Modernos no Norte e Nordeste do Brasil: universalidade e diversidade*. Recife, 2006.

RIBEIRO, I. L. *Roberto Castelo: arquitetura e reflexão crítica*. 198 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo e Design) – Centro de Tecnologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

RIO GRANDE DO NORTE

GEORGE DANTAS

Doutor em História e Teoria da Arquitetura e Urbanismo | EESC/USP
Professor Associado da Universidade Federal do Rio Grande do Norte | UFRN
george.dantas.af@ufrn.br

EDJA TRIGUEIRO

Doutora em Estudos Avançados em Arquitetura | University College London
Professora Titular da Universidade Federal do Rio Grande do Norte | UFRN
edja.trigueiro@ufrn.br

MARIA HELOÍSA OLIVEIRA

Mestre em Arquitetura e Urbanismo | UFRN
Doutoranda em História e Teoria da Arquitetura e Urbanismo | UFPB
mhalves.arq@gmail.com

“...os arquitetos vindos de outros estados que concebem os primeiros projetos na cidade”

G. DANTAS; E. TRIGUEIRO; M. H. OLIVEIRA

Nos anos 1930 surge em Natal uma arquitetura que se distingue das várias tendências formais dos séculos XIX e XX, rotuladas como ecletismo, que conviviam com heranças coloniais nas cidades brasileiras. A transformação do espaço da cidade promovida, em grande parte, pela introdução de novos equipamentos, vinculados, alguns, a projetos de reestruturação urbana, como os que acompanharam a implantação do escritório Saturnino de Brito, fez coexistir, na cena urbana, tendências tardias de arquitetura eclética e manifestações inovadoras, dentre as quais, o edifício sede da Repartição de Saneamento de Natal, obra “considerada pioneira da arquitetura modernista na cidade”, iniciada em maio de 1937 (Ferreira et al., 2008, pp. 156-157).

A quase ausência de elementos decorativos -restritos a linhas que assinalam formas e interseções de volumes-, a ortogonalidade, as janelas horizontais, além de outros aspectos, permitem inserir esse, assim como outros edifícios surgidos entre os anos 1930 e 1950, tanto na primeira leva de produção de arquitetura moderna como na de Art Déco, nicho estilístico muito estudado nas últimas décadas considerado um, talvez, primeiro modernismo.

É, entretanto, nos anos 1950 que se dissemina a arquitetura moderna em Natal, consubstanciada em um léxico formal inequivocamente moderno, caracterizado por explorar as possibilidades plásticas proporcionadas pelos novos materiais (Oliveira, 2018). Nesse momento são os arquitetos vindos de outros estados que concebem os primeiros projetos na cidade. A exemplo do Edifício Presidente Café Filho que sediou o IPASE (Instituto de Pensão e Aposentadoria dos Servidores do Estado), de 1955, projetado pelo arquiteto carioca Raphael Galvão Junior. O edifício:

...se caracteriza pelo dinamismo obtido com o contraste entre o bloco principal, predominantemente vertical, e o bloco secundário que o intercepta, horizontal [...] uma curvatura suave na quina do volume horizontal [...] pilotis definido por colunatas de pé direito duplo [...] um painel em mosaico assinado pelos artistas locais consagrados Newton Navarro e Dorian Gray Caldas, representando aspectos do imaginário da cultura popular. (Medeiros, 2001, p. 09-10).

O IPASE é também representativo, como demonstram pesquisas desenvolvidas nos últimos anos (Lima, 2011; Almeida, 2007), da importância da

atuação e dos financiamentos dos IAPs para a experimentação de soluções técnicas e espaciais do modernismo. Desde casas unifamiliares aos conjuntos habitacionais (como o Nova Tirol, dos anos 1950, que articula blocos de apartamentos, casas e equipamentos coletivos) e edifícios institucionais, essa atuação foi importante para maior adensamento e ocupação da estrutura urbana de Natal até o final dos anos 1960.

Em fins da década de 1950, é projetada para a cidade a SEDE SOCIAL DO AMÉRICA FUTEBOL CLUBE, por Delfim Amorim. O projeto, inaugurado em 1966, é representativo de uma fase em que os clubes sociais eram importantes locais de lazer para a sociedade urbana. O edifício com forma de prisma apresenta os “panos de vidros” na fachada frontal, acompanhado por cobogós na fachada posterior, trazendo o aspecto da ventilação cruzada, essencial na produção de arquitetura moderna brasileira.

O HOTEL INTERNACIONAL REIS MAGOS, inaugurado em 1965, é projetado pelos arquitetos pernambucanos Waldecy Pinto, Antônio Didier e Renato Torres, dos primeiros arquitetos diplomados pelo

curso de arquitetura da Escola de Belas Artes de Pernambuco. O HIRM representou um novo paradigma de hotelaria em Natal, com serviços de luxo e programa moderno de necessidades. Mais ainda, a solução projetual reforça as qualidades espaciais generosas de relação com o entorno, de permeabilidade visual e física. Assim, se tornaria um elemento indutor para estruturação e consolidação do uso e apropriação das praias urbanas e um marco na paisagem e na vida social da capital até meados dos anos 1990.

A partir da década de 1960, a cidade passa a receber projetos de arquitetos locais, formados em outros estados, como Moacyr Gomes, formado na Faculdade Nacional de Arquitetura, no Rio de Janeiro. O arquiteto é autor de obras icônicas de arquitetura moderna potiguar, como a FACULDADE DE ODONTOLOGIA DA UFRN, construída entre 1962 e 1966, que reúne atributos identificadores da arquitetura moderna internacional, como a rampa em balanço que evoca a proposta corbusieriana da “promenade architectural”, articulados a elementos característicos da arquitetura moderna brasileira

como a caixa mural envolta por cobogós, que protegem a fachada da radiação solar direta.

O prédio reúne, com admirável completude, o repertório formal característico da moderna arquitetura brasileira, e, mais especificamente, o da chamada “Escola Carioca”, cujo caráter distintivo e inovador conferiu, pela primeira vez na história, visibilidade internacional à produção arquitetural do Brasil. Evidência, portanto, a adoção local, nos anos 1950 e 1960, do então chamado “Estilo Internacional”, e a presença aqui da vertente nacional desse estilo mais referida (e celebrada) na literatura. (Trigueiro, 2008, p. 57)

A CAPELA DO CAMPUS (1973-74), projeto de autoria de João Maurício Miranda para o então novo campus central da UFRN, compõe um conjunto arquitetural (setores de aula, Biblioteca Central Zila Mamede, Reitoria, Centro de Convivência e a própria Capela) marcado por soluções plásticas baseadas na expressividade formal do concreto armado e dos seus processos construtivos. A Capela, em especial, articula inventividade estrutural com a delicade-

za introspectiva do espaço interior, acentuada pelo programa semienterrado da nave e pelo arranjo dos braços-vigas que se tocam no alto como gesto de elevação (e adoração).

As pesquisas sobre a produção da arquitetura modernista no Rio Grande do Norte (RN), principalmente sobre Natal, têm sido desenvolvidas principalmente no âmbito do Departamento de Arquitetura e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFRN, em especial pelos grupos de pesquisa MUsA e HCUrb. A lista de referências e indicação dos acervos a seguir servem para todos que quiserem se aprofundar sobre essas e outras obras.

George Dantas | Edja Trigueiro
Maria Heloísa Oliveira



NATAL

1. ED. IPASE
2. HOTEL INTER. REIS MAGOS
3. SEDE SOCIAL DO AFC
4. FAC. DE ODONTOLOGIA
5. CAPELA DO CAMPUS

0 0,5 1 km

EDIFÍCIO DO IPASE

INSTITUTO DE PENSÃO E APOSENTADORIA DOS SERVIDORES DO ESTADO

ANO	1955
PROJETO	Raphael Galvão Junior
LOCAL	Rua Almino Afonso, Ribeira, 16, Natal-RN
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Institucional
ESTADO	Inativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Sem proteção legal

Projetado pelo arquiteto carioca Raphael Galvão Junior, filho do também arquiteto Raphael Galvão (representante do movimento neocolonial na arquitetura), o edifício do IPASE, inaugurado em 1955, rompe com a horizontalidade da cidade com seus 7 pavimentos. Além de símbolo de modernidade por ser o edifício mais alto de Natal naquele momento, também trazia a inovação do elevador - que apenas uma década depois ganharia popularidade (Oliveira, 2018), e ajudou a consolidar a estrutura urbana da área limite entre o antigo bairro da Ribeira e o território popular das Rocas.

A atuação dos Institutos de Aposentadoria e Pensão (IAP), por meio do financiamento para aquisição de imóveis usados, construção de novas moradias unifamiliares ou mesmo de conjuntos habitacionais de pequeno e médio porte, como o Nova Tirol e a vila dos Ferroviários, na Ribeira, marcaria também a pai-

sagem de Natal e abriu mercado de trabalho para engenheiros, arquitetos e práticos ou licenciados experimentarem novas técnicas e soluções plásticas e espaciais (Lima, 2011; Almeida, 2007).

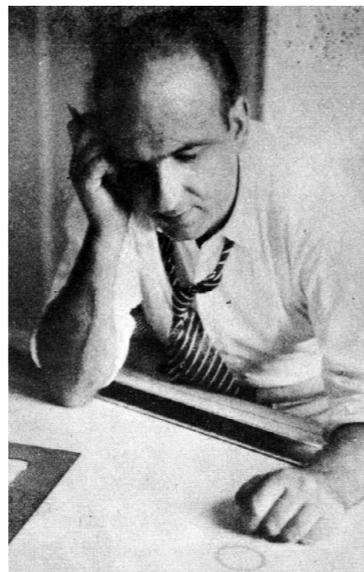
O prédio do IPASE destaca-se por reunir elementos significativos do léxico formal modernista, desde a volumetria marcada pela associação de dois prismas, um deles horizontal, parcialmente acomodado sobre pilotis, com dois pavimentos, o outro, com cinco pavimentos, emergindo verticalmente daquele. A estrutura independente, em lajes sustentadas por pilares cilíndricos, confere amplitude aos pavimentos tipo do volume vertical. Destacam-se, ainda, os panos de vidro, a escada helicoidal que explora as possibilidades do concreto armado, o painel artístico, sinalizando a aceitação da ideia de integração das artes disseminada pelo movimento moderno.



SEDE SOCIAL

AMÉRICA FUTEBOL CLUBE

ANO	1959-1966
PROJETO	Delfim Amorim
LOCAL	Av. Rodrigues Alves, 950. Tirol, Natal-RN
GESTÃO	Privada
TIPOLOGIA	Lazer/Equipamentos públicos
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Protegido legalmente



Fonte: Reprodução

Quando realiza o projeto para a Sede Social do América Futebol Clube, Delfim Amorim já era um importante nome da arquitetura no Nordeste, autor de projetos emblemáticos em PE, PB e RN entre 1951 e 1972. Nascido em Póvoa de Varzim, Portugal, em 1917, estudou na Escola de Belas Artes do Porto, onde se forma em 1947. Emigra para o Brasil no início dos anos 1950 e atua juntamente com nomes como Acácio Gil Borsoi, Everaldo Gadelha, Reginaldo Esteves, Mario Russo, entre outros, no curso de Arquitetura da Universidade do Recife (atual UFPE). Falece no Recife, em 1972.

Em 1959, Heriberto Bezerra, presidente do América F.C., contrata Amorim para projetar a nova sede. Um mês após o primeiro contato, o projeto está concluído, inclusive com uma festa para apresentação da maquete. O edifício foi, por muitos anos, marco

na paisagem e na vida social de Natal, destacando-se pela qualidade projetual e construtiva.

Delfim Amorim aplicou, com maestria, recursos que favoreciam o conforto ambiental, em uma volumetria leve, caráter marcante da edificação. O volume principal “semi-pousado” no solo, a estrutura independente, as esquadrias com venezianas metálicas associadas a panos de vidro são alguns dos elementos que conferem essa leveza.

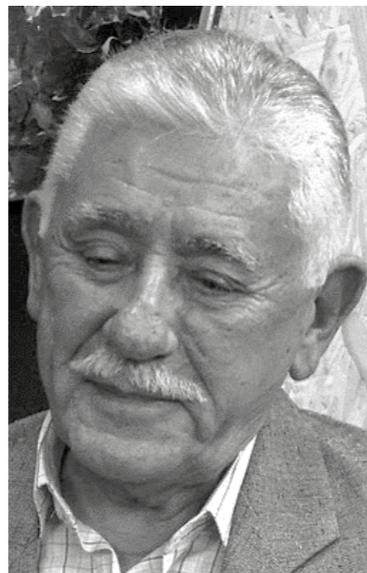
Reforçam os preceitos modernistas o uso do concreto armado na estrutura, na cobertura plana, em pérgolas, marquises e escadas; a redução do programa do edifício a um único bloco prismático horizontal, pródigo em elementos vazados (esquadrias, pérgulas, cobogós); a fluidez do espaço que percorre uma planta livre parcimoniosa em elementos divisórios.



FACULDADE DE ODONTOLOGIA

UFRN

ANO	1962-1966
PROJETO	Moacyr Gomes da Costa
LOCAL	Av. Salgado Filho, 1787, Lagoa Nova, Natal-RN
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Institucional/Educacional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Sem proteção legal



Fonte: Reprodução

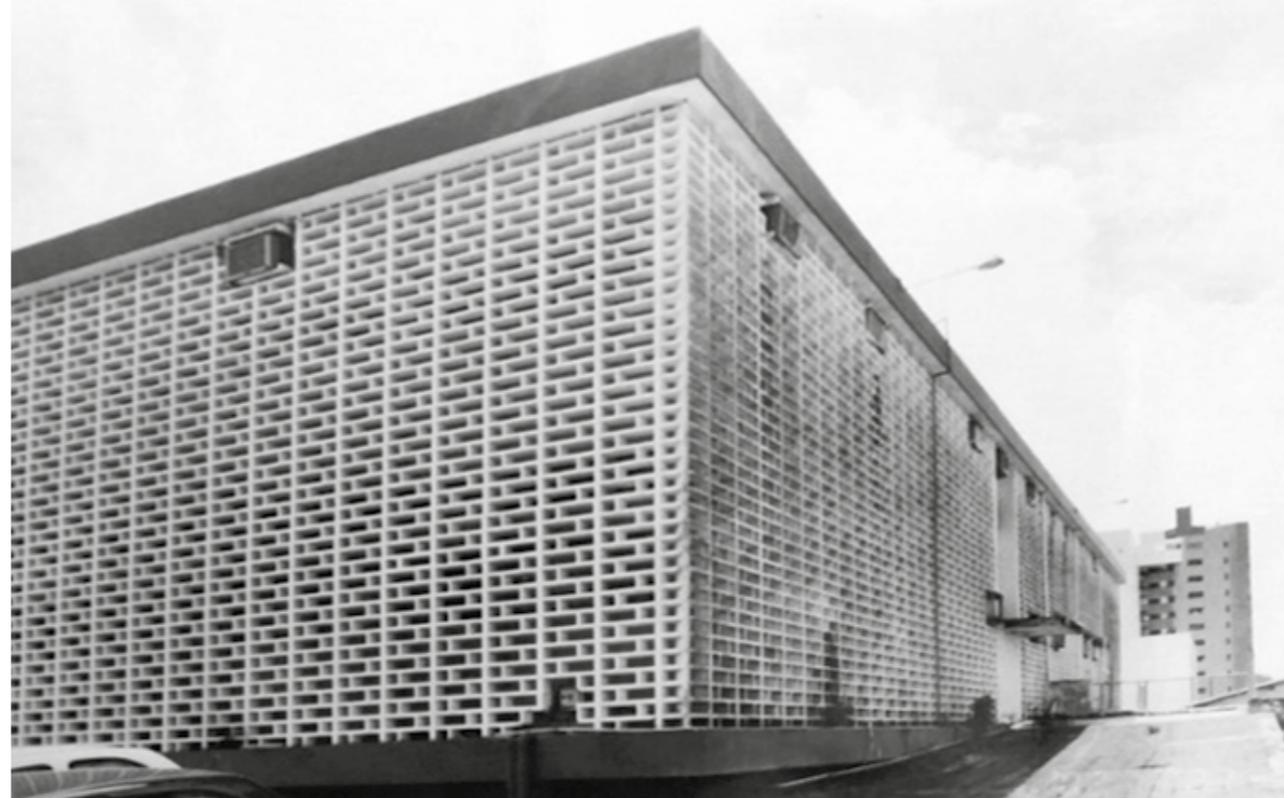
Nascido em Caicó (RN) em 07 de junho de 1927, Moacyr Gomes veio morar em Natal antes de completar 1 ano de idade. O interesse por arte, desenho e música na juventude o levou a estudar na Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil (atual UFRJ), em 1949, onde se formaria em 1954. Faria parte da primeira geração de arquitetos a estabelecer escritórios na capital potiguar. Antes de se instalar em definitivo em Natal (com a criação do escritório Planarq, em parceria com João Maurício Miranda e Daniel Hollanda), já havia realizado diversos projetos importantes, como a própria Faculdade de Odontologia e a sede da AABB (1963-66).

Com o Planarq, realizaria vários projetos, como o edifício Barão do Rio Branco, na Cidade Alta (1964), e planos urbanísticos para cidades do RN,

como Macau, Ceará-Mirim e Assu. Fez parte da equipe local do Escritório SERETE, empresa paulista contratada para a elaboração de plano urbanístico para Natal, auxiliando nos trabalhos entre 1967 e 1968. Na década de 1970, formaria o escritório U.M. Arquitetura, em parceria com Ubirajara Galvão, quando realizaram, por exemplo, os projetos para a atual sede do CREA-RN (1971), o Centro Administrativo do Governo do RN (1973) e o complexo SESI/SENAI (1974). Nesse período faria o seu projeto mais emblemático como elemento da paisagem urbana de Natal: o estádio olímpico Machado, inaugurado em 1972 e demolido em 2011. Atuou ainda como presidente do Instituto de Planejamento de Natal (atual Secretaria Municipal de Urbanismo e Meio Ambiente) nos anos 1990. Faleceu pouco antes de completar 94 anos, em 05 de maio de 2022.

Fonte: Acervo virtual do MUsA.

<https://musufrn.wixsite.com/iconesmodernistas/odontologia>



HOTEL INTERNACIONAL

REIS MAGOS

ANO	1965
PROJETO	Waldecy Pinto, Antônio Didier e Renato Torres
LOCAL	Av. Café Filho, 822, Praia do Meio, Natal-RN
GESTÃO	Público-privada
TIPOLOGIA	Lazer/Equipamentos públicos
ESTADO	Demolido
CONSERV.	-
PROTEÇÃO	-



Waldecy Pinto. Fonte: Alcília Afonso.

Waldecy Fernandes Pinto nasceu em Palmares-PE, em 1931. Formou-se arquiteto pela atual UFPE, em 1954. Estudou na França, onde se formou urbanista e especialista em Sociologia Urbana para países em desenvolvimento, pela Sorbonne Université. Foi professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) entre 1958 e 1990, instituição do qual foi reitor entre 1983 e 1987. Faleceu em agosto de 2022. Antonio Pedro Pina Didier nasceu em Recife, em 05 de março de 1927. Estudou no Curso de Arquitetura da Escola de Belas Artes da Universidade do Recife (atual UFPE), onde se formou em 1956. Renato Gonçalves Torres, nascido em 20 de julho de 1930, estudou na mesma instituição, formando-se em 1954. O projeto do Hotel Reis Magos foi encomendado pelo Governo do RN ao Escritório Técnico de Arquitetura e Urbanismo (ETAU) entre

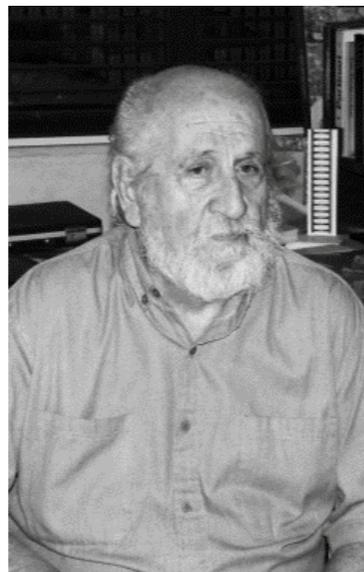
1962 e 1963, com prazo exíguo para execução dos projetos. O projeto paisagístico foi realizado por Gilda Pina; o de interiores, por Janete Costa; o cálculo estrutural, por Geraldo Afonso Vieira; e o de instalações, por Hélio Cunha. O ETAU teve ainda atuação relevante em outros estados nesse mesmo período. Na PB, foram responsáveis por diversos prédios no campus da UFPB em João Pessoa, como o Laboratório de Produtos Farmacêuticos e o Instituto de Química, ambos de 1965. O Hotel, inicialmente de propriedade pública, foi vendido à iniciativa privada em 1979 e, após mudanças de gestão e das dinâmicas urbanas e econômicas da capital, foi fechado em 1995. Após longa polêmica pública e disputas judiciais em torno de propostas de desapropriação, requalificação tombamento, foi demolido em janeiro de 2020.



CAPELA DO CAMPUS DA UFRN

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RN

ANO	1973
PROJETO	João Maurício Fernandes de Miranda
LOCAL	Av. Salgado Filho, s/n. Campus Central da UFRN, Natal-RN
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Religioso
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Sem descaracterizações
PROTEÇÃO	Sem proteção legal



João M. Miranda. Fonte: Reprodução.

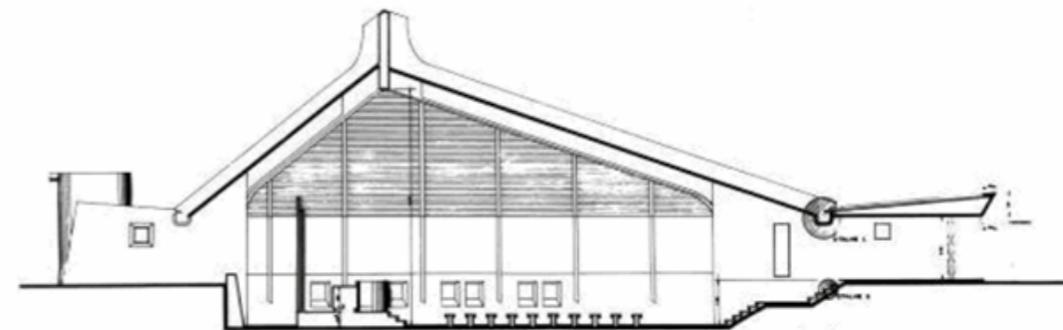
João Maurício nasceu em Natal em 1933 e cursou arquitetura na Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil (atual UFRJ), onde se formou em 1961. Retorna a Natal e cria o escritório Planarq, em parceria com Moacyr Gomes e Daniel Hollanda. Nesse período, o escritório desenvolveu, dentre vários, projetos para a Sede do DER/RN (1965) e para o Edifício Barão do Rio Branco (1964).

Atuou como docente na Escola de Engenharia da UFRN, entre 1965 e 1974, quando ajuda a criar o curso de Arquitetura e Urbanismo, do qual seria um dos fundadores e o primeiro coordenador; lecionaria também diversas disciplinas (de planejamento arquitetônico, urbano e regional) até 1988.

A Capela do Campus foi objeto de um concurso interno da UFRN, em 1973, sendo construída e

inaugurada nesse mesmo ano. Para a UFRN, João Maurício projetaria também o Ginásio Poliesportivo. Seu escritório próprio, fundado em 1972 e intitulado "João Maurício - Arquitetura e Urbanismo", funcionou ativamente até meados dos anos 2000.

Escreveu sobre a história da arquitetura e do urbanismo de Natal, nos livros "380 anos de história foto-gráfica de Natal - 1599-1979" (1981) e "Evolução urbana de Natal em 400 anos, 1599-1999" (1999), e mesclou histórias pessoais e da cidade no livro "...antes que a memória se apague". Atualmente, aos 90 anos, João Maurício dedica-se à música, pintura e gravura.



BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, C. *Habitação social: origens e produção (1889-1964)*. Dissertação, (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – São Carlos, EESC/USP, 2007.

CARVALHO, H. *Arquitetura moderna do Campus Central da Universidade Federal do Rio Grande do Norte*. Dissertação, (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Natal, PPGAU/UFRN, 2018.

LIMA, L. *Modernismo à prestação: traços e linhas da arquitetura nas moradias financiadas pelos IAPS (Natal, décadas de 1940-60)*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Natal, DARQ/UFRN, 2011.

FERREIRA, A. *et al.* Uma cidade sã e bela: a trajetória do saneamento de Natal. 1850-1969. Natal: IAB-RN, CREA-RN, 2008.

MAIA, M. *Hotel Internacional dos Reis Magos: Quais os obstáculos à sua conservação?* Dissertação, (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – João Pessoa, UFPB/CT, 2018.

MEDEIROS, V. Quando os ares modernos chegam à esplanada: o IPASE e a Vila Ferroviária em Natal-RN. IV Seminário DOCOMOMO Brasil. *Anais... Viçosa & Cataguases, MG*, 2001.

MELO, A. *Yes, nós temos arquitetura moderna!* Reconstituição e análise da arquitetura residencial moderna em Natal das décadas de 50 e 60. Dissertação, (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Natal, PPGAU/UFRN, 2004.

OLIVEIRA, M. *Meio século de arquitetura: um panorama da produção modernista natalense (1930-1980) em um repositório de estudos disciplinares*. Dissertação, (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Natal, PPGAU/UFRN, 2018.

PEREIRA, M. V. *Análise da concepção arquitetural à luz da arquiteturaologia: um estudo da produção de edifícios de uso não-residencial do arquiteto João Maurício*

Fernandes de Miranda, entre 1961 e 1981. Dissertação, (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Natal, PPGAU/UFRN, 2008.

SOBRAL, G. *Arquitetura moderna potiguar*. Natal: EDUFRN, 2011.

SOUZA, E. *Da formação carioca à prática potiguar: estratégias projetuais na arquitetura residencial do arquiteto Moacyr Gomes na década de 1970*. Dissertação, (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Natal, PPGAU/UFRN, 2016.

TAVARES, F. *Uma trajetória desviável: o percurso profissional de Aivaldo Pinho entre Natal e Fortaleza*. Tese, (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Natal, PPGAU/UFRN, 2017.

TEIXEIRA, R.; DANTAS, G. (orgs.) *Arquitetura em cidades "sempre novas": modernismo, projeto e patrimônio*. Natal: EDUFRN, 2016.

TRIGUEIRO, E.; CAPPI, F.; NASCIMENTO, M. *Modernismo potiguar: vida, reprodução e quase morte*. *Anais... 3º DOCOMOMO Norte Nordeste, João Pessoa, UFPB*, 26 p., 2010.

TRIGUEIRO, E. *Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte*. In: Carlos Newton Júnior (Organizador); Edja B. F. Trigueiro, Oswaldo Hajime Yamamoto, Paulo de Tarso Correia de Melo. *Portal da memória: Universidade Federal do Rio Grande do Norte: 50 anos (1958 – 2008)*, 2. ed. Brasília: Senado Federal, 2008.

ACERVOS DE FONTES PRIMÁRIAS E BIBLIOGRÁFICAS

Acervo do grupo de pesquisa Morfologia e Usos da Arquitetura (MUsA, Depto de Arquitetura, UFRN). disponível em: <https://musaufm.wixsite.com/iconesmodernistas>

Acervo do grupo de pesquisa História da Cidade, do Território e do Urbanismo (HCUrb, Depto de Arquitetura, UFRN). disponível em: <https://hcurb.ct.ufm.br/>

PARAÍBA

ALCÍLIA AFONSO

Doutora em projetos arquitetônicos | ETSAB/UPC

Professora adjunta da Universidade Federal de Campina Grande | UFCG

kakiafonso@hotmail.com

“...as conexões nacionais consolidaram a modernidade paraibana”

ALCÍLIA AFONSO

A modernidade paraibana vem sendo estudada por pesquisadores de várias instituições de ensino de arquitetura e urbanismo do Estado, mas, aqui serão enfocadas as produções das duas maiores cidades estaduais: a capital litorânea João Pessoa, e a cidade de polo da região agreste, Campina Grande.

Em João Pessoa, os estudos tiveram um grande avanço com o trabalho fundamental desenvolvido no curso de arquitetura e urbanismo da UFPB/Universidade Federal da Paraíba, através da arquiteta e pesquisadora Nelci Tinem, que deixou um grande legado, juntamente com seus colegas docentes e discentes orientados pela mestra que documentou e resgatou grande parte do acervo que compõe o patrimônio moderno urbano local (Amorim e Tinem, 2012).

Importante frisar, que João Pessoa, “nas primeiras décadas do século XX, inicia um processo de modernização estimulado pelo prestígio político conquistado por personalidades locais e pelo desenvolvimento econômico, decorrente da elevação dos preços do algodão, base de sua economia” (Rocha, 2012, p.07). Foram estudados os precursores de uma protomodernidade, tais como os italianos Pascoal Fiorillo, Hermenegildo Di Lascio e G. Gioia; o capixaba

Clodoaldo Augusto de Souza Gouvea, e o paraibano Otávio Freire. Sobressai-se na busca constante pela linguagem moderna, as obras de Clodoaldo Gouvea, que projetou edificações importantes para a Diretoria de Viação e Obras Públicas/DVOP, onde atuava como arquiteto de carreira da instituição, havendo assinado os projetos da Secretaria de Fazenda (1933), e o Instituto de Educação (1936).

Em seguida, na década de 50, teve início a chegada de novos profissionais oriundos, principalmente, de Recife, e do Rio de Janeiro (em número menor), tais como, os paraibanos que estudaram fora do Estado: Roberval da Cunha Guimarães (chega em 1950, graduado pela Faculdade Nacional de Arquitetura/FNA); Mario Glauco Di Lascio (vem graduado em 1957, pela Escola de Belas Artes de Pernambuco/EBAP); e o baiano Leonardo Stuckert Fialho.

Nos anos 60, atuam na cidade, oriundos da graduação na Escola de Belas Artes de Pernambuco/EBAP, o olindense Tertuliano Dionísio, que desenvolve um trabalho importante no Estado, tanto em João Pessoa, quanto em Campina Grande; e o potiguar Pedro Abrahão Dieb. Pode-se observar no processo de consolidação da modernidade paraibana, uma relação muito próxima com os profissionais que

trabalhavam em Recife e ali atuavam, enquanto arquitetos liberais ou professores, como por exemplo, Acácio Gil Borsó, que produziu um grande acervo de obras privadas na capital paraibana. Mas, importante frisar que as conexões modernas nacionais eram grandes, e em João Pessoa, serão marcantes as obras projetadas pelo carioca Sérgio Bernardes (Hotel Tambaú, 1966-1970); pelo gaúcho José Galbinski (Biblioteca Central Estudantil/BEC UFPB, 1978-1981), e pelo mineiro Raul Cirne (Estádio José Américo de Almeida Filho, 1973-1975).

Por outro lado, a cidade de Campina Grande, que dista 120km da capital João Pessoa e está localizada na Serra da Borborema, sempre foi um dos mais importantes polos econômico estadual, tanto no ciclo do algodão, no final do século XIX, quanto no processo de industrialização, em meados do século XX, com a criação da SUDENE/Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste. A arquitetura moderna campinense se originou nesse cenário de incremento de implantação da política desenvolvimentista da SUDENE, onde foi implantado um novo centro industrial, movimentando ainda mais a economia da cidade, que sempre foi uma encruzilhada comercial entre as regiões do Agreste, Sertão, Cariri, e Zona da mata.

Na cidade foram instaladas novas e grandes fábricas, como o complexo fabril da antiga Wallig Nordeste S.A. e da Cande, por exemplo, sendo construída na cidade, nos anos 70, a sede da Federação das Indústrias da Paraíba/FIEP, projetada pelos profissionais cariocas, Cydno Ribeiro da Silveira, Amélia Gama e Monica Vertes (1978-83): uma obra brutalista de grande apelo visual que marca a paisagem urbana com sua qualidade projetual e construtiva.

Observa-se que os arquitetos precursores dessa modernidade, foram aqueles profissionais, que mesmo

sem terem nascidos na cidade de Campina Grande, desenvolveram ali, um trabalho significativo no local, como por exemplo, os arquitetos pernambucanos Augusto Reynaldo (residências unifamiliares, Edifício Prata/1962); Heitor Maia Neto (Escola Politécnica da Paraíba/1959); e o carioca Hugo Marques (Edifício do Banco Industrial de Campina Grande/1957; Hotel Ouro Branco, 1961; Edifício Palumbo/1962; Edifício Lucas/1963). Esses profissionais foram os primeiros a produzir na cidade uma arquitetura moderna, logo apreendida pelo campinense e arquiteto autodidata Geraldino Duda, que fez graduação posteriormente em engenharia civil, e foi responsável por consolidar na cidade, tal forma de projetar e construir, executando centenas de obras residenciais que mudaram pouco a pouco a paisagem urbana, com uma nova arquitetura, destacando-se entre estas, as dezenas de residências unifamiliares que se proliferaram na cidade, nos bairros modernos da Prata e do Alto Branco, além de sua obra prima, o Teatro Municipal Severino Cabral (1962), localizado na área central.

Nesse processo de consolidação, outros arquitetos também contribuíram de maneiras distintas. O pernambucano Tertuliano Dionísio, que atuou bastante na área institucional, e o campinense Renato Azevedo, que além de sua formação arquitetônica, atuou na área urbanística, coordenando e planejando importantes obras em escala urbana.

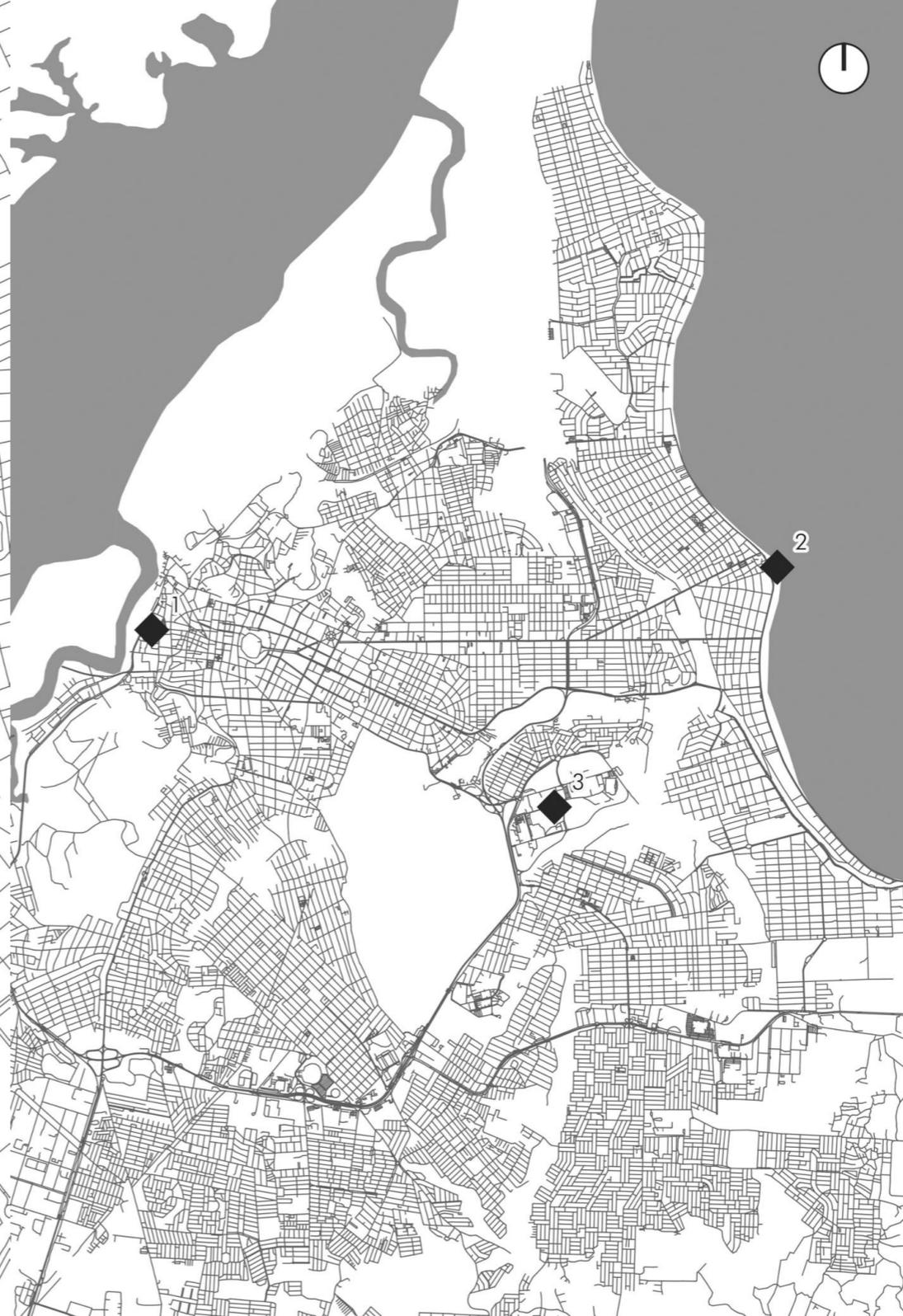
A produção da arquitetura moderna campinense vem sendo estudada pelo grupo de pesquisa Arquitetura e Lugar da Universidade Federal de Campina Grande, documentando a produção através de projetos de pesquisas específicos para cada arquiteto. Além de realizar o mapeamento digital desse patrimônio em um site (<https://campinagrandemoderna.wixsite.com/home>), que pode ser acessado por todos que desejam conhecer um pouco dessas obras.



CAMPINA GRANDE

- 1. TEATRO MUNICIPAL
- 2. FIEP

0 250 500 m



JOÃO PESSOA

- 1. TERMINAL RODOVIÁRIO
- 2. HOTEL TAMBAÚ
- 3. BIBLIOTECA CENTRAL

0 1 2 km



TEATRO MUNICIPAL

SEVERINO CABRAL

ANO	1960- 1962
PROJETO	Geraldino Pereira Duda
LOCAL	Av. Floriano Peixoto, s/n, Campina Grande
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Institucional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Protegido legalmente



Fonte: Diego Diniz, 2019.

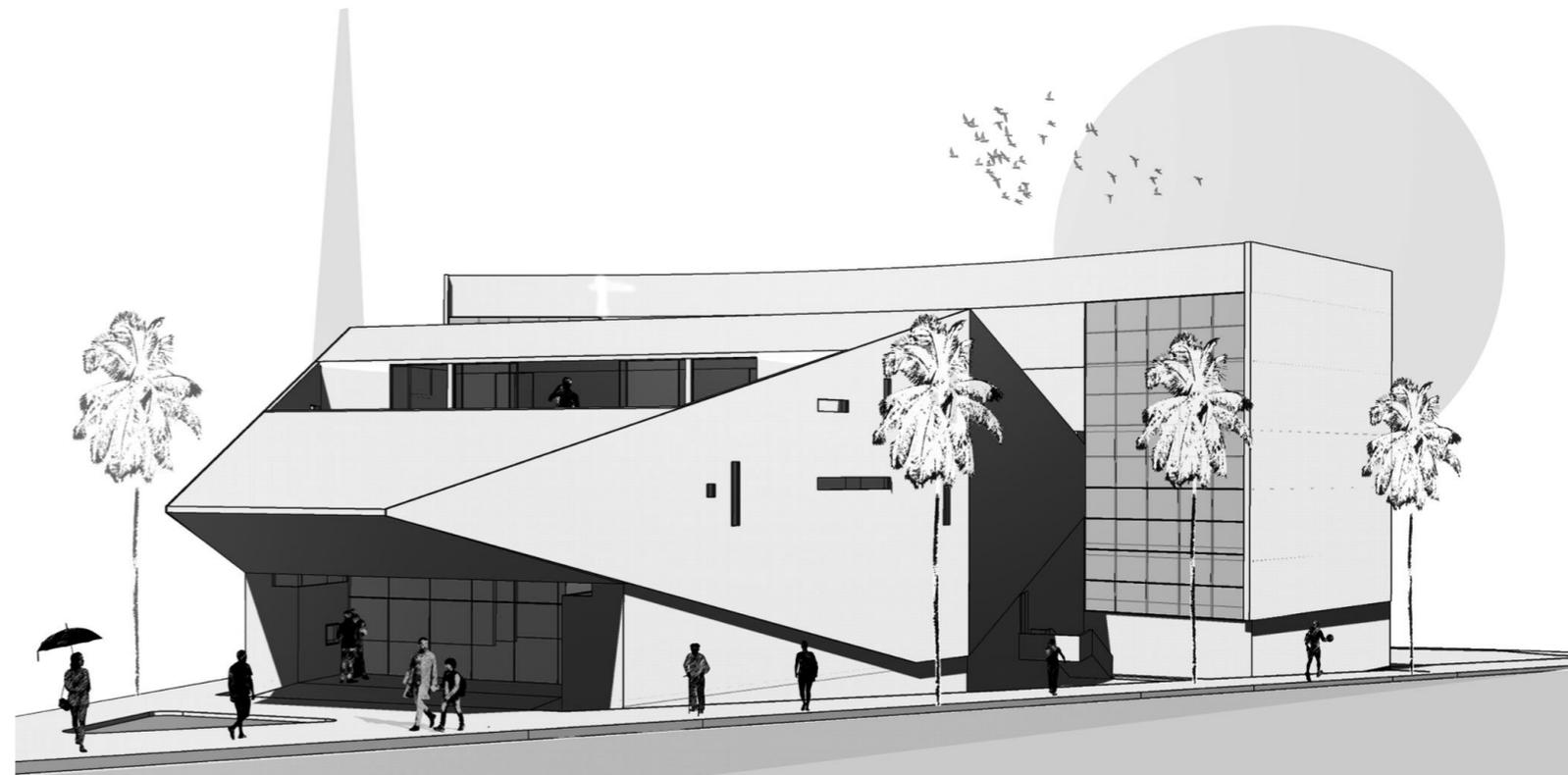
Geraldino Pereira Duda nasceu na cidade de Campina Grande no dia 6 de março de 1935. Em 1950, com apenas 15 anos de idade, foi incentivado pelo amigo e fotógrafo Sóter Farias, a iniciar suas atividades na área de arquitetura, orientando-o a trabalhar no escritório do arquiteto licenciado Josué Barbosa. Duda logo se destacou devido à sua habilidade para desenhar. Trabalhou também para o construtor José Honorato Filho e outros profissionais, sendo convidado para fazer parte da Construtora Honorabre.

Em 1960, começou a trabalhar para o Departamento de Arquitetura e Urbanismo (DPU) da prefeitura de Campina Grande, como assistente técnico de Arquitetura e Urbanismo, juntamente com o engenheiro Austro França, no mandato do prefeito Severino Cabral. Em 1962, foi incumbido de projetar o Teatro Municipal Severino Cabral, obra que teve sua inauguração parcial em 1963. Esta foi sua obra de maior

destaque, e lhe rendeu muito reconhecimento profissional. A década que se seguiu (de 1960) foi marcada por uma grande produtividade do desenhista, principalmente, de projetos residenciais.

Na década 1970, Geraldino tirou licença do seu cargo na prefeitura para concluir o curso de Engenharia Civil na Escola Politécnica, em Campina Grande. Sua contribuição com o urbanismo da cidade também é vasta, e como exemplos, podemos citar: o desenho da Praça do Trabalho; a concepção projeto MultiLagos (que não chegou a ser executado); o traçado urbano de várias quadras no bairro da Prata, dentre muitos outros. De sua produção profissional, é importante ressaltar, que apesar do projeto do Teatro Municipal Severino Cabral ter sido sua obra de maior destaque, Geraldino foi o responsável por dezenas de projetos residenciais, que marcam fortemente a paisagem urbana de Campina Grande.

Fonte: Reconstrução virtual por Diego Diniz. Foto: Alcília Afonso, 2015.



HOTEL TAMBAÚ

ANO	1966-1970
PROJETO	Sérgio Wladimir Bernardes
LOCAL	Av. Almirante Tamandaré 1229, Tambaú, João Pessoa
GESTÃO	Privada
TIPOLOGIA	Hotel
ESTADO	Inativo
CONSERV.	Sem descaracterizações
PROTEÇÃO	Em processo de registro



Fonte: Projeto Memória Bernardes

Nasceu no Rio de Janeiro no dia 9 de abril de 1919, e graduou-se em 1948, pela Faculdade Nacional de Arquitetura. Atuou como arquiteto e urbanista, tendo recebido muitos prêmios na área, e destacando-se na área de tipologias residências, entre elas, uma de suas obras mais marcantes, a residência de Lota Macedo Soares (1953). Sua produção caracteriza-se pela intensa busca por soluções construtivas e espaciais, para além das convencionais junto a um intenso entendimento material e estrutural, partindo do interior para o exterior, privilegiando os detalhes e adotando uma postura minimalista em relação à distribuição espacial, imperando o ângulo reto em suas construções da fase inicial.

Segundo Cavalcanti (2009, s/p), Bernardes fundou, então, uma linguagem específica e inconfundível que, sem descartar o concreto armado, explorando as potencialidades de estruturas metálicas; em algumas composições antecipou uma linguagem que acentuava as sensações estéticas de peso estrutural.

Marcaram a sua produção arquitetônica: Pavilhão de Bruxelas (1958), o projeto Rio do Futuro (1960), Pavilhão de São Cristóvão (1960), sua própria residência (1960), Hotel Tambaú (1962), Hotel Tropical de Manaus (1963/1970), Planetário de Brasília (1974), Posto de Salvamento da cidade do Rio de Janeiro (1976), entre outras.

No que é referente ao Hotel Tambaú, construído na cidade de João Pessa, “em uma ponta de areia entre duas enseadas que constituem as praias de Tambaú e Manaíra – limitado pelas ondas do mar e a avenida que contorna o tecido urbano (Rocha *et al.*, 2017, s/p), Bernardes decidiu adotar como partido arquitetônico, dois anéis circulares concêntricos de concreto implantados à beira-mar, integrados à paisagem marítima, com forma circular, baixo e horizontal. “O conceito básico para o arquiteto carioca é que, nesses casos, nem o criador, nem a criatura devem aparecer mais que a natureza” (Bernardes, 2010, p.22).



Foto: Gilberto Stuckert, 2009.

TERMINAL RODOVIÁRIO

SEVERINO CAMELO

ANO	1976-1981
PROJETO	Glauco Campello e José Luiz França de Pinho
LOCAL	Varadouro, João Pessoa-PB
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Comércio/Serviços
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Sem proteção legal



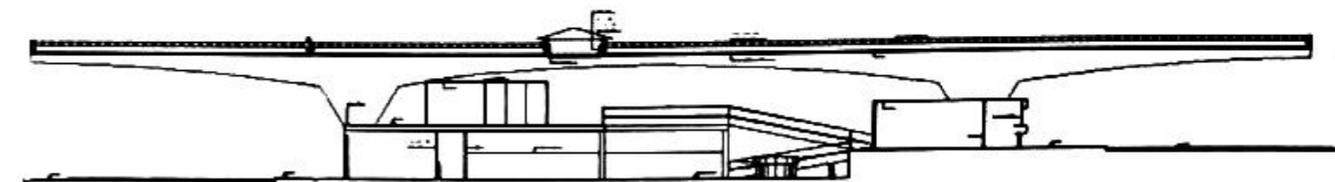
Glauco Campello
Fonte: Acervo pessoal do arquiteto.

Nasceu em Mamanguape (PB), no dia 24 de julho de 1934. Em 1951, iniciou seus estudos universitários na Escola de Belas Artes de Pernambuco/ EBAP, mas foi para o Rio de Janeiro, em 1954, para estagiar com Oscar Niemeyer, construindo a partir dali uma sólida amizade com o mestre carioca. Conseguiu concluir sua graduação em arquitetura pela Faculdade Nacional de Arquitetura, no ano de 1959.

Entre os anos de 1959 e 61, participou da construção de Brasília, e detalhou os projetos do Congresso Nacional e do Supremo Tribunal Federal, de autoria de Niemeyer. Em 1962 passou a integrar a equipe inicial do Centro de Planejamento da Universidade de Brasília (UnB), atual Centro de Planejamento Oscar Niemeyer/CEPLAN. Entre 1969 e 71, voltou ao Recife, onde projetou o Centro de Reabilitação Profissional do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), o edifício Oásis e conjunto residencial Joana Dália da Silveira. Nesse período lecionou na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal

de Pernambuco (UFPE). Entre os anos de 1972 e 1975, esteve na Itália como responsável pelo desenvolvimento do projeto de Niemeyer para a sede da Editora Mondadori, em Milão.

De volta ao Brasil, em 1975, realizou projetos para o Rio de Janeiro e outros estados, vencendo concursos nacionais de arquitetura, e interessando-se, também, pelos problemas de restauro e revitalização de centros históricos. Em 1976-77 venceu o concurso nacional de projetos para a construção do Terminal Rodoviário de João Pessoa, em parceria com o arquiteto José Pinho. Com estrutura em concreto armado e cobertura de telha de aço, a nova rodoviária da capital paraibana foi inaugurada cinco anos depois. O conjunto é formado basicamente por uma esplanada que se desenvolve em três níveis alternados adotando obediência aos critérios de economia, simplicidade e conforto, optou-se pela distribuição dos diversos setores, em três níveis alternados e interligados por rampas (Gouvea et al., 2015, p. 54).



BIBLIOTECA CENTRAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

ANO	1978-1981
PROJETO	José Galbinski
LOCAL	Cidade universitária s/n. Castelo Branco, João Pessoa
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Institucional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Sem descaracterizações
PROTEÇÃO	Sem proteção legal



Fonte: Tereza Sá/Reprodução

José Galbinski nasceu em Porto Alegre, em 1933, e é graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS (1959 – 1963), possuindo doutorado em City and Regional Planning pela Cornell University de Nova Iorque (1974 – 1978). Influenciado pela escola paulista e a arquitetura brutalista, possui obras importantes em Brasília, chegando à cidade na reabertura da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB, em 1971, que havia sido fechada devido aos ataques da ditadura militar. Galbinski foi convidado a fazer parte de seu corpo docente, formando várias gerações de profissionais na instituição.

Entre suas obras mais emblemáticas estão o Pavilhão da Náutica, a urbanização do Pontão (Lago Sul), os edifícios da Biblioteca Central e o Restaurante Universitário, ambos localizados no campus Darcy Ribeiro. Também foi consultor de projetos internacionais pela Onu-Habitat e no Brasil pelos Ministério do Planejamento e o Ministério da Educação.

O arquiteto tem um papel fundamental no planejamento e projetos de bibliotecas universitárias brasileiras, após sua exitosa experiência na Biblioteca Central Estudantil/BCE da Universidade de Brasília, a primeira biblioteca central projetada no Brasil- que desenvolveu entre 1970-1973, em parceria com o arquiteto Miguel Pereira, e com consultoria do norte-americano Frazer Poole.

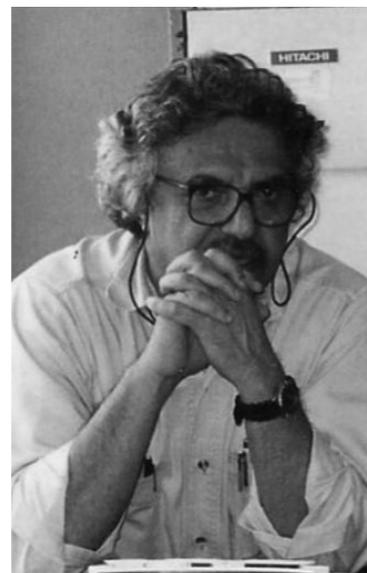
Galbinski passou a ser uma referência após o projeto da BCE UnB, tendo sido convidado para projetar outras bibliotecas centrais, como por exemplo, a da Universidade Federal da Paraíba/UFPB, e a Universidade Federal do Espírito Santo/UFES. Sua experiência na área projetual de bibliotecas, que adotava critérios como adequação climática (brises, clareiras), setorização, acessibilidade e segurança, gerou uma pesquisa que gerou resultados publicados na obra "Planejamento físico de bibliotecas universitárias (Galbinski e Miranda, 1993), livro realizado em parceria com o bibliotecário Antônio Miranda.



FIEP

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DA PARAÍBA

ANO	1978-83
PROJETO	Cydno da Silveira, Amélia Gama, Mônica Vertes
LOCAL	Rua Manoel Gonçalves, 195, José Pinheiro, Campina Grande-PB
GESTÃO	Privada
TIPOLOGIA	Institucional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Sem proteção legal



Fonte: CSA Arquitetura

Cydno Ribeiro da Silveira nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 14 de setembro de 1940, e graduou-se arquiteto urbanista pela UNB/Universidade de Brasília (1962/1968). De família com origem paraibana, Cydno sempre esteve muito ligado à cidade do Rio de Janeiro, onde mantém seu escritório até hoje.

Seus primeiros projetos foram desenvolvidos em Brasília, no ano de 1967, quando ainda era estudante, como as Casa do Sr. Flavio B. Ramos; Casa do Sr. José Aloísio Telles Ribeiro; Loja Comercial Tele Técnica; A partir de 1968, projetou obras maiores como a Sede da Federação das Bandeirantes do Brasil (1968) e o Parque Nacional de Exposição e Feira Agropecuária de Brasília, já trabalhando nessa com o arquiteto Oscar Niemeyer.

Ainda no ano de 1968, iniciou estudos sobre Pesquisa Sobre Habitação Rural e Tecnologia do Pré Moldado Fibroso, desenvolvendo uma Experiência piloto, na área de tecnologias construtivas alternativas,

que se dedicará sempre em paralelo a seus trabalhos mais convencionais e voltados para tipologias institucionais ou residenciais.

No final dos anos 60 e início da década de 70, trabalhou em vários projetos com Niemeyer desenvolvendo projetos para a Argélia, tais como o Centro Cívico de Argel (1972) e a "Cité D' Affaires" (1973). A partir do final dos anos 70, quando iniciou o projeto para a FIEP de Campina Grande, o arquiteto desenvolveu algumas obras no Rio de Janeiro, sua cidade natal, e começou uma relação profissional em alguns lugares do nordeste, especificamente Campina Grande, na Paraíba, e Itamaracá, Pernambuco.

Na sua atuação na Paraíba, seja em Campina Grande ou João Pessoa, observou-se que a partir do projeto da FIEP, o mercado paraibano se abriu para o arquiteto. A maior parte das obras eram para públicas encomendadas pelo Governo estadual, sendo poucas para o setor privado.



Foto: Alcília Afonso, 2015.

BIBLIOGRAFIA

AFONSO, A. (org). *Campina Grande Moderna*. Campina Grande: Edufcg, 2022.

AMORIM, L.; TINEM, N. (orgs). *Morte e vida severinas: das ressurreições e conservações (im)possíveis do patrimônio moderno no Norte e Nordeste do Brasil*. João Pessoa: Editora Universitária PPGAU/UFPB, 2012.

AFONSO, A. Cydno Ribeiro da Silveira: edifício Albano Franco - Sede da FIEP. 1978/1983. In: AFONSO, A. (Org.). *Campina Grande moderna*. Campina Grande, EDUFCG, 2022.

BERNARDES, K.; CAVALCANTI, L. *Sergio Bernardes*. Rio de Janeiro: ArtViva Editora, 2010.

CAVALCANTI, L. *Quando o Brasil era moderno: Guia da arquitetura. 1928-1960*. Rio de Janeiro: Aeroplano editora, 2001.

CAVALCANTI, L. A importância de Sérgio Bernardes. *Arquitextos*, São Paulo, ano 10, n. 111.00, Vitruvius, ago. 2009 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.111/31>>.

COTRIM, M. Clareza compositiva e a herança moderna brasileira. O caso do edifício da FIEP em Campina Grande. *Arquitextos*, São Paulo, ano 11, n. 130.04, Vitruvius, mar. 2011.

GALBINSKY, J. ; MIRANDA, L. C. *Planejamento físico de bibliotecas universitárias*. Brasília: Probib, 1993.

GOUVEA, J. P. et al. *Glauco Campelo: Caderno de Arquitetura*. São Paulo: Ecidade, 2015.

MELO, M. E. P de A. L. *Três bibliotecas e dois livros: um estudo analítico das bibliotecas de José Galbinsky*. Recife: Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano (MDU-UFPE), 2019.

ROCHA, G.; TINEM, N.; COTRIM, M. Hotel Tambaú, de Sérgio Bernardes. Diálogo entre poética construtiva e estrutura formal. *Arquitextos*, São Paulo, ano 18, n. 206.00, Vitruvius, jul. 2017. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/18.206/6627>>.

ROCHA, F. et al. Pequena mostra de arquitetura moderna: João Pessoa e Campina Grande nos caminhos do mo_mo.tur do 3º seminário Docomomo Norte Nordeste. João Pessoa: Editora universitária/UFPB, 2010.

PERNAMBUCO

ALCÍLIA AFONSO

Doutora em projetos arquitetônicos | ETSAB UPC
Professora adjunta da Universidade Federal de Campina Grande | UFCG
kakiafonso@hotmail.com

FERNANDO DINIZ MOREIRA

Doutor em arquitetura | University of Pennsylvania (U.P.)
Professor Titular da Universidade Federal de Pernambuco | UFPE
fernando.moreira@ufpe.br

“...a busca de adaptar a linguagem moderna à realidade tropical, que mais caracteriza essas obras”

ALCÍLIA AFONSO

A arquitetura moderna em Recife, capital do estado de Pernambuco, nordeste brasileiro, teve a sua origem nos anos 30 do século XX, com a chegada do arquiteto carioca Luiz Nunes na cidade, a convite do governador Carlos de Lima Cavalcanti, em 1934, e que conseguiu desenvolver, em conjunto com uma equipe brilhante (Joaquim Cardoso, Fernando Saturnino, Burlle Max, entre outros), uma série de projetos considerados precursores de uma modernidade na região, além de contribuir com importantes soluções projetuais, técnicas, construtivas e plásticas que permaneceram incorporadas à prática profissional local.

As obras produzidas por Nunes e sua equipe tiveram um papel fundamental na implantação da modernidade recifense, ao trabalhar com princípios projetuais como plantas moduladas, atenção à estrutura, transparências espaciais, abstração formal, soluções bioclimáticas, utilizando sempre os cobogós em cimento, que se tornaram referência nessa produção. Destacam-se as obras da Escola Rural Alberto Torres (1935); a Caixa d'água de Olinda (1936); o Pavilhão de Verificação de órbitas (1936) e o Antigo Re-

formatório de Menores e atual Universidade Federal Rural de Pernambuco (1935), entre outras.

Outro personagem fundamental na modernidade recifense, foi o arquiteto italiano Mario Russo, que em 1949 foi convidado para trabalhar como professor na Universidade do Recife lecionando a disciplina de Composições Arquitetônicas do curso de Arquitetura da Escola de Belas Artes, tendo assumido também durante seis anos, a Diretoria do Escritório Técnico da Cidade Universitária do Recife/ETCUR, vinculado à Reitoria (Cabral, 2003).

Na sua atuação como professor, adotava como princípio básico, que o processo projetual deveria partir de um estudo aprofundado do programa arquitetônico do edifício, levando em consideração os aspectos topográficos, climáticos, funcionais e construtivos: a arquitetura entendida como síntese dos vários aspectos que envolvem a sua produção e em ligação com o tempo em que estava sendo produzida.

Mario Russo abriu espaço para seus alunos, que se tornaram seus discípulos diretos, pois estagiaram

com ele no ETCUR, destacando-se aqui, os nomes de Heitor Maia Neto, Reginaldo Esteves, Everaldo Gadelha, Mauricio de Castro, e Cândido Ribeiro, bem como, arquitetos internacionais e nacionais, como Felippo Mellia; Paulo Magalhães; Achilles Wanderley.

Os edifícios projetados e construídos por Russo na ETCUR durante o período de 1949 a 1955, foram a Faculdade de Medicina, o Hospital das Clínicas, o Instituto de Antibióticos, o Instituto de Biologia Marítima (fora do campus universitário); as planejadas e não construídas foram a Escola de Engenharia, a Escola de Química, as casas mínimas dos funcionários públicos e o prédio dos professores.

Em 1951, o arquiteto carioca Acacio Gil Borsoi foi convidado para ser professor do curso de arquitetura da Escola de Belas Artes de Pernambuco/EBAP, atuando como docente durante vinte e oito anos, e sendo proprietário de um dos escritórios que mais produziu obras no recorte da modernidade pernambucana e regional, composto por vários colegas colaboradores que deixaram um grande legado que vem sendo resgatado.

Seu trabalho como professor e como arquiteto influenciou várias gerações de alunos, além da qualidade projetual de suas obras precursoras nos anos 50 (Afonso, 2006), que colaboraram na consolidação da modernidade regional:

1) Várias residências unifamiliares, tais como as casas: Lisanel de Melo Mota (1953), Luciano Costa (1953), a casa do arquiteto (1955), as casas projetadas para o complexo da Praça Fleming (1954), as casas Francisco Claudino (1956) e Dulce Matos (1958); 2) Três edifícios multifamiliares: Edifício União (1955), Califórnia (1953) e Caetés (1955). Além dos projetos para o Hospital das Clínicas e do Museu de Arte Moderna do Recife (não construído).

No final do ano de 1951, chegou ao Recife mais um arquiteto que foi fundamental na consolidação da modernidade pernambucana: o português Delfim Fernandes Amorim. Após obter a cidadania brasileira em 1956, e com a saída do professor e arquiteto italiano Mario Russo do curso de arquitetura, Amorim foi contratado como professor titular da disciplina de Pequenas Composições, em substitui-

ção a Borsoi, que passou a ser o responsável pela disciplina de Grandes Composições.

Segundo o depoimento de Gomes (AU. 57, p. 73), seu ex-aluno: “Foi no curso de arquitetura, transformado em faculdade em 1959, que Amorim fortaleceu seus domínios, de tal forma que ainda não surgiu outro professor da sua magnitude”.

As contribuições de Delfim Amorim para a arquitetura brasileira, são citadas por autores como Gomes (1995), Bruand (1981) e Luiz Amorim (2002), que apontam para os seguintes critérios presentes em suas obras: 1) Rigor técnico; 2) Utilização da solução de telha canal na laje; 3) Utilização de azulejos como revestimento de fachadas; 4) Parapeito ventilado.

Afonso (2006), na pesquisa realizada sobre a consolidação da modernidade recifense, observou que nos projetos dos precursores da modernidade pernambucana houve uma constância na utilização dos recursos projetuais, tais como:

1) a estruturação e ordenação das plantas através do controle do módulo, trabalhando com tramas ordenadoras; 2) a resolução dos programas, propondo a criação de blocos de áreas funcionais, através da setorização das áreas de uso, dedicando especial atenção à sala de estar - que comumente apresentava pé-direito duplo; 3) espaços transparentes integrados ao exterior; 4) presença de escadas e rampas utilizadas como elementos espaciais; 5) a resolução de área íntima (quartos) em uma lâmina setorizada.

Nas soluções estruturais utilizadas em edifícios de grande altura, observou-se a relação existente entre vedações e estrutura nas composições das fachadas, para além do predomínio do sistema construtivo em concreto armado para as suas execuções. Estas foram resolvidas de forma sistemática, seguindo uma modulação, mas ainda não se libertando dos invólucros, como as peles, que continuavam vinculadas à estrutura.

No entanto, foram as soluções para o clima, na busca de adaptar a linguagem moderna à realidade tropical, que mais caracterizaram essas obras. Em planta e volume, foram propostas soluções, para

coberturas, vedações, revestimentos, que juntamente com a utilização dos materiais de construção disponíveis, constituíram a base de uma produção tipicamente regional.

A plasticidade e o cromaticismo dos materiais de construção, como a madeira, as pedras, as cerâmicas utilizadas em tijolos e ladrilhos, contrastam com o branco das paredes por vezes enriquecido com painéis de cerâmica artística ou frescos coloridos, caracterizam a produção deste período.

Por fim, o resultado do conjunto de soluções gerou a concepção formal dessas obras, já influenciadas pelo vocabulário plástico formal dos arquitetos cariocas, entre eles Lúcio Costa, Niemeyer, Sergio Bernardes, os irmãos Roberto, Reydi, Jorge Moreira, entre outros.

Alcília Afonso



RECIFE

1. INSTITUTO DE ANTIBIÓTICOS
2. PAVILHÃO LUIZ NUNES
3. SEDE DA CELPE
4. EDIFÍCIO MIRAGE

0 1 2 km



CAMARAGIBE

1. SEMINÁRIO REGIONAL DO NORDESTE

0 0,25 0,5 km

PAVILHÃO LUIZ NUNES

ANTIGO SERVIÇO PARA VERIFICAÇÃO DE ÓBITOS

ANO	1936
PROJETO	Luiz Nunes
LOCAL	Esquina da Rua Jenner de Sousa e Rua Henrique Dias, 130, Derby, Recife
GESTÃO	Pública Federal (UFPE), cedido ao IAB
TIPOLOGIA	Institucional
ESTADO	Inativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Protegido legalmente

Luiz Carlos Nunes de Souza nasceu no Rio de Janeiro, em 31 de julho de 1909 e faleceu na mesma cidade, em 1937. Courseu arquitetura na ENBA/Escola Nacional de Belas Artes, a partir de 1926, e em 1934 Nunes foi convidado pelo Governo do Estado de Pernambuco, para ser diretor do Departamento de Obras Públicas, na “Secretaria da Viação e Obras Públicas”.

A atuação de Nunes no Recife divide-se em três fases: a primeira, de junho de 1934 a agosto de 1935, quando trabalhava na “Secretaria da Viação e Obras Públicas”; a segunda, de agosto de 1935 a dezembro de 1935, na qual foi criado o DAC/Diretor de Arquitetura e Construção e o último, de finais de 1936 a novembro de 1937, quando foi criado o DAU/Diretor de Arquitetura e Urbanismo.

Projetou com sua equipe dezenas de obras em Pernambuco, tais como: Assim, durante a execução do DAC, entre o período de junho de 1934 a dezembro de 1935, temos as seguintes obras:

- 1) Fábrica de Leite, 1934; 2) Hospital da Brigada Militar, 1934; 3) Delegacias de polícia nos bairros da cidade, 1934; 4) Escola para doentes mentais, 1934; 5) Restaurantes populares removíveis, 1935; 6) Armazém e Mercado de Peixe, 1935; 7) Escola Rural Alberto Torres, 1935; 8) Antigo Reformatório de Menores e atual Universidade Federal Rural de Pernambuco, 1935; 9) Pavilhão de Pernambuco da Exposição Comemorativa do Centenário da Revolução Farroupilha, 1935; 10) Pavilhão de Verificação de óbitos, 1936; 11) Torre de Água de Olinda, 1936; 12) Leprosário da Minueira, 1937.



INSTITUTO DE ANTIBIÓTICOS

ANO	1953
PROJETO	Mário Russo
LOCAL	Campus da UFPE, Recife-PE. Brasil
GESTÃO	Pública - Federal
TIPOLOGIA	Institucional/Educacional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Sem proteção legal



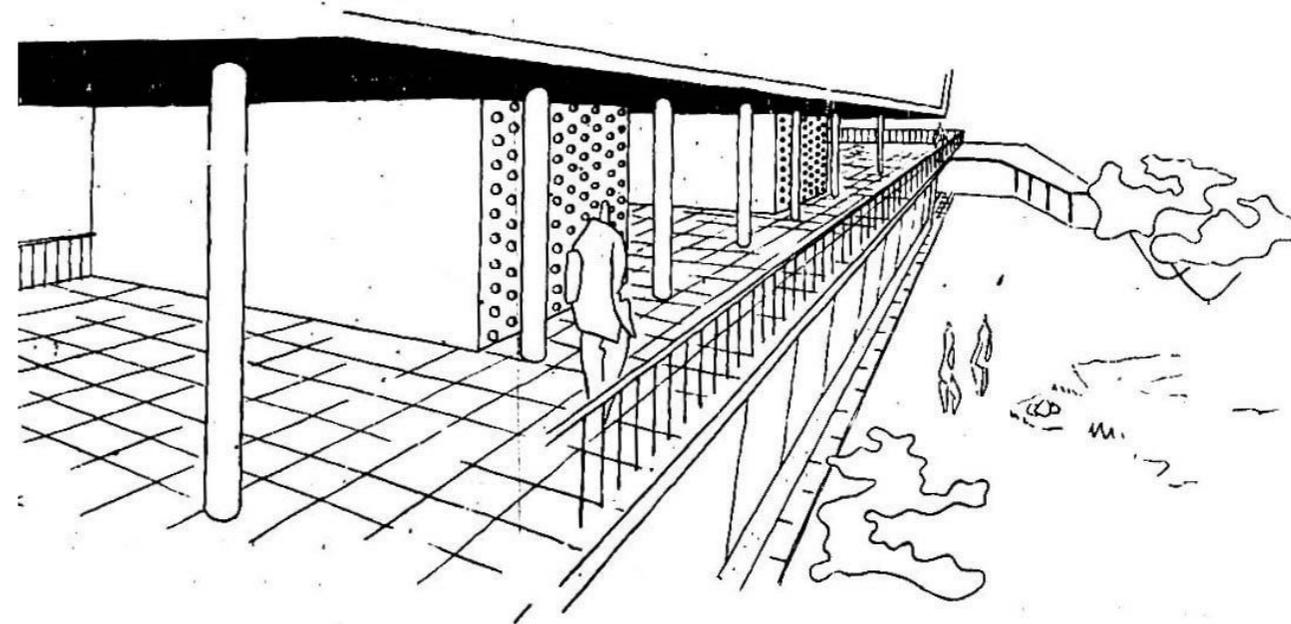
Fonte: Renata Cabral, 2003.

Mário Russo nasceu em Nápoles em 1917. De 1936 a 1942, estudou arquitetura na Escola Superior de Arquitetura de Nápoles, criada em 1930 e que obedecia às normas da Escola de Roma, fundada em 1921, que buscava formar um arquiteto integral: um profissional que deveria projetar através da realização de investigação funcional, estrutural e construtiva, entendendo ainda a arquitetura como arte

Em 1949, o arquiteto italiano foi convidado ao Brasil pela Universidade do Recife para ser professor da disciplina de Composições Arquitetônicas do curso de Arquitetura da Escola de Belas Artes, assumindo a Diretoria do Escritório Técnico da Cidade Universitária do Recife/ETCUR, vinculado à Reitoria, e que ali desenvolveu trabalho durante seis anos.

Campelo (2003) desenvolveu uma rica pesquisa sobre a obra de Russo, e serve de base para estudos sobre sua formação, atuação na Itália e no Brasil, especificamente em Pernambuco. Afonso (2006) em sua tese doutoral dedicou capítulos à obra do arquiteto produzida nos anos 50 e analisou vários projetos realizados por ele em Pernambuco.

Os edifícios projetados e construídos por Russo na ETCUR durante o período de 1949 a 1955 (Afonso, 2006), foram a Faculdade de Medicina, o Hospital das Clínicas, o Instituto de Antibióticos, o Instituto de Biologia Marítima (fora do campus universitário); as planejadas e não construídas eram a Escola de Engenharia, a Escola de Química, as casas mínimas dos funcionários públicos, o prédio dos professores.



SEMINÁRIO REGIONAL DO NORDESTE

ANTIGA SEDE DA FOP UPE

ANO	1962
PROJETO	Delfim Amorim, Marcos Domingues, Florismundo Lins e Carlos Correia Lima
LOCAL	Av. General Newton Cavalcanti, 1650, Camaragibe-PE
GESTÃO	Pública - Estadual
TIPOLOGIA	Institucional
ESTADO	Inativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Sem proteção legal

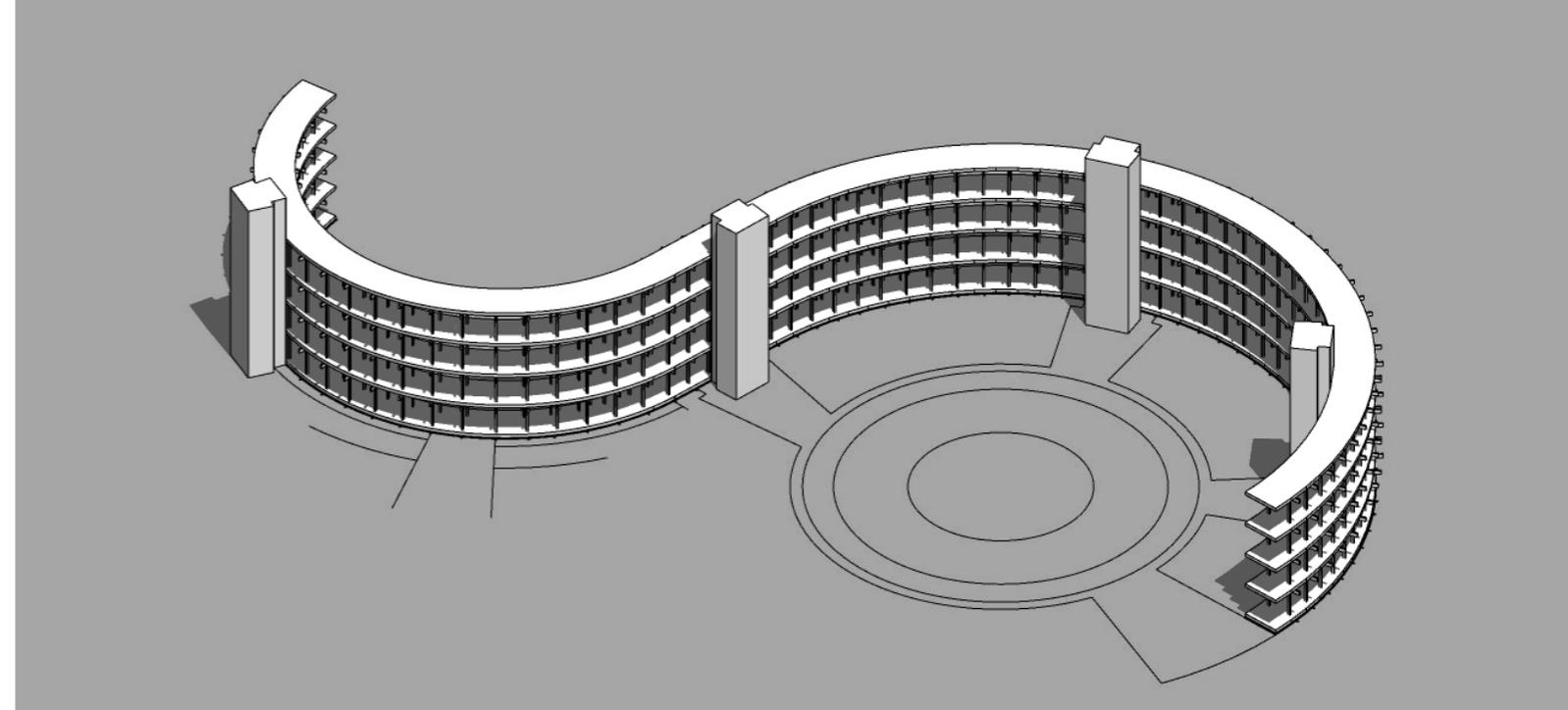


Delfim Amorim, Marcos Domingues e Florismundo Lins. Fonte: Reprodução.

A obra se originou de uma demanda estadual para a equipe de arquitetos formada por um professor, Delfim Amorim e mais três profissionais que atuavam em Pernambuco desde os anos 50, Marcos Domingues, Florismundo Lins e Carlos Correia Lima.

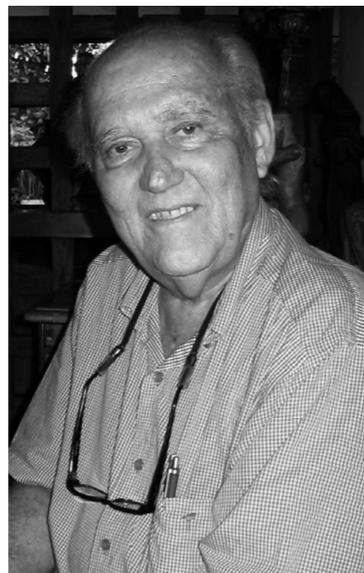
Delfim Fernandes Amorim (1917-1972) foi “um arquiteto português naturalizado brasileiro que pertenceu à primeira geração de arquitetos modernos formados na EBAP. A sua obra construída mais significativa encontra-se no Brasil, no Recife, para onde emigrou em 1951”, conforme escreveu (Correia *et al.*, 2023, p.61). O arquiteto tem sido bastante estudado por vários autores, como Amorim (1989), Gomes (1995), Afonso (2006), e era uma referência profissional devido ao seu desempenho acadêmico. Marcos Domingues e Carlos Correia Lima “foram

vencedores de um importante concurso em 1956, para o edifício do Instituto de Educação de Pernambuco/IEP, obra de grande importância no cenário local, e que contribuiu na afirmação profissional dos jovens arquitetos” (Afonso, 2022, p.352). Ter ganhado o concurso do IEP, segundo Lima (1985, p.100), impulsionou a carreira profissional da dupla de jovens arquitetos, inserindo-os a partir de então, no cenário arquitetônico pernambucano a partir de meados dos anos 50. O quarto arquiteto que fez parte da equipe do projeto foi Florismundo Marques Lins Sobrinho (1924-2015), pernambucano, mas que estudou arquitetura na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e iniciou suas atividades profissionais em 1949, no Recife, juntamente com a sua esposa, a também arquiteta, Heleny Marques Lins, na Construtora Lins.



EDIFÍCIO MIRAGE

ANO	1967-1969
PROJETO	Acácio Gil Borsoi
LOCAL	Rua dos Navegantes, 1617, Boa Viagem Recife-PE
GESTÃO	Privada
TIPOLOGIA	Resid. Multifamiliar
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Sem proteção legal



Fonte: Alcília Afonso, 2006

Formado em 1949 pela Faculdade Nacional de Arquitetura no Rio de Janeiro, Acácio Gil Borsoi (1924-2009) se fixou no Recife em 1951 e teve um papel chave na consolidação da arquitetura moderna na Região Nordeste. A convivência com o pai, responsável por obras de interiores como os da Confeitaria Colombo, com uma série de edifícios clássicos no centro do Rio de Janeiro e com uma escola de arquitetura ainda com forte orientação clássica, instigou-lhe não apenas uma paixão pelo ofício da arquitetura e pelos detalhes e pela técnica construtiva, mas também um forte respeito à tradição clássica.

Entre seus primeiros projetos no Recife na década de 1950, destacam-se residências unifamiliares (Lisanel de Melo Mota, Acacio Gil Borsoi e Luciano Costa) que se tornaram modelo para diversos arquitetos e construtores locais nas décadas seguintes. Nesta década, projetou alguns dos primeiros edifícios residenciais em altura, como o União e o Califórnia. No

começo dos anos 1960, promoveu uma rica experiência em habitação social com técnicas tradicionais de construção em Cajueiro Seco em Jaboatão dos Guararapes.

Entre o final dos anos 1960 e o começo dos anos 1990, se notabilizou por uma série de importantes edifícios institucionais pelo Brasil: a sede do Bandede (atual Porto Digital) no Recife, o Ministério da Fazenda, em Fortaleza, o Palácio da Justiça de Teresina, a Assembleia Legislativa do Piauí, também em Teresina, e o Centro Administrativo de Uberlândia. Nestes edifícios explorou a expressão do concreto armado de forma aparente, alinhado a uma forte preocupação com o caráter cívico destes conjuntos.

Neste mesmo período, foi também autor de uma série de edifícios multifamiliares na orla do Bairro de Boa Viagem, como o Mirage, Michelângelo, Portinari, Rembrandt, Debret e o Maria Leopoldina.

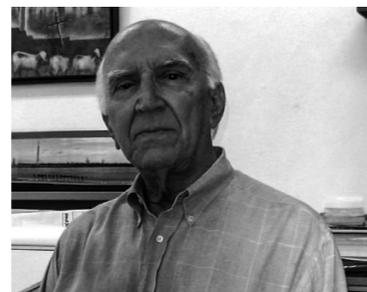
Dados enviados por: Fernando Diniz. Foto: Tiago Lubambo, 2014.



SEDE DA CELPE

COMPANHIA DE ENERGIA ELÉTRICA DE PERNAMBUCO, ATUAL SEDE DA NEONERGIA EM PE

ANO	1970-1972
PROJETO	Reginaldo Esteves, Vital Pessoa de Melo Jardins de Burle Marx
LOCAL	Av. João de Barros, 111, Boa Vista, Recife-PE
GESTÃO	Privada
TIPOLOGIA	Institucional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Sem descaracterizações
PROTEÇÃO	Protegido legalmente



Reginaldo Esteves e Vital Pessoa de Melo
Fonte: Reprodução.

Reginaldo Luiz Esteves nasceu em 1930, no município de Amaraji, interior de Pernambuco, e conviveu durante sua infância com artesãos de madeira, que o influenciaram bastante na elaboração de detalhes arquitetônicos. Quando jovem foi morar em Recife, onde começou a trabalhar com o projetista Hélio Coelho Correia, que produzia casas em estilo eclético. Posteriormente, vai trabalhar na empresa Júlio Maranhão, construtora que fazia grandes obras de infraestrutura, como pontes, estradas, possibilitando o contato direto de Esteves com a engenharia, com o concreto armado, recebendo orientações profissionais do engenheiro Arlindo Pontual.

Estudou arquitetura no período de 1950 a 1954 na Escola de Belas Artes de Pernambuco/EBAP, havendo sido aluno de Russo e posteriormente, de Acácio

Gil Borsoi. Manteve durante anos, um escritório com Maurício Castro, que a partir de 1964, se consolidou como a empresa Castro & Esteves, desenvolvendo projetos institucionais e industriais, entre eles a Fábrica de carros Willys que lhes deu o prêmio do IAB/PE (Instituto de Arquitetos do Brasil, seção Pernambuco), os edifícios da Biblioteca Pública, da CHESF, DETRAN, entre outros. (Afonso, 2014, s/p).

Esteves trabalhou também em sociedade com outros arquitetos, entre eles, Vital Pessoa de Melo, projetando o edifício da CELPE (Companhia elétrica de Pernambuco), que possui como identidade marcante o contraste entre as superfícies opacas revestidas em pastilhas brancas e o plano vibrante de quebra-sóis em concreto, independente da cortina de vidro que protege.



BIBLIOGRAFIA

AFONSO, A. *La consolidación de la arquitectura moderna en Recife en los años 50*. Barcelona: Tese Doutoral apresentada para o departamento de projetos arquitetônicos da ETSAB/UPC, 2006.

AFONSO, A. *Modernidade arquitetônica tropical: patrimônio arquitetônico recifense e sua influência no Nordeste*. Recife: Editora CEPE, Funcultura, 2022.

AFONSO, A. A produção arquitetônica moderna dos primeiros discípulos de uma Escola. *Arquitextos*, São Paulo, ano 09, n. 098.05, Vitruvius, jul. 2008. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/09.098/128>>.

AMARAL, I. F. *Um olhar sobre a obra de Acácio Gil Borsoi. Obras e Projetos residenciais 1953-1970*. Monografia de máster em Projeto de arquitetura. Natal: UFRN, 2004.

AMORIM, L. Delfim Amorim. Construtor de Uma Linguagem Síntese. *Revista de Arquitetura e Urbanismo*. n. 24., p. 94-97, 1989.

AMORIM, L. Recife: uma escola regional? *Revista Arquitetura e Urbanismo*. São Paulo. n. 94, p. 71-79.

BORSOI, M. A.; e WOLF, J. "Documento: Acácio Gil Borsoi". *Revista Arquitetura e Urbanismo*, n. 84, p. 35-41, 1999.

BRUAND, Y. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. São Paulo: Editora Perspectiva, p.146, 1981.

CABRAL, R. C. *Mario Russo. Um arquiteto racionalista em Recife*. (Monografia de máster), São Paulo: Escola de Engenharia de São Carlos, USP, 2003.

CABRAL, R. C. Documento Mario Russo. *Revista Arquitetura e Urbanismo*.96:95, 2001.

CANTALICE II, A. *Um Suave Brutalismo: traços da arquitetura em Pernambuco, 1965-1980*. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, 2009.

CANTALICE II, A.; OLIVEIRA, T. Reginaldo Esteves e a construção tectônica. São Luís: *Anais do 9º seminário do Docomomo Norte Nordeste*, 2022.

GOMES, G. Um Modernista Português no Recife. *Revista Arquitetura e Urbanismo*. Nº 57. p. 71-79, 1995.

LIMA, E. *Modulando*. Notas e Comentários. *Arquitetura e Urbanismo*. Recife: Fundação da Cultura do Recife, 1985.

NASLAVSKY, G. *Arquitetura Moderna no Recife 1949-1972*. Recife: Edição do Autor, 2012.

OITICICA, D. *et al. Delfim Amorim Arquiteto*. Recife: 2ª edição Gráfica Editora Apipucos, 1991.

Revista sobre o Instituto de Antibióticos produzida pelo Escritório Técnico da Universidade de Recife. n.4.

ALAGOAS

LETÍCIA BRAYNER

Doutoranda pela Universidade Federal de Alagoas | PPGAU UFAL
Professora assistente no Centro Universitário Tiradentes | UNIT/AL
Letbrayner@hotmail.com

“Zélia Maia Nobre ocupa lugar de destaque em virtude de sua extensa produção arquitetônica”

LETÍCIA BRAYNER

Desde o princípio do século XX a cidade de Maceió vivencia melhorias de infraestrutura, com alargamentos de vias e construções de praças públicas, iniciando um processo de valorização do espaço urbano, muito apreciado pela burguesia (Amaral, 2018).

Ferrare (1999) considera que as transformações espaciais vivenciadas pela cidade nas primeiras décadas do novo século, e a atração pelo espaço urbano, iniciadas com a República, contribuíram para trazer modificações no espaço construído, refletindo, com isso, o desejo da sociedade de inovar e marcar a cidade com uma visualidade moderna, por meio das praças e das edificações da cidade.

De acordo com Silva (1991) até a década de 1930 há somente um arquiteto na cidade com formação moderna, Manoel Messias de Gusmão, que havia se formado na Escola nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro em 1936, o qual, apesar da influência modernista que recebera, projeta em Maceió edificações com aspectos neocoloniais, e residências do tipo bangalôs. Somente a partir da década de 1950 que as ideias difundidas pelo Movimento Moderno começam a ganhar espaço na capital alagoana. O governador Arnon de Mello, nomeado em 1951,

trouxe as promessas do desenvolvimento econômico para a região e criando, a partir daí, as condições favoráveis para o surgimento das obras inaugurais de arquitetura moderna no município. Diante disso, as ideias inovadoras continuaram a se espalhar pela cidade e fizeram das décadas de 1950 e 1960 as mais frutíferas para a realização dessas construções.

É também nesse momento que a modernização expande a cidade para longe da praia, onde, através da criação da Av. Fernandes Lima - símbolo de crescimento urbano por conectar os bairros tradicionais com os novos e mais distantes do centro, núcleo inicial de povoamento da cidade, o bairro do Farol e arredores se tornam palco para essas novas construções. A primeira delas foi projeto da arquiteta Lygia Fernandes que, em 1952, construiu a Residência José e Lysette Lyra.

As manifestações de arquitetura moderna que começam a surgir neste período são recebidas com positividade pela classe burguesa, visto esta população de classe social favorecida dispunha de recursos que permitiam o investimento no espaço edificado, inclusive, como forma de expressar sua ascensão social. Edifícios como estes eram comumente en-

comendados pela alta sociedade cuja ambição de modernizar a cidade e a si próprios crescia cada vez mais, especialmente influenciados pelas inspirações vindas de fora da cidade. O Estado não possuía curso de arquitetura e estes profissionais que atuaram na cidade realizaram suas formações em outras escolas, especialmente na cidade do Recife e no Rio de Janeiro. A faculdade de arquitetura somente foi fundada em 1974 e o Instituto de Arquitetos do Brasil-Alagoas (IAB-AL), em 1977.

A partir da segunda metade dos anos 1950 a arquitetura moderna começa a ganhar espaço e representatividade efetiva na cidade, em decorrência do governo de Muniz Falcão, que realizou uma gestão marcada por grandes obras modernizadoras, implementando novas estruturas de planejamento que favorecem a construção civil, e a chegada de novos profissionais, como os desenhistas Ivo Lyra, José Nobre, Walter Cunha e a arquiteta Zélia Maia Nobre (Silva, 1991).

Zélia Maia Nobre ocupa lugar de destaque em virtude de sua extensa produção arquitetônica, sobretudo de projetos residenciais, onde consegue difundir a linguagem moderna e se torna umas das importantes representantes da nova arquitetura do Estado, contribuindo para mudança da paisagem local com seus projetos. Seus projetos ocupam a cidade ao passo em que se alarga a zona residencial do Farol, anunciando com isso, que as melhorias e a modernização vivenciada pela cidade se estendiam para os modos de morar. Muitos de seus projetos residenciais estão localizados no Farol, como a sua própria residência, construída em 1961, e que sintetiza o vocabulário moderno, com volumes soltos, empenas laterais inclinadas e um exuberante jardim tropical. As residências, apesar de terem sido protagonistas nesse

processo de modernização da cidade, não foi a única tipologia construída. A cidade de Maceió contou com manifestações diversas, a exemplo de prédios institucionais, escolas, rodoviária, hospital, casas mais populares com elementos inspirados nessas almeçadas construções modernistas e até igrejas. Destaca-se a Capela do Santo Antônio, localizada dentro do antigo Hospital do Açúcar (atual Hospital Veredas), e inaugurada em 1957, com projeto do desenhista José Nobre, cuja solução projetual com coberta abobadada, marquise e colunas inclinadas evidenciam a nova linguagem.

A gestão do governador Muniz Falcão também foi marcada por grandes obras modernizadoras na área da saúde como, por exemplo, a construção do Centro de Saúde da Maravilha, em 1959, localizado no bairro do Poço. Com projeto do arquiteto Joffre Saint' Yves Simon, a edificação possui dois pavimentos e elementos característicos do momento, com as esquadrias em fita, venezianas, e os volumes marcados na fachada, ressaltando a horizontalidade do edifício.

Estes dois edifícios consistem em Unidades Especiais de Preservação, chamadas UEPs, instrumento de preservação criado no âmbito municipal, presente no Plano Diretor da cidade, desde 2005. Sabe-se, contudo, que esses outros edifícios modernistas do município, que não possuem nenhum tipo de proteção vinculada à legislação, estão ainda mais suscetíveis a desaparecer. As medidas de preservação não garantem a permanência da construção na cidade, mas ressalta-se a sua importância para, ao menos, dar visibilidade e contribuir com o reconhecimento desses bens diante da sociedade.

Letícia Brayner

ZÉLIA MAIA NOBRE



Foto: Ascom UFAL, 2019.

Zélia Maia Nobre nasceu em Pernambuco, formou-se em arquitetura em 1954 na Escola de Belas Artes de Pernambuco, sendo a única mulher entre os formandos. Mudou-se para Maceió no ano seguinte onde se estabeleceu e construiu sua vida profissional. Formada sob a tutela do italiano Mário Russo, com quem estagiou durante a construção do novo campus da Universidade Federal de Pernambuco, chegou a capital alagoana decidida a atuar profissionalmente e a divulgar a linguagem moderna que havia aprendido no Recife.

Fundou, com muito esforço e empenho de colegas e alunos, o curso de arquitetura e urbanismo da Universidade Federal de Alagoas em 1974. Coordenou o setor de obras do Estado e, mais tarde, o setor

de patrimônio histórico, no qual esteve à frente de diversas obras de restauro.

Zélia Maia Nobre se tornou uma grande representante da arquitetura, não apenas por sua vasta atuação como projetista, onde ganhou notoriedade pela extensa produção de residências modernas nas décadas de 1950 e 1960, mas, sobretudo, por sua postura proativa, decidida e vanguardista, responsáveis por colocá-la em locais ainda pouco explorados pelas mulheres arquitetas, ocupando muitos espaços e abrindo diversas frentes de trabalho no campo da arquitetura no Estado de Alagoas.



MACEIÓ

1. CAPELA DO SANTO ANTÔNIO
2. RES. MANOEL E. L. FILHO
3. RES. ZÉLIA MAIA NOBRE
4. RES. HUMBERTO A. OMENA
5. UNIDADE DE SAÚDE

0 0,5 1 km

RESIDÊNCIA

HUMBERTO ANTÔNIO OMENA

ANO	1957
PROJETO	Zélia de Melo Maia Nobre
LOCAL	Rua Comendador Firmo Lopes, 185, Farol. Maceió
GESTÃO	Privada
TIPOLOGIA	Res. Unifamiliar
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Sem proteção legal

Este configura o primeiro projeto residencial realizado por Zélia Maia Nobre na cidade de Maceió. Ele está situado em lote de dimensões reduzidas, medindo aproximadamente 10 x 55m, localizado em importante rua do bairro do Farol.

A casa ocupa uma área de 225m², marcadamente intercotada por jardins ao longo de sua extensão, para onde estão voltadas as janelas de cômodos como sala, gabinete e os quatro dormitórios. A planta também evidencia uma separação de setores: o social, com generoso terraço que marca o acesso, as salas de estar e jantar, o gabinete, posicionado próximo à entrada da casa, indicando uma lógica comum em outras residências do período, que funcionava para que os proprietários recebessem clientes e pacientes em casa; e o setor de serviço, com

entrada separada para cozinha, copa e um terraço com acesso ao recuo lateral do lote. E o setor íntimo com quartos e banheiro, distribuídos ao longo de corredor com elementos vazados que iluminam a passagem.

Na fachada principal, Zélia Maia Nobre adotou as paredes inclinadas, demarcando as entradas, que reforçam o jogo de cheios e vazios. Propôs também uma generosa platibanda com furos circulares que esconde o ponto mais alto do telhado inclinado. Toda a cobertura é executada com laje plana e telha de fibrocimento inclinada, dividida em três partes, separados entre paredes independentes que coincidem com as divisões entre os cômodos na planta baixa.



RESIDÊNCIA

MANOEL ESTEVÃO LIMA FILHO

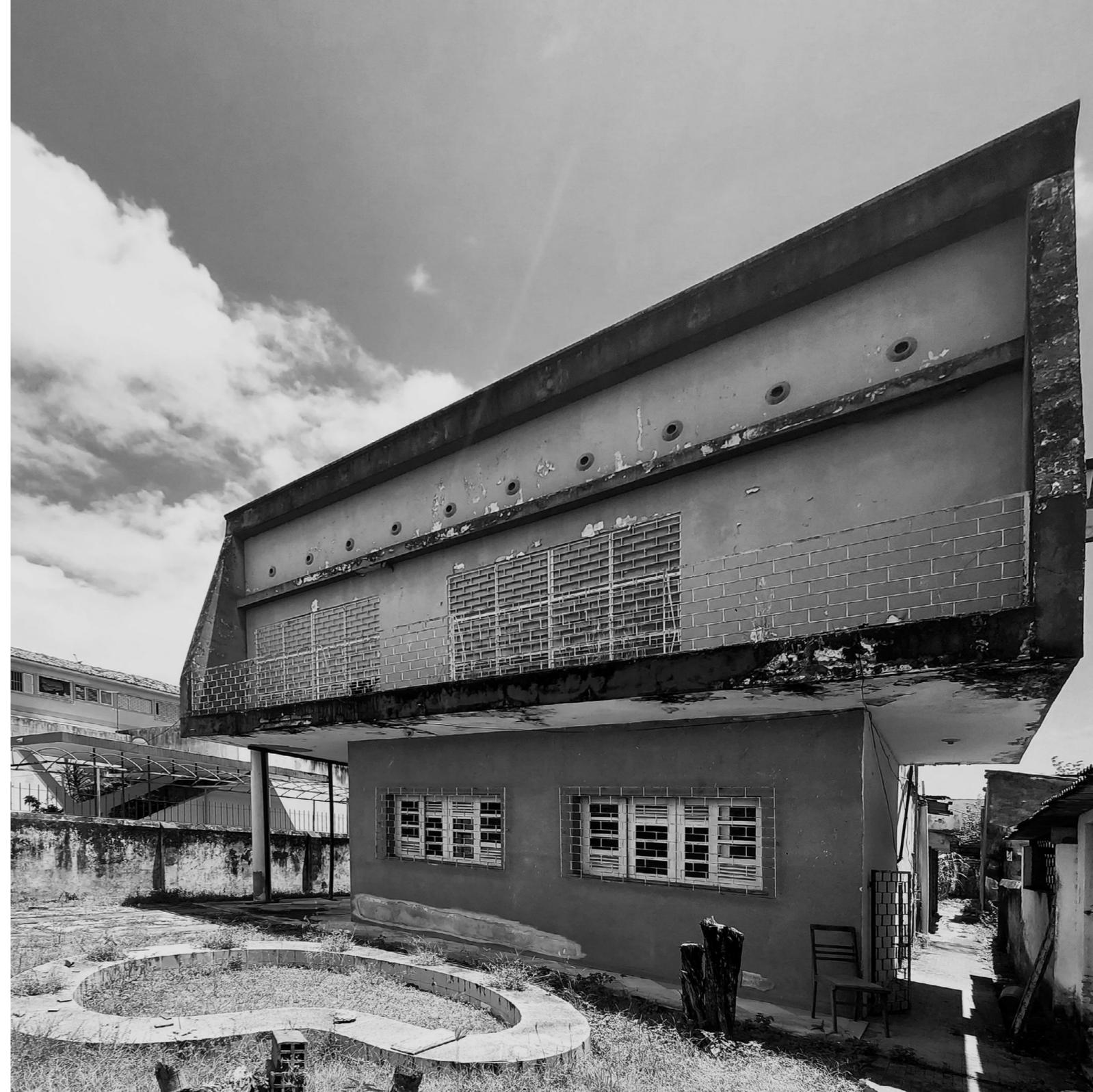
ANO	1958
PROJETO	Zélia de Melo Maia Nobre
LOCAL	Rua Miguel Palmeira, 468, Farol, Maceió
GESTÃO	Privada
TIPOLOGIA	Res. Unifamiliar
ESTADO	Inativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Sem proteção legal

A residência está localizada na Rua Miguel Palmeira, uma via transversal a Avenida Fernandes Lima. A funcionalidade foi definitivamente uma preocupação trabalhada neste projeto, posto que os fluxos entre os distintos setores estão claramente definidos na planta baixa. O programa está distribuído em dois pavimentos, no superior está o setor íntimo, composto por quatro dormitórios, hall com estar, um banheiro e uma varanda, que ocupa toda a extensão da fachada e para onde estão voltados os dormitórios.

O térreo concentra os ambientes sociais e de serviço, com as salas de jantar e estar, identificadas como *living*, terraço, copa, cozinha, área de serviço, além de um pequeno quarto, banheiro e gabinete, que estão conectados ao restante dos cômodos por um corredor, mas possuem acesso independente pelo

jardim lateral, enfatizando a organização dos cômodos por suas funções.

O projeto ganha destaque por sua estética que prioriza o principal volume trapezoidal solto no lote, com empenas laterais cegas, e parcialmente apoiado em pilotis. A planta possui forma de “U”, marcada por um jardim central, ao redor do qual estão distribuídos os ambientes. Ao contrário do que foi projetado em outras residências da arquiteta do mesmo período.



RESIDÊNCIA

ZÉLIA MAIA NOBRE

ANO	1960
PROJETO	Zélia de Melo Maia Nobre
LOCAL	Rua Manoel Maia Nobre, 257, Faro, Maceió
GESTÃO	Privada
TIPOLOGIA	Res. Unifamiliar
ESTADO	Inativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Sem proteção legal

A residência da arquiteta foi projetada em 1960 em lote extenso nas imediações da Avenida Fernandes Lima. O projeto moderno se destacava na paisagem e chamava a atenção dos vizinhos e das pessoas que começavam a transitar pela recém-criada Rua Manoela Maia Nobre, e costumavam parar para observar a edificação.

Apesar de possuir uma planta simples, distribuída em 240m², a divisão de setores e o empenho em separá-los por meio de jardins é bastante evidente. Na primeira porção, mais próxima ao acesso, estão os três dormitórios, sendo um suíte, e mais um banheiro. Os quartos estão voltados para a varanda, e são marcados por um volume elevado do solo e com empenas laterais trapezoidais que se destacam em meio às árvores seculares, que já existiam no

terreno, e ao jardim tropical desenhado e cultivado pela própria arquiteta.

O setor íntimo se separa do social por meio de um corredor com venezianas em vidro voltados para o jardim central que promove a integração e a permeabilidade entre os cômodos, e onde está localizado o escritório da família, este com parede curva revestida com lambri de madeira. Os setores social e de serviço possuem menor altura, evidenciando o jogo de volumes e destacando o primeiro.

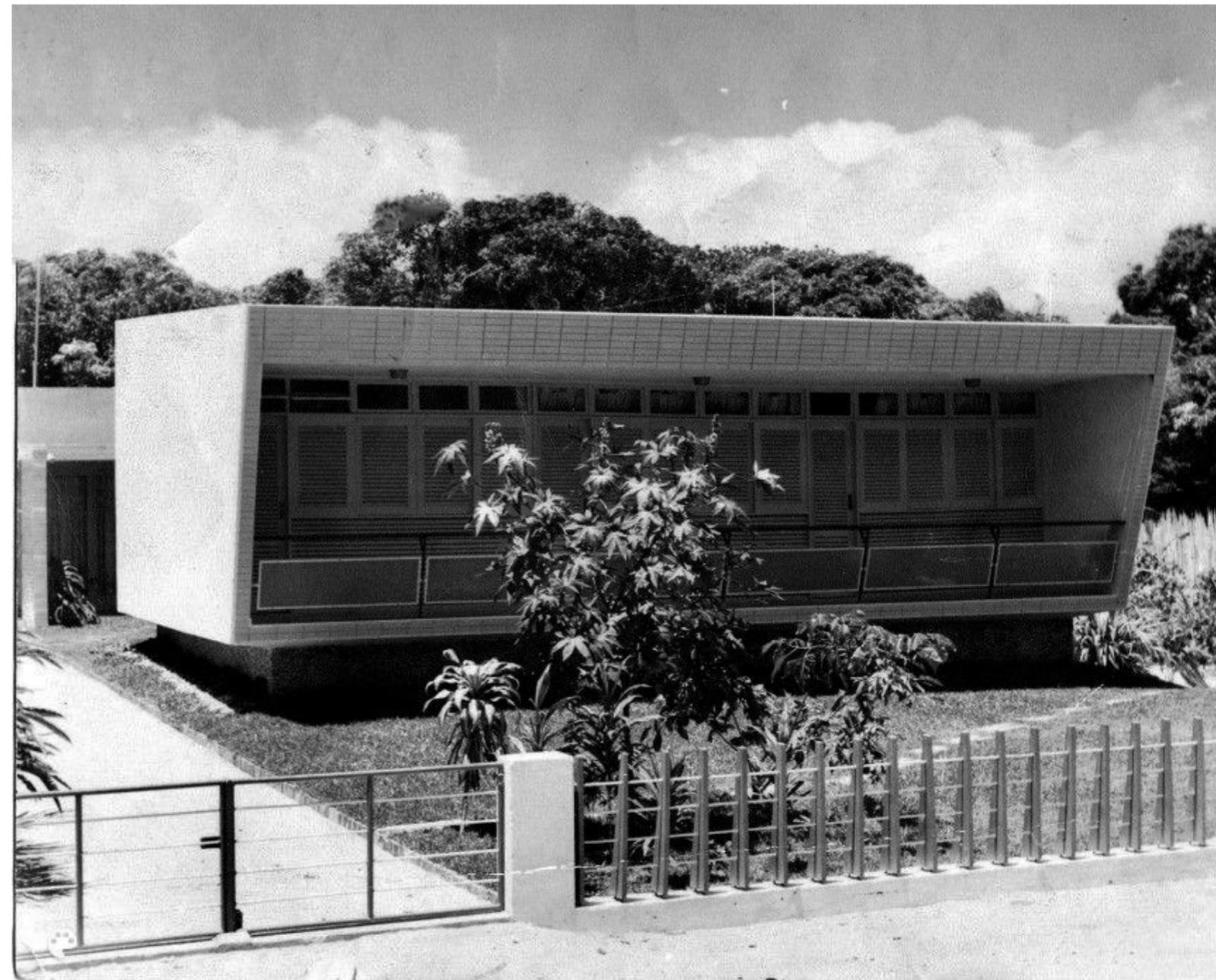


Foto: Acervo da Família Maia Nobre, 1961.

CAPELA DO SANTO ANTÔNIO

ANO	1957
PROJETO	José Nobre
LOCAL	Avenida Fernandes Lima, 2863, Gruta de Lourdes. Maceió, AL.
GESTÃO	Privada
TIPOLOGIA	Religioso
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Sem descaracterizações
PROTEÇÃO	Protegido legalmente

José Nobre nunca concluiu os estudos em arquitetura. Foi aluna da Escola de Belas Artes de Pernambuco por um ano, mas decidiu transferir os estudos para a Faculdade de Arquitetura de Minas Gerais, onde frequentou a escola por três anos. Motivos pessoais o obrigada a interromper os estudos e retornar ao Nordeste, passando a residir em Alagoas.

A experiência adquirida nos anos de estudo e sua forma de projetar, que já apresentava caráter arrojado e moderno, o distinguem dos demais profissionais que atuavam na região, e ele começa a ampliar sua clientela. Os anos 1950 e 1960 são marcados pelo aumento de sua produção de projetos, que possuíam tipologias variadas, incluindo escola, clube, capela e residências.

No partido das residências investia em recortes que fazia surgir os jardins e evidenciavam a separação dos setores. Os volumes também recebiam atenção especial, onde José Nobre adotava elementos atualizados, como os cobogós, telhados em borboleta, brises e, comumente, expunha a estrutura do edifício sacando do plano da parede, criando, com isso, composições interessantes.

Dedicou grande parte de sua vida a tarefa de lecionar nas escolas profissionalizantes do Estado, onde seguiu até o fim de sua carreira.



UNIDADE DE SAÚDE

DR. DIÓGENES JUCÁ BERNARDES II

(ANTIGO CENTRO DO SAÚDE DA MARAVILHA)

ANO	1959
PROJETO	Joffre Saint' Yves Simon
LOCAL	Praça da Maravilha, 32, Poço. Maceió, AL.
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Institucional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Protegido legalmente

Joffre Saint'Yves Simon nasceu no Acre, filho de franceses, formou-se na Escola de Belas Artes de Pernambuco em 1944. Encontrou em Maceió a oportunidade de atuar profissionalmente em razão de a cidade possuir poucos profissionais da área naquele momento, onde destacou-se atuando em projetos de obras públicas. Exerceu o cargo de diretor do Departamento de Obras Públicas realizando uma quantidade expressiva de projetos de edifícios de saúde, como o Hospital José Carneiro, Hospital santa Mônica, Centro de Saúde da Maravilha.

No princípio dos anos 1950 os projetos reproduziam uma linguagem neocolonial, evidenciada em suas primeiras obras na cidade. Aos poucos passa a adotar um vocabulário mais atualizado e adequado a linguagem moderna, com volumes bem definidos,

onde comumente reforçava a horizontalidade por meio de marquises em fita, que percorriam toda a edificação.

O arquiteto foi pouco reconhecido no meio local, provavelmente por seu jeito reservado que dificultava o trato com a sociedade. Apesar disso, ocupa um lugar importante como um dos responsáveis pela divulgação da arquitetura moderna no Estado.



BIBLIOGRAFIA

AMARAL, V. B. *Expressões arquitetônicas da modernidade em Maceió: uma perspectiva de preservação*. Maceió: FAPEAL: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2018.

FERRARE, J. O. P. *O excelente sobrado da Avenida da Paz*. Justificativa do projeto de Restauo do Museu Theo Brandão . FAU-UFAL, 1999.

RAMALHO, L.; CASSELLA, T. *Arquitetura de Zélia Maia Nobre: casas modernas nos anos 1950 em Maceió-AL*. In: Anais do 8º Docomomo Brasil, Palmas, 2020.

RAMALHO, L.; MANHAS, A.; FERRARE, J. Memórias da arquitetura modernista alagoana: a casa de Zélia Maia Nobre. *Brazilian Journal of Development* , v. 6, n. 2, p. 8128-8147, 2020.

RAMALHO, L.; CASSELLA, T. O afundamento da terra que leva memórias: o caso do bairro do Pinheiro em Maceió-AL e as edificações modernistas projetadas pela arquiteta Zélia Maia Nobre. In: *Anais do III Congresso Nacional para Salvaguarda do Patrimônio Cultural - CICOP Brasil*, São Paulo, Universidade Federal de São Paulo, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/xmlui/handle/11600/62226> .

SILVA, D. L. V. da. *Do arquivo técnico aos álbuns de família: o morar no bairro do Farol na Maceió dos anos 1940 e 1950*. 270 f. Dissertação (Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, 2017.

SILVA, F. A. F. de. *Onde estão as mulheres arquitetas maceioenses? Um levantamento sobre a produção arquitetônica feminina em Maceió, desde a década de 50 até os dias atuais*. 187 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.

SILVA, M. A. da. *Arquitetura Moderna: A Atitude Alagoana*. Maceió: SERGASA, 1991.

SERGIPE

CAROLINA CHAVES

Doutoranda no Instituto Superior Técnico | Universidade de Lisboa
Professora Assistente da Universidade Federal de Sergipe | UFS
carolina.chaves@academico.ufs.br

“...a produção de Arquitetura Moderna em Aracaju confunde-se com a própria história urbana da cidade”

CAROLINA CHAVES

Fundada em 1855, Aracaju (constituída para ser capital do estado de Sergipe), é uma cidade muito jovem cujos processos históricos, culturais e políticos de consolidação de seu desenvolvimento urbano localizam-se ao longo do século XX. Portanto, abordar a produção de Arquitetura Moderna em Aracaju confunde-se com a própria história urbana da cidade.

A paisagem urbana da nucleação inicial (bairro Centro) e zonas próximas (bairro São José, bairro Industrial, apenas para citar alguns) guardam o registro de processos de modernização material da cidade através de suas construções. Num breve percurso cronológico, nos anos de 1930 as construções art deco e art nouveau introduziam uma linguagem despojada dos ornamentos estilísticos de outros tempos históricos. Essas novas construções fizeram-se, fundamentalmente, no conjunto de novas residências e novos equipamentos públicos como a sede do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE) e Rádio Difusora, e ainda a sede da Associação Atlética de Sergipe obra do construtor alemão conhecido como Altenesch¹.

O trabalho de investigação no arquivo da Prefeitura de Aracaju com projetos aprovados para execução (reformas e/ou novas construções) permitiu perceber um processo de renovação, ainda ao nível das fachadas, ao longo das décadas de 1940 e 1950 que ajudava a disseminar uma postura de simplificação e racionalização das formas² dentre as quais registramos as primeiras experimentações de uma produção arquitetônica enquadrada no contexto de difusão de elementos e soluções técnico-construtivas vinculadas à produção de Arquitetura Moderna brasileira a exemplo da Residência Osman da Silva Buarque (1954, eng. Clóvis Vieira) e Res. José Gonçalves (1955, eng. Herman Centurion), Res. Souza Freire (1956) e Res. Hora Oliveira (1957, eng. Cândido Machado). Das autorias identificadas em arquivo percebe-se uma predominante atuação de engenheiros e construtores.

Se as residências (novas ou reformadas) ajudavam a disseminar a nova linguagem de arquitetura no nível médio da produção revelando o nível de aceitação e adesão a uma nova produção que propunha não apenas novas formas, mas novos processos de produção e uma nova relação espacial fosse na esfera

privada (no interior das casas) fosse na esfera pública (na maneira como as novas construção relacionavam-se com o espaço público através de áreas de transição como os jardins das casas que, ainda timidamente, abriam-se ao passeio público). As iniciativas institucionais legitimavam a nova produção com o suporte do poder público, como foram os casos do projeto do Terminal Rodoviário Gov. Luiz Garcia (1960-1962) e do Palace Hotel (1962) construídos sob a chancela do governo do Estado com projeto do eng. Rafael Grimaldi (formado pela Escola Politécnica da Bahia nos anos 1950).

A obra conjunta do Hotel Palace e do Terminal Rodoviário Gov. Luiz Garcia, no contexto da gestão de Luiz Garcia (1958-1962), revelam o vínculo da nova produção de Arquitetura Moderna com os processos de desenvolvimento material do país e de afirmação de uma identidade nacional de forte caráter desenvolvimentista. O hotel, que abrigada obras de arte integradas como painel do artista plástico Jenner Augusto³, marca o desenvolvimento de uma indústria hoteleira em desenvolvimento em todos o país vinculada a expansão da malha rodoviária de integração do território nacional. Esses elementos foram, efe-

tivamente, parte da estratégica de desenvolvimento econômico nacional que fomentou a construção de terminais rodoviários e infraestrutura hoteleira em todos o território nacional, levando consigo uma mensagem de progresso expressa pela forma, técnica e espacialidade da Arquitetura Moderna brasileira.

Este breve texto serve apenas para apresentar alguns dos elementos que ajudam ao entendimento da difusão da experiência de Arquitetura Moderna no Brasil na cidade de Aracaju (Sergipe). Os trabalhos pioneiros realizados por Juliana Nery⁴ nos anos de 2003 a 2006, que se desdobraram nas dissertações de mestrado de Isabela Aragão Santos⁵ e de Josinaide Maciel⁶, foram ponto de partida fundamental para os projetos de iniciação científica⁷ (2017-2018) e projeto de extensão⁸ (2018) conduzidos por mim no âmbito do Laboratório de Projeto Ensino e Memória da Universidade de Sergipe (LaPEM – UFS).

Carolina Chaves



ARACAJÚ

1. TERMINAL RODOVIÁRIO
2. PALACE HOTEL
3. RES. HORA OLIVEIRA
4. RES. SOUZA FREIRE
5. RES. OSMAN DA S. BUARQUE

0 0,5 1 km

RESIDÊNCIA

OSMAN DA SILVA BUARQUE

ANO	1954
PROJETO	Construção Eng. João Alves. Desenho Walter Barros
LOCAL	Praça Graccho Cardoso, 20. Bairro São José. Aracaju-SE.
GESTÃO	Privada
TIPOLOGIA	Res. Unifamiliar
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Sem proteção legal

O levantamento de dados primários em arquivo e a análise dos projetos aprovados pela Prefeitura de Aracaju na década de 1950 permitiu identificar o ano de 1954 como um momento no qual os projetos de algumas residências passaram a apresentar elementos compositivos novos como o telhado borboleta e telhados com uma só água, dentre os anos de 1950 e 1953 nenhum projeto com essas soluções de coberta foi encontrado (fosse projeto de reforma ou de nova construção). Ilustram esse fato duas residências aprovadas em maio de 1954. Em novembro de 1954, o projeto para Res. Osman Buarque apresenta soluções semelhantes às anteriores como a coberta borboleta, os volumes prismáticos, uma fina marquise de concreto e um delgado pilar metálico de canto. Nos projetos dessas residências era evidente a tentativa de composição volumétrica a partir do prisma e da forma trapezoidal. Esse material ajuda a perceber a força identitária da produção

de arquitetura moderna brasileira, confirmando o que apontou Martins⁹ (1999, p. 20) quando afirmava que:

Qualquer um que ande por uma cidade de tamanho médio no Brasil, encontrará, sempre e quando a intensa especulação imobiliária não os tenha derrubado, bairros residenciais construídos nos anos cinquenta onde são identificáveis inúmeras casas 'a la' Niemeyer: pilotis em V, telhados com tesouras invertidas, a elevação do primeiro pavimento para permitir uma rampa em curva, um infalível jardim de pedras roladas 'a la' Burle Marx, etc. Claro que não são obras de Niemeyer e, em sua maioria, nem se quer de arquitetos.

Esses elementos permitem-nos compreender essa produção inscrita num quadro de disseminação e difusão da cultura arquitetônica moderna em nível nacional, demonstrando não se tratar de casos isolados. Em todo o contrário, há uma rede de circulação de informações fundamental para melhor compreender esse processo. As demais obras, que seguem em ordem cronológica, reforçam essa apreciação.



RESIDÊNCIA

SOUZA FREIRE

ANO	1956
PROJETO	Autoria desconhecida
LOCAL	Av. Ido do Prado, 296. Bairro Centro. Aracaju – SE
GESTÃO	Privada
TIPOLOGIA	Res. Unifamiliar
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização total
PROTEÇÃO	Sem proteção legal

Residência do Sr. Ernani e da Sra. Maria Eugênia Souza Freire. Compreender essas residências enquanto objeto arquitetônico é também perceber as referências e o percursos das famílias que as encomenda. Portanto, falaremos também (quando possível) dessa história familiar.

O projeto aprovado na prefeitura no ano de 1956, não tem autoria identificada. Sr. Ernani foi um jovem empreendedor que saiu ainda menino da cidade de Estância para trabalhar como datilógrafo em um banco francês em funcionamento no Ed. São Carlos (Praça Fausto Cardoso), onde aprendeu a rotina de trabalho do mercado financeiro. Após o fechamento do banco francês, surgiu a oportunidade de abrir nova agência bancária agora como sócio, fundando o banco Dantas Freire. Décadas mais tarde dedicou-se a uma nova experiência bancária com o banco Freire Silveira. A ex-

periência no mercado financeiro o levou também a atuar como Secretário de Finanças do Estado de Sergipe (1965-69).

Moradores da Av. Barão de Maruim, nas proximidades da Praça Camerino, Sr. Ernani adquiriu terreno onde funcionava o Trapiche Aurora. O terreno foi desmembrado em dois lotes onde hoje situam-se as residências Ernani Souza Freire e João Hora Oliveira, este último construiria também uma nova residência aos moldes do que fazia o vizinho.

A casa revela muitos dos elementos que marcam a produção de arquitetura moderna no Brasil na década de 1950, em especial o que se produzia no Rio de Janeiro. A família tinha relações e contatos frequentes com a capital Federal à época, indo seu filho estudar arquitetura no Rio de Janeiro (arq. Ernani Souza Freire Filho).



RESIDÊNCIA

HORA OLIVEIRA

ANO	1957
PROJETO	eng. Responsável técnico Cândido Machado
LOCAL	Av. Ivo do Prado, 282. Bairro Centro. Aracaju-SE.
GESTÃO	Privada
TIPOLOGIA	Res. Unifamiliar
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Sem proteção legal

Residência do Sr. João Hora de Oliveira e da Sra. Risolina Andrade Hora. Projeto aprovado na prefeitura no ano de 1957, assina como responsável técnico o engenheiro Cândido Machado. O lote de esquina foi adquirido do amigo Sr. Ernani Souza Freire, a partir do desmembramento do terreno onde anteriormente funcionou o Trapi-che Aurora.

A filha do casal, Maria Clara Hora Oliveira, fala da dedicação do pai na construção da casa e o pioneirismo da construção que muitos acreditavam não permanecer em pé após retirada as escoras das estruturas. O ceticismo era comportamento recorrente frente à construção de novas formas que demandavam ajustem num processo de construir que apresentava outras rotinas. A família, que morava na rua de Pacatuba, acompanhou de perto a construção da casa que também representou o crescimento da família. Como relata a antiga moradora, o dia de inauguração da casa mobilizou olhares dos passantes e curiosos que viam conferir a nova realização que como a obra vizinha (Res. Ernani Souza Freire) trazia não ape-

nas a forma arquitetônica por novidade, mas o mobiliário também encomendado da Casa Nunes, sediada no Rio de Janeiro, e de autoria do C (?) Calheiros. O Sr. João Hora foi um jovem empreendedor que antes de adotar para sua residência as linhas geométricas da arquitetura moderna, construiu no bairro Centro o edifício Mayara no final da década de 1940, inaugurado em 1951. Interessante relacionar uma nova linguagem arquitetônica à um perfil de jovens empreendedores, não apenas profissionais liberais letrados.

Essas são apenas alguns exemplares residenciais de um conjunto mais amplo e diverso de soluções arquitetônicas em nível formal e técnico-construtivo que demanda e merece um olhar atento e investigativo. Se um primeiro olhar atento permite perceber um processo de renovação formal dessa tipologia, uma maior aproximação tem revelado interessantes soluções de adaptação climática através dos sistemas passivos de ventilação e controle de luz. Ficam aqui, portanto, alguns pontos de partida.

Fonte: acervo da família Souza Freire.



TERMINAL RODOVIÁRIO

GOV. LUIZ GARCIA

ANO	1960-62
PROJETO	Eng. Rafael Grimaldi
LOCAL	Praça João XXIII - Centro, Aracaju - SE, 49010-580
GESTÃO	Pública (estadual)
TIPOLOGIA	Institucional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Sem descaracterizações
PROTEÇÃO	Sem proteção legal

Para além da produção residencial, o setor institucional e governamental também desempenhou papel importante na difusão da nova linguagem de Arquitetura Moderna brasileira. Por se tratar de um breve escrito, o texto que se apresenta não reflete um levantamento exaustivo do tema, mas ressalta exemplares significativos do desenvolvimento político, cultural e material da cidade de Aracaju (Sergipe). Neste contexto, o Terminal Rodoviário Governador Luiz Garcia e o Palace Hotel exemplificam essa abordagem.

Obras realizadas na gestão do Governador Luiz Garcia (1958-1962), período no qual estava em marcha a política desenvolvimentista implantada pelo presidente Juscelino Kubitschek através da qual o país passou por um intenso processo para fortalecimento do seu parque industrial vincadamente rodoviário. Nesse contexto, a indústria do turismo também recebeu forte incentivo e fomento como revelam a construção do terminal rodoviário em Ara-

caju, para integração rodoviária, e o Palace Hotel (infraestrutura de suporte para o desenvolvimento do Estado apoiado pelo turismo).

A referência à Brasília está presente na definição do Terminal Rodoviário na definição dos pórticos estruturais com pilares exteriores de seção variável cuja geometria assemelha-se a losangos. Os grandes pilares exteriores vencem os dois pavimentos de altura recebendo, na parte superior, uma laje plana que recobre todo o espaço interno de circulação perimetral e espaço central fluido.

A laje perimetral amarrada no ponto médio dos pilares exteriores e outra série de pilares de seção circular apoiam a laje de cobertura e o piso de circulação. O revestimento exterior também reporta à nova capital federal ao adotar a mesma composição do revestimento aplicado nos blocos residenciais da superquadra 308 Sul (Brasília-DF).



PALACE HOTEL

ANO	1962
PROJETO	Eng. Rafael Grimaldi
LOCAL	Praça Gen. Valadão, 1 - Centro, Aracaju-SE, 49010-000
GESTÃO	Público (antigo hotel) + Privada (serviços bloco horizontal)
TIPOLOGIA	Comércio/Serviços
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização total
PROTEÇÃO	Sem proteção legal

Obra do engenheiro Rafael Grimaldi, o Palace Hotel Aracaju-SE complementa a ação de integração rodoviária construindo no Estado infraestrutura para receber pessoas em trânsito, em alinhamento à política nacional desenvolvimentista. Elementos que em conjunto ajudavam a estruturar a indústria hoteleira no país, com particular atenção à região nordeste.

A composição volumétrica do conjunto articula dois volumes prismáticos, cujo volume inferior com três pavimentos abriga serviços e comércio sendo de posse mista entre a companhia gestora do Hotel e os proprietários das unidades comerciais (num total de 19 unidades). O volume em torre pertenceria ao Estado de Sergipe e abrigava as unidades hoteleiras (num total de 71 quartos). Essa posse mista do bem traz problemas de gestão que tem condicionado a manutenção do edifício, especialmente quanto o Estado encerrou as atividades hoteleiras sendo seguido por muitas outras unidades prestadores de serviço.

Atualmente, apenas o pavimento térreo mantém o uso comercial apesar das precárias condições de funcionamento.

A aplicação de uma malha estrutural independente permitia não apenas maior liberdade de composição em termos de vedações, mas uma maior liberdade na fruição do tecido e das circulações públicas. Neste sentido o passeio público, comumente limitado às calçadas periféricas às quadras urbanas, penetra no ponto médio da quadra onde está implantado o Palace Hotel criando uma “rua” para travessia no meio da quadra. Para além dos novos recursos técnico-constructivos, uma nova linguagem e de propor uma diferente forma de implantação urbana (ainda que respeitasse os limites do lote e o desenho de um tecido urbano consolidado), a obra abrigava importantes obras de arte como o painel mural do artista plástico Jenner Augusto, que atualmente se encontra no saguão do Teatro Atheneu (bairro São José).



NOTAS

¹ Para aprofundamentos sobre este tema ver MACIEL FILHO, César. *Altenesch: técnica, estética e modernidade na arquitetura de Aracaju nos anos 1930*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – FAUUFBA, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

² Sobre os resultados deste trabalho ver CHAVES, Carolina. *Modernidades e Arquitetura de Difusão: Aracaju 1950-1960's*. In: VII SEMINÁRIO DOCOMOMO NORTE-NORDESTE, 2018, Manaus. Anais [...]. Manaus: Docomomo BR, 2018. Disponível em: <https://7docomomomanau.weebly.com/artigos.html?fbclid=IwAR22Wr-tFH0DGvFUon4G6iYk6dnq-gBQPXnb3nr-uc9kRuY-UNJJ72KXCP8s>. Acesso em: 10 set. 2023.

³ Pintor, cartazista, ilustrador, desenhista e gravador aracajuano residiu um período em Salvador onde trabalhou como assistente do artista Mário Cravo Júnior. Em Aracaju, realizou um conjunto de obras murais em edificações públicas e residenciais nos anos de 1950 e 1960. O painel inserido no restaurante do Hotel Palace hoje pode ser visto no hall de entrada do Teatro Atheneu em Aracaju.

⁴ NERY, J. *Registros: As Residências Modernistas em Aracaju nas Décadas de 50 e 60*. In: Anais do V Seminário DOCOMOMO Brasil, São Carlos-SP, 2003. Disponível em: <http://www.docomomo.org.br/seminario%205%20pdfs/079R.pdf>. Acesso: 06 jun. 2010.

_____; SANTOS, I. A. M. *Expressões do moderno sergipano: as residências unifamiliares do bairro São*

José nos anos 50 e 60. In: Fernando Diniz Moreira. (Org.). *Arquitetura moderna no Norte e Nordeste do Brasil: universalidade e diversidade*. 01 ed. Recife: Fasa Gráfica, v. 01, p. 237-258, 2007.

⁵ SANTOS, I. *Arquitetura Moderna na Aracaju dos anos 40 a 70: Bairros Centrais*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – FAUUFBA, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

⁶ MACIEL, J. *Olhar aproximado para as residências Souza Freire e Hora Oliveira: bens modernistas de interesse cultural*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – FAUUFBA, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

⁷ CHAVES, C.; LIMA, L.; MATIAS, K. *Narrativas de um processo de modernização: Aracaju 1950-1960*. In: Anais do V ENANPARQ – Arquitetura e Urbanismo no Brasil atual: crises, impasses e desafios, Salvador-BA, 2018.

⁸ CHAVES, C. *Casas Modernas de Aracaju: Documento e Memória*. In: Anais do 13º Seminário Docomomo Brasil, Salvador-BA, 2019. Disponível em: <http://www.inscricoes13docomomobrasil.ufba.br/>. Acesso: 09 set. 2023.

⁹ MARTINS, C. *"Hay algo de Irracional..."*. Block: revista de cultura de la arquitectura, la ciudad y el territorio. Universidad Torcuato di Tella, Argentina, n. 4, p. 8-22, dez. 1999.

BAHIA

CEILA CARDOSO

Doutora em Arquitetura e Urbanismo | UFBA
Professora adjunta da Universidade Federal da Bahia | UFBA
ceila.cardoso@ufba.br

“Estas arquiteturas limítrofes são expressões das novas tecnologias e da modernidade em arquitetura na Bahia”

CEILA CARDOSO

No que diz respeito ao modernismo em arquitetura, o intervalo entre os anos 1930 e as expressões mais tardias, nos anos 1970, na Bahia, é caracterizado por rupturas e resistências, tendo a cultura técnica como constante característica da sua modernidade.

Nesta seleção, apresentamos edifícios de função pública cujas arquiteturas são desafios da técnica e expressões de vanguarda no cenário brasileiro e mundial. Os dois mais antigos, ambos da década de 30, são elos entre duas partes da cidade; seja entre a alta e a baixa, ou entre a terra e o mar. São o Elevador Lacerda, no frontispício quinhentista, e a Estação de Hidroaviões da Ribeira, na bucólica Enseada dos Tainheiros.

As possibilidades da tecnologia também são marcantes nas outras arquiteturas apresentadas, estas da década de 1970. Está na proeza engenhosa do Centro de Exposições e na vanguarda da pré-fabricação em arquitetura das Secretarias do Centro Administrativo da Bahia (CAB), ambas de João Filgueiras Lima; e na megaestrutura metálica com instalações aparentes do Centro de Convenções da Bahia, de Maurício e Márcio Roberto.

O Elevador Lacerda, antigo Elevador Hidráulico da Conceição é o primeiro elevador público urbano do país e constitui marco identificador da paisagem soteropolitana. Alinhado à falha geológica, foi concebido para resolver o transporte vertical de pedestres entre os dois níveis da cidade. Originalmente construído no século XIX pelo engenheiro Antônio de Lacerda, tem a sua conformação atual e moderna como resultado de concurso em 1928, projeto de Fleming Thiesen e Adalberto Szilard, com inauguração em 1930. É composto por duas torres verticais e passadiço que interligam a cidade alta (Praça Municipal) à cidade baixa (Praça Cairú). A ampliação consistiu na construção da segunda torre e representou uma das primeiras iniciativas do poder público no Brasil a adotar a estética moderna em sua arquitetura oficial. O Elevador Lacerda oferece uma nova imagem para Salvador, ricamente contrastante com as igrejas, palácios e casario da sua imediação colonial.

A Estação de Hidroaviões da Ribeira está localizada na Enseada dos Tainheiros, Península de Itapagipe, área ocupada desde os primórdios da cidade de Salvador. Com tradição pesqueira e de fabrico de embarcações, a área é parte do sítio industrial moderno de Salvador, na transição do século XIX para o

XX. A sua construção foi iniciativa do Departamento de Aeronáutica Civil do Estado Novo, como parte de intenso processo de modernização posto em curso pelo presidente Getúlio Vargas. O edifício da estação está implantado sobre uma malha de pilares de concreto dentro d'água, explorando novas possibilidades tecnológicas do concreto. Ricardo Antunes traz elementos geometrizarantes nesta elegante arquitetura de matriz Art Déco, com adesão formal e espacial ao modelo das vanguardas e um programa plenamente moderno. Este exemplar de arquitetura limítrofe constitui patrimônio moderno e industrial de relevante valor e a ser preservado.

Na arquitetura das Secretarias do CAB, o arquiteto João Filgueiras Lima, o Lelé, faz uso da tecnologia da pré-fabricação em concreto armado, inovação que implementava desde Brasília. Os edifícios apresentam grandes planos suspensos e adequados organicamente ao relevo acidentado dos terrenos em que foram implantados. São plataformas longas e estreitas, soltos do solo e estruturados a partir de uma viga longitudinal apoiada em pilares centrais e vigas transversais em balanço. Têm como características: a extensibilidade, a flexibilidade de instalações, o uso de elementos de ventilação natural e proteção nas fachadas, e o uso da repetição de elementos

como linguagem e recurso, em busca da maior eficiência construtiva e rapidez de execução da obra.

O Centro de Exposições, também no CAB e de autoria de Lelé, está nesta seleção como incentivo para o tombamento do seu conjunto. O propósito original do edifício do Centro de Exposições era marcar simbolicamente o conjunto do Centro Administrativo da Bahia, desempenhando funções de orientação para visitantes, centro de exposições e abrigo de documentos. Implantado em área remanescente do sistema viário, o arquiteto define o partido como uma plataforma pênsil suportada por duas torres que constituem as circulações verticais, e segundo o arquiteto, “se inserem no solo como dois grandes obeliscos”. Ambos estes edifícios são inovadoras expressões do brutalismo em arquitetura no Brasil, com ênfase na vanguarda da pré-fabricação em arquitetura em que a obra de Lelé tem grande significância.

O Centro de Convenções da Bahia, inaugurado em 1979, é resultado do concurso realizado pelo Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), em 1975. O edifício é um exemplar monumental da vanguarda *high-tech*, com imponente estrutura composta por treliças metálicas apoiadas em torres de concreto maciço. As instalações estão à vista e os elementos de circu-

lação são localizados na periferia da planta, gesto que libera o vão interno como um grande espaço de exposições. Com partido estrutural e planta livre, o edifício se apoia na topografia para criar um portal no vale central do terreno e paralelamente à orla atlântica, portanto, está organicamente adequado ao seu relevo e entorno. Em setembro de 2016 parte da sua estrutura ruiu e desde então há fervorosa discussão, ainda em curso, sobre os destinos desta megaestrutura.

Estas arquiteturas limítrofes são expressões das novas tecnologias e da modernidade em arquitetura na Bahia. Localizadas em áreas distintas da cidade, são obras públicas voltadas à coletividade e marcos na paisagem de Salvador. Sua preservação e registro histórico são de relevância e de grande interesse cultural e social.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE Jr, N. V. *Ligando Tempos e Espaços: Passado, presente e futuro dos ascensores urbanos de Salvador Bahia*. In: Ascensores y Funiculares del Mundo. Congreso de Patrimonio Industrial: 14, 15 y 16 de Abril de 2011. Santiago de Chile: Universidad Internacional SEK, 2011. p. 223-242.

ARQUITETURA E URBANISMO. Rio de Janeiro: IAB, 1936-1942. Bimensal.

CAMPOS, M. C. *Sobre o (quase demolido) Centro de Convenções da Bahia*. MINHA CIDADE, v. 17, p. 03, 2016.

CARDOSO, C.; QUIST, W. J. *Pré-fabricação em arquitetura: experiências de edifícios como produtos industriais no Brasil e na Holanda - João Filgueiras Lima (Lelé) e Indústrias Schokkabeton*. Salvador, DOCOMOMO Brasil, 2019.

GUIMARÃES, A. G. L. *João Filgueiras Lima: o último dos modernistas*. São Carlos: EESC-USP, 2003. Dissertação de Mestrado.

LATORRACA, G. (ORG.) *João Filgueiras Lima, Lelé*. Instituto Lina Bo e P. M. Bardi; Lisboa: Editorial Blau, São Paulo, Brasil. 1999. ISBN 85-85751.

MARQUES, A. F. *A obra de João Filgueiras Lima, Lelé: projeto, técnica e racionalização*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2012.

MATTOSO, K. M. Q. *Bahia, Século XIX: uma Província no Império*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

MMM Roberto. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/instituicao11310/mmm-roberto>> acesso em: 20 de julho de 2022.

NERY, J. C. *Falas e ecos na formação da arquitetura moderna no Brasil*. Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura, Salvador, 2013.

PALMA, A.; VIGNÉ, J. *Desabamento Centro de Convenções: caiu por negligência*. Correio da Bahia, Salvador, 10 nov. 2017. Caderno Mais. p. 16-17. Disponível em: acesso em: 12 jul 2022.

PEDRÃO, A. W. *Docomomo International register fiche: Elevador Lacerda*. In: Brazilian DOCOMOMO Register – First Part. Salvador: BRAZILIAN DOCOMOMO WORKING PARTY/MAU/FAUFBA, jul. 1994.

RISSELADA, M.; LATORRACA, G. (org.) *A arquitetura de Lelé: Fábrica e invenção*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Museu da Casa Brasileira, 2010.

RODRIGUES, A. C. *A revista Arquitetura e Urbanismo do IAB: metropolização e modernização no Brasil dos anos 1930*. *Risco Revista De Pesquisa Em Arquitetura E Urbanismo (Online)*, 18, 1-16. <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4506.v18i0p1-16>. 2020.

SALVADOR. *Biblioteca do IBGE*. Acervo dos municípios brasileiros. Centro de Convenções da Bahia: Salvador, BA. Salvador: [s.n.], [19--]. 1 fot.: p&b. Disponível em: acesso em: 12 jul 2022.

SEGAWA, H. *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*. São Paulo: EDUSP, 1999.

SOBREIRA, F. J. A. *Dinâmicas do jogo: concursos de arquitetura em revista: 1935 a 1971*. Dissertação de Mestrado Programa de Pós-Graduação Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - Universidade de Brasília. Orientadora: Sylvia Ficher. Brasília, 2018.



SALVADOR

1. ELEVADOR LACERDA
2. HIDROPORTO
3. CENTRO DE EXPOSIÇÕES
4. CENTRO DE EXPOSIÇÕES
5. SECRETARIAS DO CAB

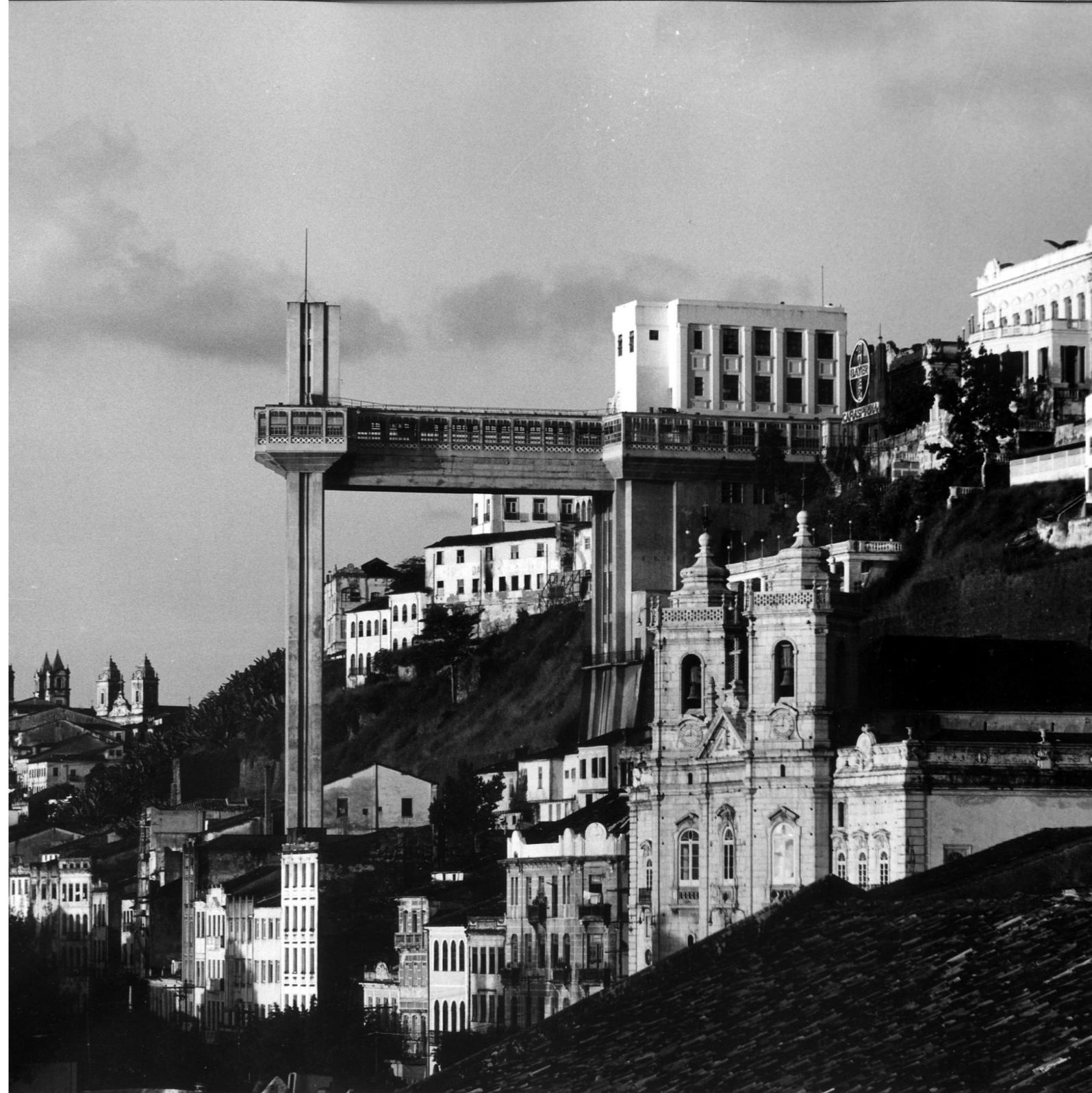
0 1,5 3 km

ELEVADOR LACERDA

ANTIGO ELEVADOR HIDRÁULICO DA CONCEIÇÃO

ANO	1928-1930
PROJETO	Antônio de Lacerda (Elevador da Conceição) Fleming Thiesen (torre e passadiço) A. Szilard (prédio administração)
LOCAL	Praça Thomé de Souza (Praça Municipal) e Praça Cairú, Salvador, Bahia
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Lazer/Equipamentos públicos
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Sem descaracterizações
PROTEÇÃO	Protegido legalmente

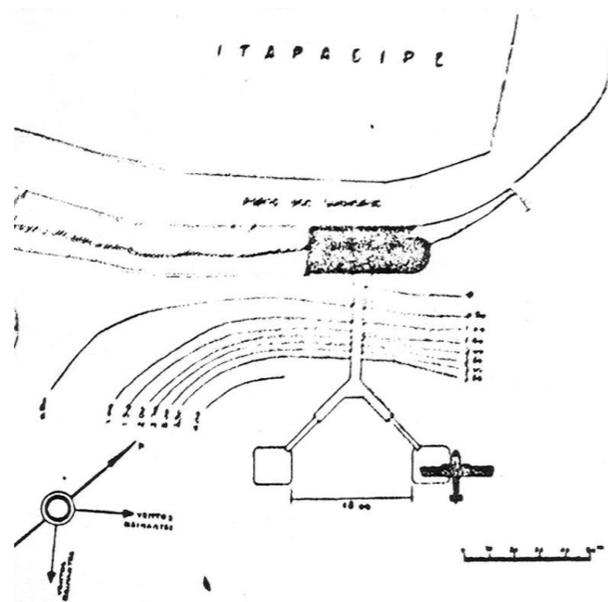
Antônio de Lacerda (1834-1885), foi o engenheiro e primeiro autor do Elevador Hidráulico da Conceição. Ainda na sua formação teve contato com as primeiras experiências construtivas com elevadores nos Estados Unidos, país precursor no uso deste equipamento. Fleming Thiesen, arquiteto dinamarquês contratado pela empresa também dinamarquesa Christian-Nielsen, junto com o arquiteto Adalberto Szilard, do escritório Prentice e Floderer, do Rio de Janeiro, foram os responsáveis pelo projeto de reforma que lhe configurou sua conformação atual.



ESTAÇÃO DE HIDROAVIÕES

ANO	1937-1939
PROJETO	Ricardo Antunes
LOCAL	Avenida Porto dos Tainheiros, s/n, Itapagipe, Salvador, Bahia
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Institucional; Lazer/Equipamentos públicos
ESTADO	Inativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Sem proteção legal

Ricardo Antunes, arquiteto carioca formado pela Escola Nacional de Belas Artes, na década de 1920, projetou os equipamentos de infraestrutura aeroportuária de iniciativa do Departamento de Aeronáutica Civil do Estado Novo, em Salvador e Vitória, na década de 1930. Faz uso de uma geometria Art Déco nos projetos, contudo já primando pelas linhas funcionais e estéticas da vanguarda arquitetônica internacional. Ricardo Antunes foi redator-chefe de urbanismo além do segundo e último diretor da revista *Arquitetura e Urbanismo*, importante veículo das ideias modernistas que vigoravam no Brasil à época.



Fonte: Prefeitura Municipal de Salvador.

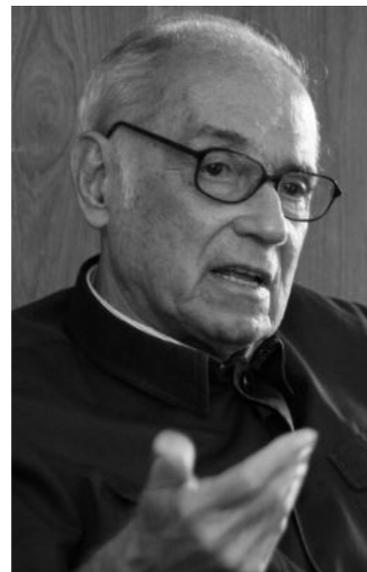


Estação de Hidroaviões da Ribeira, sem data. Fonte: Prefeitura Municipal de Salvador.

SECRETARIAS DO CAB

CENTRO ADMINISTRATIVO DA BAHIA

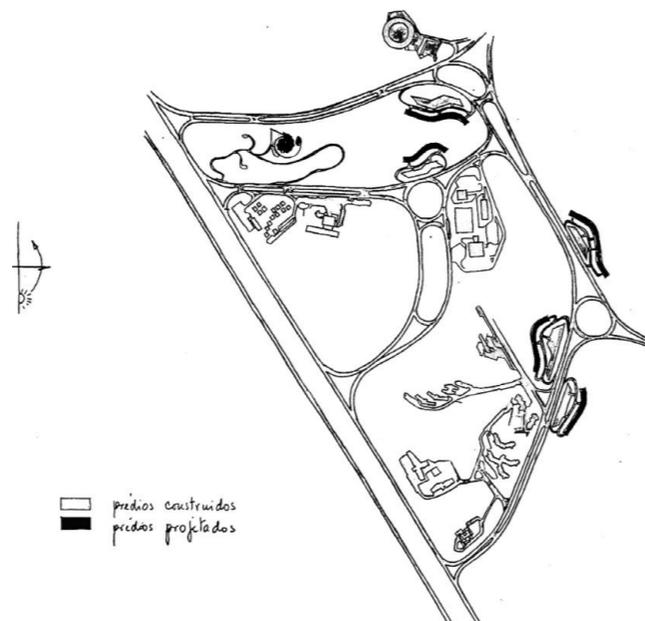
ANO	1973
PROJETO	João Filgueiras Lima, Lelé
LOCAL	Centro Administrativo da Bahia, 360 Salvador, Bahia
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Institucional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Sem descaracterizações
PROTEÇÃO	Sem proteção legal



Fonte: Revista Projeto/Reprodução.



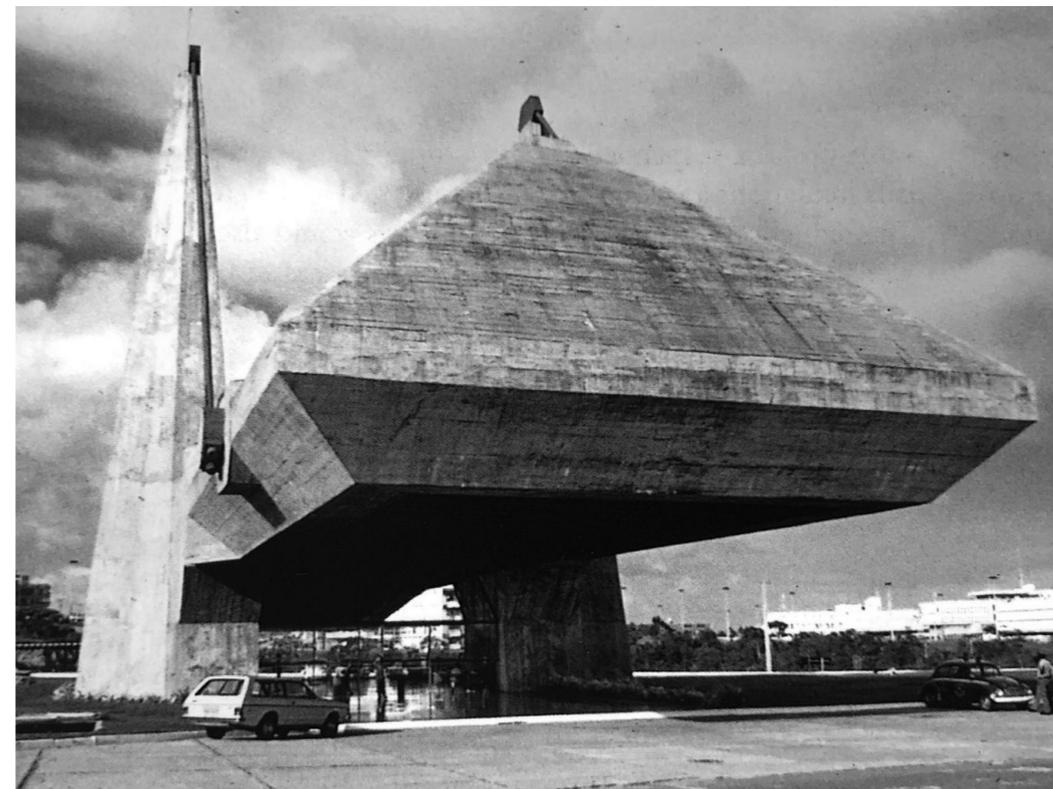
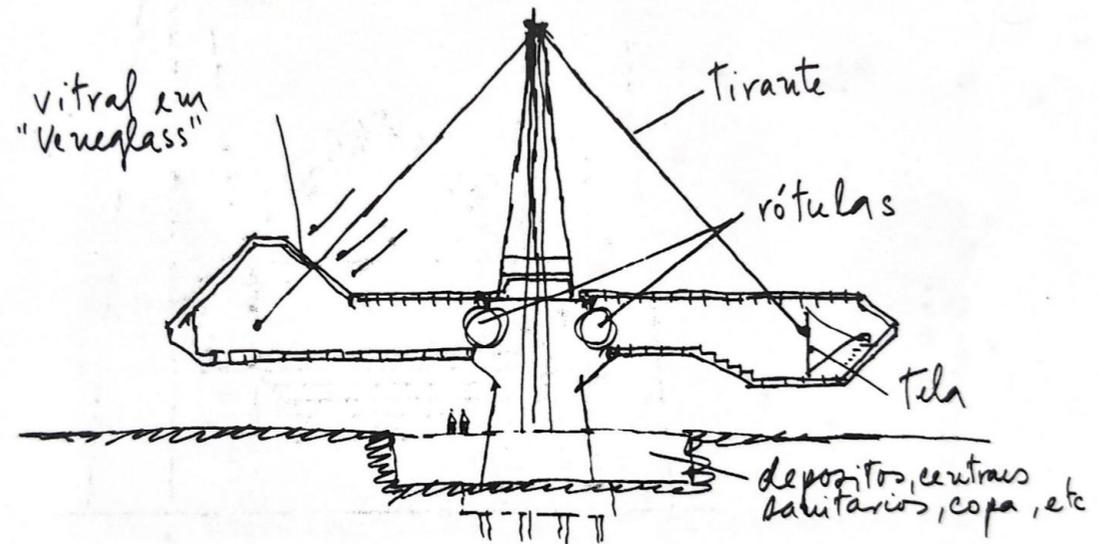
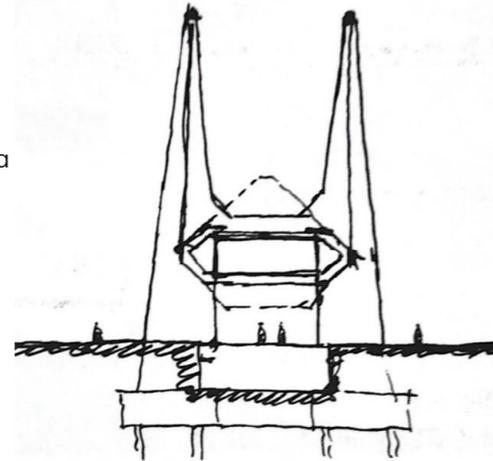
João Filgueiras Lima, arquiteto construtor também conhecido como Lelé, nasceu no Rio de Janeiro, em 10 de janeiro de 1932. Graduado arquiteto em 1956, iniciou sua carreira na construção da capital Brasília, contribuindo significativamente para o estabelecimento da arquitetura moderna no Brasil. A partir da década de 1970, Lelé esteve a maior parte da sua vida na cidade de Salvador, na qual muito atuou. Comprometido com o desafio de construir, sua obra aborda a arquitetura como processo e através da experiência da totalidade da execução, diretamente relacionada com os limites da disponibilidade técnica, de mão de obra, matéria prima e energia. Sua arquitetura de produção industrial com alto grau de elaboração, precisão e tecnologia, contribui para a produção de uma espacialidade iluminada e ventilada naturalmente, integrada à paisagem e ao contexto social brasileiro moderno e contemporâneo.



CENTRO DE EXPOSIÇÕES

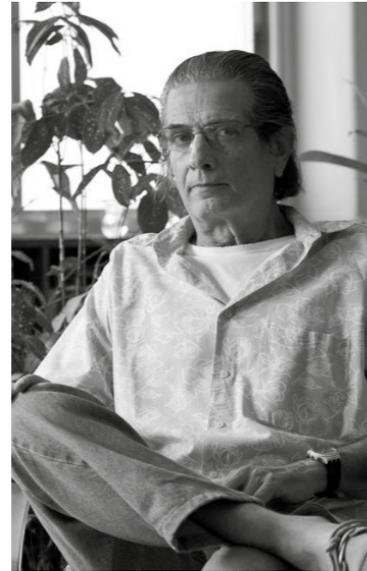
CENTRO ADMINISTRATIVO DA BAHIA

ANO 1974
PROJETO João Filgueiras Lima, Lelé
LOCAL Rua da Espanha, s/n, Comércio, Salvador, Bahia
GESTÃO Privada
TIPOLOGIA Institucional
ESTADO Inativo
CONSERV. Sem descaracterizações
PROTEÇÃO Sem proteção legal



CENTRO DE CONVENÇÕES DA BAHIA

ANO	1979
PROJETO	M. Roberto (Maurício Roberto e Márcio Roberto)
LOCAL	Jardim de Armação, 600, Salvador, Bahia.
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Lazer/Equipamentos públicos
ESTADO	Inativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Sem proteção legal



Márcio Roberto.
Fonte: Guito Moreto para "O Globo".

O arquiteto Mauricio Roberto Dória Batista, o mais jovem dos irmãos Roberto, nasceu em 20 de fevereiro de 1921, no Rio de Janeiro, e formou-se arquiteto pela Escola Nacional de Belas Artes, também no Rio de Janeiro, em 1944. O escritório MMM Roberto era formado inicialmente pelos irmãos cariocas Marcelo (1908-1964), Milton (1914-1953) e Maurício Roberto (1921-1996), que participaram de concursos e desempenharam papel de relevância como precursores na arquitetura moderna no Brasil. Nesta fase, o arquiteto Maurício Roberto trabalha com a colaboração do seu filho, o arquiteto Márcio Roberto.

Fontes das imagens:

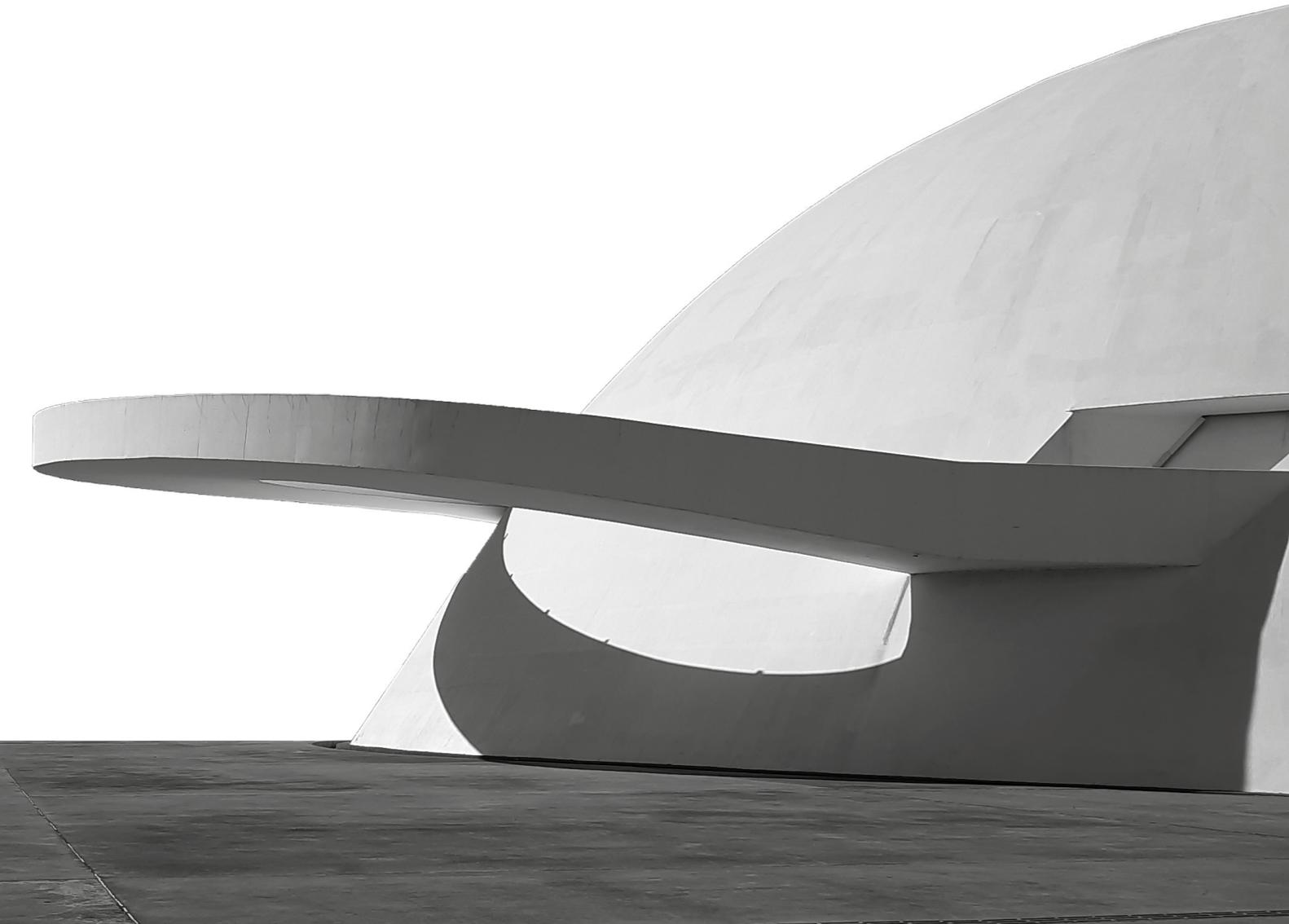
(SUPERIOR) Vista da fachada principal do CCB. Biblioteca do IBGE. SALVADOR. Biblioteca do IBGE. Acervo dos municípios brasileiros. Centro de Convenções da Bahia: Salvador, BA. Salvador: [s.n.], [19--]. 1 fot.: p&b. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?view=detalhes&id=432229>> acesso em: 12 jul 2022.

(INFERIOR) Vista da fachada principal do CCB. Biblioteca do IBGE. SALVADOR. Fonte: Biblioteca do IBGE. Acervo dos municípios brasileiros. Centro de Convenções da Bahia: Salvador, BA. Salvador: [s.n.], [19--]. 1 fot.: p&b. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?view=detalhes&id=432229>> acesso em: 12 jul 2022.



PARTE 3

REGIÃO CENTRO-OESTE



DISTRITO FEDERAL

MÁRCIO AUGUSTO ROMA BUZAR

Doutor em Estruturas e Construção Civil | UnB
Professor da Universidade de Brasília | UnB

HUMBERTO VARUM

Doutor em Engenharia Civil | Universidade de Aveiro (UA)
Professor da Universidade do Porto | Universidade do Porto (UP)

LEONARDO INOJOSA

Doutor em Arquitetura e Urbanismo | UnB

MARCELO AQUINO CORTE REAL DA SILVA

Mestre em Arquitetura e Urbanismo | UnB

LUIZA REGO DIAS COELHO

Arquiteta e Urbanista | UnB

“A escala monumental expressa no Plano Piloto de Brasília foi fundamental e compatível com a arquitetura desenvolvida por Oscar Niemeyer”

M. BUZAR *et al.*

Brasília nasceu de diversas ideias, tendo suas raízes em 1823 quando José Bonifácio, e cientista e Patriarca da Independência, propôs a criação de uma nova capital no centro do país. A cidade também teve um aspecto místico associado ao sonho de Dom Bosco. O primeiro gesto político concreto ocorreu sob o comando do presidente Floriano Peixoto em 1892, quando a Missão Cruls foi aprovada, desempenhando um papel determinante na escolha do local onde a futura capital federal seria estabelecida.

Em 1955 foi delimitado uma área de aproximadamente 50 mil quilômetros quadrados – atual área do Distrito Federal – para construção da cidade. A partir de 1956, sob o comando do então presidente Juscelino Kubitschek foi criado o projeto de Lei nº 2,874, que dispôs sobre a mudança da Capital Federal e suas devidas providências. Vale ressaltar que este gesto político criou a Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap), responsável pelo planejamento e execução das obras. O concurso público de Brasília foi lançado pelo governo no mesmo ano e teve o seu resultado divulgado em março de 1957, com a proposta de Lúcio Costa sendo a vencedora.

Segundo Bruand (1981), duas qualidades foram fundamentais para seduzir o júri do concurso sendo o caráter específico da proposta vencedora e sua clareza absoluta. Enquanto a maioria dos projetos concorrentes, se dedicaram em definir mais uma cidade do que uma capital, além de terem elaborado esquemas cujos princípios urbanísticos poderiam ser utilizados em diversas situações. A Brasília de Lúcio Costa oferecia a expressão de um tipo de cidade unicamente aplicável ao caso dado, especialmente quando se trata da questão da monumentalidade.

A escala monumental expressa no Plano Piloto de Brasília foi fundamental e compatível com a arquitetura desenvolvida por Oscar Niemeyer (1907-2012), o Palácio Nereu Gomes (1960) – o Congresso Nacional – é uma síntese de como essa produção arquitetônica, que por meio de uma morfologia simplificada se adequou aos traços de Lúcio Costa.

Além do aspecto político, o processo de industrialização do país, iniciado na Era Vargas com a criação de estatais e grandes investimentos no setor durante o governo de JK, foi fundamental para concretizar a arquitetura proposta para Brasília. O desenvolvimento da técnica do concreto armado e o uso da pré-fabricação nesse contexto foram evidências ex-

pressivas que Niemeyer e outros arquitetos da época exploraram amplamente. As obras e profissionais trazidos para esta seção do livro evidenciam diversas fases da construção de Brasília, que caminham paralelamente com três momentos históricos sendo: a fase “heroica” que se inicia com a construção da Nova Capital e antecede o Golpe Militar de 1964, o período da ditadura (1964-1985) e a redemocratização. Tais fases demonstram como a modernidade continuou a moldar a cidade até tempos recentes.

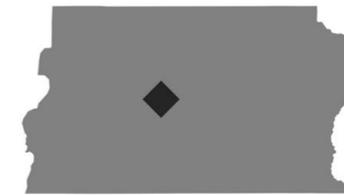
Durante a fase que antecedeu o Golpe Militar é importante ressaltar as demandas referentes à criação da Universidade de Brasília (UnB), em 1962. Naquela ocasião, o então reitor Darcy Ribeiro junto com Anísio Teixeira estabeleceram os fundamentos da instituição e delineararam o modelo pedagógico da nova instituição e Oscar Niemeyer atuou como coordenador do Centro de Planejamento (CEPLAN) – que era um órgão técnico vinculado à reitoria – na materialização física do campus.

Além de construir e consolidar a universidade, o escritório do CEPLAN também deu um novo impulso às construções, por meio do uso pioneiro da pré-fabricação de elementos em concreto. Essa tecnologia foi vivenciada por Niemeyer na década de 1950, durante o projeto de reconstrução do Bairro de Hansa na Alemanha (1954), e amplamente discutida em seu periódico, a Revista Módulo, criada em 1955. A figura do arquiteto João Filgueiras Lima, conhecido como Lelé (1932-2014), desempenhou um papel significativo na concretização das primeiras obras da Universidade de Brasília (UnB). No âmbito do CEPLAN, ele ocupou o cargo de secretário executivo e foi responsável pela realização das primeiras edificações em pré-fabricado projetadas por Niemeyer. Além disso, teve a oportunidade de assinar um de seus primeiros projetos, os Blocos de Apartamentos da Colina (1962-1963).

Lelé também desempenhou um papel vital na equipe de professores, assumindo a função de coordenador do curso de pós-graduação. Nesse cargo, orientou a arquiteta Mayumi Watanabe de Souza Lima (1934-1994), cuja dissertação, intitulada “Aspectos da Habitação Urbana: Projeto da Habitação Coletiva para a Unidade de Vizinhança São Miguel,” forneceu suporte teórico ao projeto dos Blocos da Unidade de Habitação São Miguel (1967-1970). Além disso, o desenvolvimento desse projeto em parceria com Sérgio Souza Lima foi um requisito para obtenção do grau de mestre.

Durante os anos da ditadura, é importante destacar as obras de dois arquitetos: Milton Ramos (1929-2008) e Marcílio Mendes Ferreira (1936-2011). Milton Ramos desempenhou um papel significativo no detalhamento de diversos projetos assinados por Niemeyer nos primeiros anos de Brasília. No entanto, a partir de 1968, ele fundou seu próprio escritório e começou a construir uma obra consistente e diversificada. Especialmente durante os anos 1970, desenvolveu uma série de projetos encomendados por construtoras, como o Edifício R3 (1972-1974).

Por outro lado, Marcílio Mendes Ferreira dedicou boa parte de sua carreira profissional ao Departamento de Engenharia da Caixa Econômica Federal, atuando de 1968 a 1993. Durante esse período, ele foi responsável pela concepção de vários blocos de superquadra que contaram com o banco como agente promotor, desempenhando um papel fundamental na continuidade da construção da cidade. Após sua aposentadoria, Marcílio Ferreira tornou-se professor na UnB. Em paralelo atuava no CEPLAN, onde desenvolveu seu último projeto em colaboração com o professor Aleixo Furtado: o Instituto de Química (2005-2008).



BRASÍLIA

1. BLOCOS DA UH SÃO MIGUEL
2. BLOCO DE APART. DA COLINA
3. INSTITUTO DE QUÍMICA
4. EDIFÍCIO R3
5. CONGRESSO NACIONAL

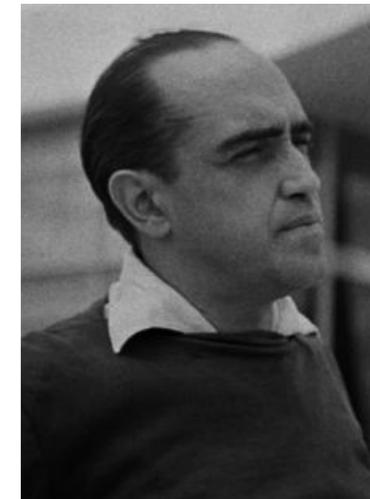
0 0,75 1,5 km



CONGRESSO NACIONAL

PALÁCIO NEREU RAMOS

ANO	1958-1960
PROJETO	Oscar Niemeyer
LOCAL	Praça dos Três Poderes, Brasília-DF
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Institucional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Sem descaracterizações
PROTEÇÃO	Protegido legalmente



Fonte: Revista Calibán.

Oscar Niemeyer, nascido no Rio de Janeiro em 1907, começou a desenhar ainda na escola. Em 1930, ingressou na Escola Nacional de Belas Artes, e no terceiro ano decidiu trabalhar de graça no escritório de Lúcio Costa e Carlos Leão, onde “da arquitetura só me deram bons exemplos” (Niemeyer, 2000, pag. 43). Sua carreira pode ser dividida em cinco fases (Inojosa, 2010).

Na primeira fase, como estagiário no escritório de Lúcio Costa, teve um papel importante na equipe responsável pelo projeto do Ministério da Educação no Rio de Janeiro em 1935. Iniciando a segunda fase, Juscelino Kubitschek convocou Niemeyer para criar um bairro de lazer em Belo Horizonte. Sua primeira obra individual de destaque, o conjunto da Pampulha traz uma ruptura com o formalismo estrutural da época, inaugurando em suas obras inauguram o “Estilo Brasileiro” (Faria, 2007).

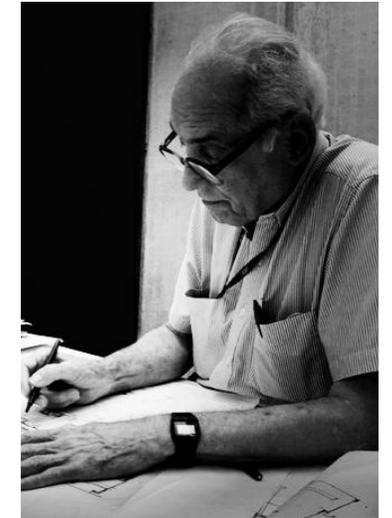
A fase mais relevante é a fase de Brasília (terceira fase). Os edifícios monumentais da capital foram

caracterizados pelo uso inovador do concreto armado, resultando em palácios que parecem pousar levemente sobre o solo. A leveza arquitetural levou o arquiteto e o calculista a intervirem nos sistemas estruturais, fazendo com que muitas vezes este definisse a arquitetura (Moreira, 2007).

Niemeyer continua inovando em seus projetos realizados no exterior nas décadas de 60 a 80. Nesse período (quarta fase) ele concretiza seus projetos mais arrojados, com grandes balanços e colunas esbeltas (Sabbag, 1987). Na quinta fase estão os projetos feitos por Niemeyer depois dos 85 anos. Esses projetos são, em sua maioria, trabalhos isolados, como auditórios e equipamentos culturais (Othake, 2007). Falecido em 5 de dezembro de 2012 aos 104 anos, Oscar Niemeyer produziu uma arquitetura coerente com os conceitos criados por ele durante toda sua carreira, sendo capaz de inventar formas e soluções arquitetônicas com um entusiasmo renovador (Inojosa, 2010).

BLOCO DE APTOS DA COLINA - UnB

ANO	1962-1963
PROJETO	João Filgueiras Lima (Lelé)
LOCAL	Universidade de Brasília. Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Blocos A, B, C e D, Brasília-DF
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Residência Unifamiliar
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Sem descaracterizações
PROTEÇÃO	Sem proteção legal



Fonte: Archdaily.com.

João Filgueiras Lima, o Lelé nasceu em 1932, no bairro do Encantado, na cidade do Rio de Janeiro. Formou-se na Escola de Belas Artes em 1955. Recém-formado conheceu e acompanhou o mestre Aldary Henriques Toledo, com quem trabalhou no Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários (IAPB). Em 1957, por estímulo de Oscar Niemeyer e Nauro Esteves, Lelé se muda para Brasília para trabalhar nas obras da Nova Capital.

A partir de 1962, Lelé passa a integrar o corpo técnico do CEPLAN (Centro de Planejamento), que era um braço técnico da Reitoria da Universidade de Brasília (UnB), que tinha como objetivo fixar a arquitetura do campus Darcy Ribeiro. Naquele contexto, Lelé ocupou o cargo de secretário executivo, sob a coordenação de Niemeyer e desempenhou um papel fundamental na execução das primeiras obras, com o uso pioneiro da técnica da pré-fabricação e

assinou seus primeiros projetos, que incluíam os Blocos de Apartamento da Colina (1962-1963) e os Galpões para Serviços Gerais (1962-1969).

Após sua experiência na UnB, Lelé desenvolveu uma série de projetos de diversas escalas e tipologias, sempre norteado pelo aprimoramento da tecnologia da pré-fabricação. Vale destacar as experiências construtivas com as fábricas públicas da RENURB e FAEC, bem como seu papel como Diretor do Centro de Tecnologia da Rede Sarah (CTRS), no qual assinou diversos projetos notáveis. Sua contribuição à arquitetura foi amplamente reconhecida por meio de premiações e homenagens, e sua obra continua a ser objeto de estudo em várias áreas. Lelé veio a falecer em 2014.

UNID. HABITACIONAL SÃO MIGUEL

ANO	1964-1970
PROJETO	Mayumi Watanabe de Souza Lima e Sérgio Souza Lima
LOCAL	SQN 107. Asa Norte. Blocos F, G, H e I, Brasília-DF
GESTÃO	Privada
TIPOLOGIA	Residência Multifamiliar
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Sem descaracterizações
PROTEÇÃO	Sem proteção legal



Fonte: Revista Habitare.

Mayumi Watanabe de Souza Lima nasceu em 1934 em Tóquio, no Japão, migrando com a sua família para o Brasil em 1938, motivada pela perseguição política do governo. Em 1956, Mayumi iniciou sua graduação em arquitetura na Universidade de São Paulo (USP) e se naturalizou brasileira. Logo depois de formada, trabalhou com Vilanova Artigas, Joaquim Guedes e Lina Bo Bardi. Outro parceiro foi o arquiteto Sérgio Pereira de Souza Lima.

O período de Mayumi em Brasília (1962-1965), é marcado pelo seu vínculo ao Centro de Planejamento (CEPLAN), onde pode trabalhar como instrutora da Universidade de Brasília (UnB) e desenvolver a dissertação “Aspectos da Habitação Urbana – projeto de habitação para a unidade de vizinhança São Miguel”, orientada por Lelé. A experiência da UnB foi interrompida pelo golpe militar de 1964, provocando o retorno de Mayumi para São Paulo.

A vida de Mayumi foi marcada pela participação política, desde o movimento estudantil, com atuação junto ao Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) e participando na fundação do Partido dos Trabalhadores (PT). O desejo de transformação social e construção de espaços de democracia marcou a prática profissional da arquiteta, que se dedicou a trabalhar em órgãos públicos, instituições de ensino e formação. Em seu período como coordenadora do Centro de Desenvolvimento de Equipamentos Urbanos (CEDEC), desenvolveu diversos equipamentos urbanos, com destaque para a construção de escolas na periferia.

Mayumi teve três filhos com Sérgio Souza Lima com quem foi casada a vida toda. Morreu em 1994, com 59 anos.

EDIFÍCIO R3

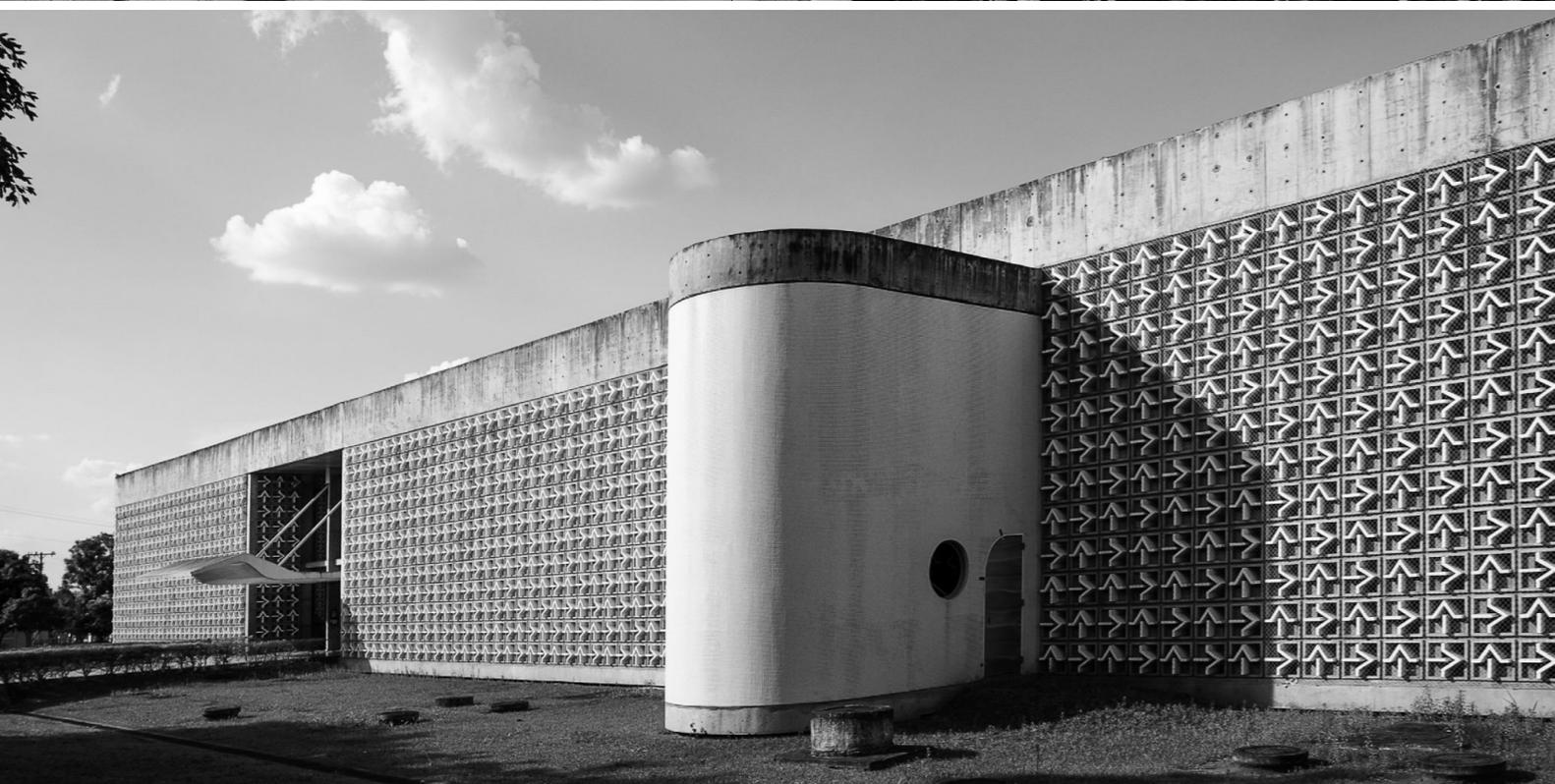
ANO	1972-1974
PROJETO	Milton Ramos
LOCAL	SQS 203. Asa Sul. Bloco C, Brasília-DF
GESTÃO	Privada
TIPOLOGIA	Residência unifamiliar
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Sem descaracterizações
PROTEÇÃO	Sem proteção legal

Milton Ramos nasceu em 1929 na cidade do Rio de Janeiro. Em 1958 formou na Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil. Dois meses após sua graduação mudou-se para Brasília, em busca de oportunidades e de expansão de sua experiência profissional nas obras da Nova Capital, sendo contratado pela Construtora Pederneiras S/A, onde trabalhou na construção de diversas edificações de uso público, comerciais e institucionais. Durante este período, Milton atuou nas obras do Hospital Distrital de Brasília (Atual Fundação Hospital de Base), Teatro Nacional e o Palácio do Itamaraty, ambos assinados por Oscar Niemeyer.

Milton foi sempre lembrado por contribuições preciosas na execução de várias obras de Niemeyer (Lima, 2011), mas a partir de 1968 funda o seu escritório e passa a desenvolver uma série de projetos encomendados pela Novacap, construtoras

e pessoas físicas. Nesta fase de sua carreira assinou grandes obras, como: Instituto Histórico e Geográfico do DF (1970), late Clube de Brasília (1975), Oratório do Soldado (1972) e os blocos residenciais para Superquadra intitulados de R2 e R3 construídos nos anos de 1970.

Do convívio com profissionais, do aprendizado construtivo, das dificuldades encontradas na administração dos canteiros, é de onde reside parte de sua propriedade projetiva, caracterizada nem tanto pela economia irrestrita de meios, mas por sua correta potencialização. Elementos que numa crítica comum são vistos como inerentes à realização da arquitetura moderna – pilotis, escadas escultóricas, clareza estrutural, rigor na aplicação material – nas mãos do arquiteto têm o valor revelado e transformado (Lima, 2011). Milton Ramos faleceu no ano de 2008.



INSTITUTO DE QUÍMICA

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

ANO	2005-2008
PROJETO	Marcílio Mendes Ferreira, Aleixo Anderson Furtado (Coordenação). André Murici Nepomuceno e Letícia Espiridião Cordeiro. Colaboração: Fabiana Couto Garcia e Kristian Schiel
LOCAL	Universidade de Brasília. Campus Darcy Ribeiro. Asa Norte. Instituto de Química - IQ, Brasília-DF
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Educacional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Sem descaracterizações
PROTEÇÃO	Sem proteção legal

Marcílio Mendes Ferreira nasceu em abril de 1936 na cidade de Rio Pomba, em Minas Gerais. Ainda jovem, mudou-se para Belo Horizonte para concluir os estudos. No ano de 1958 ingressou na Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), tendo sua formação marcada pela influência de figuras como Edgar Graeff, Shakespeare Gomes e Sylvio de Vasconcelos (Krawtchuk, 2011).

A partir do ano de 1968, Marcílio se mudou para Brasília e passou a trabalhar no Departamento de Engenharia da Caixa Econômica Federal, onde grande parte de sua produção arquitetônica foi desenvolvida. Neste período assinou diversos projetos de agências bancárias e blocos de apartamentos para as Superquadras de Brasília. Sua passagem pela empresa pública se encerrou no ano de 1993 com sua aposentadoria.

Embora não tenha participado do período heroico da construção de Brasília, Marcílio atuou em uma fase não tão épica, mas também importante: a consolidação da cidade (Krawtchuk, 2011). Após a sua passagem pela Caixa, no mesmo ano de sua aposentadoria, Marcílio passa atuar como professor na Universidade de Brasília (UnB) e de forma paralela, no Centro de Planejamento Oscar Niemeyer (CEPLAN), onde desenvolve um dos seus últimos projetos, em parceria com Aleixo Furtado e equipe, o Instituto de Química (2005-2008). Vale ressaltar, que junto com o arquiteto Matheus Gorovitz publicam em 2008, o livro: A invenção da Superquadra, que traz consigo, um excelente trabalho de documentação e mapeamento dos agentes que contribuíram na construção da escala residencial de Brasília. Marcílio veio a falecer em 2011.

BIBLIOGRAFIA

ALIAGA FUENTES, M. *Os primeiros mestrados da FAU-UnB: de um passado que não se construiu*. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2017.

ALIAGA FUENTES, M.; COELHO, L. R. D.; TABOSA, M. Mayumi Souza Lima e a Unidade São Miguel: A herança feminina da Brasília dos anos 60. *Revista eletrônica de Ciências Humanas, Saúde e Tecnologia*, v. 8, p. 131-149, 2020.

BRUAND, Y. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. 5ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 1981.

BUITONI, C. S.; PALLAMIN, V. M. *Mayumi Watanabe Souza Lima: a construção do espaço para a educação*. 2009. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

CAVALCANTE, N. *CEPLAN: 50 ANOS EM 5 TEMPOS*. Tese de Doutorado em Arquitetura e Urbanismo. UnB. Brasília. 2015.

FARIA, F. Oscar Niemeyer: O Espetáculo Arquitetural: Caderno dos Instrutores. MON – O Olhar do Aprendiz. Curitiba – PR. *Museu Oscar Niemeyer*, 2007.

FERREIRA, M. M.; GOROVITZ, M. *A invenção da superquadra*. The invention of the superquadra / Márcilio Mendes Ferreira e Matheus Gorovitz. 2ª ed. Brasília-DF: IPHAN, 2020.

INOJOSA, L. S. P. *O Sistema Estrutural na Obra de Oscar Niemeyer*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de Brasília. Brasília. 2010.

INOJOSA, L. D. S. P. *O Protagonismo da estrutura na concepção da arquitetura moderna brasileira*. Tese de Doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de Brasília. Brasília. 2019.

KRAWCTSCHUK, S. *Lógica e poesia: a obra de Márcilio Mendes Ferreira*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de Brasília. Brasília. 2011.

LATORRACA, G. *João Filgueiras Lima Lelé*. São Paulo: Editora Blau - Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1999.

LIMA, C. H. *Modernidades brasileiras: a obra de Milton Ramos*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de Brasília. Brasília. 2008.

LIMA, M. W. de S. *Aspectos da habitação urbana: Projeto da habitação coletiva para a unidade de vizinhança São Miguel*. Brasília: Universidade de Brasília, 1965.

MOREIRA, A. L. A. *A Estrutura do Palácio da Justiça em Brasília: Aspectos Históricos, Científicos e Tecnológicos de Projeto, Execução, Intervenções e Proposta de Estratégias para Manutenção*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Engenharia Civil. Universidade de Brasília. Brasília. 2007.

NIEMEYER, O. *Minha Arquitetura*. Editora Revan, 2000, 3ª edição, Rio de Janeiro, dezembro de 2000.

OHTAKE, R. Oscar Niemeyer. *Folha Explica*. Publifolha, 2007.

PESSINA, L. H. *Aspectos gerais da pré-fabricação*. Dissertação de mestrado em Arquitetura e Urbanismo. UnB. Brasília. 1964.

SABBAG, H. Y. ...e fez-se a obra. De Concreto e Emoção. *Revista AU*, Editora PINI, ano 3, n. 15, p. 43-55, São Paulo, SP, 1987.

SCHLEE, A. R. . O Lelé na UnB (ou o Lelé da UnB). In: Cláudia Estrela Porto. (Org.). *Olhares. Visões sobre a obra de João Filgueiras Lima*. 1 ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, v. 1, p. 149-164, 2010.

SCHLEE, A. R. *et al. Registro Arquitetônico da Universidade de Brasília*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014.

SILVA, M. A. C.R. *Equilíbrio estrutural e a industrialização da construção: primeira experiência em pré-moldado na UnB*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

GOIÁS

ELINE MARIA MORA PEREIRA CAIXETA

Doutora em História da Arquitetura e da Cidade | ETSAB-UPC
Professora da Universidade Federal de Goiás | UFG
eline.caixeta@ufg.br

ANA AMÉLIA DE PAULA MOURA RIBEIRO

Doutora em Arquitetura e Urbanismo | UnB
Professora da Universidade Federal de Goiás | UFG
ana.amelia@ufg.br

EURÍPEDES AFONSO DA SILVA NETO

Doutor em Arquitetura e Urbanismo | UnB
euripedes.a.s.neto@gmail.com

“A modernidade que se almejava implantar, serviria para dinamizar a economia e teria ainda um caráter educativo”

E. CAIXETA; A. RIBEIRO; E. SILVA NETO

A modernização da arquitetura em Goiás teve como ponto de inflexão a construção de Goiânia nos anos 1930. A modernidade que se almejava implantar, serviria para dinamizar a economia e teria ainda um caráter educativo, do ponto de vista da difusão dos novos padrões modernos urbanísticos e de moradia. No contexto de um Estado centralizador e nacionalista, que buscava uma arrancada do Brasil rumo ao interior, surgia o cenário ideal para a construção da nova capital.

Em 1933, o governo estadual adquiriu as terras e convidou o arquiteto Atílio Corrêa Lima para elaborar os projetos e supervisionar a construção da cidade. As primeiras construções oficiais de Goiânia incorporaram o repertório Art Déco e as residências adotaram predominantemente padrões neocoloniais, misionales e ecléticos (Moura, 2011). Tais padrões foram rapidamente difundidos para outras partes do estado, o que foi favorecido, dentre outros aspectos, pela construção de novas vias de ligação, que passaram a integrar Goiânia à diversas partes do estado (a malha ferroviária chega à Anápolis e novas rodovias são construídas). Até a década de 1950, o quadro da arquitetura goianiense se mante-

ve sem alterações significativas. Foi no decorrer dos anos 1950, quando a urbanização sofreu um incremento e os setores Sul e Oeste começaram a ser ocupados, que surgiram as primeiras construções modernistas na capital. Soma-se a isso a forte influência da construção de Brasília nos anos 1954-60, que favoreceu a consolidação de uma cultura moderna local. Seguindo movimento semelhante a outros locais, em Goiás a nova arquitetura encontrou espaço primeiramente nos programas residenciais, tendo a capital como o polo irradiador da nova postura arquitetônica.

A residência de Dorival Bacelar (1952) é considerada a primeira casa modernista de Goiânia (Silva Neto, 2010, p. 41), já demolida, foi projetada pelo arquiteto Eurico de Godoi. Tal residência inseriu novos elementos compositivos no cenário local, como o jardim interno e o telhado asa de borboleta. Para além dessa residência, merece destaque no conjunto de sua obra, a sede do Banco do Estado de Goiás, projetada em 1964 com o também arquiteto Elder Rocha Lima, obra que atesta um amadurecimento profissional de ambos, onde manipulam o repertório corbusiano de maneira extremamente original.

As primeiras construções modernistas de Goiânia foram concebidas, portanto, por arquitetos goianos graduados durante a década de 1950 no Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo que, ao se estabelecerem na capital, trouxeram influências modernistas e encontraram campo propício para a difusão de suas ideias: Eurico de Godoi, Elder Rocha Lima e Silas Varizo (Rio de Janeiro); Domingos Roriz (Minas Gerais); Ariel Costa Campos, Raul Filó e Luiz Osório Leão (São Paulo), são importantes nomes dessa fase.

Arquitetos de significativa repercussão nacional, como David Libeskind, Sérgio Bernardes e Paulo Mendes da Rocha também realizaram projetos expressivos na cidade, especialmente a partir de 1960. David Libeskind projetou três residências em Goiânia: a casa Félix Lousa (1952), a residência Ignacy Goldfeld (1955) e residência Abdala Abraão (1961) (Silva Neto, 2010).

A influência de Brasília aparece no Clube de Regatas Jaó, projetado por Bernardes em 1962 e construído entre 1963-69 (Metran, 1996, p. 172). Tal equipamento, ao lado do Jóquei Clube de Goiás, projetado por Paulo Mendes da Rocha também em 1962,

tornaram-se marcos da arquitetura goianiense, sobretudo, por terem a seu tempo, uma expressiva apropriação popular. O Jóquei Clube assumiu ainda um significativo papel de “modelo didático dos mecanismos funcionais e formais que então encontravam-se em construção no brutalismo paulistano” (Caixeta; Frota, 2013, p.11), influenciando jovens arquitetos tanto localmente, quanto nacionalmente, devido à grande repercussão que teve nas publicações especializadas.

A fundação da primeira Faculdade de Arquitetura de Goiânia em 1968, no âmbito da Universidade Católica de Goiás (UCG), reforçou a adesão local ao modernismo, já que na constituição do curso, profissionais com produções já consolidadas nessa vertente se estabeleceram em Goiânia para constituir seu corpo docente. Do grupo inicial participaram nomes como Elder Rocha Lima, Sílvio de Oliveira Castro e Antônio Lúcio Ferrari Pinheiro. Antônio Lúcio elaborou vários projetos paralelamente à carreira docente, dos quais merecem destaque: a Prefeitura de Anápolis (1971), o Colégio Estadual Pré-Universitário (1971) e sua própria residência (1976).

Em 1969, juntaram-se ao grupo os arquitetos: Eduardo Simões Barbosa, Fernando Carlos Rabelo, Elias Daud Neto e Roberto Benedetti, que fundam, em 1968, o escritório Arquitetos Associados, que teve relevante papel no cenário arquitetônico goiano até 1975, quando dissolvem a parceria. São autores, dentre outras obras, do primeiro edifício multifuncional da capital, o Parthenon Center (1974-76).

Em 1973, no processo de reconhecimento do curso de Arquitetura da UCG, Edgar Albuquerque Graeff foi fundamental, participando ativamente da formatação curricular, sendo ainda o responsável pela vinda de João Filgueiras Lima para a composição de seu corpo docente (Caixeta; Romeiro, 2015, p. 103). Dessa fase destacam-se obras como o Ateliê de Arquitetura da UCG (1970), de Sílvio de Oliveira Castro e a Igreja Nossa Senhora de Fátima (1970-74), projetada pelo paulista Siegbergt Zanettini, ambas em linguagem brutalista. Ainda nos anos 1970, obras como o Estádio Serra Dourada (1975), de Paulo Mendes da Rocha e a sede do Banespa (1977), atual Santander, de Ruy Ohtake, consolidam na cidade uma significativa produção influenciada pelo Brutalismo.

As obras que serão aqui apresentadas foram escolhidas, tendo como critério a representatividade para o campo arquitetônico local e sua relevância em termos didáticos, uma vez que se tornaram emblemáticas e recorrentemente estudadas pelos arquitetos em formação do estado.

Eline Caixeta | Ana Amélia Ribeiro | Eurípedes Neto



GOIÂNIA

1. RES. ANTÔNIO LÚCIO E ANA TEREZINHA PINHEIRO
2. SEDE SOCIAL JÓQUEI CLUBE
3. SEDE DO BANCO DO ESTADO
4. COND. PARTHENON CENTER
5. ATELIÊ DE ARQUITETURA UGC

0 0,5 1 km

SEDE SOCIAL

JÓQUEI CLUBE DE GOIÁS

ANO	1962-1975
PROJETO	Paulo Mendes da Rocha e João Eduardo de Gennaro
LOCAL	Rua 3, SN, Centro, Goiânia-GO
GESTÃO	Privada
TIPOLOGIA	Lazer/Equipamentos públicos
ESTADO	Inativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Sem proteção legal



Fonte: Revista Acrópole n.342, 1967.

A relação de Paulo Mendes da Rocha (1928-2021) com Goiânia se inicia por meio de Ariel Costa Campos e Raul Naves Filó, que se formaram arquitetos em 1959 e 1960 e foram seus colegas na Universidade Mackenzie de São Paulo. Eles convencem a diretoria do Jôquei da contratação, porém outros arquitetos locais exigiram um concurso. Pressionado, o IAB goiano organiza a seleção por carta convite a mais três profissionais, todos com escritório em Goiânia.

Ariel Costa Campos ficou com o segundo prêmio, Renan de Oliveira Barros com o terceiro e Silas Rodrigues Varizo (1935-) com o quarto. O júri, composto por Heitor Annes Vignoli, Jon Maitrejean (1929-) e Maurício Nogueira Batista (1927-), anunciou o resultado em 1962 (Dedecca, 2012). Assim os vencedores Paulo Mendes e João Eduardo de Gennaro (1928-2013) – já reconhecidos pelo sucesso de outros concursos como a Sede da Assembleia de Santa Catarina e o Clube Atlético Paulistano – vão compartilhar mais uma autoria. O projeto teve a participação do engenheiro Siguer Mitsutani, na parte referente à estrutura.

Em seu longo período de execução funcionou como uma escola, na formação de arquitetos e engenheiros no estado de Goiás. A obra inicia sob a tutela do engenheiro Irapuan Costa (1937-), mas é finalizada pela Incorporadora ProValle, em 1973, tomando lugar da sede original, um casarão eclético que passaria por neoclássico com projeto atribuído à parceria entre Salvador Batalha e José Amaral Neddermeyer (1894-1951) (Godinho, 2015).

A nova sede do Jôquei Clube de Goiás, primeira obra de Mendes da Rocha em Goiânia, juntamente com a residência Bento Odilon Moreira (1963), o Estádio Serra Dourada (1975) e o Terminal Rodoviário de Goiânia (1983-1986), este último de autoria de Luiz Fernando Teixeira e Moacir Paulista Cordeiro, formados na UNB, sob consultoria de Paulo Mendes da Rocha; formam parte de um conjunto de quatro obras edificadas na cidade sob sua autoria, que marcam a presença da arquitetura paulistana no cenário goianiense (Caixeta; Frota, 2010).

SEDE DO BANCO DO ESTADO DE GOIÁS

ANO	1964
PROJETO	Eurico Calixto de Godoi, Elder Rocha Lima e Jayme de Miranda
LOCAL	Av. Goiás, 612, Centro, Goiânia - GO
GESTÃO	Privada
TIPOLOGIA	Institucional
ESTADO	Inativo
CONSERV.	Sem descaracterizações
PROTEÇÃO	Sem proteção legal

Eurico Godoi (1925-1993), Jayme Miranda e Elder Rocha Lima (1928-), graduados na Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, os dois primeiros em 1951 e o segundo em 1955, imprimem em sua obra uma forte influência da arquitetura moderna então produzida no Rio de Janeiro, já assentada sobre as bases da arquitetura racionalista de vertente corbusiana.

Natural de Anápolis, Eurico Godoi é considerado precursor do modernismo na arquitetura em Goiás (Vaz; Zúrate, 2006). Em parceria com Jayme de Miranda, funda seu primeiro escritório em Goiânia, onde desenvolve importantes projetos no contexto de formação da cidade. Entre eles: o edifício da Escola de Farmácia e Odontologia (1955) e o Hospital Rassi (1959-60) (Oliveira, 2016).

Godoi manteve as atividades do escritório particular alternando com o exercício no setor público. Algumas de suas ocupações foram Secretário de Viação e Obras, Chefe da Assessoria Técnica da Prefeitura e Presidente da Companhia de Desenvolvimento do Estado de Goiás. Sempre ativo como autônomo, dividiu posteriormente autoria de projetos com Jayme de Miranda e

Elder Rocha Lima, igualmente relevantes no contexto de formação da cidade capital. A saber, os edifícios da Escola de Engenharia (1959), da Assembleia do Estado de Goiás (1960) e do Banco do Estado de Goiás, que teve como autor do projeto estrutural, o engenheiro Geraldo Passos. Nascido na cidade de Goiás, Elder Rocha Lima desejava seguir o curso de Belas Artes como formação superior, mas a arquitetura é o caminho escolhido. Recém-formado, retorna a Goiás em 1956, onde inicia as atividades acadêmicas junto à Escola Goiana de Belas Artes.

Na década de 1960 é convidado a participar do Centro de Estudos Brasileiros como professor de história da arte, mas logo, com o golpe militar de 1964, é demitido (Hamú, 2013). Mesmo sua participação na formação do curso de arquitetura da Universidade Católica de Goiás é impedida pelas reverberações de 1964. Rocha Lima teve extensa carreira tanto na vida acadêmica quanto na de servidor técnico e administrativo. Foi membro de conselhos universitários, presidente do CREA e do IAB em Goiás.



Fonte: Memória Cultural, 1985. | Zuhair Mohamad.

ATELIÊ | UCG

ATELIÊ DO CURSO DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

ANO	1970
PROJETO	Silvio Oliveira Castro
LOCAL	1ª Avenida, SN, St. Leste Universitário, Goiânia-GO
GESTÃO	Privada
TIPOLOGIA	Educacional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização Parcial
PROTEÇÃO	Sem proteção legal

Silvio Oliveira Castro (1937-), nasceu em Goiânia e formou-se arquiteto pela Universidade de Brasília em 1966. Como aluno da primeira turma, teve a formação amparada por Oscar Niemeyer (1907-2012), Alfredo Ceschiatti (1918-1989), Edgar Albuquerque Graeff (1921-1990) e João Filgueiras Lima (1932-2014), que proporcionaram sólida formação técnica e artística (Silva Neto, 2022).

Com o golpe militar de 1964, a Universidade de Brasília sofre sua primeira invasão, que culmina com o afastamento de alguns professores. Por participar de manifestações políticas, Sílvio Castro chega a ser preso em 1965, o que não parece durar muito tempo, pois não atrapalha a conclusão do curso ainda com a primeira turma de formandos. Estagiando com Milton Ramos (1929-2008), que atuava em Brasília desde 1958, completou sua formação técnica

com aprofundamento na elaboração de detalhes construtivos. Em Goiânia, além de exercer atividades como professor na nascente escola de arquitetura, participa de concursos de arquitetura, um deles com o colega Antônio Lúcio (1939-2022), em 1969. Estabelece escritório próprio em parceria com o arquiteto Hélio Carrijo (1945-), entre 1974 e 1975 (Carrijo, 2021), e atua como projetista da Telegoiás até a aposentadoria, para a qual concebe o Edifício Sede e outras instalações.



CONDOMÍNIO

PARTHENON CENTER

ANO	1974-1976
PROJETO	Eduardo Simões Barbosa, Fernando Carlos Rabelo, Elias Daud Neto, Roberto Benedetti
LOCAL	Rua 4, 515, Centro, Goiânia-GO
GESTÃO	Privada
TIPOLOGIA	Comércio e serviços
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Sem descaracterizações
PROTEÇÃO	Sem proteção legal

Fotos: José Renato de Castro e Silva
Acervo Erith Christo Normanha Benedetti



Quatro arquitetos, contemporâneos do curso de arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, se instalam em Goiânia e estabelecem o escritório Arquitetos Associados. O primeiro é Eduardo Simões Barbosa (1937-), nascido em Belo Horizonte/MG, que chega em 1966 para trabalhar na construtora Dalia. A ele se associaram Fernando Carlos Rabelo (1945-), de Ipameri/GO, Elias Daud Neto (1939), natural de São José do Rio Pardo/SP, e Roberto Benedetti (1943-1986) nascido em Belo Horizonte/MG (Silva, 2016).

Apesar de motivos diversos para instalarem-se na capital goiana, é questão comum o fato de Belo Horizonte ser mercado mais fechado, já relativamente saturado com arquitetos locais. A chegada em uma cidade ainda nova abria perspectivas de atuação profissional. Com esses quatro membros, o escritório funciona de 1968 a 1975 e lega importantes exemplares para o cenário local como a Comunidade Educacional O pequeno Príncipe (1974) e a residência Oswaldo José de Oliveira (1974-1976), publicada na revista Módulo 70 de 1982. Nesse con-

texto de produção, o condomínio Parthenon Center, construído pela incorporadora ProValle, destaca-se por seu porte e reverberação na cidade. Aos idos de 1976, o escritório Arquitetos Associados se desfaz. Elias Daud Neto e Roberto Benedetti se retiram para montar empresas particulares. Sob nova denominação, agora Espaço S/A, o escritório prossegue com Eduardo Simões e Fernando Rabelo. Nesse período destacam-se: a Sede do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal - GO (1976-1979) e a residência Aldi Alves Bezerra (1979-1983). Esta última, um marco na história da arquitetura em Goiás.

A forma, o processo de projeto e o método construtivo parecem amalgamar em um objeto as experimentações anteriores. Obra crítica na qual presenciamos a união da inventividade artística e da precisão matemática, tanto influenciada pela formação com Alberto Guinard e Sylvio de Vasconcellos durante o período em Minas. Com a saída de Eduardo em 1983 – quando se muda para lecionar na Universidade Federal do Espírito Santo – o escritório mantém-se com Fernando e seu filho Frederico Rabelo.

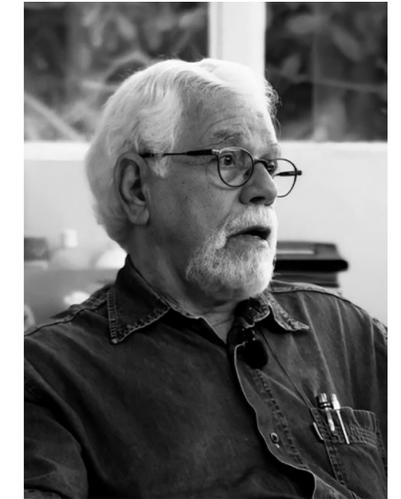
RESIDÊNCIA

ANTÔNIO LÚCIO E TEREZINHA PINHEIRO

ANO	1976
PROJETO	Antônio Lúcio Ferrari Pinheiro (Arquitetura); Mário Metran (Estrutura)
LOCAL	Rua 38, 720, St. Marista, Goiânia-GO
GESTÃO	Privada
TIPOLOGIA	Residência unifamiliar
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Sem proteção legal

O arquiteto Antônio Lúcio nasce em 1939, em Ponte Nova/MG, cidade situada na zona da mata mineira. Lá conclui o ensino fundamental e o ginásio. Buscando a formação acadêmica e tentando conciliar arte e técnica, muda-se para a capital mineira em 1959. Durante o período universitário, ressalta o valor de professores como Sylvio de Vasconcellos (1916-1979), porém cita que a atividade cultural e a busca por novas ideias surgiam com mais ênfase por parte dos alunos. Compartilhou ideias com colegas como William Abdalla (1940-), José Carlos Laender Castro (1938-), Marcio Pinto de Barros, Marcus Meyer (1937-), dentre outros (Silva Neto, 2010).

Gradua-se arquiteto em 1963. Após o término do curso, volta para Ponte Nova/MG, abrindo escritório próprio e desenvolvendo alguns projetos. Assim permanece até o início de 1965. Muda-se para Cuiabá/MT, onde trabalha de 1965 a 1967 desenvolvendo serviços técnicos junto a uma equipe de planejamento que dava subsídios ao governador de Mato Grosso. Após convite do amigo e arquiteto



Fonte: F. Canhete, H. Costa e L. Lacerda

Armando Scartezini (1937-), chega a Goiânia no final de 1967 (Fonseca, 2019). Como profissional de prancheta, o arquiteto desenvolveu duas atividades em paralelo, o emprego em grandes empresas e a atividade autônoma. Na carreira acadêmica, Antônio Lúcio (1939-2022) foi um dos fundadores do primeiro curso de arquitetura no estado, em parceria com o também arquiteto Elder Rocha Lima (1928-).

Em Goiás, o arquiteto foi um dos precursores dos conceitos da escola paulista de arquitetura. Apesar de usual adepto da exposição dos materiais em sua essencialidade, não se limitava à exclusiva atenção ao concreto aparente. Sua residência em Goiânia, fruto de estudos realizados em Cuiabá no início dos anos 1960, uma de suas obras mais paradigmáticas por seu arrojo espacial e estrutural, contou com a participação de Mário Metran no projeto estrutural. Entre suas obras no estado de Goiás destacam-se a Antiga Prefeitura de Anápolis (1971), o Colégio Estadual Pré-Universitário (1971) e o Condomínio Residencial Itaipu (1974).

BIBLIOGRAFIA

CAIXETA, E. M. M. P.; FROTA, J. A. D'A. *Paisagens Desoladas: quatro Máscaras de Concreto em Deriva*. In: COMAS, C. E.; PEIXOTO, M.; MARQUES, S. M. (Org.). *Concreto: Plasticidade e Industrialização na Arquitetura do Cone Sul-Americano 1930-70*. Porto Alegre: Editora UniRitter, p.159-174, 2010.

_____.; FROTA, José Artur D'Aló. *Brutalismo: Fronteiras Goianas*. In: X Seminário Docomomo Brasil, *Anais...*, Curitiba: Docomomo, 2013.

_____.; ROMEIRO, B. (Org.). *Interlocuções na arquitetura moderna no Brasil: o caso de Goiânia e outras modernidades*. Goiânia: UFG, 2015.

CARRIJO, H. F. *Entrevista com o Sr. Hélio Fausto Carrijo, arquiteto e professor do curso de arquitetura da PUC/GO*. Brasília/DF, 01 de abril de 2021.

DEDECCA, P. G. *Sociabilidade, crítica e posição*. Dissertação (Mestrado), FAU-USP, São Paulo, 2012.

FONSECA, R. da P. *Caminhos de uma Arquitetura: obra e trajetória de Antônio Lúcio Ferrari Pinheiro*. Dissertação (Mestrado), FAV-UFG, Goiânia, 2019.

GODINHO, I. R. *A Construção: Cimento, Ciúme e Caos nos Primeiros Anos de Goiânia*. Goiânia: Simplíssimo, 2015.

HAMÚ, A. *De Goyaz a Goiás*. Goiânia: Kelps, 2013.

METRAN, M. *Moderno e modernismo*. Dissertação (Mestrado). FAU-USP, São Paulo, 1996.

MOURA, A. A. *Arquitetura residencial em Goiânia (1935-1940)*. Dissertação (Mestrado), FAU-UnB, Brasília, 2011.

OLIVEIRA, S. B. C. de. *Eurico Calixto de Godoy na Formação da Arquitetura Moderna em Goiânia*. Dissertação (Mestrado), FAV-UFG, Goiânia, 2016.

SILVA, J. R. de C. e. *Arquitetos Associados e Espaço: Tradição e modernidade nas obras de um quarteto de formação mineira*. Dissertação (Mestrado), FAV-UFG, Goiânia, 2016.

SILVA NETO, E. A. da. *Goiânia Casa Moderna: 1950, 1960, 1970*. Dissertação (Mestrado), FAU-UnB, Brasília, 2010.

_____. *Panorama da Arquitetura em Goiás: Séculos XVIII, XIX e XX*. Tese (Doutorado), FAU-UnB, Brasília, 2022.

VAZ, M. D. A. C.; ZÁRATE, M. H. V. e. *A experiência moderna no cerrado Goiano*. São Paulo: *Arquitextos* 067, 2006. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp341.asp>>. Acesso em: 04 mai. 2019.

MATO GROSSO

RICARDO SILVEIRA CASTOR

Doutor em Arquitetura e Urbanismo | USP

Professor da Universidade Federal do Mato Grosso | UFMT

ricardo.castor@ufmt.br

“O desenvolvimento da arquitetura moderna em Mato Grosso reflete o acidentado processo de interiorização da economia nacional...”

RICARDO S. CASTOR

O desenvolvimento da arquitetura moderna em Mato Grosso reflete o acidentado processo de interiorização da economia nacional, dos primeiros assentamentos agrícolas no interior ao avanço do agronegócio. Os cinco edifícios apresentados a seguir foram selecionados por representar fases distintas desse processo.

O Palácio Alencastro, atual sede da prefeitura municipal de Cuiabá, possui seis pavimentos, mais subsolo, sobreloja e terraço, estruturados em concreto armado. O corpo principal do edifício exibe empenas laterais cegas, enquanto as fachadas maiores tem janelas corridas de vidro e alumínio protegidas por brises metálicos móveis. Compondo um bloco prismático de base retangular, o edifício eleva-se do solo por meio de pilotis cônicos revestidos de mármore. Serviços de atendimento ao público externo foram dispostos nas salas do térreo e da sobreloja, todas recuadas em relação ao plano da fachada sudeste, voltada para a praça frontal. Como em outras tantas obras dessa primeira fase de modernização da arquitetura mato-grossense, os elementos característicos da chamada Escola Carioca contrastam

com as preexistências históricas do local em que foi executado.

O Centro Político-Administrativo de Mato Grosso (CPA) teve sua construção iniciada em 1972, com a finalidade abrigar a crescente estrutura administrativa do governo estadual. Três edifícios foram projetados pelo Grupo de Trabalho do CPA, incluindo a sede do poder executivo posteriormente batizada de Palácio Paiaguás. Eles integram um mesmo sistema modular, composto de blocos estruturais de concreto armado de planta quadrada, com 12,6 m de lado, encaixadas umas às outras como em um jogo de dominó. As salas administrativas distribuem-se em torno de uma praça quadrada correspondente a quatro módulos, coberta apenas por uma grelha vazada de concreto. Como se vê, o Grupo de Trabalho do CPA optou pela horizontalidade e discrição de uma arquitetura não hierarquizada, em que todos os módulos e funções se equivalem.

O Terminal Rodoviário de Cuiabá presta-se como símbolo de um período marcado pelo avanço dos programas de colonização na região norte de Mato Grosso. O terminal projetado pelos arquitetos Paulo

Mendes da Rocha e Moacyr Freitas foi estrategicamente implantado em um terreno de cota elevada, no cruzamento da avenida perimetral de Cuiabá com um dos eixos viários que demandam o norte do Estado. Explorando os desníveis naturais do terreno, o projeto organiza os diferentes setores do programa sob uma cobertura plana unitária, estruturada em concreto protendido, medindo 130m de comprimento por 100m de profundidade. O jogo de rampas articula as áreas de espera e circulação, resolvendo os circuitos de embarque e desembarque sem cruzamentos ou superposições.

Os anos 1990 em Mato Grosso foram marcados tanto pela expansão do agronegócio quanto pelas incertezas econômicas e precariedades estruturais que dificultavam o escoamento e a comercialização de sua produção. O projeto de João Filgueiras Lima para a sede do Tribunal de Contas da União, em Cuiabá, responde exemplarmente aos desafios que se impunham à arquitetura daquele período.

Entre 1992 e 2010, Lelé desenvolveu projetos padronizados para sedes do Tribunal de Contas da União em várias capitais brasileiras, valendo-se das peças

pré-fabricadas em aço ou argamassa armada produzidas no Centro Tecnológico da Rede Sarah, em Salvador. A sede de Cuiabá foi construída no Centro Político-Administrativo em 1998. As salas administrativas foram dispostas em duas fileiras paralelas separadas por um amplo jardim interno protegido por uma cobertura metálica curva, aberta em forma de shed, proporcionando iluminação natural indireta e constante ventilação cruzada. Na fachada principal foram empregados painéis vazados de argamassa armada, projetados pelo artista Athos Bulcão. As salas do primeiro piso projetam-se em balanço sobre vagas de estacionamento externo, sombreando o pano de vidro do saguão de entrada. Os ambientes internos foram delimitados com paredes em PVC encaixadas em perfis metálicos, proporcionando flexibilidade ao layout e rapidez na montagem.

A sociedade mato-grossense enfrenta hoje o desafio, planetário em última análise, de conciliar desenvolvimento econômico com a preservação das riquezas naturais e culturais do seu território. Compreende-se que sua produção arquitetônica enfrente esse dilema, a exemplo do Centro Sebrae de Sustentabilidade projetado pelo arquiteto José Afonso Porto-

carrero. O edifício inaugurado em 2010 possui dois pavimentos envolvidos por uma dupla estrutura abobadada de concreto, sustentada por uma sequência de pórticos ogivais. O conjunto ocupa um terreno com caimento em direção aos fundos do lote, onde se encontra a sede do SEBRAE em Mato Grosso, no Centro Político-Administrativo do Estado (CPA-MT). O partido arquitetônico remete à tipologia das casas indígenas xinguanas e aos princípios que fazem delas um modelo de construção ecológica adequada aos seus propósitos e ao clima quente da região.

Nove pórticos arqueados com 7,5m de altura e vão livre de quase 11 m, representam o esqueleto estrutural do edifício. O afastamento entre eles é 5 m, com exceção dos pórticos das extremidades. O salão administrativo no pavimento térreo possui cerca de 350 m² de área, ocupada por postos de trabalho, espaço de reuniões e uma pequena biblioteca.

O salão é coberto por uma abóbada ogival formada por duas cascas de concreto. A laje interna dista 40 cm da externa e a camada de ar fresco que as separa é constantemente renovado por meio das aberturas lineares dispostas na base e no topo da cobertura. Essa dupla cobertura possibilita a captação das águas pluviais que escorrem entre elas até as bases da abóbada interna, convertidas em calhas de concreto. Depois de filtradas e armazenadas em uma cisterna, seguem para uso na irrigação dos jardins e das árvores de espécies nativas que cercam o edifício. Em 2018, a obra recebeu o prêmio BREEAM Awards 2018, como o melhor edifício sustentável das Américas, concedido pela mais antiga empresa certificadora de construções sustentáveis no mundo, sediada em Londres.

BIBLIOGRAFIA

ARTIGAS, R. (Org.). *Paulo Mendes da Rocha. Projetos 1957-1999*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

CASTOR, R. *Arquitetura Moderna em Mato Grosso: diálogos, contrastes e conflitos*. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-05072013-163556/pt-br.php>>. Acesso em: 11/10/2023.

FREIRE, J. de L. *Por uma poética popular da arquitetura*. Cuiabá: EdUFMT, 1997.

LIMA, J. F. *João Filgueiras Lima, Lelé*. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi; Lisboa: Editorial Blau, 2000.

PORTOCARRERO, J. A. B. *Tecnologia indígena em Mato Grosso: Habitação*. Cuiabá: Entrelinhas, 2010.

SEGAWA, H. *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*. São Paulo: EdUSP, 1999.



CUIABÁ

1. PALÁCIO ALENCASTRO
2. ESTAÇÃO RODOVIÁRIA
3. PALÁCIO PAIAGUÁS
4. TCU
5. CCS

0 0,5 1 km

PALÁCIO ALENCASTRO

ATUAL SEDE DA PREFEITURA MUNICIPAL

ANO	1959-65
PROJETO	Benjamim de Araújo Carvalho e Karl Sass
LOCAL	Praça Alencastro, n. 158, Centro, Cuiabá-MT
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Institucional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Sem proteção legal

O Arquiteto Benjamim de Araújo Carvalho formou-se pela Escola Nacional de Belas-Artes da Universidade do Brasil. Doutor em Arquitetura pela Universidade do Brasil, atuou como professor no curso de Urbanismo da Faculdade Nacional de Arquitetura da mesma universidade, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi arquiteto da Secretaria Geral de Educação e Saúde do Distrito Federal.

Publicou a partir dos anos 1950 diversos livros para o ensino ginasial, secundário e superior, tais como *Duas Arquiteturas no Brasil*, *História da Arquitetura*, *Ecologia Aplicada ao Saneamento Ambiental* e *Desenho Geométrico*.

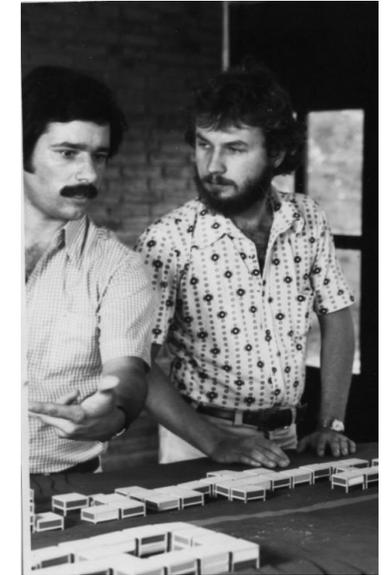




PALÁCIO PAIAGUÁS

CENTRO POLÍTICO ADMINISTRATIVO

ANO	1972-75
PROJETO	Arquitetos Júllio De Lamônica Freire; José Antônio Lemos dos Santos; Manuel Perez Santana; Sérgio de Moraes; Antônio Carlos Cabral Carpintero; Antônio Rodrigues Carvalho, Moacyr Freitas; Coordenação: Sátyro Pohl Moreira de Castilho; Assessoria de Paulo Zimbres e Frank Svensson.
LOCAL	Rua C, s/n - Centro Político-Administrativo, Cuiabá-MT
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Institucional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	-



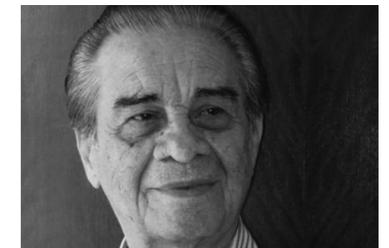
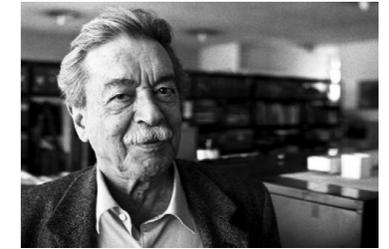
Fonte: Acervo do Arq. José Antônio Lemos, anos 1970.

A equipe de arquitetos responsável pelo projeto do Centro Político-Administrativo de Mato Grosso, identificada na legenda das pranchas como GT.CPA, foi coordenada pelo Engenheiro Sátyro Pohl Moreira de Castilho, diretor do Departamento de Obras no governo de José Fragelli.

Era composta em sua maioria por jovens arquitetos egressos na Universidade de Brasília, alguns deles cuiabanos, com assessoria de professores da mesma instituição.

TERMINAL RODOVIÁRIO CUIABÁ

ANO	1979
PROJETO	Paulo Mendes da Rocha, Moacyr Freitas e equipe.
LOCAL	Avenida Miguel Sutil, S/n, Alvorada, Cuiabá-MT
GESTÃO	Concessão pública
TIPOLOGIA	Lazer/Equipamentos públicos
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Sem proteção legal



Fonte: CAU/RJ | Acervo Pessoal

Paulo Archias Mendes da Rocha (1928-2021) nasceu em Vitória, formou-se em São Paulo em 1954 na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Tornou-se um dos arquitetos brasileiros mais reconhecidos internacionalmente e um dos grandes nomes da chamada Escola Paulista.

Foi professor de projeto da FAU-USP entre 1961 e 1999. Afastado do corpo docente da universidade pela ditadura militar em 1969, foi reintegrado somente em 1980, após a anistia. Foi presidente do IAB-SP em duas ocasiões.

É autor de diversos projetos importantes, públicos e privados, no Brasil e no exterior. Em 2006, foi laureado com o Prêmio Pritzker, o mais importante da arquitetura mundial. Em 2016, venceu o prêmio Leão de Ouro, da Bienal de Veneza, Itália, na categoria arquitetura, pelo conjunto da obra. Em 2016,

Terminal Rodoviário de Cuiabá, MT.
Fonte: Ricardo Castor, 2006.

recebeu o Prêmio Imperial do Japão, um dos mais prestigiosos do mundo.

O arquiteto Moacyr Freitas (1930-2021) nasceu em Cuiabá e se formou em 1961 pela Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade de Brasil, no Rio de Janeiro. Além da Estação Rodoviária, projetou outras obras importantes na capital mato-grossense, incluindo a abertura de vias estruturais, incluindo a primeira avenida perimetral da cidade, o hospital Santa Helena e o monumento Marco Zero, esse último no histórico bairro São Gonçalo Beira-Rio, onde se deu o povoamento inicial de Cuiabá.

Moacyr atuou ainda como escritor e artista plástico, foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e professor dos cursos de Engenharia Civil e Arquitetura e Urbanismo da UFMT.





TCU-MT

TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO

ANO	1998
PROJETO	João Filgueiras Lima
LOCAL	Av. Des. Carlos Avalone - Centro Administrativo, Cuiabá - MT
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Institucional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Sem proteção legal

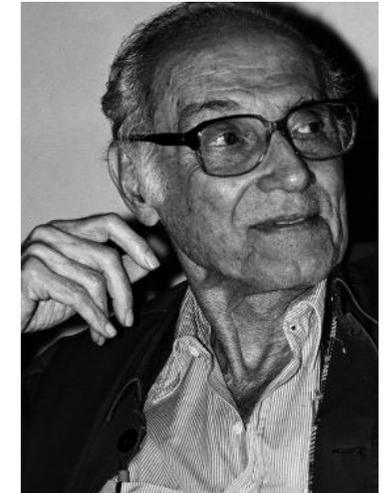


Foto: urbipedia.org, 2017.

Nascido no Rio de Janeiro, João Filgueiras Lima (1932-2014), mais conhecido como Lelé, diplomou-se em 1955 pela Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro. Participou da construção de Brasília a partir de 1957, ocupando-se de projetos e execução de obras em colaboração com Oscar Niemeyer. Participou da criação na Universidade de Brasília em 1962 e da sua Pró-Reitoria de Planejamento (PROPLAN), lecionando no curso de Arquitetura e Urbanismo da instituição até a 1965. Foi reintegrado à Universidade de Brasília em 1990.

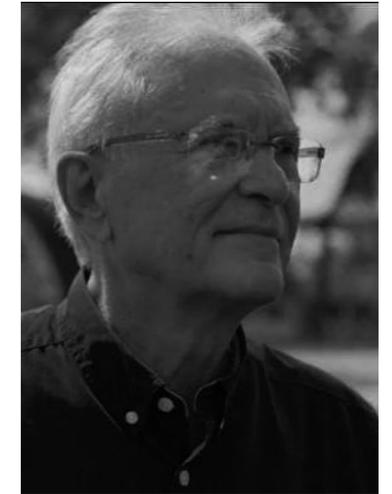
Em 1992, fundou em Salvador o Centro de Tecnologia da Rede SARAH (CTRS), destinada a projetar e executar peças de construção, equipamentos de tratamento e mobiliários para os hospitais da rede. Além dos hospitais da Rede Sarah, projetou sedes do Tribunal de Contas da União construídos em di-

versas cidades em conformidade com os sistemas de pré-fabricação que desenvolveu em Salvador. Figuram com destaque em sua carreira projetos para o Palácio Tomé de Sousa, sede provisória da Prefeitura de Salvador, o Centro Administrativo da Bahia e um conjunto extenso de obras de infraestrutura urbana, mobiliários e equipamentos públicos, entre outros.

Considerado um dos maiores expoentes da arquitetura moderna brasileira, recebeu diversas premiações nacionais e internacionais, além do título de doutor Honoris Causa da Universidade Federal da Bahia.

CENTRO SEBRAE SUSTENTABILIDADE

ANO	2010
PROJETO	José Afonso Botura Portocarrero
LOCAL	Rua Cinco, 144, Centro Político Administrativo, Cuiabá – MT.
GESTÃO	Público-privada
TIPOLOGIA	Institucional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Sem descaracterizações
PROTEÇÃO	Sem proteção legal



Fonte: J. A. Portocarrero, 2021

José Afonso Botura Portocarrero nasceu em Bela Vista, cidade hoje pertencente a Mato Grosso do Sul, e reside em Cuiabá desde 1962; formou-se em 1976 pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Santos-SP. Em 1980 iniciou a carreira docente no Departamento de Engenharia Civil da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT.

Em 1985 especializou-se em planejamento urbano na Universidade de Dortmund, Alemanha. Foi presidente do IAB-MT e secretário de Meio Ambiente de Cuiabá. Concluiu mestrado em História pela UFMT em 2001, com dissertação sobre a arquitetura da casa dos índios Bororo. É doutor pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Sua tese sobre tecnologias de construção para os povos indígenas de Mato Grosso foi defendida em 2006. Participou da criação do Curso de

Arquitetura e Urbanismo da UFMT, onde deu aulas de 1995 a 2022, quando se aposentou como professor titular.

Membro fundador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Tecnologias Indígenas – Tecnoíndia, vinculado à UFMT. Em 2007 participou como arquiteto brasileiro convidado da 7ª Bienal Internacional de Arquitetura. Em 2014 recebeu homenagem da Federação Nacional dos Arquitetos e Urbanistas – FNA, como Arquiteto do Ano. Entre suas publicações, destaca-se o livro “Tecnologia indígena em Mato Grosso: habitação” contemplado no 25º Prêmio Design do Museu da Casa Brasileira, São Paulo-SP (2011). É autor de projetos publicados e premiados internacionalmente, como o edifício ao lado, vencedor do prêmio BREEAM awards 2018 como o melhor edifício sustentável das Américas.

MATO GROSSO DO SUL

ÂNGELO MARCOS VIEIRA DE ARRUDA

Arquiteto e Urbanista | UFPE

Professor aposentado da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul | UFMS
angelomv@uol.com.br

“...formas que o movimento usou para espalhar obras de arquitetura pelos rincões do Brasil”

ÂNGELO ARRUDA

A arquitetura moderna do Estado de Mato Grosso do Sul, possui diversos exemplares que representam, com muita qualidade, a essência do modernismo e as formas que o movimento usou para espalhar obras de arquitetura pelos rincões do Brasil.

Quando ainda era Mato Grosso, este Estado do Centro-Oeste, a contar de 1950 em diante, passou a receber importantes obras do modernismo em algumas de suas cidades, especialmente Campo Grande, Cuiabá e Corumbá.

Dividido, em 1977, nasceu Mato Grosso do Sul, com a capital Campo Grande e nesse período, podemos afirmar uma combinação de riqueza material como necessidades institucionais e, nesse tempo, prédios modernistas eram peças importantes dos governantes ou de grandes empresas, com a difusão das ideias modernas saindo do eixo Rio-São Paulo e urbanizando cidades distantes.

O ponto de partida, em Mato Grosso do Sul se deu em 1954, com a construção do Colégio Estadual, obra projetada por Oscar Niemeyer (Obra 1), em Campo Grande. A obra trouxe inovações arquite-

tônicas para a cidade, intrínsecas ao modelo modernista, desde o programa, o sistema construtivo, os revestimentos e o tratamento do espaço interno, proporcionando uma nova fase da arquitetura local.

O Colégio Maria Constança – primeiro nome Liceu Campograndense e depois Colégio Estadual Campograndense - contribuiu para as modificações da arquitetura da cidade. Foi edificado pela Construtora Comércio Ltda e teve como responsáveis técnicos os engenheiros Hélio Baís Martins e José Garcia Netto. A obra foi fiscalizada pelo arquiteto João Thimóteo da Costa, do Departamento de Obras do Governo em Cuiabá.

Brasília é inaugurada no ano de 1960. A região Centro-Oeste, outrora espaço regional de pouca perspectiva desenvolvimentista e com baixos adensamentos populacionais, ganha investimentos federais através de planos e programas. Com a vitória do engenheiro da Noroeste do Brasil, Pedro Pedrossian, para o Governo do Estado em 1965, se inicia a fase da difusão da arquitetura paulista em Campo Grande, através do arquiteto Oscar Arine, Assessor Especial do Governo de Mato Grosso, em Cuiabá.

Em 1967, a idéia de criar uma Universidade Estadual, em Mato Grosso, ganha corpo. O Plano Diretor da futura universidade é entregue aos arquitetos Sérgio Zaratini e Willian Munford, inclusive os projetos de arquitetura dos edifícios escolares e administrativos. Em 1966 e 1967, outras obras modernas são edificadas na cidade, isoladamente: o Hotel Campo Grande, dos arquitetos Alberto Botti e Marc Rubin, construído por Walmor Rocha Soares.

Nos anos 70, a cidade já com mais de 130 mil habitantes, continua apresentando altas taxas de crescimento demográfico. A riqueza econômica do sul do Estado de Mato Grosso, com a modernização da agricultura e da pecuária em curso, contribui para a continuidade da verticalização da cidade.

A arquitetura local ainda tinha obras projetadas por arquitetos residentes em outros estados do país com destaque para o Edifício das Repartições Públicas Estaduais – ERPE, atual Fórum da Comarca de Campo Grande, de Luís Paulo Conde e Flávio Marinho Rego, de 1972; a residência de Roberto Nachif, de Siegbert Zanetinni e a residência de Antônio Barbosa de Souza de João Batista Vilanova Artigas.



CAMPO GRANDE

1. ESCOLA ESTADUAL
2. HOTEL
3. CAMPUS UFMS
4. ERPE
5. ANTIGA RESIDÊNCIA

0 1 2 km

ESCOLA ESTADUAL

MARIA CONSTANÇA DE BARROS MACHADO

ANO	1954
PROJETO	Oscar Niemeyer
LOCAL	Rua Cândido Mariano, 451, Amambai, Campo Grande-MS
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Educacional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Protegido legalmente

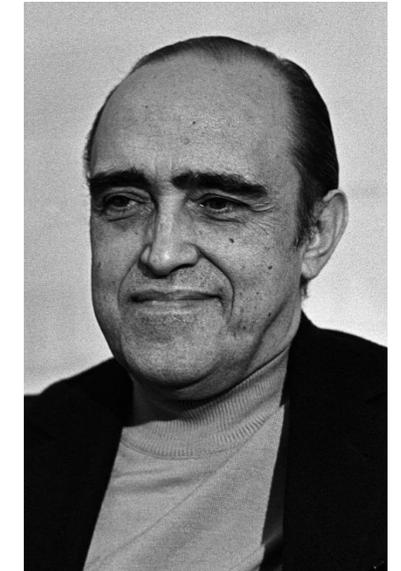


Foto: Oscar Niemeyer em 1968.

Oscar Ribeiro de Almeida Niemeyer Soares Filho (1907-2012), nasceu no Rio de Janeiro e se formou na Escola Nacional de Belas Artes (1934). Filho de Oscar de Niemeyer Soares e Delfina Ribeiro de Almeida, Oscar Niemeyer nasceu no bairro de Laranjeiras, na rua Passos Manuel, que receberia no futuro o nome de seu avô Antônio Augusto Ribeiro de Almeida, ministro do Supremo Tribunal Federal.

Niemeyer casou-se com Annita Baldo em 1928. Deste casamento ele teve sua única filha, Anna Maria Niemeyer, em 1930, que deu ao arquiteto cinco netos, treze bisnetos e quatro trinets e casou-se em novembro de 2006 com sua secretária, Vera Lúcia Cabreira.

Suas obras notáveis estão espalhadas pelo Brasil e pelo mundo, como o Palácio Itamaraty, Palácio do Planalto, Palácio da Alvorada, Catedral de Brasília, Congresso Nacional do Brasil, Conjunto Arquitetônico da Pampulha, Conjunto do Ibirapuera, Edifício Copan, Sede da Organização das Nações Unidas (integrou a equipe), Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Museu Oscar Niemeyer, Sambódromo da Marquês de Sapucaí, Sede do Partido Comunista Francês dentre outros.

Seus Prêmios recebidos constam Prêmio Lênin da Paz (1963), Prêmio Pritzker de Arquitetura (1988), Prêmio Príncipe das Astúrias (1989), Medalha Chico Mendes (1989), Medalha de Ouro do RIBA (1998), Praemium Imperiale (2004).

HOTEL

CAMPO GRANDE

ANO	1966
PROJETO	Escritório Botti & Rubin
LOCAL	Rua 13 de maio, 2825, Campo Grande-MS;
GESTÃO	Privada
TIPOLOGIA	Comércio/Serviços
ESTADO	Inativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Sem proteção legal

Os sócios são Alberto Rubens Botti, nascido em Santos (SP) em 05 de agosto de 1931. Formou-se em arquitetura na Faculdade de Arquitetura Mackenzie (São Paulo) (1949-1954). Como estudante foi Estagiário de: Oswaldo Bratke. Tem parcerias com Arnaldo Paoliello, Júlio Kassoy, Marc Rubin, Mario Franco, Pedro Paulo de Melo Saraiva, Rosa Kliass e foi Presidente do IAB-SP (1964-1965) e Presidente do AsBEA (1973-1974). Já Marc Boris Rubin nasceu em Paris, em 1931.

Também formou-se na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie (São Paulo) (1950-1955). Quando estudante foi Estagiário de: Charles Bosworth, Rino Levi e fez Parcerias Profissionais: Alberto Botti, Arnaldo Paoliello, Júlio Kassoy, Mario Franco, Pedro Paulo de Melo Saraiva, Rosa Kliass. O escritório recebeu Prêmios: 1º Lugar Conjunto da Obra - AsBEA (2002) e Prêmio Escritório do Ano - AsBEA (2002). Há uma publicação das obras do escritório lançado em 2006 pela J.J. Carol.



Foto: Arquitetos Alberto e Marc, techno



Foto: Rachid Waqued Neto

CAMPUS UFMS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL

ANO	1967
PROJETO LOCAL	Sérgio Zaratín e William Munford Cidade Universitária, Campo Grande-MS
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Institucional
ESTADO	Ativo
CONSERV. PROTEÇÃO	Descaracterização parcial Sem proteção legal

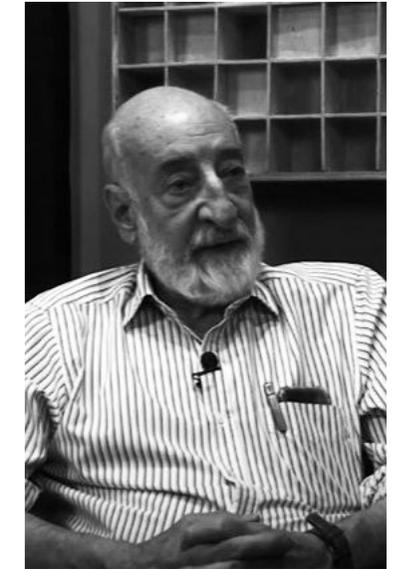


Foto: Sérgio Zaratín, A Zabumba

Sérgio Zaratín nasceu em São Paulo em 1942. Estudou em escolas públicas: Caetano Campo (1944/51); Roosevelt/CE Cuy Barbosa (1952/54), FAU USP (1956/60). Arquiteto e urbanista, pertenceu ao quadro técnico da EMLASA, desempenhando várias funções. Sua experiência em planejamento urbano e metropolitano o credenciou como consultor em diversas prefeituras municipais. Possui trabalhos de planejamento em outros estados e no exterior.

Principais trabalhos: Planos Diretores (municipais) - Mogi das Cruzes (1967 e 2003); Bragança Paulista (1967); Presidente Prudente (1970); São Caetano do Sul (1969 e 1989); Barra Mansa (1971); Salvador/BA (1977/79 e 2003/04); Cotia (1985); Campo grande/MS (1986/87); Suzano (1993); Ubatuba

(1994); Embu (1994/95); São Sebastião (1997); Santana de Parnaíba (2004); Atibaia (2006); Guararema (2015 - em curso). Planos Metropolitanos: RM Salvador (Preliminar) (1969); RM São Paulo (PMDI 1970; PMDI ill 1982; PMD 1994).

William Munford (1935) diplomou-se arquiteto pela FAU USP em 1963. Trabalhou vários anos na EMURB como Coordenador de Planejamento participando dos Planos de Renovação Urbana junto às estações metroviárias de São Paulo e no projeto de reconstrução da Praça da Sé. Na ASPLAN, colaborou com o Plano Urbanístico para o município de São Paulo e atuou na THEMAG Engenharia no Plano Piloto do Aeroporto Internacional de Guarulhos.



Foto: Rachid Waqued Neto



ERPE

EDIFÍCIO DAS REPARTIÇÕES PÚBLICAS ESTADUAIS

ANO	1972
PROJETO	Luiz Paulo Fernandez Conde e Flávio Marinho Rego
LOCAL	Av. Fernando Correa da Costa, 559 Campo Grande-MS
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Institucional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Protegido Legalmente

Luiz Paulo Conde nasceu no Rio de Janeiro em 1934 e faleceu em 2015. Formou-se em arquitetura em 1959 pela Universidade do Brasil (atual UFRJ). Foi professor titular da UFRJ e Diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de 1990 a 1992.

Durante a graduação, trabalha com arquitetos como Flávio Marinho Rego (1925-2001) e Jorge Machado Moreira (1904-1992). As atividades de docência e pesquisa iniciam-se na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Santa Úrsula, na qual ingressa em 1966.

Flávio Marinho Rego Flávio Marinho Rego (1925-2001) pernambucano de Recife, muito jovem foi estudar arquitetura na cidade do Rio de Janeiro onde também construiu sua vida profissional.

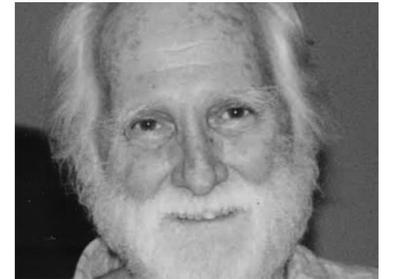


Foto: Luiz Paulo Conde e Flávio Marinho

Formou-se em 1950 pela Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, Rio de Janeiro ao lado dos amigos Marcos Konder Neto, Newton Mendonça, Belmiro Medeiros e Eduardo Sued, todos de uma geração de modernistas influenciados por Le Corbusier.

Participou, enquanto estudante, da equipe do arquiteto Oscar Niemeyer, entre 1946 e 1949 e depois de formado trabalhou com o arquiteto Jorge Machado Moreira no escritório técnico da Cidade Universitária da Universidade do Brasil, e com Afonso Eduardo Reidy no Departamento de Urbanismo da Prefeitura do Distrito Federal do Rio de Janeiro participando dos projetos do aterro do Flamengo e o projeto "Monumento aos Mortos da 2ª Guerra/1956" no Rio de Janeiro.

ANTIGA RESIDÊNCIA

ANTÔNIO BARBOSA

ANO	1974
PROJETO	João Batista Vilanova Artigas
LOCAL	Av. Afonso Pena, 3020, Campo Grande-MS
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Residência Unifamiliar
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Sem proteção legal

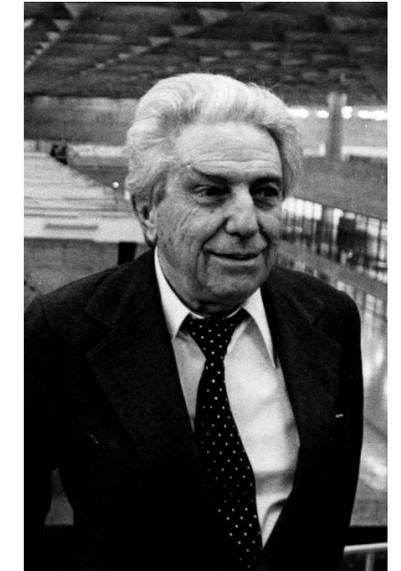


Foto: Arquiteto na FAUUSP, Blog da USP;

João Batista Vilanova Artigas nasceu em Curitiba (PR) em 23 de junho de 1915 e faleceu em 12 de janeiro de 1985 com 69 anos em São Paulo (SP). Artigas como era conhecido, cursou Engenharia na Faculdade Nacional de Arquitetura (Rio de Janeiro) (1932-1933) e depois foi Engenheiro-Arquiteto - Escola Politécnica (São Paulo) (1934-1937).

Foi Estagiário de: Construtora Bratke e Botti (Oswaldo Bratke e Carlos Botti) e teve Parcerias Profissionais: Alfredo Paesani, Carlos Cascaldi, David Ottoni, Duílio Marone, Erich Meili, Fábio Penteadó, Gregori Warchavchik, José Carlos de Figueiredo Ferraz, Júlio Kassoy, Luis Saia, Maria Giselda Visconti, Mario Franco, Otacilio Pousa Sene, Paulo Camargo de Almeida, Paulo Mendes da Rocha, Roberto Coelho Cardozo, Roberto Zuccolo.

Empresarialmente tinha o Escritório: Marone & Artigas Engenheiros Construtores. Na Rua Bento Freitas, n.º 306 - 5º Andar - Conj. 53 - República - São Paulo - São Paulo - Brasil (1968-1974). Artigas foi 1º Secretário do IAB-SP (1943-1946); Secretário Geral do I Congresso Brasileiro de Arquitetos (1945); Vice-Presidente do IAB-SP (1959-1961).

Participou dos Concursos: Paço Municipal de São Paulo - 1939 e do Plano Piloto de Brasília - 1956. Prêmios recebidos: Prêmio Jean Tschumi - União Internacional de Arquitetos (1972); Prêmio Auguste Perret - União Internacional de Arquitetos (1984); Medalha 25 de Janeiro - Prefeitura de São Paulo (2015).



Foto: Rachid Waqued Neto

BIBLIOGRAFIA

ALBERTO BOTTI. *Arquivo Arq.* Disponível em: < <https://arquivo.arq.br/profissionais/alberto-botti>>. Acesso em 13 de setembro de 2023.

ARRUDA, A. M. V. de. "A Arquitetura e o Urbanismo de Campo Grande". *Revista de Ciências Sociais*, n.1, Uniderp, Campo Grande, 1998.

_____. "Algumas referências sobre a ocupação do sítio urbano de Campo Grande". In: *O Parcelamento do Solo Urbano em Campo Grande: visão crítica e roteiro legal*. Campo Grande, Uniderp, p. 3-15, 1997.

FLAVIO MARINHO REGO. *Catalogo das Artes*. Disponível em: < https://www.catalogodasartes.com.br/cotacao/obrasdearte/artista/FI%C3%A1vio%20Marinho%20Rego/ordem/inclusao_mais_recente/pagina/1/>. Acesso em 13 de setembro de 2023.

LUIZ, P. F. C. In: *ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira*. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa26174/luiz-paulo-fernandez-conde>. Acesso em: 13 de setembro de 2023. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

MARC RUBIN. *Arquivo Arq.* Disponível em: < <https://arquivo.arq.br/profissionais/marc-rubin>>. Acesso em 13 de setembro de 2023.

UM POUCO DE HISTÓRIA... *Acontece no Cinturão Verde*. 14 de maio, 2015. Disponível em: < <https://blogrbcv.blogspot.com/2015/05/um-pouco-de-historia-com-sergio-zaratin.html>>. Acesso em 13 de setembro de 2023.

VILANOVA ARTIGAS. *Artigo Arq.* Disponível em: < <https://arquivo.arq.br/profissionais/vilanova-artigas>>. Acesso em 13 de setembro de 2023.



PARTE 4

REGIÃO SUDESTE



MINAS GERAIS

FLÁVIO DE LEMOS CARSLADE

Doutor em Arquitetura | UFBA

Professor Titular da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais | UFMG

flavio.carsalade@gmail.com

“Minas Gerais sempre foi moderna. Mas também sempre teve um forte compromisso com a tradição, até mesmo tornando a vanguarda uma tradição.”

FLÁVIO CARSLADE

Minas Gerais sempre foi moderna. Mas também sempre teve um forte compromisso com a tradição, até mesmo tornando a vanguarda uma tradição. Não é à toa que dentre os artífices da proteção do nosso patrimônio cultural estivessem tantos mineiros e que o berço da arquitetura moderna brasileira, Pampulha, também estivesse nas Minas Gerais. Unindo passado e futuro, Minas Gerais. Inconfidência mineira, vanguarda de um novo país, civilização do ouro, cidades moderníssimas em pleno século XVIII. Pós-moderno, onde? Minas Gerais. Literatura moderna, no meio do caminho uma pedra, movimento verde, Belo Horizonte, Cataguases.

Primeira cidade moderna planejada do país, Belo Horizonte, com um urbanismo que trazia todas novidades de uma ciência recém-fundada, positivista, higiênica, “porque ruas tão largas, meu Deus? (Carlos Drummond de Andrade). Em tudo oposta a Ouro Preto, nascida para ser moderna, em rápida e voraz sucessão de estilos – eclético, art-decò, protomoderno, moderno. Cidade inquieta, com compromisso com o moderno, sempre se renovando. Ambiente ecologicamente propício para o espírito novo. Pampulha, sonho de um prefeito furacão, padrinho da

modernidade, fundador de Brasília, materialização única da cidade moderna. Juiz de Fora, industrialização, Uberlândia atacadista, estradas da modernidade do sul, da Zona da Mata, caminho da Bahia, caminho de Brasília, caminhos gerais.

São muitas as minas gerais como são muitas as modernidades de Minas. Cinco obras são pouco para exemplificar tanta modernidade, mas vamos lá, fazer caber aqui uma amostragem que não se concentre na capital do estado, embora nela estejam obras muito importantes e ela se apresente um pouco como síntese do estado. Um recorte temporal também é necessário para fazer caber tanta arquitetura em tão pequeno espaço: apresentamos aqui a primeira modernidade mineira, aquela que se fez na Pampulha (1943) e logo após ela (anos 1950 e 1960).

Belo Horizonte foi um ensaio do moderno, não apenas por sua vocação, mas também pelas amplas oportunidades de aqui se construir uma cidade nova. Para cá, em seus primórdios, vieram muitos arquitetos e construtores italianos trazendo um ecletismo moderno, mas logo ensaiando um protomo-

dermo também inspirado em seu país natal. Não é casualidade que na capital mineira tenha se instalado a primeira escola exclusivamente de arquitetura do país, em 1930, nascida diferentemente das outras, brotadas das belas-artes ou das politécnicas. Suas quadras geométricas, seus ângulos agudos propiciaram ensaios formais de vários tipos, apoiados na verticalização que se tornou tônica a partir dos anos 1940.

De Belo Horizonte, trazemos o Conjunto Moderno da Pampulha (1943), patrimônio da humanidade e obra prima de Oscar Niemeyer. Mas trazemos também duas importantes referências de nosso modernismo. Sylvio de Vasconcellos, diretor da Escola de Arquitetura da UFMG e superintendente do IPHAN em Minas Gerais, foi um dos nossos mais importantes teóricos locais, se apresentando como um dos arautos da modernidade em seus escritos e obras, nas suas próprias palavras:

“Assim como nas Minas, o barroco mineiro se casaria com o iluminismo cartesiano para ensejar uma arquitetura local peculiar, agora o rigorosismo funcionalista courbusiano se casaria com a desenvol-

tura imaginosa nacional para buscar a mesma autenticidade local que havia constituído a glória de Antônio Francisco Lisboa”.

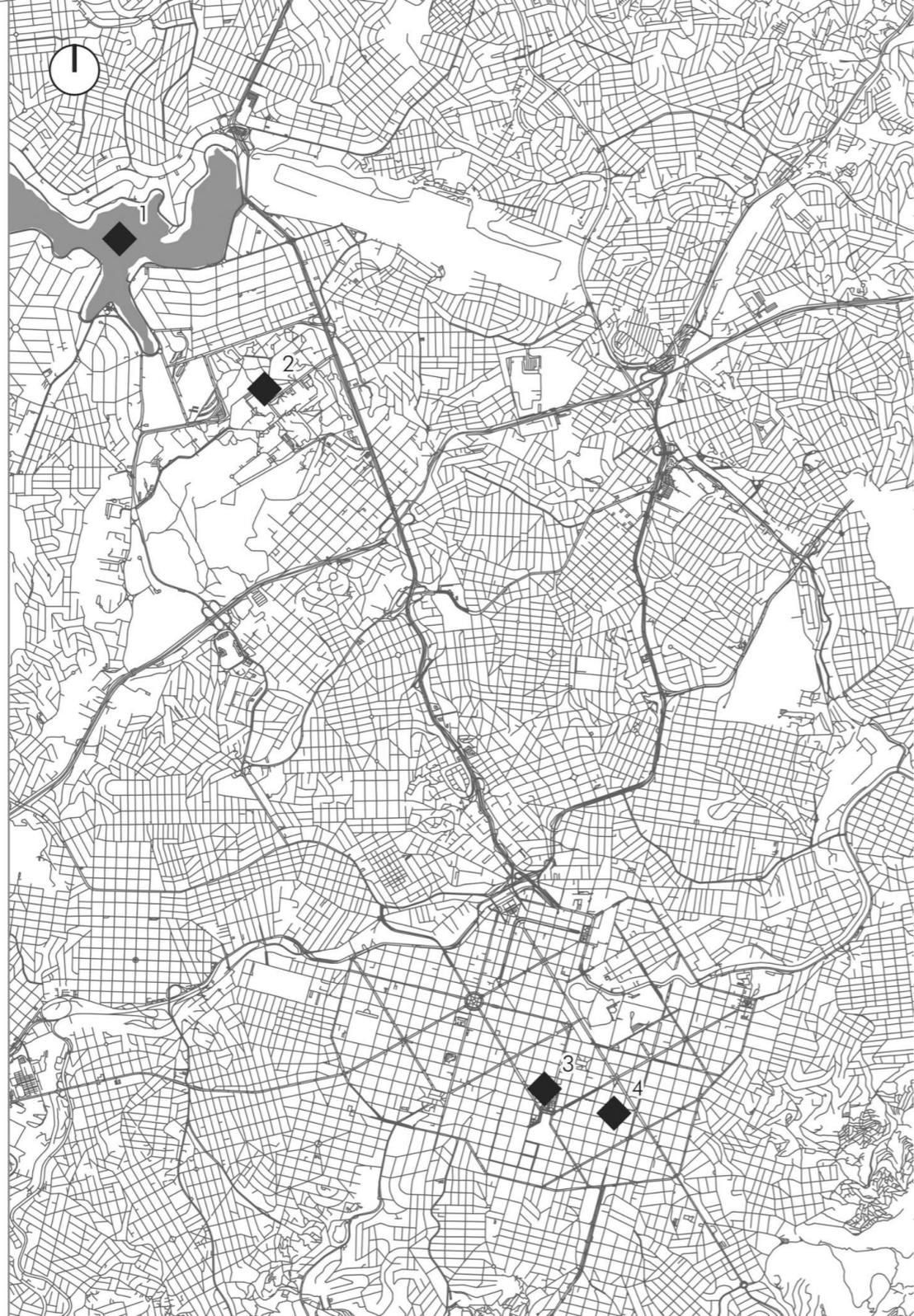
De Sylvio trazemos algumas obras que marcaram a cidade. Outra referência importante é Eduardo Mendes Guimarães, que aqui comparece com duas obras. A duplicidade tem uma razão de ser: o Prédio da Reitoria da UFMG é bastante revelador do espírito mineiro onde a ordem se apresenta em uma condição de exploração de novas possibilidades: a leveza poética do edifício se assenta sobre uma geometria bastante clara. A segunda obra de sua autoria (em parceria com Shakespeare Gomes) é uma referência importante para os mineiros, trata-se do edifício-sede da Escola de Arquitetura, onde, até os anos 1980, se formaram quase todos os arquitetos mineiros.

Cataguases é uma cidade da Zona da Mata mineira, pujante pela associação da via férrea com o café, indústria têxtil e energia elétrica, com vocação também, moderna. Na década de 1920, temos a vanguarda cinematográfica de Humberto Mauro e a revista literária “Verde”. Graças a visão dos indus-

triários da família Peixoto, nos anos 1940, temos o financiamento de várias obras modernas na cidade, incluindo moradias de seus funcionários. Nesse período assinam obras em Cataguases: Oscar Niemeyer, Carlos Leão, Aldary Toledo, irmãos Roberto, Francisco Bolonha e a prata da casa: Luzimar Góes Telles. O modernismo em Cataguases foi reconhecido pelo IPHAN que em 1994, efetuou o tombamento de seu conjunto urbano.

Apesar da presença inaugural de Oscar Niemeyer, a modernidade arquitetônica mineira não seguiu propriamente a escola carioca. Talvez pela grande convivência com os arquitetos italianos, também professores da nossa Escola de Arquitetura, talvez pelo espírito mineiro de explorar novas possibilidades em torno da ordem, talvez pela presença de um decò pujante, muito moderno, ou de um protomodernismo volumetricamente muito expressivo – ou talvez por tudo isso – a arquitetura moderna mineira explorou bastante a elegância e o decoro, as possibilidades expressivas das linhas, dos planos e das cores, experimentou o potencial do concreto armado e do vidro. Enfim, como disse Drummond:

*Espírito de Minas, me visita,
e sobre a confusão desta cidade,
onde voz e buzina se confundem,
lança teu claro raio ordenador.*



BELO HORIZONTE

1. CONJUNTO MODERNO DA PAMPULHA
2. REITORIA DA UFMG
3. OBRAS SYLVIO DE VASCONCELLOS
4. ESCOLA DE ARQUITETURA

0 1 2 km



CATAGUASES

1. RESIDÊNCIA MAURO CARVALHO RAMOS

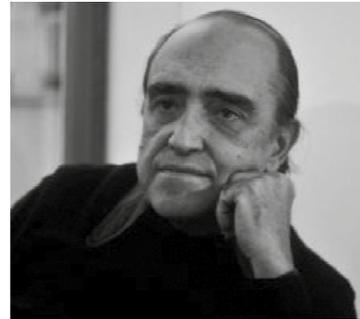
0 0,5 1 km



PAMPULHA

CONJUNTO MODERNO DA PAMPULHA

ANO	1943
PROJETO	Oscar Niemeyer (Arquitetura) Paisagismo (Roberto Burle Marx)
LOCAL	Lagoa da Pampulha, Belo Horizonte-MG
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Museu de Arte da Pampulha (cultural), Igreja São Francisco de Assis (Religioso), clube Clube (lazer), Casa do Baile (cultural)
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Sem descaracterizações
PROTEÇÃO	Protegido legalmente



Fonte: CAU/RJ e institutoburlemarx.org.

Considerado como o maior dos arquitetos brasileiros, Oscar Niemeyer (Rio de Janeiro, 1907-2012) estudou na Escola Nacional de Belas Artes, tendo começado sua carreira no Escritório de Lúcio Costa. O Conjunto Moderno da Pampulha (patrimônio da humanidade desde 2016), inaugurado em 1943, se consolidou como marco seminal da modernidade brasileira na arquitetura.

A partir da Pampulha a carreira do arquiteto teve grande impulso, tendo ainda como marco os projetos dos palácios de Brasília, nova capital do Brasil (1960, também patrimônio da humanidade). Foi premiado com o prêmio Pritzker de arquitetura, em 1988 e sua obra se estende por todo o Brasil e por vários países do mundo.

Roberto Burle Marx (São Paulo, 1909 – Rio de Janeiro, 1994), além de paisagista também era pintor,

desenhista, designer, escultor. Sua obra paisagística é marcada pelos ideais do resgate da identidade nacional, pelo uso de cores, formas e volumes na composição dos jardins e pelo privilégio a espécies endógenas, sendo por isso considerado um ecologista *avant la lettre*. Começou sua carreira em Recife, após uma vivência europeia que reafirmou sua brasilidade.

Após esse primeiro momento, fixou-se no Rio de Janeiro, trabalhando em jardins emblemáticos e mundialmente consagrados como o do Grande Hotel de Araxá, Pampulha (1943), do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (1955), o do Parque do Flamengo (Rio de Janeiro, 1961) e o Eixo Monumental de Brasília (1960). Sua obra abriu as portas para os jardins subsequentes do movimento moderno após a década de 1940, em vertentes ligadas ao tratamento da paisagem como obra de arte.



OBRAS

SYLVIO DE VASCONCELLOS

ANO	1953, 1958 e 1966
PROJETO	Sylvio Carvalho de Vasconcellos
LOCAL	Rua Gonçalves Dias, 1581 Praça da Liberdade Rua da Bahia, 1723, Belo Horizonte
GESTÃO	Pública Privada Pública
TIPOLOGIA	Institucional Res. Multifamiliar Educacional
ESTADO	Ativos
CONSERV.	Descaracterizações parciais
PROTEÇÃO	Sem proteção legal

Sylvio Carvalho de Vasconcellos (Belo Horizonte, 1916 – Washington, DC -1979) foi arquiteto, ensaísta, pesquisador, professor, administrador público, dirigente de classe, Sylvio de Vasconcellos é considerado como um dos principais arquitetos da história de Minas Gerais e importante divulgador do modernismo no Estado. Foi Chefe do 3º Distrito do IPHAN em Minas Gerais entre 1939 e 1969, Professor Catedrático da Escola de Arquitetura da UFMG, Diretor da mesma Escola entre 1963 e 1969, Presidente do Departamento Minas Gerais do Instituto de Arquitetos do Brasil. Publicou diversos estudos sobre arquitetura, com especial enfoque na arquitetura colonial brasileira e mineira, como “Vila Rica: Formação e Desenvolvimento” (1951) e “Arquitetura no Brasil: Sistemas Construtivos” (1958). Fundou, em 1959, o “Núcleo de Assessoramento à Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo” na Escola de Arquitetura, programa fechado pelo Golpe Civil Militar de 1968, o qual o condenou ao exílio.



Fonte: Laboratório Fotodocumentação Sylvio de Vasconcellos, S/D.



ESCOLA DE ARQUITETURA UFMG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ANO	1954
PROJETO	Eduardo M. Guimarães Jr. e Shakespeare S. Gomes
LOCAL	Rua Paraíba, 697, Funcionários, Belo Horizonte-MG
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Educacional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Sem descaracterizações
PROTEÇÃO	Protegido legalmente



Fonte: Autor

Shakespeare Sachetto Gomes (1915-1997) formou-se em 1932, como aluno na segunda turma da Escola de Arquitetura, recentemente criada, em 1930. Já em 1934, passou a estagiar para o engenheiro Romeo de Paoli, importante arquiteto da então nova capital. Logo em seguida, em 1936, começou a trabalhar com o arquiteto e também um dos fundadores da Escola, Luiz Signorelli, realizando atividades de desenhista, juntamente com Luiz Pinto Coelho, na época também estudante. No ano de 1946, iniciou outro trabalho na Secretaria de Viação e Obras Públicas do Estado, trabalhando nas obras do Grande Hotel de Araxá. A trajetória de Shakespeare Gomes pela arquitetura tem estreita relação com a Escola da UFMG, onde ele se diplomou, retornando logo depois como professor para formar novos arquitetos e onde se tornou diretor.

Eduardo Mendes Guimarães Junior (Mariana, 1920 – Belo Horizonte, 1968) formou-se na Escola de Ar-

quitetura em 1945, sua produção arquitetônica é vasta e teve início logo que se formou, contando com vários projetos residenciais, industriais, institucionais, além de ter presidido o Escritório Técnico da Cidade Universitária da UFMG a partir de 1955. Com seus projetos elegantes e notáveis, contribuiu para a consolidação do movimento moderno em Minas Gerais.

Em seu histórico profissional, constaram ainda importantes atuações, como presidente do IAB (departamento de Minas Gerais, 1948-49, 1951-52 e 1963-65) e autor de projetos de referência como aqueles realizados no Campus da UFMG na Pampulha e o Estádio Governador Magalhães Pinto Mineirão. A atuação profissional do tão dedicado e competente arquiteto foi marcada por sua postura sempre ativa, em favor do posicionamento ético e do crescimento da valorização da classe dos arquitetos de forma digna e global.

Fonte: Eugênio Pacelli, S/D.



RESIDÊNCIA

MAURO CARVALHO DE RAMOS

ANO	1955
PROJETO	Luzimar Góes Telles
LOCAL	Av. Humberto Mauro, 139, Cataguases-MG
GESTÃO	Privada
TIPOLOGIA	Residência unifamiliar
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Sem descaracterizações
PROTEÇÃO	-

Luzimar Góes Telles chegou na cidade de Cataguases na virada dos anos 40 como funcionário do Banco do Brasil e, em 1960, inspirado pelo clima de vanguarda que reinava na cidade, inspirou-se a estudar arquitetura na Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil.

Considerado arquiteto “prata da casa” na cidade, trabalhou em inúmeros projetos residenciais e institucionais nos anos 1960 e 1970, tendo desenvolvido um estilo muito pessoal de interpretar o vocabulário modernista no interior mineiro.



Fonte: Acervo da família Góes Telles.



REITORIA UFMG

EDIFÍCIO SEDE DA REITORIA DA UFMG

ANO	1962
PROJETO	Eduardo Mendes Guimarães Jr.
LOCAL	Campus da UFMG, Pampulha, Belo Horizonte-MG
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Institucional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	-
PROTEÇÃO	-



Fonte: Autor

Formou-se na Escola de Arquitetura em 1945, Sua produção arquitetônica é vasta e teve início logo que se formou, contando com vários projetos residenciais, industriais, institucionais, além de ter presidido o Escritório Técnico da Cidade Universitária da UFMG a partir de 1955. Com seus projetos elegantes e notáveis, contribuiu para a consolidação do movimento moderno em Minas Gerais.

Em sua atuação como arquiteto e também como professor da Escola de Arquitetura, cargo que ocupou até a sua transferência para o Escritório Técnico da Cidade Universitária, em 1954, o arquiteto sempre buscou uma conscientização dos alunos e demais profissionais em relação à importância da postura ética diante da classe profissional, defendendo a dignidade e o reconhecimento dos profissionais como um todo.

Em seu histórico profissional, constaram ainda importantes atuações, como presidente do IAB (departamento de Minas Gerais, 1948-49, 1951-52 e 1963-65) e autor de projetos de referência como aqueles realizados no Campus da UFMG na Pampulha e o Estádio Governador Magalhães Pinto Mineirão. A atuação profissional do tão dedicado e competente arquiteto foi marcada por sua postura sempre ativa, em favor do posicionamento ético e do crescimento da valorização da classe dos arquitetos de forma digna e global.



ESPÍRITO SANTO

CLARA LUIZA MIRANDA

Doutora em Comunicação e Semiótica | PUC SP
Professora associada da Universidade Federal do Espírito Santo | UFES
claravix@hotmail.com

“Maria do Carmo Schwab e Élio Vianna são os arquitetos mais importantes da primeira fase da Arquitetura Moderna no Espírito Santo”

CLARA MIRANDA

Uma das obras relevantes da Arquitetura Moderna no Espírito Santo é o Jardim de Infância Ernestina Pessoa, projetado pelo arquiteto Francisco Bohna, em Vitória, em 1952. O edifício foi uma peça do processo de reurbanização do Parque Moscoso (1912), proporcionando uma inserção urbana receptiva, ajustada ao entorno. Apresentou-se como uma obra paradigmática do Centro de Vitória, sendo preservado e tombado pelo patrimônio histórico estadual. Ainda recebeu mosaicos de Anísio Medeiros que visavam expressar o motivo da educação infantil. O projeto foi publicado no livro, de repercussão internacional, “Arquitetura Moderna no Brasil” de Henrique Mindlin.

O Colégio Estadual do Espírito Santo (1954), em Vitória, foi projetado pelo arquiteto Élio de Almeida Vianna, especialista em arquitetura escolar. O arquiteto ajusta o edifício ao sítio, tirando partido dos atributos do terreno, utilizando-se de seu declive para criar a hierarquia dos setores do programa arquitetônico. Ele concebeu a implantação principal na borda do lote sobre a rocha, proporcionando visuais para a baía de Vitória. Nesta obra, distingue-se o recurso da rocha na base das edificações, recurso

muito presente na obra deste arquiteto, intuitivamente, remetendo ao envasamento rusticado, que, por sua vez, representava a conexão entre a fundação natural e a artificial na arquitetura historicista. Os pilotis, voltados para a vista, conformavam um pátio coberto, que possibilitava atividades coletivas variadas. A configuração volumétrica em U, como um anfiteatro, evidenciava topologicamente, morfológicamente e visualmente a centralidade do plano a céu aberto do pátio descoberto no térreo, adjacente à piscina. Tal configuração denota o propósito de ressaltar o uso coletivo, em relação às áreas administrativas ou de atividades de uso mais restrito.

Já a atuação de Maria do Carmo Schwab esteve intrinsecamente ligada à difusão do conceito da arquitetura racionalista e à arquitetura bioclimática. Ela realizou um excelente conjunto de obras em que se destaca a Sede Social do Clube Libanês, em Vila Velha, concluída em 1958. O edifício está relacionado ao contexto cultural e apresenta particularidades dos diversos elementos da linguagem moderna: o pano de vidro na fachada livre, o uso de pilotis, do raumplan, da plataforma para base do edifício principal, da escada em espiral, proporcionando o “passeio

arquitetônico”, a incorporação do afloramento rochoso onde a plataforma se apoia e junto ao acesso ao setor das piscinas e vestiários.

A forma do terreno, onde se situa o Clube Libanês, a sua topografia em aclave e a posição da via de acesso definiram a inserção longitudinal da fachada principal. A sua horizontalidade é evidenciada por meio do balanço, da viga e do parapeito que protege o terraço sobre a plataforma. A hierarquização é obtida por meio de recursos dessa estrutura arrojada, pela disposição dos espaços internos em diferentes níveis, constituindo mezaninos, pés direitos duplos e lajes vazadas, que conferiram riqueza espacial e plástica à obra. As membranas transparentes contribuíram para um bom aproveitamento da iluminação e da vista desimpedida da bela paisagem.

Maria do Carmo Schwab e Élio Vianna são os arquitetos mais importantes da primeira fase da Arquitetura Moderna no Espírito Santo. Na segunda fase, houve maior pluralismo, foram indicadas duas obras que se mantêm no círculo da Arquitetura Moderna Brasileira com poucas inflexões, mas, dialogando com o brutalismo e a expressão tectônica.

O edifício da Administração Central da Reitoria está situado no Campus Universitário da Universidade Federal do Espírito Santo, em Vitória, e foi projetado pelo arquiteto Carlos Maximiliano Fayet, em 1982. Faz parte do conjunto de propostas que criaram o setor central administrativo e comunitário do Campus, conforme a noção de fórum designada no primeiro plano idealizado pelo estadunidense Rudolph Atcon, em 1966.

A concepção da Reitoria articula volumes laterais a um prisma vertical central translúcido com pé direito triplo, formando um pátio cercado por mezaninos que se apresenta também como um fórum coberto em continuidade com o exterior. Na obra da Reitoria, se observa a organização funcional e formal conforme o rigor modular e geométrico característico da arquitetura gaúcha. De acordo com esses mesmos princípios, observa-se a composição da estrutura modular apoiada em grelhas e eixos construídos em concreto aparente, também estão evidenciados os brises horizontais do mesmo material, compondo uma espécie de modenatura, em contraste com as vedações em tijolo cerâmico aparente.

Na obra do Centro de Atividades (CATs) do Sistema Sesi de Garanhuns (1988) de Ione Marroquim e Fernando Marroquim, o programa arquitetônico dispôs um complexo esportivo, recreativo e de aperfeiçoamento profissional. A proposta arquitetônica constituiu um arranjo espacial de fácil leitura diante de sua dimensão — área do terreno tem 35 000 m² e área construída tem 9 500 m². Um aspecto caro ao casal de arquitetos foi proeminente, neste projeto, a relação entre interior e exterior proporcionada pela estrutura metálica espacial realizada para abrigar as atividades de lazer do clube dos trabalhadores.

Ainda, foram bem articuladas as questões de escala. De um lado, a escala humana do bloco do centro de treinamento onde se alinham as salas de aula, com seu corredor ladeado por uma parede de cobogós. De outro lado, evidencia-se a monumentalidade das estruturas espaciais metálicas do setor de lazer, além dos arcos e dos pórticos treliçados, que se inclinam até os apoios, atuando como marcos visuais. Ione Marroquim e Fernando Marroquim, empregaram nesse edifício o vocabulário próprio da arquitetura para os trópicos, de acordo com a sua herança advinda da Arquitetura Moderna Pernambucana.



VITÓRIA

- 1. REITORIA UFES
- 2. JARDIM DE INFÂNCIA
- 3. COLÉGIO ESTADUAL DO ES

0 0,75 1,5 km



VILA VELHA

- 1. SEDE SOCIAL CLUBE LIBANÊS
- 2. SESI HÉLCIO REZENDE

0 1,5 3 km

JARDIM DE INFÂNCIA

ERNESTINA PESSOA

ANO	1952
PROJETO	Francisco Bolonha
LOCAL	Rua José de Anchieta, Parque Moscoso, Vitória, ES
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Educacional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Sem descaracterizações
PROTEÇÃO	Protegido legalmente

Francisco de Paula Lemos Bolonha (Belém, 1923; Rio de Janeiro 2006). Graduiu-se na Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil. Em 1946, colaborou Com Affonso Eduardo Reidy no projeto do Conjunto Residencial Pedregulho, no Rio de Janeiro. Em escritório próprio, realizou uma série de trabalhos na cidade mineira de Cataguases. Este conjunto histórico, arquitetônico e paisagístico de Cataguases foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em 2003. Bolonha também colaborou com o paisagista Roberto Burle Marx na realização da Fonte Andrade Junior, em Araxá, Minas Gerais, em 1946-47.

Ingressou no serviço público do Rio de Janeiro, em 1946, no Departamento de Habitação Popular (DHP) dirigido por Reidy e pela urbanista Carmen

Portinho. Bolonha assina dezenas de conjuntos habitacionais no Rio de Janeiro. Realizou, em 1952, a reforma do Parque Moscoso no Centro de Vitória, no Espírito Santo, projetou a concha acústica do parque e o Jardim de Infância Ernestina Pessoa, ambos são protegidos como patrimônio cultural pelo Conselho Estadual de Cultura (CEC) da Secretaria da Cultura (SECULT).

Várias obras de Francisco Bolonha foram publicadas em revistas nacionais e internacionais: *L'Architecture d'Aujourd'hui*, *Architectural Forum*, *Architectural Journal*, *The Architectural Review*; assim como *Habitat*, *Revista da Diretoria de Engenharia do Distrito Federal (PDF)*, seus projetos também foram publicados num dos principais livros de *Arquitetura Brasileira Contemporânea*, escrito por Yves Bruand.



COLÉGIO ESTADUAL DO ESPÍRITO SANTO

ANO	1954 - 1957
PROJETO	Élio Viana
LOCAL	Avenida Vitória, Forte de São João, Vitória, ES
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Educacional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Sem proteção legal



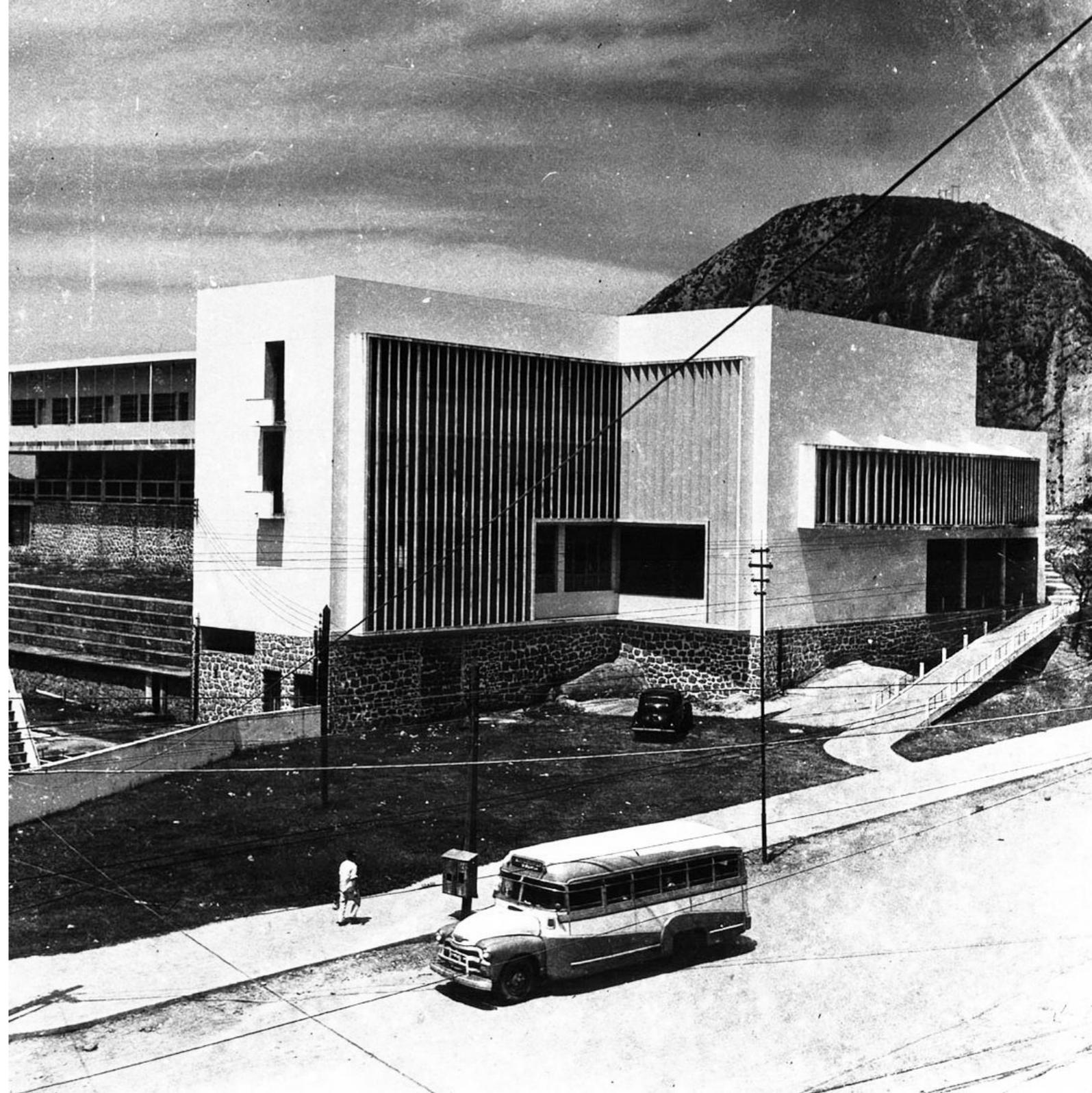
Fonte: Autora.

Élio de Almeida Vianna (Rio de Janeiro, 1921; Vila Velha, 2009) estudou no Espírito Santo e no Rio Grande do Sul, durante sua formação pré-universitária. Curvou Arquitetura na Faculdade Nacional de Arquitetura, na Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, entre 1943 e 1947. Após a graduação, retornou a Vitória, a partir de 1948, ocupou o cargo de engenheiro da Secretaria de Viações e Obras Públicas do Espírito Santo (SVOPEs). No SVOPEs, criou a seção de Planejamento cuja chefia assumiu, ocupando-se então da questão educacional, elaborando projetos de escolas e teses sobre educação. Neste trabalho, sua ação cultural se converteu em política cultural.

Durante o ano de 1966, Élio frequentou um curso de Instalações Industriais na PUC do Rio de Janeiro. A partir desse curso, produziu diversos projetos

industriais como a fábrica da Real Café e da CCPL, em Viana, o que provocou mudança no foco de sua carreira. Em 2008, o arquiteto declarou que considera como sua fase mais madura arquitetonicamente aquela dedicada à elaboração de projetos industriais. Apesar de avaliar como bons todos os seus projetos, especialmente devido às pesquisas realizadas para cada tipo de projeto concebido, ele considera como suas melhores obras aquelas dedicadas à indústria.

Élio Vianna não se limitou à atividade projetual. Foi professor da Escola Politécnica lecionando: Desenho Livre e Construção de Edifícios. Fez política profissional e cultural, participou dos debates disciplinares de seu tempo e atuou no IAB, sendo o primeiro presidente do IAB-ES, em 1967.



SEDE SOCIAL

CLUBE LIBANÊS

ANO	1958
PROJETO	Maria do Carmo Schwab (arquitetura) Hélio Cyrino (cálculo)
LOCAL	Alameda Mumi Hilal, Praia da Costa, Vila Velha, ES
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Lazer/Equipamentos Públicos
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Sem proteção legal



Fonte: Autora.

Maria do Carmo de Novaes Schwab (Vitória, 1930) cursou o ensino pré-universitário em Vitória. Mudou-se para o Rio de Janeiro onde estudou Arquitetura na Escola Nacional de Belas Artes – EMBA da Universidade do Brasil. Por um período de três anos, estagia no Departamento de Habitação Popular da Prefeitura do Distrito Federal sob coordenação de Affonso Eduardo Reidy, com Carmen Portinho, Ligia Fernandes, Francisco Bolonha e outros. Entre os projetos realizados podem ser citados o Conjunto do Pedregulho. Maria do Carmo diz: “Passei uma temporada no meio de gente muito boa”.

Em 1953, após a graduação, retorna a Vitória e começa a atuar como arquiteta, elaborando diversos projetos para particulares. Em 1958, saiu vitoriosa do concurso para a construção da Sede Social do Clube Libanês. Trabalhou, também, na Secretaria

de Viação e Obras Públicas do Espírito Santo, entre 1954 e 1957, juntamente com Élio Vianna e Marcelo Vivacqua. Trabalhou na Comissão de planejamento do Campus Universitário da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, a partir de 1963, e no Escritório da Planta Física da UFES, a partir de 1966, como arquiteta da UFES. Maria do Carmo teve importante papel na implantação do IAB no estado, sendo uma de suas fundadoras.



ADMINISTRAÇÃO CENTRAL

REITORIA DA UFES

ANO	1982
PROJETO	Carlos Maximiliano Fayet e Escritório Técnico Administrativo (Apoio)
LOCAL	Campus Universitário de Goiabeiras, Vitória, ES
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Institucional/Educacional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Sem proteção legal

Carlos Maximiliano Fayet (Parajú, ES, 1930; Porto Alegre, RS, 2007) fez os cursos de arquitetura, em 1953, e urbanismo, em 1955, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Retornou à instituição, em 1954, como auxiliar, depois como professor efetivo, contudo, sofreu expurgo da universidade nos primeiros anos da ditadura civil-militar. Paralelamente às atividades docentes e do escritório, Fayet contribuiu intensamente para o desenvolvimento da profissão junto ao Instituto de Arquitetos do Brasil - IAB, ao Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia - Crea/RS; ao Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia - Confea; dentre outros (Cf. Itaú Cultural).

No escritório, destacaram-se as parcerias com o arquiteto Luiz Fernando Corona, Cláudio Luís Araújo, Moacyr Moojen Marques e Miguel Alves Pereira,

destas saíram o plano diretor e os projetos para a Refinaria Alberto Pasqualini, em Canoas, RS. Nos anos de 1960-90, Fayet realiza projetos de grande porte, entre os quais se destacam o Terminal Rodoviário, 1978, em Vitória, em parceria com o arquiteto uruguaio Nelson Inda; a Central de Abastecimento - Ceasa, 1970-74, em Porto Alegre; e o projeto Parque Ecológico da Guarapiranga, 1991, em São Paulo.

Conforme Sergio Moacir Marques, Carlos Fayet esteve dentre as lideranças pioneiras do Movimento Moderno no Rio Grande do Sul, com Demétrio Ribeiro, Edgar Graeff, principalmente Edvaldo Paiva e a articulação com o curso de Urbanismo da UDELAR de Montevideú. O pesquisador ainda destaca a conexão uruguaia com o Engenheiro Eládio Dieste e Eugênio Montañez, iniciada nos anos 1950.



Foto: Acervo DAU-UFES, 2005.

SESI

CENTRO DE ATIVIDADES E CLUBE DO TRABALHADOR HÉLCIO REZENDE DIAS

ANO	1988
PROJETO	Ione Mota Marroquim, João Fernando Marroquim; José Inácio Dantas (estrutura de concreto); TCR e IBZ (estrutura metálica).
LOCAL	Garanhuns, Vila Velha, ES
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Educacional e Lazer/Equipamentos Públicos
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Sem descaracterizações
PROTEÇÃO	Sem proteção legal

Ione e Fernando Marroquim iniciaram o seu curso de Arquitetura e Urbanismo na UFPE, na década de 1970, grande promotora do Movimento Moderno no Brasil. A escola contava com importantes nomes no corpo docente como Acácio Gil Borsoi e Delfim Amorim. Em 1971, Fernando transferiu-se para a UnB onde conheceu João Figueiras Lima (Lelé) e trabalhou com Oscar Niemeyer. Ione permaneceu em Recife e estagiou com a arquiteta Janete Ferreira Costa que trabalhava com arquitetura de interiores, articulando linguagem moderna e elementos da cultura local.

Ione e Fernando se formam em 1973 e, em 1975, foram trabalhar na equipe do projeto de Oscar Niemeyer na Argélia. Em 1978, Fernando foi contratado pelo Grupo CIEC para trabalhar em Vitória e Ione foi convidada a trabalhar no Plano Diretor do

Campus Universitário da UFES no Escritório Técnico Administrativo. Em 1981, Ione tornou-se professora da UFES e está aposentada.

Destacam-se, entre as obras do casal, Edifício Mirante da Praia (1978); Edifício do FINDES; Clube de Lazer dos funcionários da CST (1981); Centro de educação e Treinamento Dr. João Batista (1982); Sesi Garanhuns (1988-90); Hotel Sete Colinas, propriedade do casal, em Olinda (1998); Viminis Vidros Especiais (sede e indústria, Serra, 2012); Laboratório de inovação, o FindesLab (2010-19). Em 1986, o escritório de Ione e Fernando Marroquim começou a projetar para grandes construtoras, com projetos principalmente em Vila Velha; com a intensa metropolização da Grande Vitória e a verticalização das orlas de Vitória e de Vila Velha, construíram centenas de edifícios residenciais.



BIBLIOGRAFIA

INHAN, G.; ALBERTO, K. C.; MIRANDA, C. L. Rudolph Atcon e o planejamento do campus da Universidade Federal do Espírito Santo. *Oculum Ensaios*, v. 13, p. 237-254, 2016.

MENEGHEL, J. P. *Investigação sobre a linguagem projetual: repertório e processos de projeto na obra de Maria do Carmo Schwab*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

MIRANDA, C. L. A arquitetura moderna brasileira: experiência e expectativa de modernização do Espírito Santo. In: 9 Seminário DOCOMOMO Brasil, 2011, Brasília. *Anais 9 Seminário DOCOMOMO Brasil Interdisciplinaridade, experiência em documentação, preservação do patrimônio recente*. Brasília: UnB-FAU, 2011.

_____. As referências carioca e mineira da arquitetura moderna do Espírito Santo. In: DOCOMOMO, 2010, Uberlândia. *Arquitetura e Urbanismo Modernos em Minas Gerais. Novas fronteiras, novos cenários*. Uberlândia: Campus Santa Monica. UFU, v.2, 2010.

_____. *et al. Modernismo e Tardomodernismo na RMGV. Vitória*. Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Espírito Santo. Relatório de pesquisa, 2009. Disponível em: <https://www.academia.edu/30312165/Arquitetura_capixaba_desde_1535_Modernismo_e_tardomodernismo_na_Regi%C3%A3o_Metropolitana_da_Grande_Vit%C3%B3ria> Acesso em 30 set. 2023.

SÃO PAULO

FERNANDO GUILLERMO VÁZQUEZ RAMOS

Doutor em Arquitetura e Urbanismo | ETSAM/UPM
Professor da Universidade São Judas Tadeu | USJT

IVO RENATO GIROTO

Doutor em Teoria e História da Arquitetura | ETSAB/UPC
Professor da Universidade de São Paulo | FAUUSP

MÔNICA JUNQUEIRA DE CAMARGO

Doutora em Arquitetura e Urbanismo | USP
Professora da Universidade de São Paulo | USP

MIGUEL ANTONIO BUZZAR

Doutor em Estruturas Urbanas | FAUUSP
Professor da Universidade de São Paulo | FAUUSP

JASMINE LUIZA SOUZA SILVA

Mestre em Arquitetura e Urbanismo | FAUUSP
Pesquisadora na Universidade de São Paulo | FAUUSP

“Não houve na Arquitetura Moderna paulista um grande debate entre funcionalistas e racionalistas, a produção local se caracterizou pela experimentação...”

FERNANDO VÁZQUEZ RAMOS

Escrever sobre Arquitetura Moderna em São Paulo é apontar a origem das primeiras obras construídas desse movimento de caráter internacionalista em território nacional. E, ainda que a primeira, a Casa Modernista da Rua Santa Cruz, projeto e construção de 1927 do arquiteto russo Gregori Warchavchik, não tenha sido executada por um brasileiro, foi nas circunstâncias daquela São Paulo às portas da industrialização, e no seno dos industriais, que essa obra foi gestada, não poderia ter sido feita em outro lugar do Brasil.

Escrever sobre Arquitetura Moderna paulista é também intenso, pois as obras se sucedem sem parar desde os anos 1930, primeiro na capital, mas muito pronto sua influência se percebe nas outras cidades do Estado. A presença dos Cinco Pontos da Arquitetura Moderna de 1927, de Le Corbusier, assim como os ensinamentos das produções dos arquitetos da Bauhaus, especialmente do Walter Gropius dos anos 1925, as casas dos professores da escola, passam a circular entre os arquitetos locais e entre aqueles que imigraram e que se juntaram ao esforço nacional de consolidação do que seria depois uma arquitetura de Estado, nos anos 1950.

Circulam as revistas e os livros, mas sobretudo circulam as ideias e o apetite por novas formas de morar, acordes ao desenvolvimento social e tecnológico desejado. Ainda assim, não houve na Arquitetura Moderna paulista um grande debate entre funcionalistas e racionalistas, a produção local se caracterizou pela experimentação – formal, funcional, espacial, estrutural e construtiva – e o apelo aos novos materiais, especialmente ao concreto armado, mas também ao vidro e ao ferro. As diferentes tendências foram se sucedendo e ao mesmo tempo misturando com a particularidade do uso da cor, fugindo do tradicional branco das obras europeias.

Nossa arquitetura é colorida e formalmente provocativa, usando dos elementos de arquitetura consagrados, como os pilotis, mas incluindo outras formas, como as marquises e os elementos vazados. A construção de uma identidade local foi se consolidando justamente através destas experimentações e provocações, que levaram à adoção de uma arquitetura que assumiu tanto os elementos estruturais como as sutilezas dos espaços abertos, dando lugar às soluções vinculadas a outras correntes internacionais, como a do Brutalismo, que consolidou uma das

características do que se conhece hoje como Escola Paulista. Mas, a Arquitetura Moderna paulista é rica em experiências paralelas, como as da Arquitetura Nova, que trouxe de volta a experiência do canteiro e de uma materialidade que incluía a experiência do operário, renovando o sentido da dimensão social da arquitetura, perdida talvez nas produções mais corporativas. Assim, vemos que o desenvolvimento da produção do Movimento Moderno em terras paulistas não tem uma dimensão única, pois foi responsável pela produção e consolidação do entorno construído da cultura material através não só de casas unifamiliares, como as que projetou Warchavchik, mas também das grandes obras que marcaram simbolicamente o território, dando-lhe uma impronta moderna.

Entram nessa categoria das grandes obras, as escolares, onde cabe destacar a FAU-USP, projeto de João Batista Vilanova Artigas, de 1961, e o Edifício E1, obra de Hélio Duarte e Ernest Robert de Carvalho Mange, construída entre 1957 e 1968 no Campus da Universidade de São Paulo em São Carlos. Mas, não faltaram os museus, como o Museu de Arte Moderna de São Paulo, obra de Lina Bo Bardi, de 1967 a 1968, e os clubes, com seus equipamentos, como o Ginásio do Clube Atlético Paulistano, obra de Paulo Mendes da Rocha e João Eduardo de Gennaro, projeto de 1958, construído em 1961.

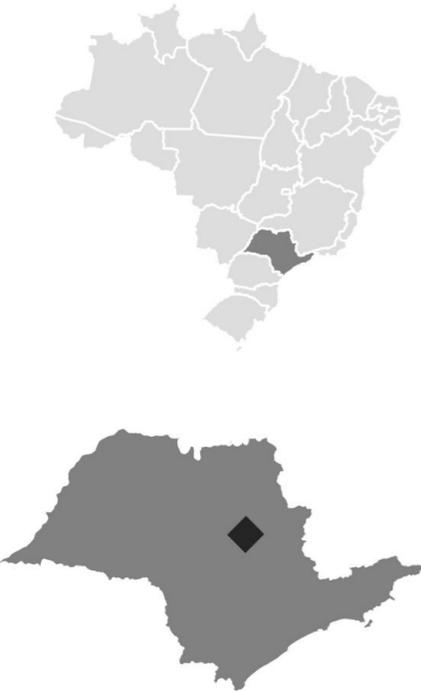
Somam-se a essas tipologias as escolas, os teatros, os fóruns e conjuntos habitacionais e tantas outras formas do habitar que foram paulatinamente adotando as fações da modernidade. As cidades foram adquirindo uma fisionomia moderna, que persiste ainda hoje, em parte devido ao impacto dos preceitos do modernismo que foram assumidos pelo go-

verno estadual de São Paulo, em consonância com as ações desenvolvidas pelo Governo Federal (especialmente a construção de Brasília), nas intervenções do Plano de Ação do Governo Carvalho Pinto (1959-1963), no início dos anos 1960. Uma política de estado que promoveu o projeto e a construção de mais de mil obras modernas em quase 300 cidades do estado. Mas, também, porque a sociedade paulista abraçou a Arquitetura Moderna, como uma construção cultural, formal mas também utilitária e estrutural, que fazia sentido para o desenvolvimento da modernidade na vida das pessoas.

Escrever sobre Arquitetura Moderna paulista é difícil, não só por sua variedade mas também pelas ramificações que sua produção tem com a própria sociedade que lhe deu origem. Assim, essa manifestação do modernismo assume uma identidade única, facilmente reconhecível e que ainda assim conversa de forma estimulante com as outras manifestações da modernidade no Brasil. Entre outras coisas isto também foi possível porque vários dos arquitetos e arquitetas que estudaram na Faculdade de Arquitetura de São Paulo, um dos primeiros e principais centros de divulgação da modernidade arquitetônica, migraram e trabalharam em várias regiões do país, criando uma ampla rede de produções e de experiências.

A Arquitetura Moderna Paulista é a representação local de um esforço coletivo que pensou, e sonhou, um Brasil integrado nas tendências internacionais de desenvolvimento criativo, fortemente golpeado pela ditadura militar que entre tantas coisas ruins tirou o Brasil desse fluxo cultural e humano.

Fernando Guillermo Vázquez Ramos



SÃO CARLOS

1. EDIFÍCIO E1 / USP

0 0,5 1 km

A horizontal scale bar with three segments, labeled 0, 0,5, and 1 km.

SÃO PAULO

- 1. FAUUSP
- 2. CLUBE ATHLETICO PAULISTANO
- 3. MASP
- 4. CASA DA RUA SANTA CRUZ

0 1,5 3 km

A horizontal scale bar with three segments, labeled 0, 1,5, and 3 km.

CASA MODERNISTA

CASA MODERNISTA DA RUA SANTA CRUZ

ANO	1928 (Projeto: 1928 Reforma: 1935 Restausos: 2002 e 2007)
PROJETO	Gregori Warchavchik
LOCAL	Rua Santa Cruz, 325, Vila Mariana, São Paulo-SP
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Residência Unifamiliar (até 1972) e Institucional desde (2008)
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Sem descaracterizações
PROTEÇÃO	Protegido legalmente

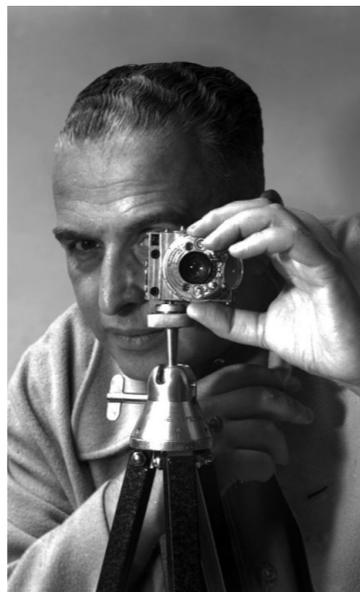


Foto: Acervo Familiar.

Gregori Ilich Warchavchik (1896-1972) nasceu na Rússia, em Odessa, no seio de uma família pequeno burguesa, de origem judaica. Começou seus estudos superiores, no curso de Arquitetura, da Escola de Artes de Odessa, em 1912, mas teve que abandoná-los em 1917, como resultado da Revolução Russa. Em 1918, emigrou para Itália, estabelecendo-se em Roma, onde ingressou no Instituto Superior de Belas-Artes, diplomando-se em 1920. À formação acadêmica, segue-se uma prática profissional em um dos escritórios mais importantes de Roma à época, o de Marcello Piacentini (1881-1960).

Chega ao Brasil em 1923, contratado pela Companhia Construtora de Santos, onde trabalhou até 1927. Essa porta de entrada no âmbito paulista o vinculou não só à burguesia empresarial da cidade, mas principalmente, a sua elite cultural. Neste contexto rico e promissor abre seu próprio escritório

em 1927, pede a nacionalidade brasileira e se casa com Mina Klabin. Constrói também sua primeira obra, a casa da Rua Santa Cruz, que é considerada a primeira obra modernista construída no Brasil. A ela seguem-se outras importantes obras da historiografia nacional, como as casas das ruas Itápolis (1929) e Bahia (1929-30).

Colaborou também com outros importantes arquitetos, como Lucio Costa, Zenon Lotufo, Abelardo de Souza, Hélio Duarte e Telesforo Cristophani. Outras obras importantes são: o Clube Athletico Paulistano (1948), os edifícios Moreira Salles (1951) e Cícero Prado (1954), e o Salão de Festas do Esporte Clube Pinheiros (1955-1957). O arquiteto Gregori Warchavchik é considerado pela historiografia um dos pilares inconteste da consolidação da Arquitetura Moderna no Brasil.



EDIFÍCIO E1

USP SÃO CARLOS

ANO	1957-1968
PROJETO	Hélio Duarte e Ernest Robert de Carvalho Mange
LOCAL	Área 1 do Campus da USP em São Carlos, SP
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Institucional e Educacional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Protegido legalmente

Helio Queiroz Duarte nasceu no Rio de Janeiro em 1906, formou-se em arquitetura em 1930 pela Escola Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro. Iniciou a carreira de arquiteto em 1932, trabalhando com o arquiteto Nestor de Figueiredo. Em 1952, junto com Ernest Mange projetou o plano piloto para o campus da USP de São Carlos e anteprojetos de alguns edifícios.

Na sequência, após o Convênio, dirigiu o Escritório Técnico da Universidade de São Paulo projetando o Edifício E1 para a Escola de Engenharia de São Carlos. As obras iniciaram-se em 1954 e foram concluídas em 1957. Exerceu a docência na USP de 1949 a 1987, contribuindo decisivamente para a formação do curso de Arquitetura e Urbanismo da FAU USP. A partir de 1969 dedicou-se exclusivamente ao ensino. Helio Duarte faleceu na cidade de São Paulo em 1989.

Ernest Robert de Carvalho Mange nasceu em São Paulo em 1922, formou-se em engenharia pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, tendo estagiado no escritório de Le Corbusier. A convite de Helio Duarte, arquiteto chefe do Convênio Escolar entre a Prefeitura de São Paulo e o Governo do Estado, participou ativamente desse programa entre 1950 e 1951. Em 1952, foi contratado junto com Duarte para desenvolver o projeto do plano piloto para o campus da USP de São Carlos e os anteprojetos de alguns edifícios. Fruto deste trabalho, pelo Escritório Técnico da Universidade de São Paulo projetou o Edifício E1 para a Escola de Engenharia de São Carlos. As obras iniciaram-se em 1954 e foram concluídas em 1957. Foi docente de forma intermitente (entre as décadas de 1940 e 1970) na Escola Técnica Getúlio Vargas, na FAU USP e na Escola Politécnica. Faleceu na cidade de São Paulo em 2005 aos 82 anos.



MASP

MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO

ANO	1958
PROJETO	Lina Bo Bardi
LOCAL	Avenida Paulista, 1578, Bela Vista, São Paulo-SP
GESTÃO	Privada
TIPOLOGIA	Institucional e Educacional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Sem descaracterizações
PROTEÇÃO	Protegido legalmente



Foto: institutobardi.org.br.

Nascida em Roma em 1914, Lina Bo Bardi formou-se pela Faculdade de Arquitetura da Universidade de Roma em 1939. Mudou-se para Milão no mesmo ano, onde trabalhou na revista Domus com Gio Ponti (1891-1979) e fundou com Bruno Zevi (1918 - 2000) a revista A-Cultura della Vita.

Em 1946 casou-se com o crítico e historiador da arte Pietro Maria Bardi (1900 - 1999). Junto ao marido, convidado pelo jornalista Assis Chateaubriand (1892 - 1968) para dirigir o Museu de Arte de São Paulo, emigrou ao Brasil em 1946, quando desenvolveu o projeto da primeira sede do museu, à rua 7 de Abril.

Em 1948, fundou com Giancarlo Piretti (1906-1977) o Studio d'Arte Palma, voltado ao design de móveis. Fundou e dirigiu, entre 1950 e 1954, a revista Habitat, importante meio de difusão das

artes modernas no Brasil. Em 1951 naturalizou-se brasileira, mesmo ano em que construiu sua Casa de Vidro no bairro do Morumbi. A partir de 1957 começou a projetar a nova sede do Museu de Arte de São Paulo, edifício icônico da cidade. Em 1958, transferiu-se para Salvador onde dirigiu o Museu de Arte da Moderna da Bahia, cidade onde desenvolveu projetos importantes, como o restauro do Solar do Unhão (1959), e que despertou sua sensibilidade para a criatividade e rusticidade da cultura brasileira.

De volta a São Paulo após o golpe de 1964, projetou obras como o Sesc Pompéia (1977), e o Teatro Oficina (1984). De atuação polifacética, teve atuação destacada no design de móveis, cenografia, editoração, curadoria e museologia.



Dados enviados por: Ivo Giroto
Foto: Hugo Segawa, 1978.

GINÁSIO

CLUBE ATLÉTICO PAULISTANO

ANO	1958-1961
PROJETO	Paulo Mendes da Rocha e João E. de Gennaro
LOCAL	Rua Honduras, 1400, Jardim América, São Paulo-SP
GESTÃO	Privada
TIPOLOGIA	Educacional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Protegido legalmente



Foto: Casa Vogue | Revista Projeto.

Nascido em 25 de outubro em 1928 em Vitória, Espírito Santo, Paulo Mendes da Rocha é um dos mais premiados arquitetos modernos brasileiros, graduou-se como arquiteto na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, formando-se em 1954. Na década de 1960 ingressou no o corpo docente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo a convite de Vilanova Artigas, em 1969 tem seus direitos cassados pela ditadura e foi impedido de dar aulas, retornando à universidade somente em 1983. Paulo Mendes da Rocha foi vencedor do prêmio Pritzker, em 2006, e do Leão de Ouro, em 2016. O arquiteto faleceu em 23 de maio de 2021.

João Eduardo de Gennaro ou Degê, como era conhecido, nasceu em 10 de novembro de 1928 em São Paulo. Formou-se como arquiteto pela

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie em 1954, com Paulo Mendes da Rocha montou um escritório que contava também com colaborações de outros amigos arquitetos. Com o fim da parceria, a partir de 1967, Degê passou a trabalhar na empresa Duratex, mas consolidou sua carreira como diretor da Itauplan, uma empresa de planejamento e engenharia responsável pelas obras do grupo Itaú, onde ficou até se aposentar em 1993. João Eduardo de Gennaro faleceu em 16 de janeiro de 2013. O Clube Atlético Paulistano (1958) foi a primeira obra realizada pela dupla de arquitetos, e uma das mais significativas, resultado de um concurso nacional. O projeto foi premiado “Grande Prêmio Internacional Presidência da República” na 6ª Bienal Internacional de Arte de São Paulo (1961).



FAUUSP

FACULDADE DE ARQUITETURA, URBANISMO E DESIGN DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ANO	1960-1968
PROJETO	João Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi
LOCAL	Rua do Lago, 876, São Paulo, SP
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Educacional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Protegido legalmente

João Vilanova Artigas (1915-1985) nasceu em Curitiba, PR, formou-se engenheiro arquiteto em 1937 na Escola Politécnica da recém criada Universidade de São Paulo. Foi estagiário da Construtora Bratke&Botti. Entre 1937 e 1944 teve uma construtora em sociedade com Duilio Marone, estabelecendo-se independentemente com um escritório de arquitetura, onde contou com a colaboração, até meados dos anos 1960, de Carlos Cascaldi (1918-2010), nascido em São Paulo, SP e formado em 1944 na mesma escola de Artigas, onde foi seu aluno.

Artigas começou a dar aulas na Politécnica, em 1940, como assistente de Anhaia Mello, com a emancipação do curso de arquitetura em 1948, transferiu-se para a nova faculdade e assumiu relevante posição na reorganização do curso, sendo o autor do projeto da sua nova sede (1960-1969), em parceria com Cascaldi. O edifício da

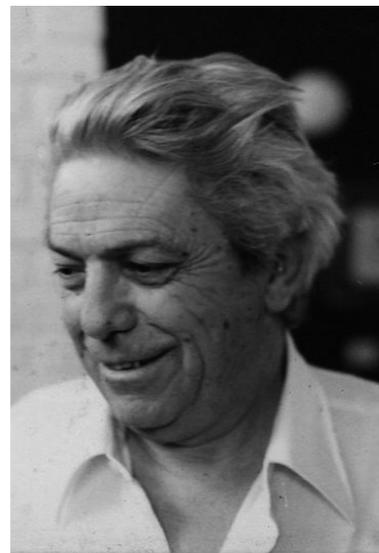
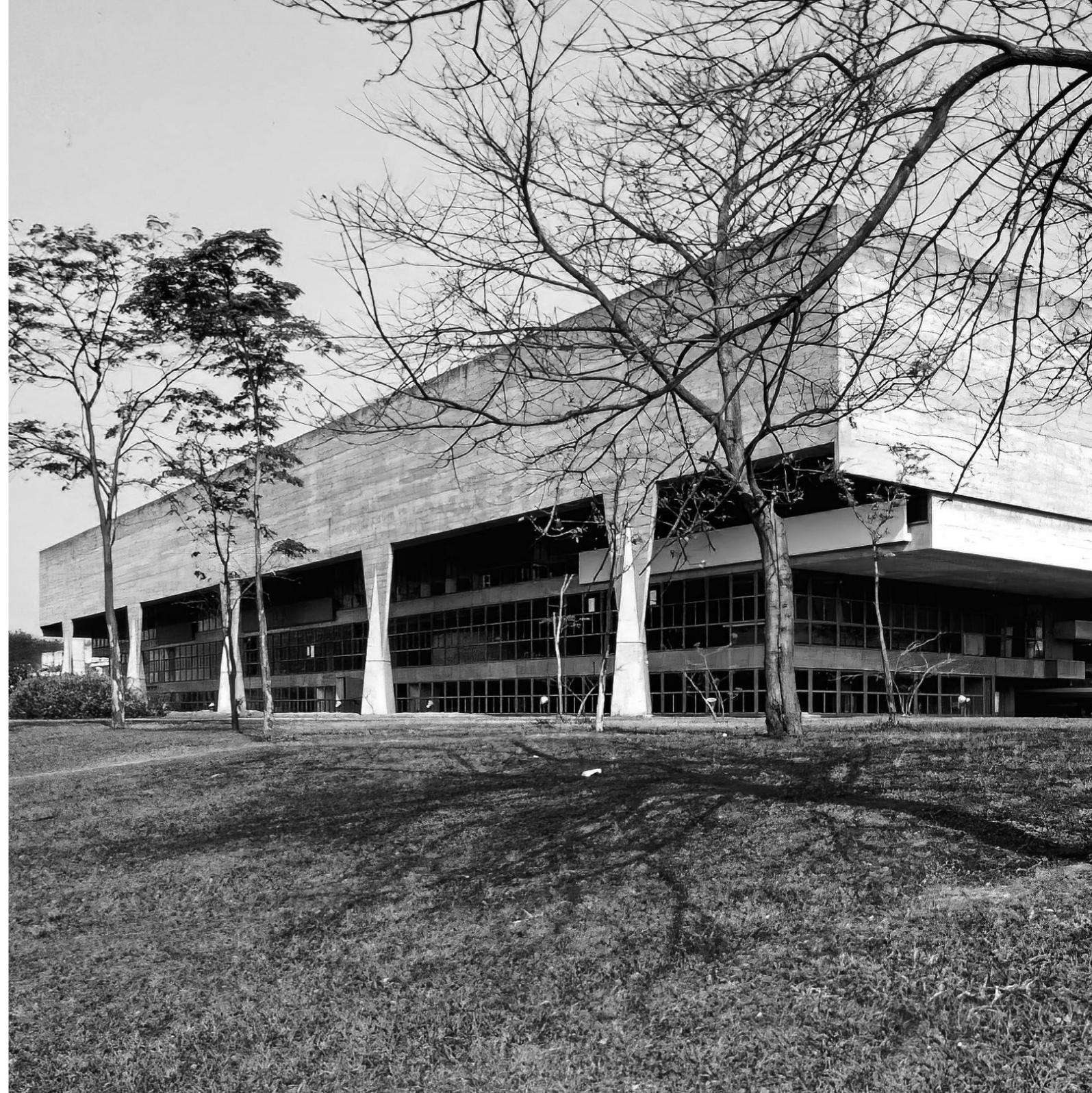


Foto: Acervo familiar, 1980.

FAUUSP, tombado nas três instâncias: municipal, estadual e federal, sintetiza suas ideias sobre a dimensão pública da arquitetura tendo como fundamento a moral construtiva, constituindo o manifesto mais evidente de seu compromisso político.

Carismático, agregou a sua volta um grupo de jovens arquitetos, cuja parceria estimulou a reflexão e difusão de suas ideias, fazendo da sede da FAUUSP um paradigma da arquitetura e do seu ensino. Cassado de suas atividades de ensino, em 1969, pelo AI-5, Artigas voltou à FAUUSP em 1985, quando se submeteu ao concurso de professor titular com a tese A função social do Arquiteto. Sua arquitetura é tema recorrente de pesquisas da graduação ao pós-doutorado.



BIBLIOGRAFIA

BERTONI, E. João Eduardo de Gennaro (1928-2013) - Dirigiu uma 'escola' de arquitetos. *Folha de São Paulo*, 2013. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1218986-joao-eduardo-de-gennaro-1928-2013---dirigiu-uma-escola-de-arquitetos.shtml> Acesso em 29 set 2023.

FERRAZ, G. *Warchavchik e a introdução da nova arquitetura no Brasil: 1925 a 1940*. São Paulo: Museu de Arte de São Paulo, 1965.

LIRA, J. *Warchavchik: fraturas da vanguarda*. São Paulo: Cosac & Naify, 2011.

MOTTA, F. Paulo Mendes da Rocha. *Acrópole*. Nº 343, ano 29, p. 17-18, 1967. Disponível em <http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/343> Acesso em 07 de jun. 2022.

OTONDO, C. *Desenho e espaço construído: relações entre pensar e fazer na obra de Paulo Mendes da Rocha*. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

WARCHAVCHIK, G. *Arquitetura do século XX e outros escritos*. São Paulo: Cosac & Naify, 2006.

ZEIN, R. V. *Arquitetura Brasileira, Escola Paulista e as casas de Paulo Mendes da Rocha*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. São Paulo/Porto Alegre, 2000.

RIO DE JANEIRO

MARIA CRISTINA CABRAL

Doutora em história social da cultura | PUC-RJ
Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro | UFRJ
mariacristinacabral3@gmail.com

CAROLINA QUINTANILHA NEVES

Doutoranda na Universidade Federal do Rio de Janeiro | UFRJ
Arquiteta e Urbanista | UFRJ
carol_cqn@hotmail.com

“O Rio, até 1960, foi capital do Brasil e, como tal, teve um papel fundamental na consolidação do processo de renovação da arquitetura...”

MARIA CRISTINA CABRAL; CAROLINA NEVES

Os arquitetos selecionados para integrar este segmento do livro fizeram parte do grupo pioneiro investido no processo de renovação da arquitetura no Brasil. Suas obras, sobretudo as que serão apresentadas adiante, são resultado de um momento muito peculiar do século XX, representado por uma intenção coletiva que intentava construir um novo país.

Os arquitetos em questão são: Affonso Eduardo Reidy (1909-64), Jorge Machado Moreira (1904-92) e os irmãos Roberto [Marcelo (1908-64), Milton (1914-53) e Maurício (1921-96)]. Esse projeto do novo país estava diretamente ligado ao contexto político que circundava o momento de produção profissional desses arquitetos, o que impulsionou uma produção arquitetônica diferenciada, condizente com o projeto de desenvolvimento nacional, que almejava a industrialização do país.

A maior parte deles formou-se no início da década de 1930, logo depois de ocorrer a Revolução de 30. Essa revolução instaurou um governo com propensões autoritárias, que se empenhou no processo de modernização do país, acarretando uma urbanização acelerada e diversas transformações sociais. Es-

ses arquitetos formaram-se, sem exceção, na polissemia institucional da Escola Nacional de Belas Artes (ENBA), que envolvia diversas orientações arquitetônicas e pensamentos muitas vezes divergentes, fato que implicava desde cedo em uma posição crítica no panorama complexo da época.

Além desse contexto político e de formação acadêmica, também havia o contexto espacial na conjuntura desses arquitetos, isto é, o Rio de Janeiro. O Rio, até 1960, foi capital do Brasil e, como tal, teve um papel fundamental na consolidação do processo de renovação da arquitetura, principalmente por ter recebido grande parte dos investimentos nacionais.

A cidade do Rio de Janeiro era um centro cosmopolita que, entre 1930 e 1960, promoveu muitas produções no âmbito cultural, sobretudo relacionadas a hábitos sociais e tendências artísticas.

Nesse período, a cidade experienciou a construção de sedes de instituições ligadas ao governo, como ministérios, de novas vias e de praças, e de outras grandes obras de remodelamento urbano, enfatizando a construção de um novo Brasil.

Affonso Eduardo Reidy, descrito por sua companheira Carmen Portinho (1903-2001) como “um arquiteto sóbrio e revolucionário” (Bonduki, 2000, p. 09), destacou-se por sua arquitetura de cunho social, que sempre priorizava o senso de comunidade. As obras selecionadas para demonstrar essa característica de Reidy foram: Albergue da Boa Vontade e o Conjunto Residencial Marquês de São Vicente.

O Albergue da Boa Vontade (1931-34) foi o primeiro projeto construído de Reidy, vencedor de um concurso de arquitetura promovido pela Prefeitura do Rio de Janeiro. Recém-formado, Reidy fez o projeto, com seu amigo Gerson Pompeu Pinheiro (1910-1978), seguindo linhas ortogonais e uma interessante composição de volumes e aberturas, que abrigaria pessoas em situação de rua, proporcionando conforto/acolhimento, sensação de segurança e praticidade.

O Conjunto Residencial Marquês de São Vicente (1952), mais conhecido como Minhocão da Gávea, mesmo não tendo sido completamente construído conforme planejado, representou mais um bom exemplar de equipamento social de Reidy e Porti-

nho. Juntos, eles foram precursores na produção da habitação social moderna no Brasil, no quesito originalidade e excelência projetual, tanto arquitetônica quanto urbana.

Jorge Machado Moreira também desenvolveu projetos que integraram as obras pioneiras na consolidação e propagação da arquitetura moderna no Rio de Janeiro. O projeto escolhido para representar uma parte do legado de Moreira foi o edifício da Faculdade Nacional de Arquitetura (FNA), presente no campus da Universidade do Brasil.

O edifício da FNA (1957), que hoje constitui a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU-UFRJ), foi projetado para acomodar mil alunos e recebeu o primeiro lugar na categoria de edifícios públicos na Exposição Internacional de Arquitetura da IV Bienal Internacional de São Paulo, em 1957. Além disso, o projeto da própria Cidade Universitária, ganhou Medalha de Ouro na Exposição Internacional de Bruxelas (Bélgica), em 1958.

Os irmãos Roberto também foram selecionados para retratar esse compilado da história da arquitetura moderna no Rio de Janeiro, por terem construído significativos projetos que integram a variedade da produção carioca. As obras selecionadas foram: Edifício Comercial Marquês do Herval e a sede da Academia Brasileira de Letras (ABL).

O Edifício Marquês do Herval (1952) é uma realização do Segundo Período (1941-53) de produção dos MMM Roberto (Marcelo, Milton e Maurício) e um marco indispensável na carreira deles. Tanto na fachada quanto no interior do edifício predomina a ideia de movimento, com formas curvas em paredes e rampa de acesso, e brises móveis, que geram diferentes dinamismos.

A sede da ABL (1972), embora seja a mais recente obra dessa seleção e até mesmo na produção dos M Roberto (Maurício e seu filho Márcio), foi um importante marco arquitetônico e urbano moderno. Seu projeto marca uma nova fase de construção no centro da cidade do Rio de Janeiro, que precisou lidar com os problemas da especulação na construção civil que foi se desqualificando gradualmente.

Importante acrescentar que os edifícios aqui apresentados foram selecionados a partir dos fundos arquivísticos do Núcleo de Pesquisa e Documentação (NPD) da FAU-UFRJ, que foi criado em 1982, pelo professor Jorge Czajkowski. As imagens históricas que integram este capítulo sobre o Rio de Janeiro estão sob custódia do NPD (npd.fau.ufrj.br), que concentra e preserva importante acervo de fotografias, desenhos e revistas, dentre outros documentos da história da arquitetura, sobretudo moderna.

Maria Cristina Cabral
Carolina Quintanilha Neves



RIO DE JANEIRO

1. FAU UFRJ
2. MINHOÇÃO DA GÁVEA
3. ALBERGUE DA BOA VONTADE
4. ED. MARQUÊS DO HERVAL
5. SEDE ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

0 1,5 3 km

ALBERGUE DA BOA VONTADE

ANO	1931-34
PROJETO	Affonso Eduardo Reidy e Gerson Pompeu Pinheiro
LOCAL	Praça Cel. Assunção, s/n, Gamboa, Rio de Janeiro - RJ
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Institucional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização Parcial
PROTEÇÃO	Protegido legalmente



Reidy. Fonte: NPD-FAU-FRJ, s/d

Affonso Eduardo Reidy, embora tenha nascido em Paris, em 1909, era cidadão brasileiro oriundo de um pai inglês e de mãe brasileira com descendência italiana. Reidy morreu jovem, aos 55 anos, em 1964, mas desenvolveu uma série de importantes projetos modernos, tanto arquitetônicos quanto urbanos, que lhe conferiu grande projeção no Brasil e no exterior.

Reidy ingressou em 1926 no Curso de Arquitetura da Escola Nacional de Belas Artes (ENBA), com 17 anos, e formou-se em 1930. Sua formação acadêmica foi considerada tradicional, advinda dos princípios da École des Beaux-Arts. Por considerar esse ensino distanciado da realidade arquitetônica de seu contexto, Reidy procurou se atualizar acerca da arquitetura moderna buscando livros e revistas importados, como por exemplo *Por uma arquitetura*, de Le

Corbusier. Como trajetória profissional, destaca-se que Reidy foi estagiário e assistente de Alfred Agache no Plano Urbanístico do Rio de Janeiro (1929-31); também foi assistente de Gregori Warchavchik e docente na ENBA (1931-33); foi funcionário público na Prefeitura do Distrito Federal, como arquiteto (1932-55), e, por três vezes, foi diretor do Departamento de Urbanismo da Prefeitura do Distrito Federal; por fim, foi membro do Conselho Central da Fundação da Casa Popular (1952-54).

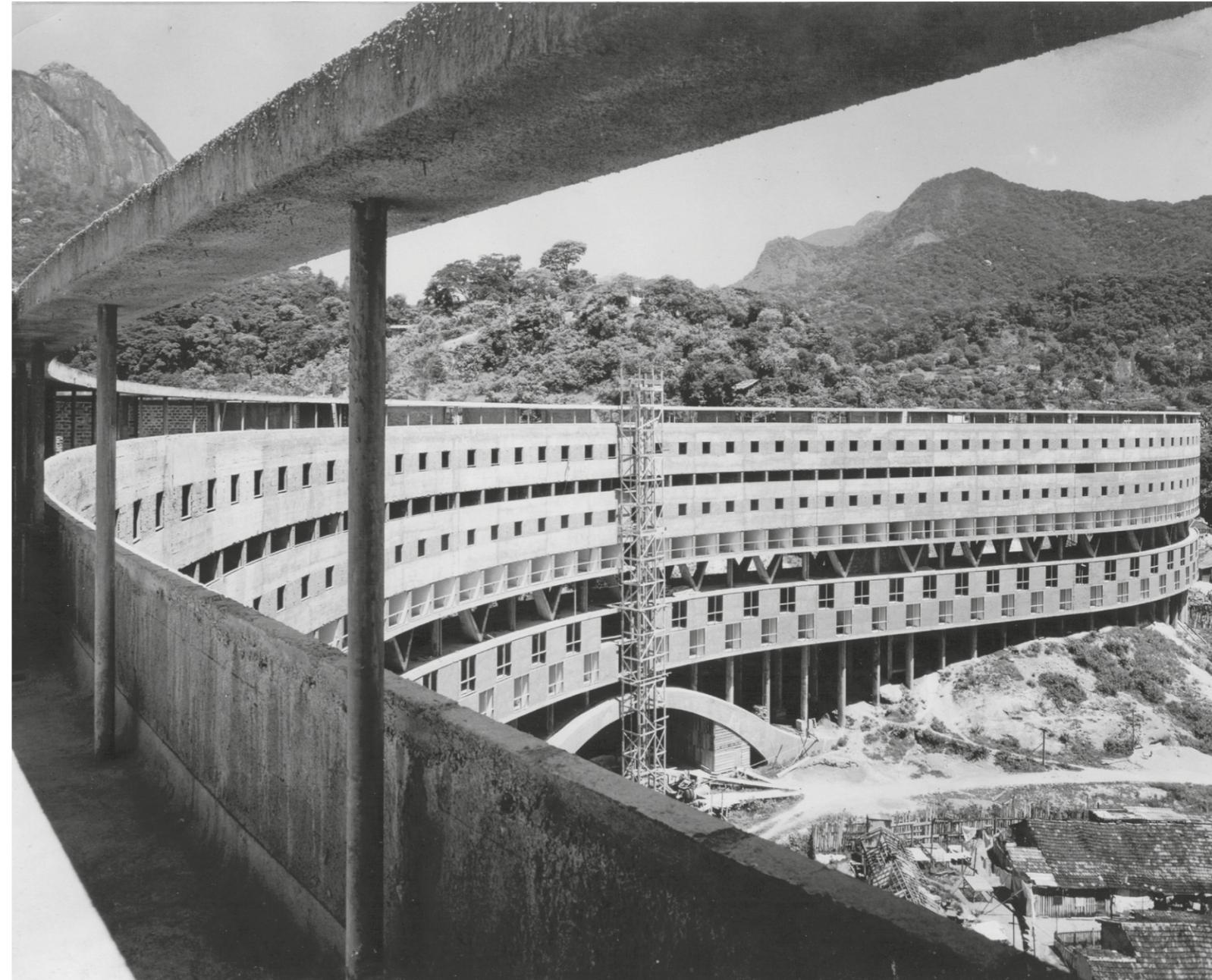
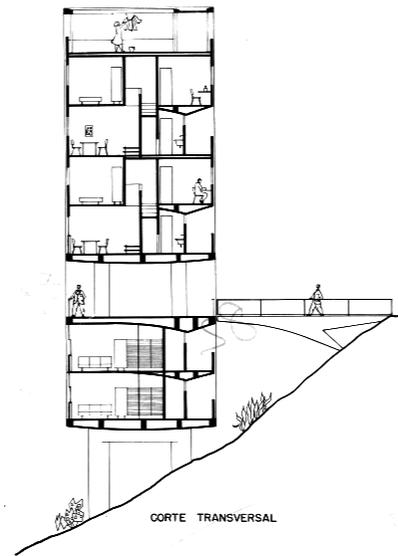
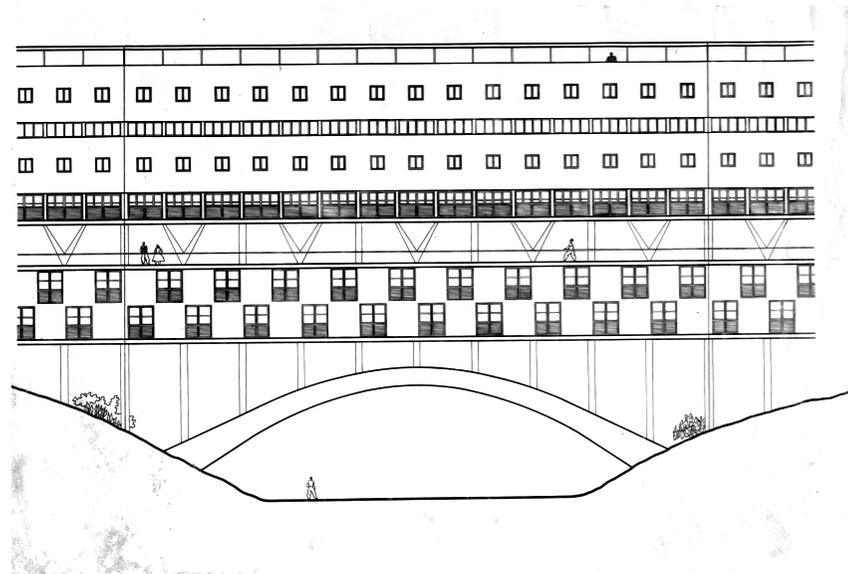
Dentre os principais projetos de Reidy, destaca-se: o Ministério da Educação e Saúde Pública [MEC] (1936) em equipe, o Conjunto Residencial Prefeito Mendes de Moraes [Pedregulho] (1947-58), o Museu de Arte Moderna [MAM] (1954-58) e parte do Aterro do Flamengo (1962-64).



Albergue da Boa Vontade, s/d
Fonte: NPD-FAU-FRJ

CONJUNTO RESIDENCIAL MARQUÊS DE SÃO VICENTE (MINHOCÃO DA GÁVEA)

ANO 1952
PROJETO Affonso Eduardo Reidy com colaboração dos engenheiros:
Carmen Portinho, Sidney Santos, David Astracan e Carlos
de Oliveira Góes
LOCAL Avenida Padre Leonel Franca, 261, Gávea,
Rio de Janeiro - RJ, 22451-000
GESTÃO Pública
TIPOLOGIA Residencial multifamiliar
ESTADO Ativo
CONSERV. Descaracterização Parcial
PROTEÇÃO Protegido legalmente



FAU-UFRJ

FACULDADE NACIONAL DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE DO BR

ANO	1957
PROJETO	Jorge Machado Moreira, com Roberto Burle Marx (paisagismo) e Anísio Medeiros (painel interno)
LOCAL	Avenida Pedro Calmon, 550, Cidade Universitária, Rio de Janeiro - RJ, 21941-901
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Educacional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização Parcial
PROTEÇÃO	Em processo de registro



Fonte: NPD-FAU-FRJ, S/D.

Jorge Machado Moreira nasceu em Paris, em 1904, mas era um brasileiro de família gaúcha, que foi criado no Rio Grande do Sul. Ele iniciou seus estudos acadêmicos na Escola de Arquitetura de Montevideú, no Uruguai. Porém, não os concluiu e, em 1927, recomeçou-os na Escola Nacional de Belas Artes (ENBA), onde graduou-se em 1932. Moreira faleceu em 1992, com 88 anos, no Rio de Janeiro.

Sua atuação profissional começou em 1933, assumindo a Direção de Arquitetura da Construtora Baerlein, na qual permaneceu até 1937, quando decidiu desenvolver mais a sua autonomia projetual através de um escritório próprio. A partir de então, apostando na possibilidade de transformação social da arquitetura moderna, Moreira projetou importantes marcos urbanos na paisagem do Rio de Janeiro, que são referências na história da arquitetura. Den-

tre seus principais projetos destacam-se: o edifício do Ministério da Educação e Saúde Pública [MEC] (1936) em equipe; o campus da Universidade do Brasil, primeiro na Quinta da Boa Vista (1936), depois na proposta que se concretizou parcialmente na Ilha do Fundão (1949-62); o Edifício de apartamentos Antônio Ceppas (1946), que recebeu menção honrosa; e restaurante e sanitários públicos (1962-65) para a Urbanização do Aterro do Flamengo.

Além disso, Moreira teve significativa atuação pública, caracterizada pela disposição de lutar pela autonomia no exercício profissional, o que o fez ocupar cargos de vice-presidente: do Diretório Acadêmico da ENBA, do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), do IV Congresso Brasileiro de Arquitetura e do Congresso da Associação de Engenheiros, Arquitetos e Agrônomos.



Perspectiva do edifício da Faculdade Nacional de Arquitetura (hoje, FAU-UFRJ), s/d.
Foto: NPD-FAU-FRJ.

EDIFÍCIO COMERCIAL

MARQUÊS DO HERVAL

ANO	1952
PROJETO	MMM Roberto Arq. (Marcelo, Milton e Maurício)
LOCAL	Avenida Rio Branco, 185, Centro, Rio de Janeiro - RJ, 20040-007
GESTÃO	Privada
TIPOLOGIA	Comércio e Serviços
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização Parcial
PROTEÇÃO	Protegido legalmente



Fonte: NPD-FAU-FRJ, S/D.

Os irmãos Roberto - Marcelo, Milton e Maurício - foram três cariocas, nascidos e criados em Copacabana, descendentes de um pai carioca e de uma mãe carioca, mas de família tradicional sergipana.

Marcelo, o primogênito, nasceu em 1908 (falecimento: 1964) e formou-se arquiteto em 1930, pela ENBA. Milton, o filho do meio, nasceu em 1914 (falecimento: 1953) e, pela ENBA, diplomou-se arquiteto em 1935. Maurício, o caçula, nasceu em 1921 (falecimento: 1996) e graduou-se em Arquitetura em 1944, também pela ENBA. O escritório começou como MM Roberto Arquitetos, com a união de Marcelo e Milton, em 1935. Nessa formação, eles desenvolveram importantes projetos do início da arquitetura moderna no Brasil, que lhes conferiu também repercussão nacional e internacional, como por exemplo: a Sede da Associação Brasileira de Im-

prensa [ABI] (1935) e o Aeroporto Santos Dumont (1937), ambos oriundos de concursos públicos.

Depois, com o ingresso de Maurício em 1941, o escritório passou a ser nomeado MMM Roberto Arquitetos, e assim permaneceu até 1964. Os principais projetos dessa formação foram: a Sede do Instituto de Resseguros do Brasil [IRB] (1941), a Colônia de Férias do IRB (1943) e o Edifício Marquês do Herval (1952).

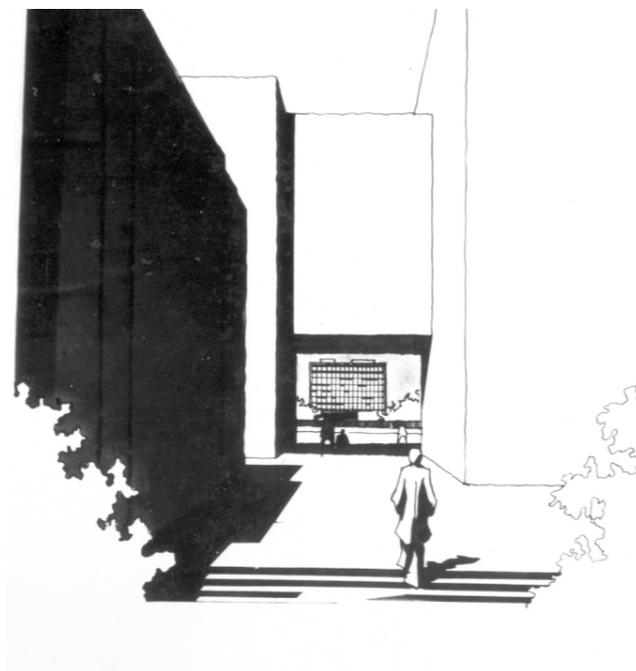
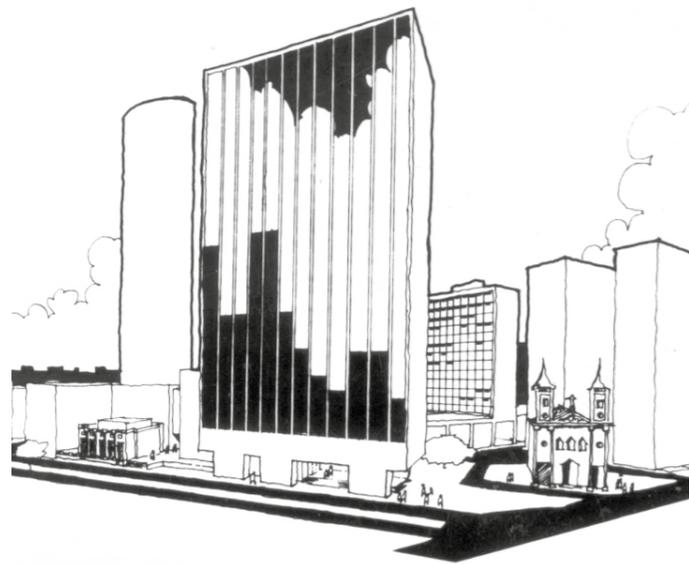
A partir de 1964, após a morte de Milton e Marcelo, Maurício continuou o escritório com seu filho Márcio, sob a designação M Roberto Empreendimentos LTDA. Nessa concepção, eles projetaram a Sede da Academia Brasileira de Letras [ABL] (1972) e o Plano Urbanístico para Alagados - Salvador, BA (1973).



SEDE DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

ED. PALÁCIO AUSTREGÉSILO DE ATHAYDE

ANO	1972
PROJETO	M. Roberto empr. LTDA (Maurício e Márcio)
LOCAL	Avenida Presidente Wilson, 231, Centro, Rio de Janeiro - RJ, 20030-021
GESTÃO	Privada
TIPOLOGIA	Institucional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Sem Descaracterizações
PROTEÇÃO	Sem proteção legal



BIBLIOGRAFIA

BONDUKI, N. (org.). *Afonso Eduardo Reidy*. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi e Editorial Blau, 2000.

CZAJKOWSKI, J. (org.). *Jorge Machado Moreira*. Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, 1999.

SOUZA, L. F. M. C. de. *Irmãos Roberto Arquitetos*. Rio de Janeiro: Rio Book's. 1ª Edição, 2014.

UZEDA, H. C. de. *Ensino Acadêmico e Modernidade. O curso de Arquitetura da Escola Nacional de Belas Artes (1890-1930)*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Artes Visuais, Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.



PARTE 5 REGIÃO SUL



Palácio da Justiça, Porto Alegre
Foto: Divulgação

PARANÁ

ANDRÉ AUGUSTO DE ALMEIDA ALVES

Doutor em Arquitetura e Urbanismo | USP
Professor associado da Universidade Estadual de Maringá | UEM
aaaalves@uem.br

COLABORADORES

Aline Passos Scatalon
Andre Felipe Batistella Souza
Manoel Hermes Pupim Neto

“A modernização do espaço paranaense é marcada pela atuação de um conjunto diversificado de agentes...”

ANDRÉ ALVES

A modernização do espaço paranaense é marcada pela atuação de um conjunto diversificado de agentes, cuja atuação se entrecruza e se superpõe em diferentes espaços e tempos.

Antes de opor o que era “ecletico e obra de engenheiro” e passa a ser “moderno e trabalho de arquiteto”, ou de esmiuçar os limites entre profissionais, fases e obras precursoras – portadoras ou não de “certo ranço acadêmico” (Xavier, 1985) –, pioneiras, de afirmação ou transformação, cabe retrair, por um viés crítico, um processo de industrialização e urbanização que implica, entre outros, na mercantilização da terra e na conformação de um mercado imobiliário, na regulação e na promoção estatal do espaço urbano e edificado, no empresariamento da construção, nas transformações tecnológicas e na institucionalização do ensino profissional e da pesquisa.

Processo este que se materializa no advento da cidade industrial – com suas funções e programas novos e complexos, atendidos por meio de novas tecnologias e configurações espaciais –, combinada à incorporação de vastos territórios ao processo produtivo – por meio de empreendimentos conjugados de

colonização, de construção de infraestruturas e de criação de cidades. Neste quadro, a arquitetura moderna paranaense revela-se em essência plural, no que concerne à procedência de seus protagonistas, sua formação pessoal e profissional; espaços públicos e privados de exercício da profissão, de debate e transmissão às novas gerações; referências e pesquisas teóricas, técnicas, arquitetônicas e urbanísticas; contratantes públicos e privados. Atende, e ela própria participa de uma sociedade em transformação rumo à modernidade, construindo-se enquanto constrói espaços, territórios e paisagens.

Os cinco projetos ora apresentados não têm a pretensão de tocar a superfície do oceano assim delineado. Ao invés disso, busca apontar para diferentes personagens, lugares, tempos, processos, episódios, facetas da modernidade arquitetônica paranaense.

A Biblioteca Pública do Paraná (1951-1954), localizada em Curitiba, foi um dos edifícios promovidos pelo governador Bento Munhoz da Rocha (1951-1955) por ocasião da comemoração do Centenário de Emancipação Política do Paraná (1953). Seu autor, Paulo Romeu da Costa (1924-2014), engenheiro civil formado pela Universidade do Paraná em 1948,

foi convidado a elaborar o projeto pelo engenheiro chefe da Comissão de Obras do Centenário, Elato Silva, com quem havia colaborado na Construtora Copara. A trajetória de Costa cruza com a de Rubens Meister (1922-2009), desde o curso primário na Deutsche Knabenschule do colégio Bom Jesus, o reencontro no curso ginásial, até o convite para lecionar na então Universidade do Paraná em 1948. Costa trabalhou na Construtora Gutierrez, Paula & Munhoz, participando do processo de verticalização, introdução de novas técnicas de construção e de novos modos de morar na Curitiba da época (Gnoato, 2009). Trabalhou na Secretaria de Viação e Obras Públicas do Estado do Paraná entre 1950 e 1978 e elaborou projetos importantes em seu escritório.

Pouco anterior à Biblioteca de Costa é o Edifício Autolon (1948-1952), localizado em Londrina, no norte do Paraná. Foi projetado pelo escritório do engenheiro-arquiteto curitibano formado na Poli, João Batista Vilanova Artigas (1915-1985) com Carlos Cascaldi (1918-2010), cujo irmão, Rubens, possuía ligações com a administração local. Londrina oferece a Artigas uma oportunidade ímpar de projeção de equipamentos públicos, após o Hospital São Lu-

cas (1945) em Curitiba, em contraponto à arquitetura residencial e comercial demandada contemporaneamente pelos contratantes paulistanos. Pelo seu porte e caráter, e pela sua localização em zona de ocupação recente – sendo Londrina a sede da Companhia de Terras Norte do Paraná – tais projetos ampliam as pesquisas de Artigas, em que dialoga com a vanguarda arquitetônica nacional e estrangeira em busca de uma arquitetura que suporte um projeto de Brasil moderno; pesquisas cujos resultados, aliados à crítica tecida pelo próprio Artigas à arquitetura moderna em seus escritos de 1951-1952, marcarão a produção posterior do arquiteto.

Outro escritório paulistano, do arquiteto José Augusto Bellucci (1907-1998), formado pela Escola de Belas Artes de São Paulo em 1933, projeta o Grande Hotel Maringá (1951-1955) para a Companhia Melhoramentos do Norte do Paraná. Sua contratação deve-se a indicação do presidente da Cia., Cássio da Costa Vidigal, por sua vez ligado ao banco Mercantil de São Paulo, que havia adquirido a CNTP dos ingleses, dando origem à CMNP. Bellucci é autor de projetos como o do edifício Virgínia (1951), para a família Matarazzo, tendo elaborado anteprojeto

para instalações do MAM/SP na avenida Paulista, por encomenda de Francisco Matarazzo Sobrinho. O Grande Hotel Maringá localiza-se em Maringá, sede da CMNP, em uma área de colonização recente para a qual o arquiteto elabora vários outros projetos, para a companhia colonizadora ou para as jovens administrações locais.

Carioca radicado em Curitiba, Gustavo Gama Monteiro (1925-1995), é contemporâneo de Acácio Gil Borsó e Giancarlo Gasperini na Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, onde se forma em 1949. Recém-formado, desenvolveu o Plano Diretor de Teresina, e após retornar ao Rio de Janeiro, a convite de Djalma Rocha Al-Chueyr, e a partir de contatos com o governador do Paraná, Bento Munhoz da Rocha e com o prefeito de Curitiba, Erasto Gaertner, atua como assistente do gabinete do prefeito, desenvolve trabalhos de aerofotogrametria e projeta as cidades de Assis Chateaubriand (1950) e Munhoz da Rocha (1952) (não executada). Foi professor do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPr desde a sua criação, em 1962. Diferentemente dos arquitetos paulistanos, cujas ligações os levam a projetar para as cidades do norte

do Paraná, Monteiro elabora projetos arquitetônicos e planos urbanísticos predominantemente para administrações das cidades de Curitiba, Ponta Grossa, Guarapuava, Cascavel e Foz do Iguaçu.

Finalmente, o uruguaio Jaime Wasserman (1924-2016) é contemporâneo de Paulo Romeu da Costa e Rubens Meister na Faculdade de Engenharia da Universidade do Paraná, onde se forma em engenharia civil em 1947 e em Arquitetura e Urbanismo 1965 – na já UFPr. Em colaboração com Salomão Figlarz, projeta e constrói conjuntos de habitação em Curitiba, Ponta Grossa, Maringá, Cascavel e São Paulo pelo BNH ou unidades de alto padrão com financiamento a juros de mercado, totalizando 6641 apartamentos entre 1967 e 1983. Efetua estudos sobre habitação na França com bolsas do *Ministère de la Construction* e do *Ministère des Affaires Étrangères* em 1966 e 1972, em que conheceu os *Grands Ensembles*, incorporando soluções de industrialização da construção em seus projetos e canteiros.

O breve itinerário, assim delineado, revela singelamente as relações entre arquitetura e sociedade na modernização paranaense e brasileira.



LONDRINA
1. EDIFÍCIO AUTOLON



CURITIBA
1. BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ





CASCAVEL

1. CATEDRAL METROPOLITANA



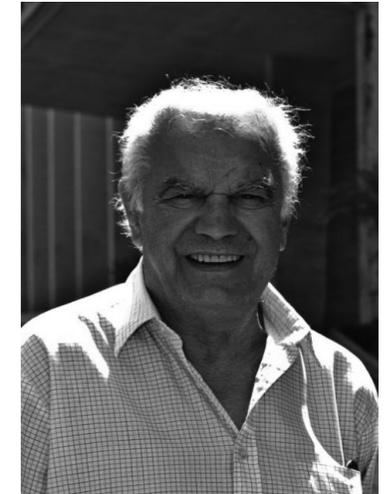
MARINGÁ

1. GRANDE HOTEL BANDEIRANTES
2. RES. MARTIN AFONSO



BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

ANO	1951-54
PROJETO	Romeu Paulo da Costa
LOCAL	Rua Cândido Lopes, 133, Centro, Curitiba-PR
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Lazer/Equipamentos públicos
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Sem descaracterizações
PROTEÇÃO	Protegido legalmente



Fonte: Roberto Dziura/Arquivo Gazeta do Povo, S/D.

Romeu Paulo da Costa (1924-2014) formou-se em Engenharia Civil pela Faculdade de Engenharia da Universidade do Paraná em 1948. Tornou-se neste mesmo ano professor da instituição, a convite de Rubens Meister, tendo ministrado a disciplina de “Construção Civil: Arquitetura” no curso de Engenharia Civil e posteriormente atuado no curso de Arquitetura e Urbanismo, que ajudou a criar em 1962.

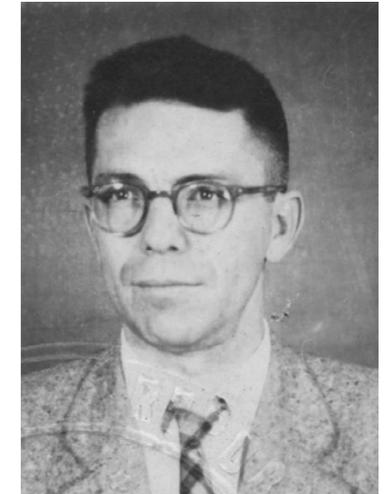
Junto com Rubens Meister, venceu o concurso do Panteão dos Heróis da Lapa (1943), exemplar da vertente arquitetônica modernizante que então começava a vigorar no Paraná. Por ocasião da gestão de Bento Munhoz da Rocha Netto (1951-1955), projetou a Biblioteca Pública do Paraná (1951-1954), que integra o conjunto de obras promovidas por este governador para comemorar o Centenário da Emancipação Política do Paraná (1953). O projeto da biblioteca incorporou concepções bibliotecônicas avançadas para a época, como o livre

acesso ao acervo e o sistema Conveyor de circulação interna de livros.

O primeiro estudo caracteriza-se pela modernidade da forma prismática pura, pela marcação da estrutura independente de concreto armado em planta e fachadas e pelo tratamento uniforme destas últimas por meio do uso extensivo de brises horizontais.

Mantendo a configuração inicial dos acessos, o projeto executado abriga o programa em um volume principal de menor comprimento e maior altura, ladeado por volumes menores, mais baixos e cujas estruturas e superfícies recebem tratamentos específicos. A verticalidade do conjunto é marcada externamente pelas molduras dos brises, previstos em projeto, que atravessam os pavimentos e concentram-se na faixa central da fachada principal, em solução que enfatiza relações de simetria e monumentalidade.

EDIFÍCIO AUTOLON



Fonte: Acervo da família Artigas, 1952.

ANO	1948-1952
PROJETO	João Batista Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi
LOCAL	Rua Minas Gerais, 194, Centro, Londrina-PR
GESTÃO	Privada
TIPOLOGIA	Comércio/Serviços
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Em processo de registro

João Batista Vilanova Artigas (1915-1985) formou-se Engenheiro-Arquiteto pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo em 1937. Em 1938, fundou a Construtora Marone & Artigas, participando do paulatino processo de modernização da casa e da paisagem urbana paulistana, não sem se deixar guiar pelo ideário liberal-democrático americano, conforme expressado na obra de Wright. Em 1945, ingressou no Partido Comunista Brasileiro e criou, com o sócio Carlos Cascaldi, seu escritório de projetos.

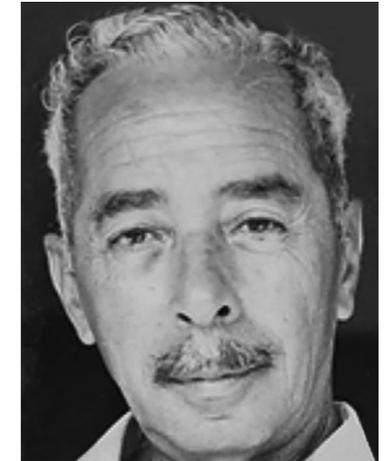
Neles, explorou o potencial da técnica e da indústria para o domínio da natureza e a transformação da sociedade, aproximando-se das vanguardas artísticas e dialogando com a cultura arquitetônica moderna brasileira da época, aí incluída a produção carioca e de sua referência maior, Le Corbusier. Artigas e Cascaldi contribuíram para a estruturação do território paranaense e a configuração de sua paisagem urbana, em especial no norte pioneiro, com

um acervo de 11 projetos elaborados entre 1948 e 1953 para Londrina. O Edifício Sociedade Auto Comercial de Londrina Ltda. e Cinema Ouro Verde (1948) é o primeiro deles. Apesar de tratar-se de um conjunto arquitetônico em que, a exemplo do edifício Louveira (1946), o jardim entre os volumes edificadas incorpora o espaço da praça adjacente, apenas o cinema é tombado em esfera estadual. O embasamento, destinado a concessionária de veículos, conta com variações de níveis e pés-direitos e diferentes acessos desde as ruas, integrando exemplarmente arquitetura e cidade.

Um prisma retangular contém seis pavimentos de escritórios. Como no caso do edifício Louveira, sua fachada voltada para a praça Willie Davids é cega, com a fachada leste em panos de vidros – maquete previa seu recuo e lâminas estruturais horizontais e verticais em função de brises – e a fachada oeste recuada e protegida por brises.

GRANDE HOTEL MARINGÁ

ANO	1951-55
PROJETO	José Augusto Bellucci
LOCAL	Praça Renato Celidônio, 190, Zona 01, Maringá-PR
GESTÃO	Privada
TIPOLOGIA	Comércio/Serviços
ESTADO	Inativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Protegido legalmente



Fonte: Acervo familiar, S/D.

José Augusto Bellucci (1907-1998) formou-se Arquiteto pela Escola de Belas Artes de São Paulo em 1933. Além de elaborar projetos arquitetônicos, seu escritório de arquitetura, em sociedade com o engenheiro civil Luiz Maiorana até 1955, desenvolvia projetos complementares e acompanhava obras.

O arquiteto desempenhou papel relevante no desenvolvimento das áreas colonizadas pela Companhia Melhoramentos do Norte do Paraná, tendo sido contratado por ela e pelas primeiras administrações municipais para projetar importantes prédios de Maringá e outras cidades, como o pequeno terminal de passageiros em madeira do aeroporto de Maringá (1953), o Maringá Clube (1956), a praça Napoleão Moreira da Silva (1957), a Catedral Metropolitana (1957-1972), o Cemitério Municipal (1964-1967)¹, o Paço Municipal (1967) e o Teatro Municipal (1975). Atendendo à demanda da CMNP, de construção de um hotel que estivesse à altura de hóspedes interes-

sados em comprar terras na região, Bellucci projetou o Grande Hotel Maringá (1951-1955). Tombado em 2005 na esfera estadual, foi implantado na área destinada à igreja matriz e prédios de uso público. O primeiro anteprojeto, marcado pela verticalidade, amplas superfícies envidraçadas e previsão de ampliação em altura, foi recusado pelas suas linhas acentuadamente modernas.

O segundo anteprojeto, alternativamente, recorre a soluções baseadas na conciliação de modernidade e tradição, propondo pavilhões estruturados em concreto armado e alvenaria revestida com argamassa ou litocerâmica, esquadrias de madeira, cobertura de telhas de fibrocimento com beirais revestidos de madeira e com ventilação do forro e recurso à ventilação cruzada nos apartamentos, esmeradamente detalhados pelo arquiteto, que também concebeu o desenho de móveis, luminárias e rouparia, atingindo a escolha de talheres e outros elementos do serviço.



CATEDRAL

CATEDRAL METROPOLITANA DE CASCAVEL

ANO	1966-84
PROJETO	Gustavo Gama Monteiro
LOCAL	Rua Rio Grande do Sul, 590, Centro, Cascavel-PR
GESTÃO	Privada
TIPOLOGIA	Religioso
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Sem descaracterizações
PROTEÇÃO	Sem proteção legal

Gustavo Gama Monteiro (1925-1995) formou-se Arquiteto em 1949 pela Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil. Iniciou sua atuação no estado do Paraná no início da década de 1950, a convite do então prefeito de Curitiba, Erasto Gaertner, projetando a praça Rui Barbosa, efetuando serviços de levantamento fotogramétrico, projetando Assis Chateaubriand (1950) e Munhoz da Rocha (1952), esta última não executada. Foi professor do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Paraná desde a sua criação, em 1962. Ao longo de sua trajetória, desenvolveu projetos arquitetônicos e urbanísticos em cidades como Curitiba, Guarapuava, Cascavel e Foz do Iguaçu.

Gustavo Gama Monteiro projetou a nova Catedral de Cascavel (1966), em sítio localizado na principal avenida da cidade, a avenida Brasil, que fora objeto de intervenção de grandes pro-

porções de sua autoria cerca de cinco anos antes. Elevou a frente do terreno em 1,70 metros, viabilizando a manutenção da transparência da fachada frontal e privilegiando a visualização da cobertura em laje plissada de concreto armado aparente moldado in loco, que vence vão de aproximadamente 64 m x 84 m.

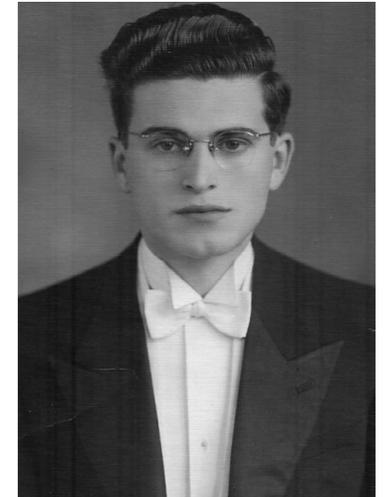
Seu formato de leque se adequa à nave em forma de auditório, enquanto um volume toróide abriga, no pavimento inferior: escritórios, sacristia, garagem e cripta; no pavimento térreo: salas de aula, salão paroquial e demais áreas de acesso dos fiéis; e no pavimento superior: residência para dezoito moradores e duas dependências de funcionários. O partido faz, assim, alusão ao manto e à coroa de Nossa Senhora Aparecida, a quem a catedral é consagrada.



CONDOMÍNIO

CONDOMÍNIO RESIDENCIAL MARTIN AFONSO

ANO	1974-77
PROJETO	Jaime Wasserman
LOCAL	Rua Martin Afonso, 1.335, Jardim Novo Horizonte, Maringá-PR
GESTÃO	Privada
TIPOLOGIA	Residencial multifamiliar
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Sem descaracterizações
PROTEÇÃO	Sem proteção legal



Fonte: Acervo familiar, S/D.

Jaime Wasserman (1924-2016) nasceu em Montevideu, Uruguai, e se mudou para Curitiba, no Paraná, com sua família quando tinha cinco anos. Formou-se em Engenharia Civil em 1947 pela Faculdade de Engenharia da Universidade do Paraná e em Arquitetura e Urbanismo em 1965, pela Universidade Federal do Paraná. Nos 17 anos em que trabalhou como engenheiro, fundou duas construtoras, uma delas em parceria com Omar Sabbag, que se tornou prefeito de Curitiba em 1967.

Ao iniciar sua carreira como arquiteto, Wasserman fundou a Construtora Independência e realizou dois estágios na França, onde se inspirou em projetos de edifícios habitacionais modernos inseridos em cidades planejadas -os *grands ensembles*-, experiências que influenciaram sua produção arquitetônica. Entre as décadas de 1960 e 1980, projetou e construiu conjuntos habitacionais em São Paulo e no Paraná, integrando

financiamento privado e público. O financiamento do Banco Nacional de Habitação (BNH) impulsionou sua construtora, que concentrou todos os seus projetos a partir de então. A maioria das mais de 7 mil unidades habitacionais que ele projetou e construiu está no Paraná, especialmente em Curitiba.

Em Maringá, o Condomínio Residencial Martin Afonso reproduz diversas características dos projetos de Wasserman, como a racionalização na construção, a boa resolução das plantas das unidades habitacionais, o tratamento esmerado dos volumes e suas superfícies, a integração urbana cuidadosa e a criação de espaços comunitários e paisagísticos de alta qualidade. Seu legado é marcado por uma abordagem visionária e foco na qualidade de vida das comunidades, deixando uma marca duradoura no cenário arquitetônico e habitacional do estado.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, A. A. de A. *Arquitetura e sociedade em São Paulo, 1956-1968: projetos de Brasil moderno*. Dissertação (Mestrado em Estruturas Ambientais Urbanas). São Paulo: FAUUSP, 2003.

BRITO, A. C. P. de; ALVES, A. A. de A. *Modernização e modernidade em Maringá 1947-1967: episódios de arquitetura e cidade em uma frente pioneira*. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais* (ANPUR), v. 18, p. 129-147, 2016.

BUZZAR, M. A. *João Batista Vilanova Artigas: elementos para a compreensão de um caminho da arquitetura brasileira, 1938-1967*. São Paulo: Edusp/Senac, 2014.

EDIFÍCIO do Hotel Bandeirantes em Maringá. Livro Tombo II, inscrição 156, p. 148. Disponível em: <https://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/Bem-Tombado/Edificio-do-Hotel-Bandeirantes-em-Maringa>. Acesso em: 29 de set. de 2023.

GONÇALVES, J. *Arquitetura moderna no centenário de emancipação política do Paraná: a construção de um marco de referência*. 2001. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade de São Paulo, São Carlos, 2001.

GNOATO, L. S. *Arquitetura do Movimento Moderno em Curitiba*. Curitiba: Travessa dos Editores, 2009.

VERRI JÚNIOR, A. *A obra de José Augusto Bellucci em Maringá*. Dissertação (mestrado em Arquitetura e Urbanismo). São Paulo: USP, 2001.

ROSA, A. R. da. *A concepção da habitação coletiva de Jaime Wasserman e a atmosfera do espaço habitado*. Dissertação (mestrado em Construção Civil) - Universidade Federal do Paraná. UFPR: Curitiba, 2020.

RUIZ, A.; BATISTA, F. D.; MORAIS, P. *Jaime Wasserman: engenheiro, arquiteto e construtor*. Curitiba: Saboia+Ruiz, 2022.

SOUZA, V. Z. de. *Ressonâncias de arquitetura brutalista nos edifícios das Catedrais de Maringá e de Cascavel*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Estadual de Maringá (UEM), 2015.

SUTIL, M.; GNOATTO, S. *Romeu Paulo da Costa: vida e arquitetura*. Curitiba: Edição dos Autores, 2004.

SUZUKI, J. H. *Idealizações de modernidade: arquitetura dos edifícios verticais em Londrina 1949-1969*. Londrina: Kan, [Artigas/ Autolon - p. 78-81], 2011.

_____. *Artigas e Cascaldi - Arquitetura em Londrina*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

XAVIER, A. *Arquitetura moderna em Curitiba*. São Paulo/Curitiba: Pini/Fundação Cultural de Curitiba, 1985.

SANTA CATARINA

RUDIVAN CATTANI

Doutor em Projetos Arquitetônicos | ETSAB UPC
Arquiteto na R.V. Cattani Arquitetura Ltda | SC
contato@rvc.arq.br

COLABORADORES

Bernardo Brasil Bielschowsky
Jacinta Milanez Gislon
Thiago Capella Borges Mendes

“A modernidade catarinense foi concebida, e ainda é, a partir de critérios de ordem, sem relativização...”

RUDIVAN CATTANI

O projeto, na modernidade, parte de critérios reguladores mais subjetivos, porém coerentes. Ele se afina numa concepção onde base, corpo e arremate, por exemplo, são reconhecidos como elementos separados, entretanto coesos, desenvolvidos e inter-relacionados com um mesmo propósito.

O tipo clássico deu lugar ao arquétipo moderno que, por sua vez, deixou de lado a regra da fôrma modeladora e abraçou essa nova maneira de produzir a arquitetura, caracterizada por envolver o entendimento e a subjetividade de forma ordenada e sem entraves normativos. Os novos recursos construtivos disponíveis, como o concreto armado, a título de exemplo, também contribuíram para a ascensão e a difusão desta arquitetura, pois propiciavam a concepção de artifícios até então impensáveis.

Em Santa Catarina, o acervo de arquitetura moderna, – com obras de qualidade comparável a trabalhos de nomes conhecidos da produção nacional e internacional –, reflete o olhar meticuloso destes arquitetos pioneiros que se debruçaram sobre suas pranchetas, entusiasmados com as publicações da época e animados com a possibilidade de gerar

aqui no estado essa arquitetura nova, já bastante consolidada lá afora. Este pequeno aporte de cinco obras está longe de revelar a consistência total da arquitetura moderna catarinense, porém, por outro lado, traça um brevíssimo panorama da diversidade de propostas e atores que compõem este acervo, com trabalhos que representam também as cinco principais regiões do estado.

A iniciativa estatal de modernização do país teve sua parcela aplicada também em solo catarinense, principalmente através da construção e renovação das instituições públicas, fator que alavancou o desembarque definitivo desta arquitetura que nada se assemelhava a imagem que se tinha de edifícios oficiais, criando um novo horizonte nos centros urbanos onde ia se afirmando. E, desprovida de qualquer adorno clássico característico, causava assombro e entusiasmo na mesma medida.

A modernidade catarinense foi concebida, e ainda é, a partir de critérios de ordem, sem relativização, principalmente no que se refere à composição do edifício como um todo e nas relações visuais entre si e com o entorno. Comportamento, este, apren-

dido da história da arquitetura e das artes, onde o edifício, para ser entendido com clareza, deve dispor de elementos que o configuram assim, com teores equilibrados nos fechamentos, volumes, texturas, etc., criando relações que estruturam a forma (aqui entendida como a forma na música, não a figura do edifício).

A identidade do lugar e da cultura local também não passou despercebida para estes arquitetos, com implantações precisas que muitas vezes encurtam distâncias e em outras liberam o melhor para a vista principal ou espaço mais nobre, numa clara composição espacial daquilo que é mais importante e do que deve ter protagonismo e o que não.

O moderno catarinense é robusto e delicado ao mesmo tempo, tendo expressões brutas de uma materialidade extremamente sincera, como também aqueles matizes requintados de decisões quase poéticas, unindo passado e futuro, num aperto de mãos entre gerações. Dialoga também com esculturas, mosaicos e pinturas, presenteando os pedestres que por estes espaços transitam. A técnica, muito presente nas obras selecionadas, bem como os recursos

claros de projeto, resolviam os mais variados programas de necessidades versus os diversos contextos em que estas obras foram inseridas. Pautas inteiras de edifícios em altura ora repousam sobre grandes vigas, – que tem a simples intenção de liberar um térreo –, por assim dizer, ora criam nuances de cheios e vazios, ou opacos e transparentes, dinamizando as fachadas. Também merecem ser enunciados alguns atributos que essas obras modernas brindam às cidades, como conexões, abrigo, gozo estético, equilíbrio visual, proporção, entre outros.

Algumas estruturas formais, ou arquétipos, foram utilizadas por estes arquitetos na concepção de seus edifícios, traçando um paralelo entre obras de latitudes bem distintas. Em Florianópolis, dois casos elucidam o comentado: o primeiro deles pode-se apreciar no edifício projetado pelo escritório do trio Liz Cassol Monteiro para a antiga sede da Portobello, onde se percebe a semelhança da estrutura formal dessa torre com a do Edifício Pedra Grande, de Pedro Paulo de Melo Saraiva. Ambas estruturas, por um lado com duas empenas cegas cada, e por outro, com fechamentos estriados, se apoiam ao tocar o térreo sobre vigas de transição, liberando a tensão

superior e clarificando esse nível de recebimento, de entrada. Outro caso, fica por conta da semelhança da figura do edifício da sede da antiga Telesc (hoje UDESC), projeto dos arquitetos Odilon Monteiro e Moysés Liz, com a sede da Unesco de Paris, projeto de Marcel Breuer. O uso de novas tecnologias construtivas, como a protensão, no caso do Ceisa Center, permitiu vencer vãos maiores com menos recursos e volume construído, os quais poderiam ter impactado diferentemente na imagem do edifício, revelando, talvez, outra percepção da obra.

Santa Catarina também foi um dos estados pioneiros no uso da pré-fabricação de elementos em concreto armado, peças estas muitas vezes presentes nos edifícios moldados *in loco*, compondo os projetos e acelerando alguns processos, criando uma inter-relação de reciprocidade e de avanço tecnológico rumo a uma construção mais industrializada.

Não poderia faltar a menção aos arquitetos estrangeiros que construíram no estado, como Gottfried Böhm e Hans Broos, por exemplo. Ambos aportaram muito conhecimento técnico nas suas realizações brasileiras, principalmente Broos, com sua ex-

tensa obra sintonizada com o momento em que foi concebida. Assim como deve ser mencionado que boa parte do aporte moderno catarinense foi desenvolvido por arquitetos procedentes de outros estados e outra parte por arquitetos catarinenses que saíram para estudar e depois voltaram, já que o primeiro curso de arquitetura só foi instalado em 1977 na Universidade Federal de Santa Catarina, tendo sua primeira turma formada nos inícios da década de 1980.

Por fim, como relatado no livro *Grandes Nomes da Arquitetura Catarinense – Arquitetura Moderna*, digo aqui também que somos todos devedores de soluções emprestadas dos grandes mestres da modernidade, entre eles cito alguns que são eternas referências: Mies van der Rohe, Gordon Bunshaft, Egon Eiermann, Marcel Breuer, Alvar Aalto, Walter Gropius, Paulo Mendes da Rocha, Louis Kahn, Richard Neutra, Le Corbusier, Hans Broos, Helio Piñón, Mário Roberto Álvarez, Vilanova Artigas e tantos outros nomes importantes que contribuíram para o enriquecimento do acervo de obras modernas mundo afora.

Rudivan Cattani



FLORIANÓPOLIS

1. EDIFÍCIO CEISA CENTER

0 0,25 0,5 km



BLUMENAU

1. CIA HERING



CRICIÚMA

1. PREFEITURA MUNICIPAL





JOINVILLE

1. RODOVIÁRIA TERMINAL

0 0,25 0,5 km



CHAPECÓ

1. HOSPITAL REGIONAL DO OESTE

0 0,25 0,5 km

CEISA

EDIFÍCIO CEISA CENTER

ANO	1975-78
PROJETO	Liz Cassol Monteiro Arquitetos Associados (Moysés Liz, Ademar Cassol e Odilon Monteiro)
LOCAL	Av. Pref. Osmar Cunha, 183, Centro, Florianópolis, SC
GESTÃO	Privada
TIPOLOGIA	Comércio/Serviços
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Sem proteção legal

Moysés Liz é natural de Lages, SC, Ademar Cassol de Caxias do Sul, RS, e Odilon Monteiro de Tubarão, SC. Os três arquitetos graduaram-se na Universidade Federal do Rio Grande Sul (UFRGS) em 1959, 1964 e 1967, respectivamente, sob influência da produção de arquitetura moderna em âmbito nacional, e do ensino desta na escola gaúcha naquele momento, onde alguns professores foram grandes nomes do período. A Universidade Federal de Santa Catarina, com sede em Florianópolis, veio a ter o curso de arquitetura somente a partir do ano de 1977, sendo que, até 1981 – ano da primeira turma –, os arquitetos se formavam fora do estado. Devido a questões de ordem familiar ou profissional, e com uma demanda crescente na ilha de Santa Catarina, o trio foi migrando de Porto Alegre para a cidade à medida que cada um ia finalizando o curso.

Os arquitetos trabalharam individualmente, em parceria com outros arquitetos, e também para órgãos públicos. A sociedade entre o trio foi formando-se por demanda de trabalho. Num primeiro momento, Moysés Liz convidou Ademar Cassol para compor

a sociedade. Logo depois uniu-se a dupla o arquiteto Odilon Monteiro, criando assim, a Liz Cassol Monteiro Arquitetos Associados. Em alguns projetos, como é o caso do Ceisa Center, pela magnitude da empreitada liderada por Liz, os três participaram ativamente do processo. Em outros trabalhos, cada um encabeçou a tarefa individualmente, porém sempre respeitando uma lógica unificadora em comum à produção. E se a demanda novamente exigia, eles se ajudavam. Em outros projetos, aparece a dupla Liz Cassol, às vezes Liz Monteiro. As referências arquitetônicas do trio eram os expoentes nacionais e estrangeiros, com muita solução emprestada que pode ser vista nos seus trabalhos.

A sociedade entre o trio durou menos de uma década, e foi responsável pela concepção, talvez, dos melhores edifícios modernos da equipe. Ademar Cassol foi o primeiro a sair. Depois continuaram juntos, por mais um período de tempo, Moysés Liz e Odilon Monteiro, até que a sociedade se desfez completamente, seguindo, cada um, seu próprio rumo dentro da arquitetura.

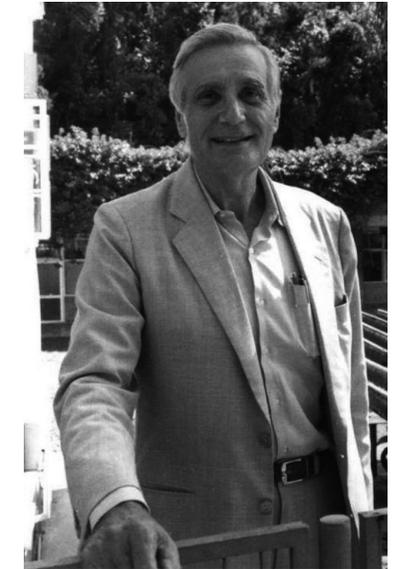


Fotos: Fernando Willadino. Fonte: Wilson, 2022.

CIA. HERING

COMPLEXO ARQUITETÔNICO E URBANÍSTICO DA MATRIZ

ANO	1968-75
PROJETO	Hans Broos
LOCAL	Rua Hermann Hering, 1740, Bom Retiro, Blumenau, SC
GESTÃO	Privada
TIPOLOGIA	Institucional/Industrial
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Sem proteção legal



Fonte: Fundação Hermann Hering, 2017



Hans Broos (1921-2011) nasceu em Gross-Lomnitz (Eslováquia). Formou-se engenheiro-arquiteto em 1948 pela Faculdade Técnica de Braunschweig (Alemanha). Em 1949 mudou-se para Karlsruhe, onde trabalhou com Egon Eiermann, importante nome da arquitetura moderna mundial.

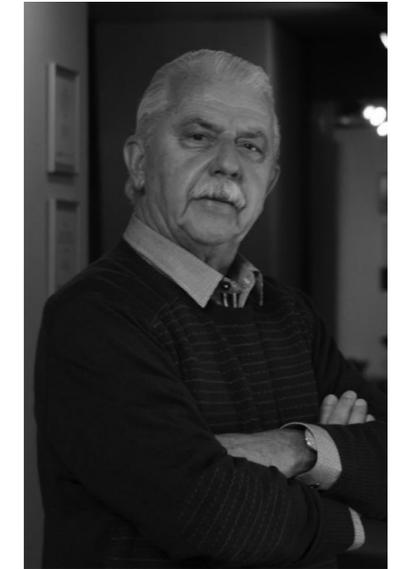
Influenciado pela filosofia da Arquitetura Moderna brasileira, decide migrar para o Brasil em 1953, instalando-se inicialmente em Blumenau/SC, onde desenvolveu com excepcional qualidade uma vasta produção arquitetônica, entre edifícios residenciais, religiosos, hospitalares e industriais. Realiza trabalhos por diversas cidades em Santa Catarina, inserindo na paisagem sua arquitetura moderna e diferenciada para a época, assim como seu pensamento. Na década de 1960 já tem reconhecimento nacional e necessita transferir seu escritório para São

Paulo/SP. Inicia o processo de realização de obras de grande vulto por todo o país, notadamente as obras industriais e religiosas. Nesse período ganha visibilidade internacional e conta com colaboradores muito especiais, como Roberto Burle Marx e Aziz Ab'Saber, entre outros. Na década de 1980 realizou projetos em Pernambuco.

A partir do final da década de 1980 começa a refletir sobre a “cidade para criatividade” e sobre a influência do meio ambiente na sociedade local. É nesse contexto que vai participar ativamente nas discussões sobre o urbanismo da cidade de Blumenau/SC. Broos construiu um olhar singular voltado ao conceito de paisagem, de compreensão da associação entre natureza e cultura, respeitando a história e a subjetividade do ser humano.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CRICIÚMA

ANO	1981
PROJETO LOCAL	Manoel Coelho Rua Domênico Sônego, 542, Santa Bárbara, Criciúma, SC
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Institucional
ESTADO	Ativo
CONSERV. PROTEÇÃO	Sem descaracterizações Protegido legalmente



Fonte: M. Coelho | Arq. & Design, 2023.



O arquiteto Manoel Coelho nasceu em Florianópolis, Santa Catarina, em 1940. Formou-se em 1967, com a primeira turma do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Paraná, onde foi professor titular e coordenador do curso por vários anos.

Participou desde o início do processo de Planejamento Urbano de Curitiba, como estagiário do IP-PUC – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba, depois como arquiteto da equipe técnica e posteriormente como técnico consultor, desenvolveu uma série de projetos para a cidade.

Foi presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil, Departamento do Paraná e ocupou a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano de Curitiba. De 1975 a 1980 coordenou um projeto de Desenvol-

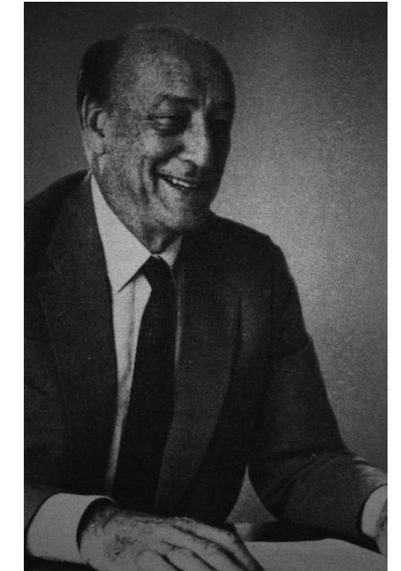
vimento Urbano para a Cidade de Criciúma, Santa Catarina, abrangendo Projeto de Identidade Corporativa, Mobiliário Urbano, Sistema de Circulação, Paço Municipal, Centro Cultural e Centro Esportivo.

Proferiu palestras em várias cidades brasileiras e em alguns países; foi homenageado na 5ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo com Sala Especial e recebeu vários prêmios, destacando-se pelos projetos na 3ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo; Selo de Excelência na 2ª Bienal Brasileira de Design e o Grande Prêmio pelo Conjunto da Obra no XV Congresso de Arquitetos Oscar Niemeyer, em 1997.

RODOVIÁRIA

TERMINAL DE JOINVILLE

ANO	1968
PROJETO	Eng. Rubens Meister
LOCAL	Rua Paraíba, 769, Anita Garibaldi, Joinville, SC
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Equipamentos Públicos
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Sem proteção legal



Fonte: Revista Projeto, 2020.



Rubens Meister nasceu em Botucatu, SP, em 1922, mas residiu sua vida toda em Curitiba. Formou-se engenheiro civil em 1947 na Universidade Federal do Paraná, onde retornou como professor do curso de engenharia e, posteriormente, como um dos fundadores do curso de arquitetura e urbanismo, estabelecido em 1962.

A Rodoviária de Joinville foi projetada em 1968 e serviu também como referência estrutural e composição formal para o projeto da Rodoferroviária de Curitiba, projetada por ele em 1969. Houve, ainda, um estudo anterior (não construído) para esta mesma edificação desenvolvido pelo arquiteto J. M. Monfort e publicado na Revista Acrópole em 1962, resultando na única menção à Joinville em toda sua vigência.

Entre a produção joinvilense de Meister podem ser citados: Cine Colon (1955), vitimado por um incêndio em 1983, Pavilhão da Expoville (1968), Hotel Colon (1963), residência Carlos F.A. Schneider (1965), e o projeto do Teatro Municipal de Joinville (1986), que teve sua obra interrompida ainda no começo e cuja estrutura incompleta recebeu novo uso.

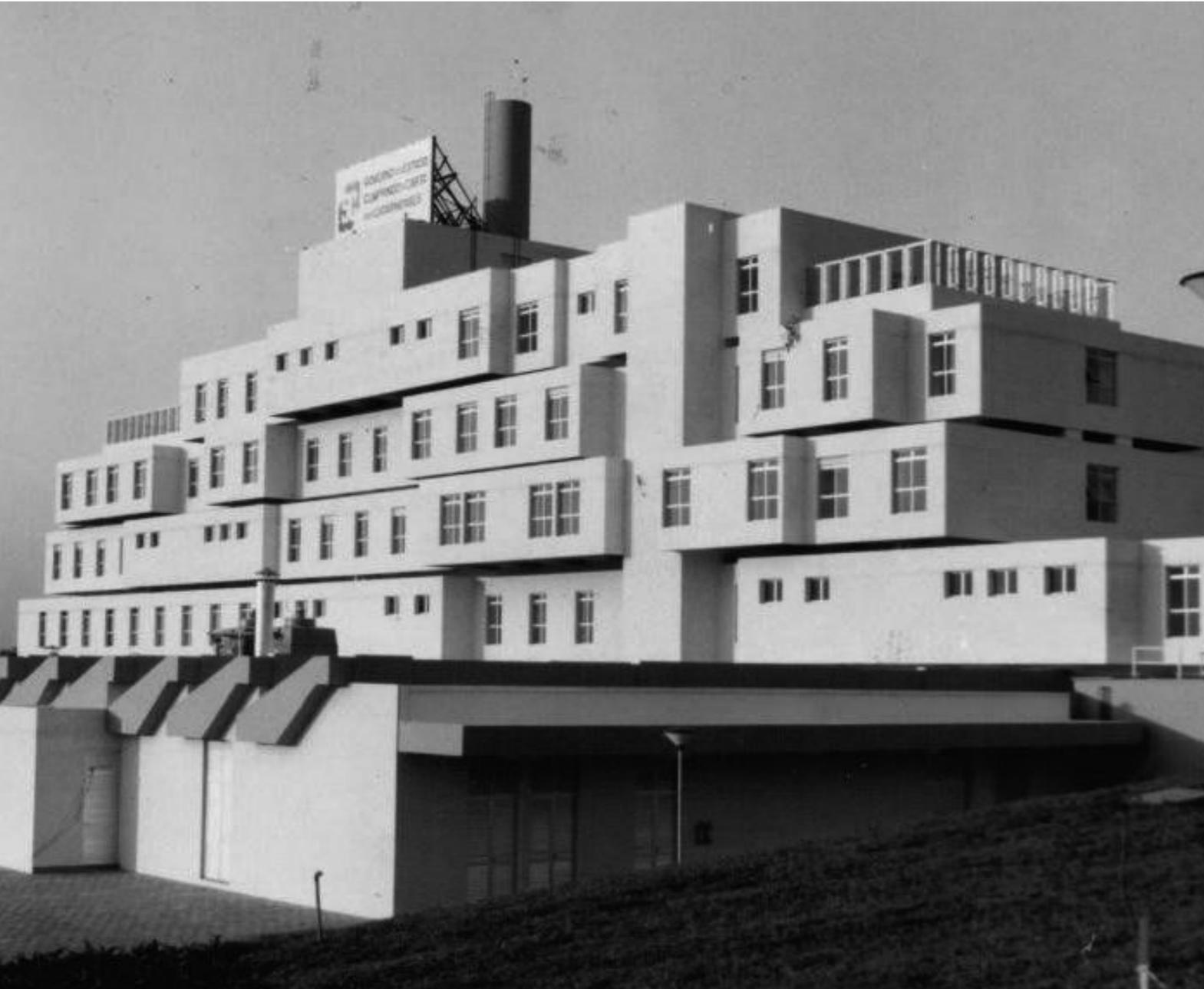
Sua produção catarinense conta com o total de 39 projetos e obras, onde se destacam: Capela Ecu-mênica em Fraiburgo (1984), Igreja Santa Inês em Balneário Camboriú (1967), Edifício Administrativo para a Indústria CISER (1972) e Escritórios-sede Eletromotores WEG S.A. em Jaraguá do Sul (1982).

HOSPITAL REGIONAL DO OESTE

ANO	1979
PROJETO	Irineu Breitman
LOCAL	Rua Florianópolis, 1448, Santa Maria, Chapecó, SC
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Institucional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Sem proteção legal



Fonte: Feevale, 2005.



Breitman havia optado por cursar engenharia, mas acabou tomando gosto pela arquitetura, curso que fez no Instituto de Belas Artes de Porto Alegre, atual Universidade Federal do Rio Grande do Sul, formando-se em 1953. Na faculdade, se interessou pelos trabalhos dos expoentes da arquitetura moderna carioca, sendo possível verificar certas influências em seus projetos de começo de carreira. O arquiteto gaúcho de Cachoeira do Sul, cujo pai (Sioma Breitman) foi um destacado fotógrafo de Porto Alegre, projetou muitos edifícios, acumulando mais de 50 anos de carreira. Mas foi nos projetos de hospitais, com uma notória sensibilidade no assunto, que se tornou referência.

O interesse pela arquitetura hospitalar foi crescendo e foi se transformando em seu principal labor e fonte de pesquisa, sempre buscando aperfeiçoar a complexa funcionalidade hospitalar atrás de benefícios para todos que se utilizam dessas instalações. Breitman era capaz de conceber espaços com generosas entradas de luz através de sheds, um recurso conhecido em projetos industriais e que facilita a iluminação e ventilação das extensas volumetrias horizontalizadas, muito característica dos seus projetos. Por

outro lado, também projetou volumes mais verticais que respondem melhor aos serviços de internação, criando, em alguns casos, este misto de torre-base. Os pavimentos desencontrados e conectados por meias-rampas, numa clara alusão aos trabalhos de Vilanova Artigas, foi outro artifício utilizado por Breitman. Isso diminui o volume e espaço necessário para uma rampa, contempla diferenças de níveis do terreno e ainda encurta distâncias.

Em Santa Catarina, Breitman deu o tom à arquitetura hospitalar na década de 1970. Ele projetou algumas das principais instituições do estado, como é o caso do Hospital Joana de Gusmão, em Florianópolis, o Hospital Regional de São José, na grande Florianópolis, o Hospital Regional do Oeste, em Chapecó, e o Hospital Regional Dr. Hans Dieter Schmidt, em Joinville. O arquiteto também trabalhou em parceria com outros profissionais especialistas em hospitais e participou de eventos na área da saúde. Foi premiado em algumas ocasiões, tornou-se professor de projeto do curso de arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e foi presidente do IAB-RS em duas ocasiões.

BIBLIOGRAFIA

Arquivo Histórico de Joinville

AULA inaugural de Arquitetura trouxe Irineu Breitman. Universidade Feevale, 2005. Disponível em: <<https://aplicweb.feevale.br/site/hotsite/default.asp?intMenu=3&intIdHotSite=50&intIdSecao=2578&intIdConteudo=15572&intIdPai=15572>>. Acesso em: 2 de outubro de 2023.

BATISTA, F. D. *Rubens Meister: Casa da Arquitetura de Curitiba*, 2023. Disponível em: <<https://cac.arq.br/arquitetos/rubens-meister>>. Acesso em: 2 de outubro de 2023.

CARVALHO, D. A.; BATISTA, F. D.; CHIESA, P. *Rubens Meister: projeto e obra*. Curitiba: Grifo, 2019.

Decreto SG/Nº530/11, de 1º de agosto de 2011 assinado pelo Sr. Prefeito Clésio Salvaro, ficou homologada o tombamento das fachadas da edificação da Prefeitura Municipal de Criciúma, bem como seu entorno.

[DOCUMENTÁRIO] Sobre a vida de Hans Broos. Fundação Hermann Hering, 2017. Disponível em: <<https://fundacaohermannhering.org.br/new/fundacao/-documentario-sobre-a-vida-de-hans-broos>>. Acesso em: 2 de outubro de 2023.

GALANI, L. 100 anos de Rubens Meister, o arquiteto dos ícones modernos do Paraná. *Gazeta do Povo*, 2022. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/haus/arquitetura/100-anos-de-rubens-meister-o-arquiteto-dos-icone-modernos-do-parana/>>. Acesso em: 2 de outubro de 2023.

MANOEL, C. Manoel Coelho | Arquitetura & Design, 2023. Disponível em: <<http://www.mcacoelho.com.br/manoel-coelho/>>. Acesso em: 2 de outubro de 2023.

PACHECO, P. *A arquitetura do grupo do Paraná 1957-1980*. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

PROJETO HANS BROOS. *Hans Broos*. Florianópolis. 11 ago. 2021. Instagram: @projetohansbroos. Disponível em https://www.instagram.com/p/CRkZ8zYhX3P/?img_index=1. Acesso em: 22 ago. 2023

REDAÇÃO. Prefeitura de Criciúma suspende atendimentos e serviços no Paço Municipal. Portal Mais Sul, 2022. Disponível em: <<https://maissul.com.br/2022/03/14/prefeitura-de-criciuma-suspende-atendimentos-e-servicos-no-paco-municipal/>>. Acesso em: 2 de outubro de 2023.

SEGAWA, H. *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

SILVA, F. Após 58 anos, Hotel Colon encerra atividades em Joinville; saiba o que será feito no local. *O Município Joinville*, 2022. Disponível em: <<https://omunicipiojoinville.com/apos-58-anos-hotel-colon-encerra-atividades-em-joinville-saiba-o-que-sera-feito-no-local/>>. Acesso em: 2 de outubro de 2023.

VICENTE, E. R. da S. *Irineu Breitman*. IPH, 2018. Disponível em: <<https://iph.org.br/acervo/biografia-irineu-breitman>>. Acesso em: 2 de outubro de 2023.

_____. A arquitetura de hospitais de Irineu Breitman. IPH, 2018. Disponível em: <<https://www.iph.org.br/revista-iph/materia/a-arquitetura-de-hospitais-de-irineu-breitman>>. Acesso em: 2 de outubro de 2023.

WILSON, L. *Grandes nomes da arquitetura catarinense* [recurso eletrônico]: arquitetura moderna / Letícia Wilson, AsBEA-SC. – Florianópolis: Santa Editora, 2022.

ZEIN, R. V. Rubens Meister - Pioneiro da Arquitetura Moderna no Paraná. *Revista Projeto*, 2020.

Livro em desenvolvimento sobre a obra do escritório Liz Cassol Monteiro Arquitetos Associados. Autores: Rudivan Luiz Cattani e Leonardo Bertoldi Borges.

RIO GRANDE DO SUL

SÉRGIO MOACIR MARQUES

Doutor em Teoria, História e Crítica da Arquitetura | UFRGS / ETSAB UPC
Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul | UFRGS
sergio.marques@ufrgs.br

“A arquitetura moderna brasileira no Sul, com mais parcimônia, se manteve constricta a certa austeridade...”

SÉRGIO MOACIR MARQUES

Com a criação da Faculdade de Arquitetura da UFRGS e o IAB/RS, e logo a seguir, a criação da carreira de arquiteto e urbanista no poder público, principalmente na Divisão de Urbanismo da Secretaria de Obras de Porto Alegre (para a realização do Plano Paiva)¹, a Arquitetura e Urbanismo Moderno aflorou no Sul, e com ela certa maneira de fazer cidade e projetos.

As gerações de arquitetos formadas nos anos 1940 e 1950 no Estado do Rio Grande do Sul – ou seja, a segunda e/ou terceira geração de arquitetos e urbanistas atuantes no estado, sucedendo os estrangeiros que para cá convergiram desde o final do século XIX, e os primeiros arquitetos formados no Brasil, a partir da ENBA/RJ – formaram-se pessoal e profissionalmente em contexto e época em que a demanda pelo fazer protagonizava.

A formação, o ambiente acadêmico e profissional estavam substancialmente focados no ofício, no treinamento e condicionamento do arquiteto e urbanista em exercer sua disciplina, praticá-la em condições concretas, seja na iniciativa privada, seja no poder público, em todas as escalas, através de escritórios

privados ou escritórios espalhados pelas secretarias e divisões das instituições públicas. O que significava fazer Arquitetura e Urbanismo Moderno. Para os profissionais desta safra, a arquitetura e urbanismo modernos eram a resposta que fazia sentido aos anseios, demandas e desejos da sociedade como um todo.

Portanto, o ingresso na preparação e saber da disciplina, significava aderir a certa maneira de pensar, sistema de projetar, parâmetros espaciais, técnicos e sentido formal do Movimento Moderno que, de alguma maneira, preenchiam também o status quo desejado por lideranças políticas e empreendedores. Era, portanto, um movimento cultural que, de certa forma, envolvia os setores sociais e econômicos representativos, dentro do qual a manifestação artística prosperava.

O Sul do Brasil e a região meridional da América Latina, pelas suas peculiaridades, acentuaram o sentido recorrente desta produção. Por razões idiosincráticas, no Rio Grande do Sul, sem a carga simbólica, de representação institucional, da capital federal localizada no Rio de Janeiro e a pressurização

econômica da capital industrial do país, localizada em São Paulo, as ações arquitetônicas e urbanísticas aproximaram-se mais do ordinário e do tecido, como normalmente ocorre em contextos provincianos.

A disseminação da arquitetura e urbanismo moderno, não só entre arquitetos, mas também entre construtores e opinião pública, partia da ideia de certa ordem formal associada à solução dos problemas de programa e construção, dentro de importante senso comum.

De um lado, os encargos, públicos e privados, de certa maneira condicionados por escala mais doméstica, proporcionada a um número maior de escritórios de menor envergadura. Por outro, assim como no Uruguai e na Argentina, o comedimento formal decorrente tanto de condições climáticas quanto da conjuntura cultural significou certa reserva em relação às inquietações formalistas, oriundas da arquitetura nativista da capital.

Também a limitação econômica da província significava uma restrição importante de investidores e

extrato social capazes de financiar projetos de maior ambição construtiva e formal, como no caso de São Paulo.

Assim, a arquitetura moderna brasileira no Sul, com mais parcimônia, se manteve constricta a certa austeridade, ainda que sutil, cuja homogeneidade, principalmente em termos de escala e constituição de tecidos urbanos, se faz notar distinta do centro do país e aparentada com os vizinhos platinos. Neste sentido, das relações meridionais latino americanas, historicamente, como diz o Comas “Rio Grande do Sul é centro”.

Igualmente, a incorporação de critérios do Movimento Moderno na prática corrente do urbanismo e sua aplicação na gestão urbana acabaram por condicionar a evolução de princípios estruturadores da cidade e organização urbana, que apresentam, a um olhar atento, sentido de organicidade ao funcionamento como um todo, assim como maior homogeneidade nas partes e arranjos urbanos modernos notáveis, em comparação com outras capitais do país, o que também significa maior qualidade média.

As obras selecionadas aqui, se encontram em Porto Alegre, objetivando representar estas relações de identidade regional da Arquitetura Moderna Brasileira, tanto pelo lado de sua austeridade formal, quanto pelo de sua relação amigável com a cidade.

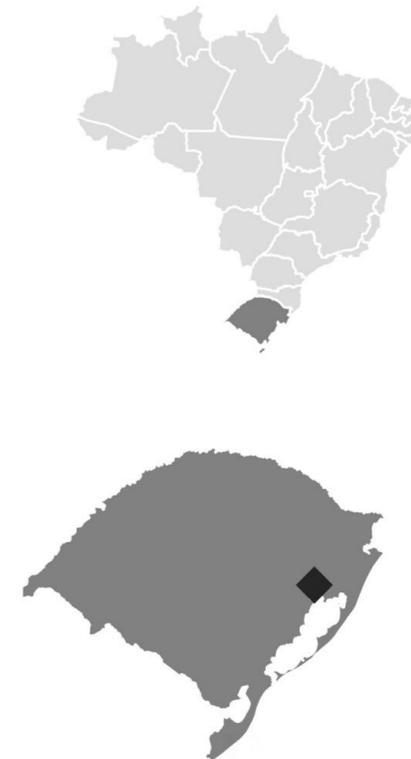
Palácio da Justiça dá conta destas relações na representação de obra pública, objeto de concurso de projetos, com importante carga simbólica, em espaço urbano histórico e monumental. *Edifício FAM*, de peça modular repetitiva, fruto de diretriz urbana para o “Bairro de duzentos mil habitantes”, proposto pelo Plano Paiva na área conquistada ao rio. *CRT*, arranha céu resultante dos processos de verticalização dos centros históricos norte e sul americanos, regulado pelo Plano Paiva em elegante relação com o Centro Histórico da capital.

CEASA e *Hipódromo do Cristal*, com participações diretas de uruguaios nos projetos, marcam extremidades ao norte e a sul da capital, igualmente por ação urbanística: o primeiro articulado ao sistema modal de conexão da cidade com o restante do país e vizinhos estrangeiros, o segundo, ocupando também área conquistada ao rio, permutada pela área

original do Jockey, para criação do Parque Moinhos de Ventos.

Edificações projetadas por arquitetos e urbanistas que se revezavam e se associavam no ensino da arquitetura, nas entidades de classe, nos escritórios e nos órgãos públicos, com pleno domínio dos processos de concepção espacial, em qualquer escala, e de certa maneira de fazer Arquitetura Moderna Brasileira no Sul.

Sérgio Moacir Marques



PORTO ALEGRE

1. TRIBUNAS DO JOCKEY CLUB
2. PALÁCIO DA JUSTIÇA
3. ED. SEDE CRT
4. ED. FAM
5. CEASA

0 1 2 km



JOCKEY

TRIBUNAS DO JOCKEY CLUB DO RIO GRANDE DO SUL

ANO	1952
PROJETO	Román Fresnedo Siri
LOCAL	Av. Diário de Notícias, 750, Cristal, Porto Alegre, RS
GESTÃO	Privada
TIPOLOGIA	Esportiva
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização parcial
PROTEÇÃO	Protegido legalmente



Fonte: Acervo fadu.edu, 2023.

Román Fresnedo Siri nasceu em fevereiro de 1903 em Salto, Uruguai. Concluiu curso de agrimensor em Assunção, Paraguai, em 1920. Em 1923 ingressou na Facultad de Arquitectura da UDELAR, em Montevideo. Titulou-se arquiteto, em 1930 e recebeu, no mesmo ano, medalha de ouro no Salón de Arquitectura.

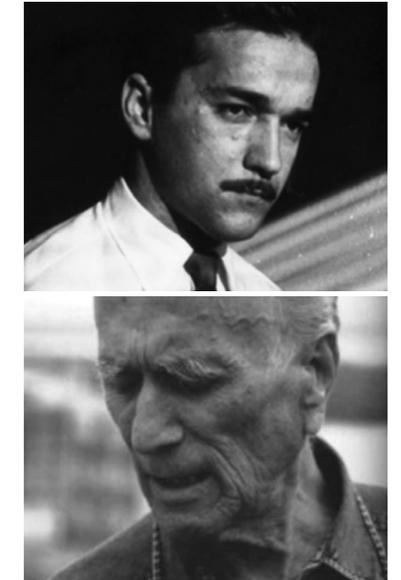
Na mesma instituição, foi professor da Cátedra de Projetos de Arquitectura, de 1938 a 1943 e da Facultad de Agronomía, de 1954 a 1958. Realizou projetos em Montevideo, Porto Alegre, São Paulo, Brasília, Washington e Nova York, ganhando vários concursos e premiações, entre eles o primeiro prêmio para os concursos Tribuna Hipódromo de Maroñas, em 1938, e a Facultad de Arquitectura da UDELAR, no mesmo ano, ambos em Montevideo.

Ganhou também o primeiro prêmio para os concursos internacionais Vila Hípica e Hipódromo de Porto Alegre, em 1951 e a Sede da Organização Pan-americana da Saúde, em Washington DC, Estados Unidos, em 1961. Foi premiado no concurso Organic Design in home Furnishings, organizado pelo MoMA de Nova York em 1940. Faleceu em 1975, em Montevideo.

PALÁCIO DA JUSTIÇA

PORTO ALEGRE

ANO	1953-1968
PROJETO	Luís Fernando Corona e Carlos Maximiliano Fayet
LOCAL	Praça Marechal Deodoro, 55. Centro Histórico, Porto Alegre, RS
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Institucional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Sem descaracterizações
PROTEÇÃO	Protegido legalmente



L. Corona e C. Fayet
Fonte: Acervo PROPAR/UFRGS

Luís Fernando Corona nasceu em Porto Alegre/RS, em 1925. Formou-se na segunda turma do Curso de Arquitetura do IBA/RS, em 1950 e em Urbanismo na FA/UFRGS, em 1955. Foi professor no IBA/RS e na FA/UFRGS de 1958 a 1969 quando foi exonerado pela ditadura militar. Arquiteto talentoso, reconhecido por seus colegas e professores, de notória virtuosidade, projetava habilmente, com padrões formais vigentes adotados da Arquitetura Moderna Brasileira. Faleceu prematuramente em Porto Alegre/RS, em 1977.

Carlos Maximiliano Fayet nasceu em 1930, em Parajú, distrito de Domingos Martins, Espírito Santo. cursou Belas Artes no IBA/RS e formou-se em Arquitetura na FA/UFRGS, em 1953. Foi arquiteto e urbanista da Divisão de Urbanismo da Prefeitura Municipal de Porto Alegre entre 1955 e 1963. No

meio acadêmico, foi professor da FA/UFRGS, de 1958 a 1964 e do IBA/UFRGS, de 1965 a 1969, Nas atividades de classe, presidente da ABEA/DN, de 1984 a 1989, do IAB/RS, de 1984 a 1987 e do IAB/DN, de 1998 a 2000. Autor de diversas obras representativas da Arquitetura Moderna Brasileira. Faleceu em Porto Alegre/RS, em 2007.



EDIFÍCIO SEDE CRT

COMPANHIA RIO-GRANDENSE DE TELECOMUNICAÇÕES

ANO	1964
PROJETO	Emil Achutti Bered, Luís Fernando Corona e Roberto Félix Veronese
LOCAL	Av. Senador Salgado Filho, 49. Centro Histórico, Porto Alegre, RS.
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Institucional
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização Parcial
PROTEÇÃO	Protegido legalmente



E. Bered, L. Corona e R. Veronese
Fonte: Acervos familiares, S/D.

Emil Achutti Bered nasceu em 1926, em Santa Maria/RS. cursou Arquitetura no IBA/RS e formou-se em 1949, na 1ª turma de arquitetos. No meio acadêmico, foi professor da FA/UFRGS, de 1952 a 1984. Nas atividades de classe, foi presidente do IAB/RS, de 1955 a 1959 e membro da diretoria do IAB/DN de 1968 a 1969. Autor de inúmeras obras representativas da Arquitetura Moderna Brasileira no Sul, Emil é uma referência para diversas gerações de arquitetos e urbanistas no Rio Grande do Sul.

Luís Fernando Corona nasceu em Porto Alegre/RS, em 1925. Formou-se na segunda turma do Curso de Arquitetura do IBA/RS, em 1950 e em Urbanismo na FA/UFRGS, em 1955. Foi professor no IBA/RS e na FA/UFRGS, de 1958 a 1969, quando foi exonerado pela ditadura militar. Arquiteto talentoso, reconhecido por seus colegas e professores, de notória

virtuosidade, projetava habilmente, com padrões formais vigentes adotados da Arquitetura Moderna Brasileira. Faleceu prematuramente em Porto Alegre/RS, em 1977.

Roberto Félix Veronese nasceu em Caxias do Sul-RS, em 1926. cursou Arquitetura no IBA/RS e formou-se em 1949, na 1ª turma de arquitetos. Foi professor da FA/UFRGS de 1954 a 1984. Nas atividades de classe foi presidente do IAB/RS, na gestão 1953 a 1954. Integrou a equipe do Plano Diretor de Porto Alegre, "Plano Paiva", de 1955 a 1958 e do Gabinete de Administração do Planejamento – GAPLAN do Estado do Rio Grande do Sul, de 1959 a 1962. Faleceu em Salvador/BA, em 1991.

EDIFÍCIO FAM

ANO	1964-1968
PROJETO	Carlos Maximiliano Fayet, Cláudio Luiz Araújo e Moacyr Moojen Marques
LOCAL	Rua Dr. Vicente de Paula Dutra, 225, Praia de Belas, Porto Alegre, RS.
GESTÃO	Privada
TIPOLOGIA	Residencial Multifamiliar
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Sem descaracterizações
PROTEÇÃO	Sem proteção legal



C. Fayet; C. Araújo e M. Moojen
Fonte: Cesar Wagner; Sergio Marques

Carlos Maximiliano Fayet nasceu em 1930, em Parajú, distrito de Domingos Martins, Espírito Santo. cursou Belas Artes no IBA/RS e formou-se em Arquitetura na FA/UFRGS, em 1953. Foi arquiteto e urbanista da Divisão de Urbanismo da Prefeitura Municipal de Porto Alegre entre 1955 e 1963. No meio acadêmico, foi professor da FA/UFRGS, de 1958 a 1964 e do IBA/UFRGS, de 1965 a 1969. Nas atividades de classe, foi presidente da ABEA/DN, de 1984 a 1989, do IAB/RS, de 1984 a 1987 e do IAB/DN, de 1998 a 2000. Autor de diversas obras representativas da Arquitetura Moderna Brasileira no Sul. Faleceu em Porto Alegre/RS, em 2007.

Cláudio Luiz Gomes de Araújo nasceu em Pelotas/RS, em 1931. Ingressou no Curso de Arquitetura da Escola de Engenharia da UFRGS e formou-se na FA/UFRGS, em 1955. Foi professor da FA/UFRGS, de 1959 a 1968, e professor titular da FAU/Uniritter,

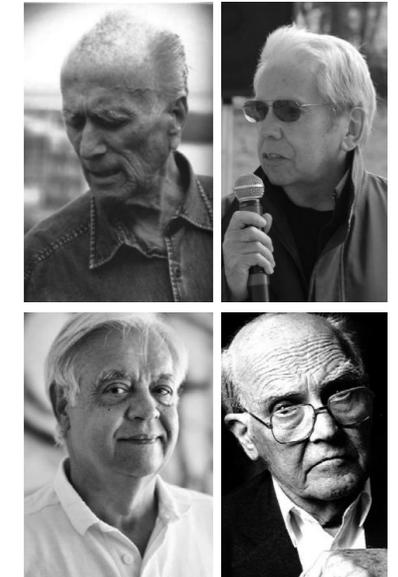
de 1990 a 2009 onde foi coordenador do Núcleo de Projetos. Nas atividades de classe, destaca-se a presidência do IAB/RS, de 1966 a 1967. Autor de diversas obras representativas da Arquitetura Moderna Brasileira no Sul. Faleceu em Porto Alegre/RS, em 2016.

Moacyr Moojen Marques nasceu em 1930, em Lagoa Vermelha/RS. Formou-se em Arquitetura em 1954 e em Urbanismo em 1960, na FAU/UFRGS. Foi arquiteto e urbanista da Divisão de Urbanismo da Prefeitura Municipal de Porto Alegre entre 1958 e 1987, tendo sido Gerente de Projetos Urbanos e Supervisor de Planejamento Urbano da Secretaria de Planejamento. No meio acadêmico, foi professor da FA/UFRGS, de 1958 a 1968. Autor de diversas obras representativas da Arquitetura Moderna Brasileira no Sul. Faleceu em Porto Alegre/RS, em 2019.

CEASA

CENTRAL DE ABASTECIMENTO DE PORTO ALEGRE

ANO	1970
PROJETO	Carlos M. Fayet, Cláudio L. Gomes de Araújo, Carlos E. Dias Comas, Luis A. Gaudenzi + Eládio Dieste & Eugênio Montañez (Estruturas)
LOCAL	Av. Fernando Ferrari, 1001. Bairro Anchieta, Porto Alegre, RS
GESTÃO	Pública
TIPOLOGIA	Comércio/Serviços
ESTADO	Ativo
CONSERV.	Descaracterização Parcial
PROTEÇÃO	Protegido legalmente



C. Fayet; C. Araújo; C. Comas; E. Dieste
Fonte: Cesar Wagner; Sergio Marques



Carlos Maximiliano Fayet nasceu em 1930, em Parajú/ES. cursou Belas Artes no IBA/RS e formou-se em Arquitetura na FA/UFRGS, em 1953. Foi arquiteto e urbanista da Divisão de Urbanismo da Prefeitura Municipal de Porto Alegre entre 1955 e 1963. Foi professor da FA/UFRGS, de 1958 a 1964 e do IBA/UFRGS, de 1965 a 1969. Foi presidente da ABEA/DN, de 1984 a 1989, do IAB/RS, de 1984 a 1987 e do IAB/DN, de 1998 a 2000. Faleceu em Porto Alegre/RS, em 2007.

Cláudio Luiz Gomes Araújo nasceu em Pelotas/RS, em 1931. Ingressou no Curso de Arquitetura da Escola de Engenharia da UFRGS e formou-se na FA/UFRGS, em 1955. Foi professor da FA/UFRGS, de 1959 a 1968, e professor titular da FAU/Uniritter, de 1990 a 2009 onde foi coordenador do Núcleo de Projetos. Foi presidente do IAB/RS, de 1966 a 1967. Faleceu em Porto Alegre/RS, em 2016.

Carlos Eduardo Dias Comas nasceu em Livramento/RS. Formou-se na FA/UFRGS, em 1966. Mestre pela University of Pennsylvania, em 1977 e Doutor pela Université de Paris VIII, em 2002. Professor titular da FA/UFRGS de 1975 a 2013. Professor Emérito, em 2023, atualmente é professor do PROPARG/UFRGS, onde foi coordenador de 2005 a 2008. Coordenador do DOCOMOMO Núcleo RS em várias gestões e coordenador do DOCOMOMO Brasil de 2008 a 2011.

Eládio Dieste nasceu em Artigas, Uruguai, em 1917. Formou-se em Engenharia na UDELAR em 1943. Professor ad honorem no Uruguai e na Argentina e Doutor Honoris Causa pela UDELAR. Foi premiado internacionalmente em diversas oportunidades com obras construídas pela empresa Dieste & Montañez, em diversos países. Faleceu em Montevideo, em 2000.

NOTA

¹ Plano Diretor de Porto Alegre – Lei nº 2.046, de 1959, substituída pela Lei nº 2.330, de 1961. Ver: PORTO ALEGRE. Plano Diretor de Porto Alegre, Lei n. 2.330 de 1961. Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Porto Alegre, 1961.

BIBLIOGRAFIA

ABREU FILHO, S. Vertigem das alturas. In: FIORE, R. H. (Org.). *Modernização e verticalização da área central de Porto Alegre*. 1ed. Porto Alegre: Marcavizual, p. 236-269, 2016.

_____. Emil Bered, arquiteto: pesquisa e documentação da arquitetura moderna porto-alegrense. *6º Seminário Ibero Americano Arquitetura e Documentação*, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

_____. Um novo norte para Porto Alegre: o bairro industrial-operário de Ubatuba de Faria na contribuição ao estudo da urbanização de Porto Alegre de 1936. In: ABREU FILHO, S. B. de; FIORE, R. H. (org.). *Porto Alegre de papel: muro e cais 1910-2005*. Porto Alegre: PROPARG/UFGRS, 2006.

_____. Vertigem das alturas. In: FIORE, Renato Holmer (org.). *Modernização e verticalização da área central de Porto Alegre*. Porto Alegre: Marcavizual, cap. 8, p. 236-269, 2016.

ABREU FILHO, S.; BUENO, M. Ainda o mais alto: o edifício Santa Cruz e a verticalização de Porto Alegre. In: FIORE, R. H. (org.). *Modernização e verticalização da área central de Porto Alegre*. Porto Alegre: Marcavizual, p. 339-360, 2016.

ABREU FILHO, S.; LUCCAS, L. A falta que ela nos faz: reflexões sobre a perda da arquitetura moderna em Porto Alegre. *Arqtexto*, Porto Alegre, n. 3/4, p. 174-177, 2003.

_____. A falta que ela nos faz. Reflexões sobre a perda da arquitetura moderna em Porto Alegre. *ARQTEXTO* (UFGRS), Porto Alegre, v. 3-4, p. 174-177, 2003.

ABREU FILHO, S.; PEREIRA, C. (org.). *Porto Alegre de papel: avenida e praça 1910-1980* [recurso eletrônico]. Porto Alegre: PROPARG/UFGRS, 2006. 1 CD-ROM.

_____. *Porto Alegre de papel: avenida e praça (1910-1980)*. Porto Alegre: PROPARG/UFGRS, v. 1, 2006.

ABREU, S.; FAGUNDES, A.; OLIVEIRA, M. Emil Bered: Documentação da Arquitetura Moderna porto-alegrense. In: *13º Seminário Docomo-*

mo Brasil. Salvador: Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, 2019.

ACERVO Arquitetura Contemporânea no Rio Grande do Sul: Monitoramento e Acervo – Arquitetura de Concursos. Disponível em : <https://www.ufrgs.br/araqconcursosrs/>. Acesso em 25 set. 2023.

ACERVO Arquitetura Moderna e Contemporânea Brasileira no Sul – PROPARG/UFGRS. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/araqmodcontbrsul/>. Acesso em 15 set 2023.

ACERVO FAM/PROPARG: Acervo Fotográfico e Documental.

ALBERTI, M.; CESIO, L.; MAZZINI, A. Román Fresnedo Siri. *Montevideú*: Instituto de Historia de la Arquitectura de la Facultad de Arquitectura de La Universidad de la Republica, 2013.

ALMEIDA, G.; ALMEIDA, J. G. de; BUENO, M. *Guia de arquitetura moderna em Porto Alegre*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 95 p., 2010.

_____. *Guia de arquitetura moderna em Porto Alegre*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 95 p., 2010.

ANELLI, R. *Architettura Contemporanea Brasile*. Milão: Motta Architettura, 2008.

ARQTEXTO. Porto Alegre: PROPARG/UFGRS, n. 0, 2000. Mensal. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/proparg/araqtexto/index.htm>. Acesso em: 05 set. 2022.

ARQUITETURA gaúcha, um panorama e algumas reflexões. *Projeto*, São Paulo, n. 50, p. 31-87, abr. 1983.

AS RAÍZES da arquitetura gaúcha e a posição do arquiteto na sociedade. *Projeto*, São Paulo, n. 50, p. 36-39, abr. 1983.

BASTOS, M. A.; ZEIN, R. *Brasil: arquiteturas após 1950*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BERNARDES, D. *Jaguaribe e Esplanada*: o edifício de apartamentos modernista e um novo paradigma habitacional em porto alegre. 216 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

BOHRER, G. *CEASA/RS: espaço e lugar na arquitetura e urbanismo modernos*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pes-

quisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

BORONA, J. Y.; RISSO, M. R. *Roman Fresnedo Siri um Arquitecto Uruguayo*. Montevideú: Universidad de la Republica, 1990.

CALOVI PEREIRA, C. Modernidades alternativas nas fronteiras do Brasil: a obra de Luís Fernando Corona. In: GNOATO, S.; MAGALHÃES, L. H. (Orgs.). *Arquitetura moderna em cidades de porte médio: 1940-70*. 1º ed. Londrina/PR: Editora Unifil, p. 37-51, 2012.

CALOVI PEREIRA, C.; SZEKUT, A. Arte e arquitetura moderna na obra de Luís Fernando Corona em Porto Alegre. In: SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL, 8., 2009, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: Docomomo Brasil, 18 p., 2009.

CALOVI PEREIRA, C.; ALVAREZ, C.; FABRÍCIO, L. *Um palácio para a justiça: as sedes do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul*. 1º ed. Porto Alegre/RS: Tribunal de Justiça-RS / PROPARG/UFGRS, v. 1, 296p., 2013.

CANEZ, A. *Fernando Corona e os caminhos da arquitetura moderna em Porto Alegre*. 1. ed. Porto Alegre: Unidade Editorial Porto Alegre/Faculdades Integradas do Instituto Ritter dos Reis, v. 1200, 209p., 1998.

CANEZ, A. et al. *Acervos Azevedo Moura e Gertum e João Alberto: imagem e construção da modernidade em porto alegre*. Porto Alegre: Ed. UniRitter, 192 p., 2004.

CANEZ, A.; COMAS, C.; BOHER, G. *Arquiteturas cisplatinas: Roman Fresnedo Siri e Eladio Dieste em Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. UniRitter, 191 p., 2004.

CIDADE Universitária. *Espaço Arquitetura*, n. 2, ano 1, Porto Alegre, 1959.

COMAS, C. *Arquitetura gaúcha: história de família, história de uma escola*. São Paulo: Vitruvius, 2016.

_____. Prefácio. In: MARQUES, Sérgio Moacir. FAM. Porto Alegre: ADFAUFA, p. 23-25, 2016.

COMAS, C.; MARQUES, S. (org.). *A segunda idade do vidro: transparência e sombra na arquitetura moderna do Cone Sul Americano – 1930/1970*. (*Cadernos de arquitetura Ritter dos Reis*, 5). Porto Alegre: Ed. UniRitter, 308 p., 2007.

COMAS, C.; PEIXOTO, M.; MARQUES, S. (org.). *O moderno já passado o passado no moderno: reciclagem, requalificação, rearqui-*

tetura. (*Cadernos de arquitetura Ritter dos Reis*, 6). Porto Alegre: Ed. UniRitter, 426 p., 2009.

_____. *Concreto: plasticidade e industrialização na arquitetura do cone sul-americano 1930/70*. (*Cadernos de Arquitetura Ritter dos Reis*, v. 7). Porto Alegre: Ed. UniRitter, 314 p., 2010.

_____. *Madeira: primitivismo e tecnologia na arquitetura do Cone Sul-Americano 1930-1970*. (*Cadernos de arquitetura Ritter dos Reis*, 8). Porto Alegre: Ed. UniRitter, 330 p., 2016.

COMAS, C.; PIÑON PALLARES, H. *Inventário da arquitetura moderna em Porto Alegre 1945/65*. Porto Alegre: Marcavizual, 159 p., 2013.

DIRECCIÓN General de Arquitectura y Vivienda (Org.). *Eladio Dieste 1943 – 1996: métodos de cálculo*. Sevilla: Consejería de Obras Públicas y Transportes, 1996.

FIGUEREDO, L.; FINOTTI, L. *Brasil Urbano*. São Paulo: ed. Santos – editora Brasileira de Arte e Cultura, 2020.

FIORE, R. (org.). *Modernização e verticalização da área central de Porto Alegre*. Porto Alegre: Marcavizual, 367 p., 2016.

FISCHMANN, D. *Casa moderna, brasileira, gaúcha: residências unifamiliares em Porto Alegre, 1949-1970*. In: SEMINÁRIO DOCOMO-MOMO BRASIL, 14., 2021, Belém. *Anais [...]*. Belém: : Universidade Federal do Pará, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, 24 p., 2021.

_____. *Modernas e gaúchas: residências unifamiliares em Porto Alegre 1949-1970*. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.

FITZ, L. *A obra de Eladio Dieste*. 263 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

LEÃO, S.; FUÃO, F.; FROTA, J. (Orgs.). *Arqtexto*, n. zero, Porto Alegre, FA/UFGRS, 2000.

LICHT, F.; CAFRUNI, S. (org.). *Arquitetura UFGRS: 50 anos de histórias*. Porto Alegre: Ed. UFGRS, 247 p., 2002.

LUCCAS, L. *A arquitetura de linhagem brutalista em Porto Alegre nos anos 60/70*. *Cadernos Proarq*, Rio de Janeiro, n. 24, p. 123-142, jul. 2015.

_____. A escola carioca e a arquitetura moderna em Porto Alegre. *Arquitextos*, São Paulo, n. 73, jun. 2006.

_____. *Arquitetura moderna brasileira em Porto Alegre: sob o mito do "gênio artístico nacional"*. 309 f. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

_____. *Arquitetura moderna e verticalização em Porto Alegre: a influência corbusiana dos anos 1950*. In: FIORE, R. H. (Org.). *Modernização e verticalização da área central de Porto Alegre*. 1 ed. Porto Alegre: Marcavisual, p. 270-303, 2016.

_____. *Arquitetura moderna em Porto Alegre (parte I): antecedentes e a linhagem Corbusiana dos anos 50*. *ArchDaily Brasil*, 2016.

_____. *Arquitetura moderna em Porto Alegre (parte II): entre o estilo internacional e o padrão brutalista nos anos 60/70: entre o estilo internacional e o padrão brutalista nos anos 60/70*. *ArchDaily Brasil*, 2016.

_____. O Sul por testemunha: declínio da hegemonia corbusiano-carioca e ascensão da dissidência paulista na arquitetura brasileira anos 50. *Pós*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP, São Paulo, n. 27, p. 46-65, jun. 2010.

MACEDO, F. *Porto Alegre: história e vida da cidade*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 241 p., 1973.

MACHADO, A. *Dois palácios e uma praça: a inserção do Palácio da Justiça e do Palácio Farrroupilha na Praça da Matriz em Porto Alegre*. 304 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Curso de Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

MAHFUZ, E. *Casa de Ipanema*. Casas Internacional, Argentina, n. 58, p. 14-17, 1998.

MARQUES S. M.; VIEIRA C.; STRÖHER, E. *Emil Bered Arquiteto*. Porto Alegre: marcavisual, 2022.

MARQUES, J. C. *História de uma via: o advento da arquitetura moderna e a configuração da Av. Senador Salgado Filho Porto Alegre 1940-1970*. 277 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Curso de Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

MARQUES, M. M. *Porto Alegre, su proyecto y otras consideraciones*. In: MARQUES, S. M. (org.). *Elarqa, Montevideo*, n. 33, p. 18-31, fev. 2000.

MARQUES, M. M et al. Patrimônio e cidadania. *AU: arquitetura e urbanismo*, São Paulo, n. 279, p. 20-27, jun. 2017.

MARQUES, S. M. Carlos Maximiliano Fayet. *Arquitetura moderna brasileira no Sul*. *Arquitextos* (São Paulo. Online), v. 105, p. 105.03, 2009.

_____. *FAM*. 1. ed. Porto Alegre: ADFAUPA, v. 300, 448p., 2016.

_____. (org.). *ELARQA*. Montevideo: Dos Puntos, n. 33, 2000.

_____. A Faculdade de Arquitetura da UFRGS, o ensino e a Arquitetura Moderna Brasileira no Sul (1940/1960). In: SABOIA, L.; MEDEIROS, A. E.; FERRARI, P. (Org.). *Projeto, Ensino e Espaço Universitário: O Instituto Central de Ciências (ICC-UnB) e outras arquiteturas*. Brasília: Editora UnB, 2023.

_____. A cidade moderna, o moderno [e a arte] na cidade: a Praia de Belas e o Largo dos Açorianos 1752/1973. In: SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL, 8., 2009, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: 2009. Tema: Cidade moderna e contemporânea: síntese e paradoxo das artes. CD-ROM.

_____. A Máscara. *ARQTEXTO* (UFRGS), Porto Alegre, v. 3-4, p. T54-T59, 2003.

_____. *A revisão do movimento moderno: arquitetura no Rio Grande do Sul dos anos 80*. Porto Alegre: Editora Ritter dos Reis, 315 p., 2002.

_____. Adeus Capitán: Cláudio Araújo (1931/2016). *Drops* (São Paulo), v. 107.09, p. 107.09, 2016.

_____. Ambiente, paisagem, urbanismo e arquitetura modernos em obra pioneira da Arquitetura Moderna Brasileira no Sul: Refap/Petrobras – 1962/1968. *Ambiente Construído*, [S.L.], v. 18, n. 1, p. 539-551, mar. 2018.

_____. Brutalismo na pradaria: o Clube do Professor Gaúcho (CPG) em Porto Alegre – 1966. In: SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL, 10., 2013, Curitiba. *Anais [...]*. Curitiba: PUC-PR, 2013. Tema: Arquitetura moderna e internacional: conexões brutalistas, p. 1-13, 1955-75.

_____. Cláudio Araújo e os primórdios do design moderno no Sul. *Arquitextos*, São Paulo, v. 17, n. 194, 11 p. jul. 2016.

_____. *FAM*. Porto Alegre: ADFAUPA, 2016. 441 p.

_____. *Fayet, Araújo & Moojen: arquitetura moderna brasileira no sul – 1950 / 1970*. 8 v. em 1. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Curso

de Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

_____. Filtro solar – fator paralelo 30: o FAM e a arquitetura moderna brasileira no sul. In: SEMINÁRIO DOCOMOMO SUL, 1., 2006, Porto Alegre. *Anais [...]*. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS. Tema: A segunda idade do vidro: transparência e sombra na arquitetura moderna do cone sul americano 1930-70, 11 p., 2006.

_____. O anfiteatro, a foice e o martelo, o O.V.N.I e o guarda-chuva: vida e sobrevivência do auditório Araújo Vianna em Porto Alegre. In: SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL, 7., 2007, Porto Alegre. *Anais [...]*. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS. Tema: O moderno já passado – O passado no moderno, 2007.

_____. Paralelos e contexto do urbanismo moderno no sul do Brasil: de Brasília ao Jacuí. *Urbana: revista eletrônica do centro interdisciplinar de estudos sobre a cidade*, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 364-390, maio/ago. 2019.

_____. Realismo socialista x universalismo técnico: o acadêmico Cláudio L. G. de Araújo e o ensino da arquitetura moderna brasileira no sul (1950-1955). In: MELO, A. A. de A. e; VIDAL, C. de N. C. de S. P. (org.). *Conexões modernas no Brasil: documentar, conservar, conectar*. Campina Grande: EDUFCEG: Docomomo Brasil, cap. 15. p. 325-402. E-book, 2022.

_____. Rio Grande do Sul e Uruguai na cena meridional: paralelos platinos (1678-1960). In: VASCONCELLOS, J. C. de; BALEM, T. (org.). *Bloco (11): a arquitetura da América latina em reflexão*. Novo Hamburgo: Feevale, p. 90-109, 2015.

_____. The Fountainhead a nascente. O edifício FAM em Porto Alegre. *Arquitextos* (São Paulo. Online), v. 036, p. 180, 2003.

_____. The Fountainhead, El Manantial. *Revista Summa*, Buenos Aires, v. 58, p. 26-29, 2003.

MARQUES, S. M.; MIRON, L. I. G. (org.). *Arquitetura contemporânea no Rio Grande do Sul: monitoramento e acervo*. Arquitetura de cursos 1950-2016. Porto Alegre: Marcavisual, 713 p., 2021.

MELACHOS, F. C. *Análise da geometria de superfícies estruturais rígidas sob a ótica paramétrica: as abóbodas gaussianas descontinuas de Eládio Dieste*. 792f. Tese (Doutorado em Arquitetura). Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2019.

OLIVEIRA, R. de C.; LUCCAS, L. H. H. Modernização ou modernidade?: o confronto de Gladosch e Moreira no centro de Porto Alegre. In: ABREU FILHO, S. B. de; CALOVI PEREIRA, C. (org.). *Porto Alegre de*

papel: avenida e praça 1910-1980. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 16 p., 2006.

PEIXOTO, M. S. *Casa de Ipanema. 30-60. Cuaderno Latinoamericana de Arquitectura*, Córdoba, n. 29, p. 26-37, 2011.

QUADRO, L. S. de. *Indústria Memphis: outro caminho para a cerâmica armada na arquitetura moderna do Rio Grande do Sul de 1970 a 1980*. 160 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Arquitetura e Urbanismo, Centro Universitário Ritter dos Reis, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Porto Alegre, 2017.

RIBEIRO, N. S. *Guia da arquitetura moderna em Santa Maria 1950-1960*. Curitiba: Editora CRV, 150 p., 2017.

SEGAWA, H. *Arquiteturas no Brasil (1900-1990)*. São Paulo: Edusp, 1998.

STRÖHER, E. R. A habitação coletiva na obra do arquiteto Emil Bered, na década de 50, em Porto Alegre. P. 125-161. In: Günter Weimer (Org.). *Arquitetura: História, Teoria e Cultura*. Serie Acadêmica, São Leopoldo, Editora UNISINOS, 192p, 2000.

_____. *Emil Bered: Seis edifícios*. Uma análise de seis edifícios de habitação coletiva em Porto Alegre na década de 50. In: ARQUITEXTO ZERO (UFRGS), Porto Alegre, p. 61-73, 2000/1.

_____. Pioneiro modernista nos Pampas. *Arquitetura e Urbanismo – AU, AU*, São Paulo, ano 18, nº 110, p.45-49., Maio de 2003.

SUZUKI, J. H. Tijolo com tijolo num desenho lógico: as CEASA e os pavilhões de Dieste e Montañez no Brasil. In: SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL., 13º., Salvador, 2019.

SZEKUT, A. R. *Vertentes da modernidade no Rio Grande do Sul: a obra do arquiteto Luís Fernando Corona*. 310 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

WEIMER, G. *Síntese Rio-grandense: a arquitetura*. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

WENTZ, C. F. *Câmara de Vereadores de Porto Alegre: um projeto esquecido à margem da província – 1974/2014*. 223 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

XAVIER, A.; MIZOGUCHI, I. G. B. *Arquitetura Moderna em Porto Alegre*. São Paulo: Pini, 403 p., 1987.

do_co_mo_mo_
brasil